

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

E

Ebal, Ébano, Ebede, Ebede-Meleque, Ebenezer, Éber, Ebes, Ebiasafe, Ebrom, Ecbatana, Eclesiástico, Eclipse, Ecrom, Ecromitas, Éden, Éder, Éder (lugar), Éder (Pessoa), Edh, Edificador, Edna, Edom, Edomitas, Edrei, Educação, Edute, Efa (Pessoa), Efatá*, Éfer, Efésios, Carta aos, Éfeso, Éfode (Pessoa), Éfode (vestuário), Efraim (Lugar), Efraim (pessoa), EFRAIM, Tribo de, Efrata (lugar), Efrateu, Efrom (Pessoa), Egito, egípcio, Egito, Ribeiro do, Eglá, Eglaim, Eglate-Selisia, Eglom (Lugar), Eglom (pessoa), Eí, Ekrebel, El, El Shaddai, El-Berite, El-Betel, El-Elohe-Israel, El-Elyon, El-Parã, Elá, Elá, Elá, Vale de, Elam (Pessoa), Elanã, Elão (Lugar), Elamitas, Elasa, Elasar, Elate, Elcana, Elcos, Elda, Eldade, Eleada, Eleade, Eleale, Eleasa, Eleazar, Elefe, Elefe, Eleito, Eleição, Elêutero, Eli, Eli, Eli, Eli, Lamá Sabactâni?, Eliã, Eliaba, Eliabe, Eliada, Eliaquim, Elias, Eliasafe, Eliasibe, Eliata, Elica, Elidade, Eliel, Elienai, Eliezer, Elifal, Elifaz, Elifelete, Elifeleu, Elim, Elimaida, Elimas, Elimeleque, Elioenai, Elion, Eliorefe, Elisá, Elisafate, Elisama, Eliseba, Eliseu, Elisua, Eliú, Eliúde, Elizur, Elmadã, Elnaão, Elnatã, Eloá, Elohim, Eloí, Eloí, leamá sabactani?, Elom (lugar), Elom (Pessoa), Elom e Bete-Hanã, Elonita, Elpaal, Elpelete, Elquias, Eltecom, Elteque, Eltolade, Elul, Eluzai, Elzafã, Elzafã, Em (Lugar), Emanuel, Embaixador, Emboscada, Emeque-Queziz, Emim, Emins, Emissão De Sangue*, Empalamento, Empregada, Donzela, Empregado, Emprestar, Empréstimo, Empréstimo, En-Gedi, En-Mispate, Enã, Encantamento, Encantamento, Encarnação*, Endívia, Endor, Endro, Eneias, Enforcamento, Enigma, Enlace, Enom, Enoque, Enoque (Lugar), Enoque (Pessoa), Enoquita, Enos, Entranhas, Enxofre, Ephes-Damim, Ephraemi Syri, Códice, Épico de Gilgamesh, Epicureus, Epilepsia*, Epiléptico, Epístolas Gerais, Equer, Équer, Er, Era, Erã, Erasto, Erequê, Eri, Erva, Erva rolante, Ervas amargas, Ervas daninhas, Esaú, Esbã, Esbom, Escarlata, Escatologia, Escol (Lugar), Escol (Pessoa), Escola, Escolher, Escolhido, Escrava, Empregada, Escrava, Servo, Escravidão, Casa de, Escravo, Escravidão, Escriba, Escrita, Escrita de cartas, Históricas, Escritor, Escritura, Escrituras, Escrivão da cidade, Escuridão, Esequê, Eser, Esmolas, Espelho, Espelta, Esperança, Espinheiro, Espinheiro-amarelo, Espinho-de-camelo, Espírito De Deus, Espírito de Jesus Cristo, Espírito Santo, Espíritos elementais, Elementos, Espíritos em prisão, Esposa, Esquecimento, Terra do, Esrom, Essênios, Estações, Estádio, Estado intermediário, Estalagem, Esterco de pomba, Esterilidade, Estêvão, Estoicismo, Estóicos, ESTORAQUE, Estoraque doce, Estrada Real, Estrada, do Rei, Estrado, Estrangeiro, Estrangulamento, Estrela da Manhã, Estrela no leste, Estupidez, Estupro, Etã, Etã, Eternidade, Etiópia, Etni, Eúde, Eunice, Eunuco, Euroaquilão, Euroaquilão, Êutico, EVA, Evangelho, Evangelhos Sinóticos*, Evangelista, Evi, Exaltação de Cristo, Exércitos, Senhor dos, Exilado, Êxodo, o, Exorcismo, Exorcista, Exortação, Expição, Expição, Ezel, Ezequias, Ezequiel, Livro de, Ézer, Ezriom-Geber, Eznita, Esnita, Ezra, Ezraíta, Ezri

Ebal

1. Filho de Sobal e descendente de Seir, o horita ([Gn 36.23](#); [1Cr 1.40](#)).
2. Filho de Joctã e descendente de Sem ([1Cr 1.22](#)). Ele é chamado de Obal em [Gênesis 10.28](#).

Ébano

Uma madeira preta que era muito valorizada nos tempos antigos para a fabricação de móveis. As árvores de ébano crescem principalmente em climas tropicais no sul da Ásia. Essas árvores possuem madeira dura e de cor escura no centro.

O ébano vem da sapota-preta ou da árvore de ébano (*Diospyros ebenaster* e *Diospyros melanoxylon*) da Índia. Esta árvore é muito diferente da tamareira. Navios fenícios transportavam ébano através do Mar Arábico e subiam o Mar Vermelho até o mercado em Tiro. De lá, os comerciantes o transportavam por terra usando caravanas de camelos.

A madeira externa dessas árvores é branca e macia. No entanto, quando a árvore envelhece, a madeira interna torna-se dura, preta, pesada e duradoura. Esta parte interna constitui a maior parte do ébano valioso vendido atualmente. O ébano pode ser polido até obter um acabamento suave. As pessoas o valorizam muito para fabricar armários, tornear em formas, criar itens decorativos sofisticados e instrumentos, e para revestir outras madeiras.

Ezequiel menciona marfim e ébano juntos ([Ez 27.15](#)). Tanto no passado quanto hoje, artesãos frequentemente incrustam marfim em ébano porque as cores criam um contraste muito forte entre si.

Ebede

1. Pai de Gaal ([Jz 9.26-35](#)). Gaal liderou os homens de Siquém em uma revolta malsucedida contra Abimeleque, juiz de Israel.

2. Descendente de Adim e filho de Jônatas. Ebede foi o chefe de uma família que retornou a Judá com Esdras após o exílio ([Ed 8.6](#)).

Ebede-Meleque

Eunuco etíope na corte do Rei Zedequias. Ele obteve a permissão do rei para resgatar o profeta Jeremias de uma cisterna onde ele havia sido jogado para morrer ([Jr 38.6-13](#)). Por este ato justo, Ebede-Meleque recebeu a promessa de segurança de Deus na queda de Jerusalém ([39.16](#)).

Ebenezer

1. Local onde o exército israelita acampou antes de uma batalha com os filisteus ([1Sm 4.1-11](#)). Acredita-se que tenha sido perto de Afeca, onde os filisteus estavam acampados. O exército israelita foi severamente derrotado na batalha, e 4.000 de seus homens foram mortos no campo. Os anciãos de Israel tentaram mudar sua sorte trazendo a Arca da Aliança para seu acampamento, mas Israel foi novamente derrotado com a perda de 30.000 soldados de infantaria, e a arca de Deus foi capturada ([1Sm 4.3-11](#); [5.1](#)).

2. Local próximo a Mispa, onde Deus concedeu a Israel uma grande vitória sobre os filisteus. Para comemorar a vitória, Samuel ergueu uma pedra entre Mispa e Sem e a chamou de Ebenezer, que significa "a pedra de ajuda", pois o Senhor os ajudou a alcançar a vitória ([1Sm 7.12](#)).

Éber

1. Antepassado de Abraão ([Gn 10.21-25](#); [11.14-17](#); [1Cr 1.18-25](#); [Lc 3.35](#)). A palavra "hebreu" pode ter origem em seu nome. Éber viveu 464 anos e foi o antepassado dos "filhos de Éber", uma expressão que pode se referir aos "hebreus". Na mesma passagem, "filhos de Hete" corresponde aos "hititas" ([Gn 23.10](#)). No entanto, o termo "hebreu" pode indicar uma classe social em vez de descendência de Éber. Éber teve um filho chamado Pelegue. Durante a vida de Pelegue, as pessoas na Terra se dividiram em dois grupos principais: aqueles que viajavam de um lugar para outro (nômades) e aqueles que permaneciam em assentamentos permanentes.
2. Um líder gadita durante os reinados de Jotão, rei de Judá, e Jeroboão II, rei de Israel ([1Cr 5.13](#), "Héber" na NTLH).
3. Descendente de Benjamim e Elpaal ([1Cr 8.12](#)).
4. Descendente de Benjamim e Sasaque ([1Cr 8.22](#)).
5. O chefe da família sacerdotal de Amoque durante os dias do sumo sacerdote Joaquim ([Ne 12.20](#)).

Ebes

Cidade na planície de Esdrelon, atribuída à tribo de Issacar como herança ([Js 19.20](#)).

Ebiasafe

Um levita coatita, filho de Elcana e pai de Assir ([1Cr 6.23,37](#); [9.19](#)). Ele também é chamado de Abiasafe em [Êxodo 6.24](#).

Ebrom

Cidade pertencente à tribo de Aser, em [Josué 19.28](#), de acordo com alguns manuscritos hebraicos.

Outros manuscritos mencionam Abdum. Era uma cidade levítica localizada a cerca de 24 quilômetros ao sul de Tiro e para o interior de Aczibe na costa do Mediterrâneo.

Ecbatana

Nome grego para a capital do antigo Império Medo, que posteriormente se tornou uma das capitais dos impérios Persa e Parta. Muitas vezes é escrito como Acmetá ([Ed 6.2](#), ARC), aproximando-se de seu nome aramaico. O nome persa antigo, Hangmatana, pode ter significado "lugar de assembleia". A moderna Hamadan cobre a maior parte das ruínas da antiga cidade.

A cidade está a 1.920,1 metros nas encostas orientais do Monte Oronte (Alvand), um pico de granito que atinge uma altura de 3.657,4 metros acima do nível do mar, parte de uma cadeia intransponível interrompida apenas pela passagem que leva a Ecbatana. As principais rotas comerciais convergiam nesta passagem e conferiam a Ecbatana sua importância estratégica.

A altitude da cidade também contribuiu para sua popularidade como residência de verão dos reis persas e partos. No inverno, nevascas acumulam neve de vários metros de profundidade e as temperaturas caem abaixo de zero, mas o clima de verão é fresco e confortável; montanhas sombreiam o sol da tarde, enquanto os degelos trazem água em abundância. O general grego Xenofonte relatou que o rei persa Ciro passava anualmente três meses da primavera em Susã, sete meses do inverno na Babilônia, "e no auge do verão, dois meses em Ecbatana".

O historiador grego Heródoto registrou que a cidade foi estabelecida por Déjoces, fundador da dinastia Meda, no início do século VII a.C. Em 550 a.C., Ciro capturou a cidade de um rei Medo, Astiages. Foi de Ecbatana que Ciro emitiu seu decreto de 538 a.C. permitindo que todos os judeus em seu reino retornassem a Jerusalém para reconstruir o Templo do Senhor ([Ed 1.2-4](#)). Mais tarde, um memorando aramaico sobre este decreto foi encontrado nos registros de Ecbatana após uma busca infrutífera nos arquivos da Babilônia ([6.1-12](#)). Após Dario I (521-486 a.C.) sufocar uma revolta para assegurar o trono, ele mandou esculpir a famosa inscrição de Behistun na lateral do Monte Orontes, bem acima da cidade. A cidade foi tomada e saqueada por Alexandre, o Grande, em 330 a.C.

Embora [Esdras 6.2](#) seja a única referência bíblica explícita à cidade, Ecbatana poderia ter sido uma das cidades medas que receberam exilados do reino do norte (722 a.C.), se a cidade existisse antes da fortificação por Déjoces ([2Rs 17.6](#)). O livro de Tobias menciona exilados judeus em Ecbatana no século VII ([3.7](#); [7.1](#); [14.14](#)), embora isso tenha valor histórico questionável. O livro de Judite relata uma batalha entre um rei medo, Arfaxade, e um rei assírio, Nabucodonosor, na qual os assírios capturam Ecbatana ([1.1-2.14](#)), mas o relato é duvidoso porque a identidade desses reis é desconhecida. Antíoco Epifânio pode ter morrido lá em 164 a.C. ([2Mc 9.1-3.19-28](#)).

Ecbatana é a única das três capitais persas que ainda não foi completamente escavada, pois está parcialmente dentro da moderna cidade de Hamadan, no Irã. Autores gregos antigos forneceram descrições detalhadas da cidade e de sua riqueza. Políbio, por exemplo, relatou que ela "excedia grandemente todas as outras cidades em riqueza e na magnificência de seus edifícios". Descobertas arqueológicas ocasionais de duas inscrições de fundação em prata e ouro do tempo de Dario I e bases de colunas de Artaxerxes II sugerem um grande potencial para escavações lá. As escavações foram adiadas, no entanto, porque seria necessário realizar uma extensa demolição da moderna Hamadan para acessar grande parte da antiga cidade abaixo.

Veja também Pérsia, Persas.

Eclesiástico

Veja Sabedoria de Jesus Ben Siraque.

Eclipse

Obscurecimento total ou parcial do sol ocorre quando a lua passa entre o sol e a terra; assim, é uma possível explicação para certos eventos astronômicos incomuns na Bíblia. *Veja Astronomia.*

Ecrom, Ecromitas

Cidade mais ao norte entre os principais assentamentos filisteus. Durante a conquista hebraica da Palestina, Ecrom não foi tomada por Josué ([Js 13.3](#)). Quando a terra foi dividida entre as 12 tribos, Ecrom foi dada primeiro a Judá e depois

a Dã ([15.11.45-46](#); [19.43](#)). Eventualmente, foi tomada por Judá ([Jz 1.18](#)), mas posteriormente voltou para os filisteus.

Ecrom teve um papel importante na história da captura da Arca da Aliança. Após a arca causar desastres em Asdode e Gate, ela foi levada para Ecrom ([1Sm 5.1-10](#)). Os ecronitas não queriam a arca, então consultaram os “senhores dos filisteus” e sugeriram que a arca fosse enviada de volta para Israel (v. [11](#)).

Depois que Davi matou Golias, os israelitas perseguiram os filisteus até os portões de Ecrom, que naquela época aparentemente era a cidade murada mais próxima onde os fugitivos podiam se refugiar ([1Sm 17.52](#)).

Ecrom era aparentemente o centro da adoração ao deus Baal-Zebube. Quando Acázias se feriu e ficou doente, ele preferiu consultar Baal-Zebube em vez de Deus. Elias foi enviado por Deus para denunciar Acázias e dizer-lhe que ele morreria ([2Rs 1.2-18](#)). A adoração a Baal pode ter aumentado em Israel nessa época. Ecrom está incluída nas denúncias de vários profetas: Jeremias ([25.20](#)), Amós ([1.8](#)), Sofonias ([2.4](#)) e Zacarias ([9.5-7](#)).

Registros assírios nos informam que Ecrom se revoltou contra Senaqueribe em 701 a.C. Os rebeldes depuseram Padi, o governante de Ecrom, que era leal à Assíria, e o entregaram a Ezequias em Jerusalém para prisão. Senaqueribe moveu-se contra Ecrom, e Ecrom pediu ajuda ao rei de Mutsri (ou Egito ou um distrito do noroeste da Arábia). Senaqueribe suspendeu seu cerco a Ecrom tempo suficiente para derrotar o exército de Mutsri, e então retornou para tomar Ecrom. Ele executou os rebeldes, fez cativos seus seguidores, forçou Ezequias a libertar Padi, e restaurou Padi como governante da cidade. Padi também recebeu algum território tomado de Judá. O sucessor de Padi, Ikausu, não teve tanta sorte. Ele, junto com Manassés de Judá, foi forçado a pagar pesado tributo tanto a Esar-Hadom quanto a Ashurbanipal.

Em 147 a.C., o rei da Síria, Alexandre Epifânio, deu Ecrom a Jônatas Macabeu como recompensa por sua lealdade ([1Mc 10.89](#)). No século IV d.C., ainda havia uma grande população judaica.

Veja também Filístia, Filisteus.

Éden

1. Lugar onde Adão e Eva viveram até pecarem contra Deus e serem banidos ([Gn 2.8.15](#); [3.23-24](#)). *Veja* Jardim do Éden.

2. Forma alternativa de Bete-Éden em [Ezequiel 27.23](#). *Veja* Bete-Éden.

Éder

Éder em [Gênesis 35.21](#). *Veja também* Éder (lugar) #1.

Éder (lugar)

1. Primeiro local de acampamento de Jacó entre Efrata (Belém) e Hebrom, após a morte de Raquel. A Torre de Éder, que significa "a torre do rebanho", era possivelmente uma torre de vigia construída para os pastores protegerem seus rebanhos ([Gn 35.21](#)). Estava localizada a uma curta distância de Belém;

2. Uma das 29 cidades localizadas perto da fronteira de Edom, na extremidade sul da terra atribuída à tribo de Judá como herança. Está listada entre Cabzeel e Jagur em [Js 15.21](#). Sua localização é desconhecida.

Éder (Pessoa)

1. Membro da tribo de Benjamim e filho de Berias, um chefe na cidade de Aijalom ([1Cr 8.15](#));

2. Levita do clã de Merari e filho de Musi ([1Cr 23.23](#); [24.30](#)).

Edh

Nome hebraico de um altar construído em honra a Deus pelos rubenitas, gaditas e a meia-tribo de Manassés ([Js 22.10.34](#)) quando essas tribos tomaram posse de Gileade. O nome significa “testemunha”. O Texto Massorético Hebraico e a Septuaginta Grega não contêm a palavra, mas ela tem a autoridade de alguns manuscritos antigos.

Edificador

Um edificador é um trabalhador qualificado que corta e molda pedras para edifícios. Esses trabalhadores removiam pedras de pedreiras e as preparavam para uso em grandes estruturas como palácios, templos, edifícios governamentais e casas de pessoas ricas ([1Rs 5.18](#), [2Rs 12.12](#); [1Cr 22.2.15](#)).

No início, os israelitas usaram edificadores de pedra da Fenícia. Porém, logo aprenderam a cortar e moldar pedras por conta própria. Após adquirir essas habilidades, os israelitas construíram muitos edifícios impressionantes, incluindo os da cidade de Samaria. Mais tarde, os edificadores do Rei Herodes criaram belos edifícios de pedra que ainda podem ser vistos hoje em Jerusalém, Hebrom, Samaria e outros lugares.

Alguns edificadores se especializaram em trabalhos detalhados para o interior de edifícios, criando peças de pedra para janelas, portas e pilares. Um grupo especial chamado gravadores trabalhava com pedras preciosas para fazer selos (pedras esculpidas usadas como assinaturas), itens decorativos e joias ([Êx 28.11](#)).

Edna

Esposa de Ragueu e mãe de Sara ([Tb 7.2](#); [10.12](#); [11.1](#)). Sara casou-se com Tobias, filho de Tobit ([7.13](#)).

Edom, Edomitas

A terra de Edom era uma região localizada ao sul e sudeste do Mar Morto. A palavra "Edom" significa "vermelho" e refere-se tanto à terra quanto a Esaú, que vendeu seu direito de primogenitura por um ensopado vermelho ([Gn 25.30](#); [36.1,8,19](#)). As pessoas também chamavam essa terra de Seir ([Gn 32.3](#); [36.30](#); [Nm 24.18](#)).

Onde Edom estava localizado?

A fronteira norte de Edom era o Wadi Zered ("os Torrentes dos Salgueiros"), um vale de riacho ([Is 15.7](#)). Há muito tempo, movimentos na superfície da terra elevaram esta região, formando um planalto alto com falésias de arenito vermelho-escuro em seu lado oeste. Estas falésias caem abruptamente em um vale chamado Arabá, que se conecta ao Mar Morto e ao Vale do Jordão.

O Planalto de Edom eleva-se a 1.524 metros, atingindo 1.707 metros em alguns lugares. A área é dividida em duas partes desiguais. Punom é um vale entre a parte norte menor e a parte sul mais longa. A seção norte não é tão alta, embora em uma área limitada perto de Radhadiyah atinja 1.615 metros. A seção sul é mais longa e mais alta. Sua crista central tem 1.524 metros de altura, com um ponto a 1.733 metros. A leste, a inclinação não cai abaixo de 1.219 metros, exceto no norte. O deserto se estende além e limita a expansão para o leste. A oeste, a terra desce abruptamente para o Arabá.

O tamanho de Edom a oeste variava ao longo do tempo. O acesso ao Neguebe, ao sul de Judá, era fácil aqui. Os edomitas invadiam ocasionalmente. A fronteira sul tinha um penhasco de calcário na borda do planalto, que se estendia para leste a partir de Ain Gharandal na Arabá. Além dessa barreira ao sul, havia um deserto rochoso e árido. Os comerciantes provavelmente viajavam por ele até o porto de Ezion-Geber para o comércio.

Embora a maior parte de Edom fosse difícil de habitar, algumas áreas no nordeste eram adequadas para a agricultura e criação de animais. No entanto, a riqueza de Edom vinha principalmente do comércio. Comerciantes viajando da Índia e da Arábia do Sul para a costa do Mediterrâneo e Egito passavam por Edom em uma importante estrada chamada Estrada do Rei ([Nm 21.22](#)).

A História do povo de Edom

Embora [Gênesis 10](#) liste muitas linhagens familiares de tempos antigos, não menciona Edom. O nome aparece pela primeira vez em [Gênesis 25.30](#), que conta como Esaú recebeu o nome "Edom". Isso aconteceu quando ele trocou seus direitos especiais como filho mais velho (sua primogenitura) com seu irmão Jacó em troca de um ensopado vermelho. [Gênesis 36](#) menciona um reino edomita que existia antes de Israel ter seus próprios reis. No entanto, os "chefes" de Edom podem ter sido mais como líderes tribais (semelhantes aos juízes de Israel) do que reis.

As primeiras menções de Edom fora da Bíblia vêm do Egito e parecem confirmar isso. A Carta de Amarna 288 (do início do século 14 a.C.) refere-se às "terras de Seir". Os reis egípcios Seti II, que governou de 1214 a 1208 a.C., e Ramsés III, que governou de 1198 a 1166 a.C., mencionam as tribos Shashu de Edom cruzando para o Egito. Não há referências egípcias a cidades ou governantes, apenas a tribos nômades de Seir-Edom.

Há algumas evidências de que Ramsés II esteve na Transjordânia (a terra a Leste do Rio Jordão) por volta de 1280 a 1270 a.C. No entanto, não há evidências de um reino organizado com um único governante antes do século 13 a.C. Em vez disso, a maioria das pessoas vivia como pastores que se moviam de lugar em lugar com seus animais. A partir de então, começaram a construir assentamentos permanentes e cidades. Este período ajuda os historiadores a entenderem quando o Êxodo (a saída de Israel do Egito) pode ter ocorrido. O Cântico de Moisés em [Êxodo 15](#) refere-se aos “chefes de Edom”. Na época do Êxodo, parece ter havido um reino de Edom ([Nm 20.14,18,20-23](#); [33.37](#); [34.3](#)). Os israelitas contornaram Edom em sua jornada para a terra Prometida ([Jz 5.4](#); [11.17-18](#)).

Quando Israel começou a ser governado por reis, Saul lutou e venceu contra Edom ([1Sm 14.47](#)). Doegue, o edomita, era o chefe dos pastores de Saul ([1Sm 21.7](#); [22.9,18-22](#)). No início do século 10 a.C., o Rei Davi derrotou os edomitas no Vale do Sal e em bases militares em sua terra ([2Sm 8.13, 14](#); [1Cr 18.12](#); [2Sm 8](#)). Não está claro se Davi os via como uma ameaça militar. É possível que ele quisesse seu cobre e a riqueza do tráfego de caravanas através de Edom.

Os sucessos de Davi fizeram com que um certo Hadade fugisse para o Egito. Ele era “da linhagem real de Edom” ([1Rs 11.14-17](#)). Enquanto estava no Egito, ele se casou com uma membro da família real egípcia ([1Rs 11.18-20](#)). Quando Davi morreu, Hadade retornou a Edom, onde se tornou rei. Parece que uma realza havia se desenvolvido na época de Davi. Salomão continuou a influenciar Edom. Ele tinha acesso ao porto de Ezion-Geber ([1Rs 9.26](#)).

A Bíblia não menciona Edom por muitos anos após o fim do reinado do Rei Salomão. A próxima vez que Edom aparece na história é durante o tempo do Rei Josafá de Judá, que governou de 872 a 848 a.C. Josafá tomou controle da cidade portuária de Ezion-Geber. No entanto, seus navios foram destruídos lá, possivelmente pelos edomitas ([1Rs 22.48](#); [2Cr 20.36-37](#)). Mais tarde, os três reinos de Israel, Judá e Edom trabalharam juntos. Eles lutaram contra o Rei Mesa de Moabe, mas não venceram ([2Rs 3.4-27](#)). Durante o reinado do Rei Jeorão, que governou de 853 a 841 a.C., Edom se libertou do controle de Judá e escolheu seu próprio rei ([2Rs 8.20-22](#)).

Edom permaneceu independente até o reinado do Rei Amazias de Judá, que governou de 796 a 767

a.C. Amazias derrotou um grande exército edomita no Vale do Sal e conquistou suas terras até o sul, na cidade de Sela ([2Rs 14.7](#); [2Cr 25.11-13](#)). Isso deu a Judá o controle das minas de cobre na área de Punom. O Rei Uzias de Judá conseguiu estender seu controle ao sul até Elate (perto de Ezion-Geber; [2Rs 14.22](#); [2Cr 26.1-2](#)). Antes do final do século VIII a.C., nos dias do Rei Acáz de 735 a 715 a.C., Edom derrotou Judá e recuperou Elate ([2Rs 16.6](#)). Após isso, Judá perdeu o controle sobre Edom.

Durante o século VIII a.C., os assírios começaram a se mover para a Transjordânia. Por volta de 800 a.C., Adad-Nirari III afirmou ter derrotado vários reinos nesta área e os forçou a pagar dinheiro e bens como tributo. Mais tarde, outro rei assírio, Tiglate-Pileser III, recebeu tributo de Qaus-Malaku de Edom.

Em 713 a.C., Sargão II mencionou um governante não nomeado de Edom que participou da rebelião de Asdode. O próximo rei assírio, Senaqueribe, mencionou que um governante edomita chamado Aiarammu lhe trouxe presentes. Esar-Hadom referiu-se a Qaus-Gabri, rei de Edom. Qaus-Gabri trouxe 22 de seus líderes locais para prometer lealdade à Assíria. Edom também é mencionado em registros da época de Assurbanípal.

Depois disso, o império Babilônico derrotou a Assíria e assumiu o controle da região. Edom continuou a servir sob o domínio Babilônico como um vassalo. Em 594, uniu-se a outras nações para discutir uma rebelião contra a Babilônia ([Jr 27](#)). No entanto, quando o Rei Nabucodonosor mais tarde atacou algumas dessas nações, ele não atacou Edom ou Moabe.

Quando os babilônios destruíram Jerusalém em 586 a.C., Edom manteve-se neutro no conflito. Eles até deram abrigo a algumas pessoas que fugiram de Judá ([Jr 40.11](#)). No entanto, o profeta Obadias criticou Edom por não ajudar Judá durante a invasão babilônica ([Ob 1.11](#)). Em vez disso, eles saquearam Judá, entregaram cativos à Babilônia e tomaram terras no Neguebe ([Ez 35](#)).

Por muitos anos, houve um forte ódio entre Judá e Edom. Vários profetas proferiram palavras duras contra Edom em suas mensagens de Deus ([Is 11.14](#); [34.5-17](#); [Ez 32.29](#); [Jl 3.19](#); [Am 1.11-12](#); [Ml 1.2-4](#)). Edom começou a enfraquecer. Muitas pessoas deixaram suas cidades, que foram abandonadas. Ao mesmo tempo, grupos de edomitas se mudaram para novas áreas. Eles se estabeleceram na região montanhosa ao sul de Judá, no lado oeste do Vale do Arábá. Muito mais tarde, durante os tempos

romanos, essa área se tornou uma província chamada Idumeia. Idumeia surgiu do que havia sido a província persa de Edom, e seu principal centro governamental estava na cidade de Laquis.

Enquanto isso, na terra natal original de Edom, a leste do Vale do Arábá, grupos árabes começaram a se mover para a terra desocupada. Eventualmente, um povo chamado Nabateus estabeleceu-se no que antes havia sido Edom.

Edrei

1. Cidade de residência de Ogue, rei de Basã ([Dt 1.4; 3.10; Js 12.4; 13.12](#)). Estava localizada no ramo sul do rio Harmuk, que era a fronteira sul de Basã. Neste ponto estratégico, Ogue podia observar a região vizinha em busca de invasores do sul ou do leste, onde a terra se transformava em deserto. Em Edrei, Moisés conseguiu derrotar Ogue antes de destruir a cidade ([Nm 21.33-35; Dt 3.1-6](#)). O território foi atribuído aos maquiritas, o clã oriental da tribo de Manassés ([Js 13.31](#)). O local moderno de Edrei parece ser Derba, uma cidade de 5.000 habitantes na Síria. Muitos vestígios importantes da antiguidade sobrevivem nesta cidade, incluindo lojas, cisternas, ruas e cavernas subterrâneas.

2. Cidade fortificada atribuída a Naftali ([Js 19.37](#)). Estava perto de Quedes e possivelmente pode ser identificada com a moderna Tell Khureibeh.

Educação

O ato ou processo de educar, ou ser educado. O propósito original da educação judaica era ensinar as crianças a conhecer e entender seu relacionamento especial com Deus, ensiná-las a servi-lo e educá-las em santidade. A educação judaica posterior incluiu o desenvolvimento do caráter e a história do povo de Deus (especialmente através do ensaio de seus atos de libertação). Por causa dessa educação, os judeus conheciam a lei mosaica e sua própria história e, assim, durante períodos de subjugação a potências estrangeiras, eles foram capazes de manter seu orgulho nacional. Nos tempos modernos, eles se restabeleceram como uma nação (1948).

Resumo

- Educação no lar
- Educação religiosa

- Educação formal
- Alfabetização entre os judeus
- Educação nas colônias vizinhas

Educação no lar

A prioridade dada à educação decorreu da valorização das crianças na família judaica. As crianças eram uma grande alegria e recompensa ([Sl 127.3-5](#)). A educação no lar começa logo após uma criança desenvolver a habilidade da fala, indubitavelmente a partir dos três anos de idade. Os pais ensinavam orações e cânticos, os quais as crianças aprendiam pela repetição, assim como as crianças de hoje aprendem canções de ninar.

Em casa, as crianças ficaram cientes de certos itens e símbolos religiosos. Eles foram encorajados a perguntar sobre o significado da liturgia anual de Páscoa ([Êx 12.26](#)), que serviu ao longo da história hebraica como um meio fundamental de instrução sobre a natureza e significado do poder de Deus na vida humana. As crianças, sem dúvida, tinham perguntas sobre objetos que encontravam, como vasos sagrados, ornamentos ou roupas usadas no tabernáculo, ou durante culto litúrgico no templo, ou coisas mais mundanas da vida cotidiana.

A responsabilidade parental pela educação estava claramente definida. Um pai deveria dar instrução, ao seu filho, na religião e na história do povo hebreu. Ele também era especificamente incumbido de ensinar seu filho um ofício, muitas vezes seu próprio, uma vez que um menino sem ofício causava a impressão de ter sido treinado a viver como um ladrão. As outras responsabilidades de um pai incluíam encontrar uma esposa para seu filho e ensiná-lo a nadar.

Os rabinos mantinham posição de que as mulheres não poderiam estudar a Lei porque elas possuíam “mente influenciável”. No entanto, as mulheres influentes na Bíblia incluem Débora ([Jz 4.4-5](#)), Jael (vv. [18-24](#)), a mulher sábia de Tecoa ([2 Sm 14.2-20](#)), a mulher sábia de Abel-Bete-Maaca ([20.16-22](#)), Loide, Eunice e Priscila ([Atos 18.2; Rm 16.3; 1 Co 16.19; 2 Tm 1.5](#)).

A mãe judia desempenhou um papel considerável na educação de uma criança, especialmente nos primeiros anos. Uma mãe deveria ajudar a ensinar seus filhos, mas sua principal responsabilidade era treinar suas filhas. Uma vez que as filhas eram menos estimadas do que os filhos, a educação de uma menina ocorria inteiramente no lar. A mãe era responsável por educar suas filhas para serem

donas de casa bem-sucedidas: esposas obedientes, capazes e virtuosas. As meninas aprendiam as habilidades de cozinhar, fiar, tecer, tingir, zelar pelas crianças e gerenciar escravos. Eles aprenderam a moer grãos e às vezes ajudavam com a colheita. Ocasionalmente esperava-se que ajudassem a proteger a vinha ou, se caso não tivessem irmãos, ajudassem a proteger os rebanhos.

As meninas provavelmente aprendiam música e dança e esperava-se que tivessem boas maneiras e altos padrões morais. Eles foram ensinados a ler, e alguns aprenderam a escrever e contar pesos e medidas. Em circunstâncias excepcionais, uma menina podia receber uma educação avançada no lar, por meio de um tutor.

Mesmo quando a educação era inteiramente centrada em casa, é provável que a maioria das crianças ricas e especialmente da realeza fossem instruídas por um tutor, seguindo uma tradição estabelecida por outros povos do Oriente Próximo.

Educação religiosa

Em tenra idade, as crianças acompanhavam seus pais para os serviços religiosos. Nos grandes festivais, eles eram introduzidos a episódios importantes na história judaica. Os judeus - um povo agrícola - acreditavam que o conhecimento agrícola havia sido revelado por Deus e que tratar do terreno era uma responsabilidade humana básica. Como algumas outras nações do Oriente Próximo, eles acreditavam que a terra pertencia a Deus. Eles eram meros arrendatários. Se uma colheita falhasse, era porque Deus reteve a chuva, mas ele faria isso apenas se as pessoas fossem pecadoras.

As celebrações da Páscoa, Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos foram associadas com a colheita. Ao longo do período bíblico, esses festivais permaneceram intimamente identificados com a estação de crescimento. Tais ocasiões se tornaram oportunidades educacionais para crianças. Eles aprenderam que a Páscoa comemorou a libertação de seus antepassados da escravidão no Egito. No Pentecostes, o povo judeu se lembrou de Deus dando a lei a Moisés no Monte Sinai. A Festa dos Tabernáculos, com suas cabines verdes feitas de ramos de árvores, comemorava a fidelidade de Deus aos judeus em sua jornada aparentemente interminável para a Terra Prometida.

Um exemplo de uma cerimônia utilizada como ferramenta de ensino é a liturgia da Páscoa que, dos

três grandes festivais, era o menos diretamente conectado em origem com a colheita. Essa festa, que era imediatamente seguida por um período de sete dias conhecido como Festa dos Pães Asmos ([Lv 23.6](#)), foi associada com o início da colheita da cevada em abril. (O Êxodo do Egito havia ocorrido naquela época do ano).

Na cerimônia de Páscoa, o sacerdote tomava um dos primeiros feixes da colheita da cevada e acenaria diante do Senhor ([Lv 23.9-11](#)). Antes disso, os homens escolheriam um campo de cevada, aleatoriamente, e amarrariam alguns dos melhores feixes, deixando-os de pé. Na noite seguinte, três homens sairiam para aquele campo com foices e cestos para colher esses feixes especificamente preparados. À medida que os espectadores (incluindo as crianças) se reuniam para observar a cerimônia, os ceifeiros faziam à multidão certas perguntas tradicionais. Ano após ano, as crianças observavam essa liturgia e ouviam as respostas. A cevada era cortada e levada para o pátio do templo, onde era debulhada e espinhada. Parte dela era misturada com óleo e incenso e usada como uma oferta. O remanescente ia para os sacerdotes.

Educação formal

A educação judaica durante o período bíblico ajudou os judeus a conhecer a Lei, estudar a história do povo judeu e formar proficientes em leitura, escrita e uma certa quantidade de aritmética. Para isso, informações incidentais, como o valor medicinal de certas ervas (ver [1Rs 4.33](#)), às vezes podem ser adicionadas.

Mestres

Os sacerdotes instruíam as pessoas no conhecimento de Deus. Como oficiais da sinagoga, os levitas também desempenharam um papel de ensino (cf. [Dt 33.10](#); [2Cr 35.3](#)). Antes do exílio, os profetas assumiram o papel de instrutores, ensinando a herança histórica do povo e agindo como críticos da injustiça e comportamento social impróprio. Sua responsabilidade era interpretar a lei para a sociedade contemporânea. No quarto século a.C., o papel dos profetas como instrutores havia passado para os escribas e para outros designados como mestres.

Nos séculos antes de Cristo, os escribas não apenas transcreveram e preservaram as tradições em forma escrita, mas eram estudantes e intérpretes da lei. Os escribas eram conhecidos como “doutores da lei” ([Lc 5.17](#), ACF), juristas ([Mt 22.35](#)), e rabinos ([23.8](#)). Toda a educação superior estava

em suas mãos, e eles desenvolveram um sistema complexo de instrução conhecido como “a tradição dos anciãos” (15.2-6). Embora os escribas precisassem de lazer para suas atividades acadêmicas, eles não desprezavam os trabalhos. A maioria deles, de fato, praticava um comércio como um meio de renda, quando necessário.

Embora os escribas fossem influentes no tempo de Cristo (Mt 23.1-2), eles, sem dúvida, perceberam, como os profetas antes deles, que suas palavras nem sempre eram acolhidas. Os escribas, que exerceram uma influência importante sobre a vida e a moral contemporâneas, eram notáveis por sua oposição feroz a Jesus (Mc 2.6) e à igreja primitiva (Atos 4.5; 6.12).

Na era do NT, era esperado que toda a comunidade estabeleceria e administraria escolas de ensino fundamental. A comunidade também era responsável por financiar a educação de crianças pobres ou órfãs. Em alta consideração pelos primeiros sacerdotes, profetas e escribas, e por causa da posição eminente dada à educação, os mestres eram altamente estimados pelo povo judeu. Porque Deus havia lhes dado a lei, era de maior importância. Aquele que trabalhou como servo de Deus expondo a lei era, portanto, a pessoa mais importante na comunidade. Ser um mestre era o maior privilégio da vida e a tarefa mais significativa que um homem poderia realizar.

Esperava-se que os professores demonstrem caráter excepcional, juntamente com suas qualificações acadêmicas. Esperava-se que eles evitassem que as crianças tivessem contato com qualquer coisa prejudicial. Eles não deveriam mostrar amargura ou dar preferência a uma criança sobre outra. Em vez de ameaçar, eles deveriam explicar o certo e o errado e a nocividade do pecado. Esperava-se que os mestres cumprissem as promessas feitas às crianças para que os alunos não se acostumassem com juramentos quebrados e mentiras. Os mestres deveriam ser equilibrados, nunca impacientes ou desprovidos de compreensão, sempre preparados para repetir explicações. Foi dito que as crianças deveriam ser tratadas como novilhas, com seus fardos aumentados diariamente. No entanto, qualquer mestre que fosse muito severo era demitido.

Assunto

A educação inicial consistia em aprender a lei através da audição e repetição oral, juntamente com o estudo do texto escrito. O conteúdo da lei

abrangia três áreas principais: cerimonial, civil e penal. Os estudantes precisavam dominar isso, preparando-se para assumir a responsabilidade em observar a lei como adultos.

As Escrituras continham uma tal variedade de escritos que os alunos aprenderam sobre religião, história, lei, moral e etiqueta, além de leitura, escrita e aritmética. Eles estudavam a partir da grande literatura; junto com a Lei, eles utilizavam os livros de Salmos, Provérbios e Eclesiastes como textos, extensivamente. Os Manuscritos do Mar Morto demonstraram que algum hebraico clássico ainda estava sendo falado nos tempos do NT. Os estudantes que comumente falavam aramaico ou grego foram confrontados com uma situação difícil ao aprender o hebraico do AT. O problema era especialmente complexo porque o hebraico foi escrito sem quaisquer sons de vogais. Esses tinham que ser memorizados em associação com as consoantes do texto.

Uma vez que os antigos hebreus eram geralmente considerados como os músicos e cantores mais proficientes no Oriente Próximo, é provável que a instrução básica em cantar e tocar instrumentos, como a flauta e a harpa, fosse ensinada no lar. Embora nenhum hino hebraico tenha sobrevivido em forma musical, os cantores do templo quase estavam certamente familiarizados com o tipo de teoria musical conhecida entre os cananeus. (Um texto musical restaurado de Ugarit [Ras Shamra] consistia em uma balada ou um hino inscrito em argila com símbolos musicais estranhos que há muito desafiavam uma identificação. Datado em, talvez, 1800 a.C., esse texto cananeu foi descrito como a “partitura mais antiga do mundo”).

Durante o exílio, especialmente, grande ênfase foi colocada em registrar e preservar costumes e cerimônias antigas para manter a distinção da cultura hebraica. Os cativos reconheceram a importância de manter viva sua herança nacional e a Lei durante os anos em que estavam vivendo em uma cultura estrangeira.

A sinagoga se desenvolveu durante o exílio como um lugar para o estudo da religião e para a oração, tornando-se o centro de instrução na fé judaica. Anteriormente, o templo em Jerusalém havia sido o único lugar para sacrifício. Como esse ritual não poderia ser realizado na Babilônia, era natural que a sinagoga aumentasse em importância na adoração, bem como no ensino.

O exílio trouxe mudanças fundamentais na vida judaica em áreas que não são puramente religiosas.

A educação recebeu estímulo considerável a partir do contato dos exilados judeus com a cultura mais sofisticada dos babilônios. O código da lei babilônica era uma característica precisa e bem estabelecida da vida. Escolas e bibliotecas na Babilônia existiam há muitos anos. O conhecimento mesopotâmico de medicina, astronomia, matemática, arquitetura e engenharia era muito superiores ao dos judeus. Nesse ambiente intelectual, a literatura dos judeus assumiu um novo significado; foi desse período que os livros de Ezequiel e Daniel emergiram.

No período pós-exílico, o ensino era baseado extensivamente em Provérbios e nos livros apócrifos de Eclesiástico e a Sabedoria de Salomão. Dessas obras, os judeus receberam treinamento prático para uma vida bem-sucedida. Os escribas ensinavam que a sabedoria veio de Deus e que aqueles que obedeciam aos mandamentos trariam alegria e honra aos outros.

Sob o governo persa no sexto século a.C., os judeus haviam sido encorajados a voltar para Jerusalém e reconstruir o templo. Depois de 332 a.C., quando Alexandre, o Grande, derrotou o rei persa Dario, fortes esforços foram feitos para helenizar os povos conquistados. A língua grega foi introduzida junto com a religião, procedimentos políticos e métodos educacionais gregos. A unidade para a helenização continuou sob o governo dos Ptolomeus (uma linhagem familiar macedônica que governava o Egito) e dos selêucidas (uma dinastia síria). Coincidentemente, com o estabelecimento de governo estrangeiro, veio o domínio do sacerdócio judeu em assuntos políticos da Judeia. A influência grega foi vista na apreciação de estética enriquecida, típica de certos governantes judeus.

Embora a filosofia e os esportes gregos tenham permanecido fora do reino da educação judaica, houve um declínio notável nos padrões religiosos e morais judaicos no período helenístico. Alguns judeus estavam ansiosos para obter avanço a partir dos mestres estrangeiros, prosseguindo na adoção da cultura grega. Outros lutaram desesperadamente para preservar sua herança judaica. Durante os tempos romanos, a influência estrangeira era novamente ignorada pelos judeus fiéis, sempre que possível.

Métodos de ensino

Os métodos de ensino, desenvolvidos a partir da memorização da Lei, enfatizaram a importância da retenção e da reminiscência. As crianças foram

ensinadas a memorizar, assim que desenvolviam a fala, e elas foram treinadas para repetir com exatidão as palavras, para que nenhuma nuance de significado fosse alterada. O alfabeto foi ensinado e memorizado por meio de repetição escrita e detalhada. Os estudantes copiaram e recopiaram passagens da Lei escrita em uma caligrafia precisa e pura. Qualquer pedaço de escrita contendo um erro era considerado perigoso, uma vez que poderia imprimir a palavra ou ortografia erradas na mente do aluno. Ler em voz alta era recomendada como uma ajuda para memorizar.

Para ajudar a aprender, cada menino também recebia um texto pessoal que começava com a primeira letra de seu nome e terminava com a última. Assim que ele demonstrava sua capacidade de ler, ele recebia um pergaminho que continha as primeiras palavras de [Deuteronômio 6.4](#): “Ouve, Israel: O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (ARA). Isso era recitado todas as manhãs e noites nos tempos pós-exílicos, juntamente com um Salmo de Aleluia (ou salmo de louvor), a história da Criação e a parte principal da Lei contida em Levítico.

Os ensinamentos também vieram na forma de provérbios ou parábolas, um dispositivo mais tarde usado por Jesus ([Mc 4.1-2](#)). Um compartilhamento aberto de conhecimento ocorria em períodos de perguntas e respostas (por exemplo, a visita de Jesus, com 12 anos de idade, ao templo em Jerusalém, [Lc 2.46-47](#)).

Pouquíssima informação está disponível sobre educação no início da era cristã. Sabemos que Jesus pode ter lido e exposto as Escrituras e era experiente o suficiente para discorrer sobre teologia com os homens instruídos no templo. Ele provavelmente aprendeu em casa e recebeu a educação elementar comum à maioria dos meninos judeus naquele período.

Disciplina

A disciplina, quase sempre um elemento importante na educação, era importante para os antigos hebreus. Um sistema de recompensa e punição foi usado no qual o castigo corporal era normal. A punição era considerada um símbolo externo do amor e interesse de Deus pela instrução de seu povo ([Sl 94.8-13](#)), embora os judeus, enquanto povo, nem sempre aprendessem com essas correções ([Jr 5.3](#); [Am 4.6-13](#)). Uma criança era vista como que precisando ser “domada” tal como um cavalo: “Um cavalo indômito torna-se

intratável; a criança entregue a si mesma torna-se temerária” ([Eclo 30:8](#), AVM).

Educação de adultos

Quando Esdras, o escriba, voltou da Babilônia com uma cópia do Livro da Lei, ele ensinou aos levitas e ao povo. Esse material, juntamente com o livro de Provérbios e a literatura dos períodos pré-exílico e exílico, se tornou básico na educação judaica. No período pós-exílico, os sacerdotes viajaram para as cidades, dirigindo-se às pessoas na sinagoga no sábado e na praça nos dias de feira, quando uma grande multidão estaria reunida. Alguns indivíduos podem ter ampliado seu aprendizado através do debate com os anciãos (cf. [Ez 8.1](#)).

Para aqueles que tiveram educação contínua, a próxima fase foi provavelmente instruída pelos escribas. Os escribas, líderes de uma seita judaica chamada fariseus, haviam desenvolvido os princípios de Esdras em regras estritas sobre dízimo, pureza litúrgica e adoração na sinagoga. Quando jovem, Saulo de Tarso veio a Jerusalém para estudar com Gamaliel, um rabino honrado ([Atos 22.3](#)). Naquela época, o currículo era um estudo avançado da lei teológica, tanto escrita quanto oral, juntamente com os ritos e cerimônias da cultura judaica.

Edifícios escolares

Nos tempos do NT, algumas escolas operavam em edifícios especiais e outras nas próprias casas dos mestres, mas a maioria estava ligada à sinagoga. Quando um edifício separado era projetado, era desaconselhável construí-lo em uma área lotada. Em uma grande cidade, a comunidade deveria fornecer duas escolas, especialmente se um rio dividisse a cidade. Uma escola não operava no calor do dia (entre as 10h e as 15h), e se reuniria apenas quatro horas por dia em julho e agosto. Esperava-se que o tamanho da classe fosse formado por 25 pessoas, com um mestre e um assistente para 40 alunos, e dois mestres para 50 alunos. Na escola, os meninos sentavam-se no chão aos pés do mestre e aprendiam a partir das Escrituras. Assim, a escola se tornou conhecida como a “Casa do Livro”.

Alfabetização entre os judeus

A extensão da alfabetização entre judeus ao longo dos séculos é difícil de determinar, mas indicações podem ser encontradas a partir de exemplos específicos. O livro de Josué descreve três homens escolhidos de cada tribo, e tinham a missão de preparar um relatório escrito sobre a terra de

Canaã ([Js 18.4-9](#)). Mais tarde, Gideão capturou um jovem que tinha capacidade de elaborar uma lista escrita dos homens importantes da cidade ([Jz 8.14](#)). Escrever era provavelmente uma habilidade comum, uma vez que os israelitas foram exortados a usá-la com frequência ([Dt 6.9](#); [27.2-8](#)). Termos matemáticos simples poderiam ser escritos e entendidos por meninos, e há indicações de familiaridade com a relação geométrica do raio e da circunferência de um ciclo (o conceito de pi; veja [2Cr 4.2](#)). O desenvolvimento de uma escrita cursiva implica o uso generalizado da escrita, no mínimo, a partir do século VIII a.C. Vale ressaltar que uma assembleia solene na sinagoga poderia ser realizado contendo, no mínimo, dez homens na congregação, o que pressupõe que havia mais de 10 homens em qualquer sinagoga que eram alfabetizados o suficiente para realizar esse dever.

Quando os medos do helenismo eram fortes e a existência do judaísmo foi ameaçada no primeiro século a.C., foi decretado que todos os meninos judeus deveriam frequentar a escola primária. Uma vez que tal sistema provavelmente já existia, esse decreto meramente tornava compulsória a participação para todos os meninos até 16 ou 17 anos de idade. Sem dúvida o motivo era o seguinte: o completo conhecimento e a observância minuciosa da Lei eram hábitos vitais para a sobrevivência da herança judaica.

Josué ben-Gamala (sumo sacerdote 63–65 d.C.) é considerado o fundador da educação universal. Suas instruções para estabelecer escolas nas cidades e aldeias eram escrupulosas, exigindo a participação de meninos a partir dos seis ou sete anos de idade. A comunidade era responsável por estabelecer uma escola e manter um mestre em qualquer cidade onde houvesse, pelo menos, dez famílias judaicas. Os pais eram obrigados a verificar se seus filhos frequentavam a escola. Quando uma família vivia em uma área isolada, um mestre muitas vezes convivia com a família. Os mestres eram provavelmente pagos pela família ou via tributo comunitário, embora os escribas não fossem pagos diretamente pela instrução que davam. É difícil saber se o objetivo da educação elementar universal foi alcançado.

Educação nas colônias vizinhas

A ênfase teológica da educação hebraica contrastava acentuadamente com os objetivos da educação na Grécia e Roma. Essas sociedades, no entanto, também estavam interessadas em desenvolver um tipo específico de caráter.

Em Esparta, o propósito do treinamento educacional era desenvolver jovens homens para serem combatentes que se sujeitavam ao bem-estar do estado. O desenvolvimento de caráter era alcançado ao eliminar luxos e, sistematicamente, disciplinar a mente e o corpo através da atividade física. As técnicas de sobrevivência encorajavam desenvoltura e iniciativa. As meninas recebiam a mesma educação, uma vez que era considerado importante desenvolver mulheres que poderiam dar à luz guerreiros fortes.

Em Atenas, a educação era considerada essencial para a vida. Como a transmissão da cultura permitiria que os meninos se tornassem cidadãos perfeitos, eles aprendiam letras, música, ética e etiqueta, matemática e educação física (desenvolvimento de um corpo saudável). A educação era idealmente uma busca nobre — um treinamento da mente, o direito de nascença de cada cidadão — mas, na prática, era restrita a uma pequena seção da aristocracia. Os instruídos desprezavam viver apenas para ganhar rendimentos, pois consideravam como um modo de vida adequado apenas para escravos. As mulheres não recebiam educação. O mestre nas escolas elementares era um indivíduo humilde.

A educação romana preparava mental e fisicamente um moço para o serviço na fazenda, no campo de batalha ou onde quer que seus serviços fossem exigidos pelo estado. A educação era uma responsabilidade familiar — o menino aprendendo primeiro com sua mãe, depois com seu pai. Leitura básica, escrita, aritmética, linguagem, estrutura e habilidades de retórica eram ensinadas, às vezes por tutores privados. Quando as escolas foram desenvolvidas, elas parecem ter sido atividades barulhentas e de fachada, operadas por professores mal pagos. As meninas aprendiam habilidades de limpeza em casa.

Os meninos egípcios frequentavam a “Casa dos Livros” para seus estudos, aprendiam leitura e aritmética elementar. Escrever em hieróglifos em papiro era a tarefa mais difícil. Como os estudantes em outras culturas, os meninos estavam sujeitos à punição corporal. Os mestres egípcios consideravam que “os ouvidos de um menino estão em suas costas”, seguida essa convicção com o uso frequente de um bastão.

Edute

Uma palavra hebraica geralmente traduzida como “testemunho”, “testemunha” ou “mandamento”.

Pode se referir a:

- O tabernáculo ([Nm 17.7,8](#); [18.2](#); [2Cr 24.6](#));
- A arca ([Êx 25.16](#));
- Os dez mandamentos ([Êx 31.18](#));
- A lei de Deus em geral ([Sl 19.8](#)).

O título de [Salmo 60](#) em hebraico é *Shushan Eduth*, que significa “Lírio da aliança”.

Veja também Música.

Efa (Pessoa)

1. Filho de Midiã, um descendente de Abraão através de sua concubina Quetura ([Gn 25.4](#); [1Cr 1.33](#)). Isaías o menciona como um comerciante de camelos ([Is 60.6](#)). Alguns manuscritos mencionam dois filhos de Midiã com o mesmo nome, Efa, mas isso é um erro de grafia.
2. A concubina de Calebe, que lhe deu três filhos ([1Cr 2.46](#)).
3. Filho de Jadaí da tribo de Judá ([1Cr 2.47](#)).

Efatá*

Transliteração na voz imperativa da expressão aramaica “seja aberto”, usada por Jesus na cura de um surdo ([Mc 7.34](#), ARA). Nenhuma tentativa de estabelecer uma fórmula de palavra mágica foi pretendida aqui; Marcos simplesmente preservou a expressão utilizada por Jesus.

Éfer

1. Filho de Midiã e neto de Abraão através de sua concubina Quetura, cuja tribo foi enviada para o Leste. Alguns apoiaram os descendentes de Abraão e outros se tornaram inimigos ([Gn 25.4](#); [1Cr 1.33](#)).
2. Filho de Esdras da tribo de Judá ([1Cr 4.17](#)).
3. Chefe de uma família e um grande guerreiro na meia tribo de Manassés. Ele viveu entre Basã e o Monte Hermom ([1Cr 5.24](#)).

Efésios, Carta aos

Carta aos cristãos em Éfeso e nas igrejas ao redor, escrita com uma magnificência que tanto instrui quanto inspira o leitor. Ela oferece uma visão abrangente do papel da igreja à medida que a história avança para o reconhecimento final da liderança universal de Cristo.

Pré-visualização:

- Autor
- Destino
- Data e origem
- Contexto
- Propósito e ensino teológico
- Conteúdo

Autor

O escritor da carta se identifica como o Apóstolo Paulo ([Efésios 1.1](#); [3.1](#)). Ele também descreve seu próprio ministério em termos que refletem o que sabemos de Paulo ([3.7-13](#); [4.1](#); [6.19-20](#)). Esta afirmação é confirmada pelos testemunhos de Irineu, Orígenes, Policarpo, Tertuliano e Inácio, que em sua própria epístola aos Efésios alude à menção frequente e afetuosa feita por Paulo sobre o estado cristão, privilégios e pessoas dos Efésios.

Há algumas características da carta, no entanto, que levaram muitos estudiosos a questionar sua clara reivindicação de autoria paulina. Algumas dessas características seriam um problema apenas se a carta fosse destinada exclusivamente às pessoas em Éfeso, mas provavelmente não foi esse o caso. Caso contrário, seria difícil entender por que, após estabelecer a igreja lá por um período de três anos, Paulo escreveria como se autor e destinatários tivessem apenas um conhecimento indireto um do outro. Também seria estranho que as calorosas palavras pessoais de saudação a várias pessoas, encontradas em outras cartas paulinas, estivessem ausentes aqui. Em vez disso, há apenas uma saudação geral aos “irmãos” ([6.23](#)). Mas tudo isso pode ser facilmente explicado uma vez que se entenda que a epístola era uma encíclica para várias igrejas.

Destino

Esta epístola foi endereçada, muito provavelmente, a várias igrejas na região ao redor de Éfeso — ou

seja, Ásia. A Epístola aos Efésios, assim chamada, não foi realmente destinada apenas à igreja em Éfeso. A maioria dos estudiosos modernos está convencida de que foi uma encíclica que foi enviada a várias igrejas na Ásia, incluindo Éfeso. Há várias razões para afirmar isso. Primeiro, os manuscritos mais antigos (o Papiro Chester Beatty — P46, Codex Sinaiticus, Codex Vaticanus) não contêm as palavras “em Éfeso” em [Efésios 1.1](#). Parece que Paulo propositalmente deixou o nome da localidade de fora, para ser preenchido mais tarde à medida que a carta circulasse por cada localidade. (A construção grega em [1.1](#) exige que uma frase preposicional designando uma localidade esteja presente na sentença.) Como Éfeso era a principal cidade da Ásia, era bastante natural que os escribas atribuíssem esta epístola à igreja em Éfeso. Segundo, a Epístola aos Efésios tem todas as características de ser um tratado geral em vez de uma epístola para uma igreja local específica. Paulo viveu com os crentes em Éfeso por três anos ([Atos 20.31](#)). Ele os conhecia intimamente, mas nesta epístola não há saudações pessoais ou exortações específicas. Quando consideramos o modo de Paulo em muitas de suas outras epístolas, seria bastante incomum ele ter excluído essas expressões pessoais. Pelo contrário, Paulo fala aos santos de quem ele apenas ouviu falar e que apenas ouviram falar dele (veja [Efésios 1.15](#); [3.1](#)). É possível que esta epístola tenha sido a enviada a Laodiceia.

Para ser justo, deve-se dizer que a teoria encíclica foi contestada por alguns estudiosos. Por exemplo, Henry Alford faz as seguintes objeções a esta teoria: (1) Ela está em desacordo com o espírito da epístola, que é claramente dirigida a um grupo de pessoas ao longo de todo o texto, coexistindo em um lugar e como um corpo e sob as mesmas circunstâncias. (2) É improvável que o Apóstolo, que em duas de suas epístolas (2 Coríntios e Gálatas) tenha especificado tão claramente seu caráter encíclico, tenha aqui omitido tal especificação. (3) A ausência de saudações pessoais não é um argumento para nenhuma das duas teorias, pois da mesma forma não há em Gálatas, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses e 1 Timóteo. Quanto melhor ele conhece as partes abordadas, e quanto mais geral e solene o assunto, menos ele parece dar desses avisos individuais.

Data e origem

[Efésios 3.1](#), [4.1](#), e [6.20](#) indicam que a carta foi escrita enquanto Paulo estava preso. Como ele foi preso várias vezes, é necessário restringir as opções. A primeira grande prisão pode ter sido em

Éfeso, mas isso obviamente não está em consideração. A segunda foi em Cesareia por dois anos ([Atos 24.27](#); cf. [23.23-24.33](#)). É possível que Paulo tenha escrito algumas cartas naquela época, mas a maioria dos estudiosos pensa que Efésios (junto com Colossenses, Filemom, e provavelmente Filipenses) foi escrito durante a prisão de Paulo em Roma ([28.16,30](#)). Isso provavelmente ocorreu em algum momento entre 59 e 63 d.C. e durou dois anos. Este período de tempo, após cerca de 25 anos de crescimento espiritual e cerca de 12 anos de experiência missionária, deu a Paulo uma esplêndida oportunidade para reflexão e escrita.

Contexto

Éfeso era a cidade mais importante da Ásia Menor, localizada no rio Cayster, com um porto no Mar Egeu. Com essa localização, tornou-se um centro de viagens comerciais, e importantes rotas comerciais levavam até ela de várias direções. Um grande templo pagão dedicado à deusa Ártemis (Diana) estava localizado em Éfeso. Paulo fez da cidade um centro de ministério evangelístico e de construção de igrejas ([Atos 19](#)), passando três anos lá ([20.31](#)). Era natural, portanto, que uma carta destinada a uma ampla audiência naquela parte da Ásia Menor tivesse Éfeso como seu principal destino.

A primeira visita de Paulo a Éfeso (na costa de Lídia, perto do rio Cayster) é relatada em [Atos 18.19-21](#). O trabalho, iniciado por suas disputas com os judeus em sua curta visita, foi continuado por Apolo (v. [24-26](#)) e Áquila e Priscila ([18.26](#)). Em sua segunda visita, após sua viagem a Jerusalém, e de lá para as regiões do leste da Ásia Menor, ele permaneceu em Éfeso “três anos” ([19.10](#) — os “dois anos” neste versículo são apenas *parte* do tempo—e [20.31](#)); portanto, o estabelecimento e crescimento desta igreja ocuparam uma porção incomumente grande do tempo e cuidado do Apóstolo. A linguagem na epístola mostra um calor de sentimento e uma livre expressão de pensamento, e uma união em privilégios espirituais e esperança entre ele e eles, como é natural de alguém tão longamente e intimamente associado com aqueles a quem se dirige. Em sua última viagem a Jerusalém, ele navegou por Éfeso e convocou os anciãos da igreja de Éfeso para se encontrarem com ele em Mileto, onde ele proferiu sua notável despedida ([20.18-35](#)).

Propósito e ensino teológico

Pode-se dizer que o propósito de Efésios é “doxológico”; ou seja, deve levar os leitores a

glorificar a Deus, tanto em louvor agradecido quanto no modo de vida. Isso é visto na seção de abertura, que é como um hino em estilo: “Louvado seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” ([Efésios 1.3](#); cf. a Doxologia frequentemente cantada na igreja). Paulo diz três vezes no primeiro capítulo que o resultado das bênçãos de Deus deve ser louvor (v. [6.12,14](#)).

Embora a carta contenha muita instrução doutrinária e moral (com esta última solidamente baseada na primeira), seu propósito não é apenas ensinar ou exortar, por mais importantes que sejam. É, ao contrário, elevar seus leitores a um novo ponto de vista que os ajudará a se identificar com o Cristo ressuscitado e ascendido e a compartilhar sua perspectiva sobre a igreja e seu papel no mundo.

Nesta conexão, um termo significativo ocorre em [1.3](#) e em outros lugares. Talvez seja melhor traduzido como “regiões celestiais”. É diferente em forma da palavra usual para “céu” e parece ter um significado especial em Efésios como o reino da vitória de Jesus na era presente. Isso é visto em [1.20](#), lido no contexto dos versículos [19-23](#). Quaisquer que sejam os seres que possam existir, Cristo está acima de todos eles. O crente, embora obviamente na terra fisicamente, “senta-se com Cristo” nas regiões celestiais ([2.6](#)) e é “abençoado” ([1.3](#)), aproveitando os recursos ilimitados do céu para sua vida diária. É também neste reino que o conflito espiritual ocorre ([6.12](#)).

Paulo deixa claro que os cristãos não devem ter uma visão limitada ou meramente terrena. Aqueles que têm, erroneamente pensam que seus inimigos são pessoas ([6.12](#)) e nossos recursos humanos ([2 Coríntios 10.3-4](#)). Com esta orientação para o mundo celestial da presente exaltação do Senhor, o leitor está preparado para entender que a igreja não funciona apenas para realizar atividades rotineiras aqui, mas que exhibe a sabedoria de Deus para seres que existem nos reinos celestiais ([Efésios 3.10](#)). Até mesmo a função dos líderes da igreja é discutida em termos dos dons do Cristo que ascendeu aos céus ([4.8-10](#)).

Há um forte senso de propósito final em Efésios. O primeiro capítulo contém várias expressões de propósito. O grande objetivo da história é expresso em [1.10](#). O senso de propósito nunca se perde. A igreja é vista, no capítulo [3](#), como a expressão do plano eterno e secreto de Deus. Há também um movimento ao longo da carta, desde (1) a reconciliação dos indivíduos com Deus, até (2) a reconciliação entre eles, até (3) a vida em conjunto

na igreja. Não há discussão de pontos ao longo do caminho, como se encontra na maioria das cartas, mas sim uma série conectada de afirmações, cada uma levando o leitor à próxima.

Paulo discute vários tópicos a partir dessa perspectiva celestial e o senso de propósito que isso proporciona. Esses tópicos serão discutidos abaixo de forma a mostrar sua interconexão, em vez de necessariamente na ordem de sua importância ou destaque em Efésios.

A igreja

Paulo emprega várias figuras de linguagem para descrever a igreja, incluindo uma casa, um templo e um corpo ([1.22-23](#); [2.19-22](#)). Na verdade, pode ser insuficiente chamar a palavra "corpo" de figura de linguagem, porque parece ser mais do que isso. Há um sentido em que Cristo e a igreja têm uma relação orgânica real, na qual ele funciona como a cabeça e os crentes como partes de seu corpo.

A igreja é o resultado da obra reconciliadora de Cristo, cuja morte fez a paz entre judeus e gentios mutuamente hostis ([2.11-18](#)). A unidade resultante foi planejada há muito tempo por Deus ([3.2-6](#)), e é promovida por uma atitude adequada e ministério mútuo (cap. [4](#)).

Uma característica especialmente notável de Efésios é o paralelo traçado entre o relacionamento entre um marido e uma esposa e aquele entre Cristo e a igreja ([5.22-33](#)). Nesta comparação, a realidade anterior não é o casamento, com o relacionamento de Cristo e a igreja apenas fornecendo uma ilustração. Pelo contrário, a realidade essencial é Cristo e a igreja.

A liderança de Cristo

Não só Cristo é a cabeça da igreja, mas ele é cabeça sobre todas as coisas para o benefício da igreja ([1.22](#)). O significado de [1.10](#) é que as partes e seres atualmente dispersos do universo serão colocados em ordem sob a liderança de Cristo. Esta liderança universal é antecipada na ascensão e presente exaltação de Cristo. A expressão de dominação universal — "Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés" ([1.22](#), de [Salmo 8.6](#)) — fortalece essa expectativa.

O "mistério" ou "plano secreto"

A palavra grega "mistério" tem um significado especial na literatura judaica e cristã primitiva. Refere-se às decisões eternas privadas de Deus sobre sua obra salvadora e seus propósitos finais

na história, que são revelados etapa por etapa. O termo é usado em conexão com o reino nos Evangelhos ([Mateus 13.11](#)), com a pregação do evangelho em [1 Coríntios 1.18-2.16](#), com o destino de Israel em [Romanos 11.25](#), e em outros lugares com diferentes aplicações. Finalmente, [Apocalipse 10.6-7](#) declara que não haverá mais demora, mas que o "mistério" de Deus, inicialmente anunciado pelos profetas, alcançará sua conclusão.

O aspecto do plano de Deus que Paulo apresenta em [Efésios 3.3-6](#) não é apenas a inclusão dos gentios entre o povo de Deus, mas sua completa integração com os judeus na igreja. A extensão disso não foi revelada antes do tempo do ministério de Paulo.

Conteúdo

O propósito divino: a glória e a liderança de Cristo ([1.1-14](#))

Esta seção inteira constitui uma "doxologia". Paulo lembra os leitores, expressando sua própria oração de louvor, de todas as bênçãos que Deus deu aos crentes. Estas incluem ser escolhido para viver na presença de Deus sem culpa (v. [4](#)), receber o destino de plena filiação (v. [5](#)) e ser perdoado porque Cristo morreu por eles.

Mas Paulo não está apenas recitando o que Deus fez; ele entrelaça várias palavras e frases indicando *por que* Deus agiu, ou seja, quais são os *propósitos* de Deus. Várias traduções usam diferentes palavras em inglês para representar expressões gregas de propósito, como "escolheu", "predestinou", "plano", "vontade", "razão secreta", "bom prazer", "propósito" (v. [4-10](#)). Talvez a declaração mais abrangente esteja nos versículos [11-12](#).

Fica claro a partir disso que o propósito final da obra salvadora de Deus não é apenas a felicidade dos crentes, mas a glória de Deus através do Senhor Jesus Cristo. O Espírito é dado para garantir não apenas a segurança do crente, mas também o investimento de Deus, por assim dizer, no crente.

Oração para que os cristãos compreendam o propósito e o poder de Deus ([1.15-23](#))

A oração de Paulo surge de sua seção de abertura, constituindo um pedido para que os crentes possam apropriar-se de tudo o que está contido nessa declaração. É aqui que o fato da morte, ressurreição e ascensão de Jesus é citado como a base para a perspectiva e poder atuais do crente.

Passos para o cumprimento do propósito de Deus (2.1-3.21)

O primeiro passo foi a morte de Cristo para salvar os indivíduos do pecado e da morte (2.1-10). Como isso foi por iniciativa de Deus, não do homem, e já que o homem estava espiritualmente “morto” e indefeso, a salvação só pode ser pela graça.

O segundo passo foi a reconciliação das pessoas não apenas com Deus, mas umas com as outras (2.11-18). Paulo assim se move do aspecto individual para o aspecto corporativo da salvação. Isso foi particularmente significativo para os gentios, que anteriormente não tinham nem mesmo uma relação formal com Deus. Uma das palavras-chave nesta seção é “paz” (v. 14-17).

O terceiro passo vai além da reconciliação para a verdadeira união de judeus e gentios em uma “família” (2.19-22). Deus não apenas trouxe pessoas individualmente para si mesmo e umas às outras como indivíduos, mas formou uma nova entidade corporativa, uma nova sociedade que é descrita tanto em termos políticos quanto familiares. Em última análise, os crentes juntos formam um corpo corporativo no qual Deus é exaltado.

Este terceiro passo é ampliado em um quarto passo, a revelação do propósito eterno de Deus na formação deste único corpo, a igreja (3.1-13). Usando o conceito bíblico do “mistério”, Paulo mostra como a igreja exibe a sabedoria de Deus para todos que possam estar observando em todo o universo. Isso imediatamente dá ao crente uma nova consciência da razão de sua salvação e participação na igreja. O egocentrismo e o tédio com a rotina das atividades da igreja dão lugar a um senso de significado e propósito.

Esses passos agora são resumidos em uma oração de Efésios (3.14-21). Uma série exaltada de petições culmina em outra “doxologia”. Isso expressa a admiração de Paulo pelo poder infinito de Deus para realizar tudo o que ele descreveu na epístola até agora, e seu desejo de que isso realmente resulte em grande glória a Deus tanto na igreja quanto em Cristo.

Maneiras práticas de cumprir o propósito de Deus na igreja (4.1-6.20)

A doutrina e a vida nunca estão separadas no pensamento de Paulo, mas em Efésios a conexão é ainda mais vital do que o habitual. A vida do crente deve ser vivida de maneira digna dos grandes propósitos de Deus. O “chamado” do crente não é

apenas para ser salvo ou eternamente feliz, mas para participar com todo o corpo, a igreja, em trazer glória a Deus. Isso contribui para a realização da oração em 3.20-21.

A primeira maneira de cumprir o propósito de Deus é manter a unidade que ele estabeleceu na igreja. Isso é realizado ao reconhecer a forte base para a unidade (“um Senhor, uma fé,” etc., 4.5-6). Então, os crentes devem reconhecer a diversidade nessa unidade, lembrando que Deus deu a cada um habilidades especiais (v. 7-8). Essas habilidades devem ser usadas para levar a igreja, tanto individualmente quanto coletivamente, à maturidade. Essa diversidade na unidade constitui a segunda maneira pela qual o propósito de Deus é cumprido. A maturidade cristã permite que os membros individuais da igreja se relacionem uns com os outros em amor (v. 16).

A terceira maneira de cumprir os propósitos de Deus é pela renovação da vida pessoal (4.17-5.21). Paulo enfatiza o tipo de estilo de vida esperado de um cristão, contrastando os padrões de comportamento que caracterizavam os crentes antes de sua conversão. Mas a nova vida do crente não é simplesmente estruturada como uma reação contra a antiga. Pelo contrário, o Senhor deu tanto seus ensinamentos quanto o exemplo de seu próprio amor sacrificial (4.20-21.32; 5.1-2). O crente deve abandonar seu antigo modo de vida, seu antigo eu ou caráter. (O termo real é “homem velho” nas palavras de Paulo, não, como muitas vezes se pensa, “natureza velha”). Ele deve ao mesmo tempo vestir o “novo homem,” que, nas palavras de Paulo no versículo 24, é “criado segundo Deus” (niv “criado para ser como Deus”). A seção termina com a importante exortação a ser cheio do Espírito (5.18).

A expressão do novo caráter nas relações interpessoais é a quarta maneira pela qual os crentes podem avançar os propósitos de Deus na igreja. A unidade é alcançada ou quebrada de acordo com a presença ou ausência da submissão adequada descrita em 5.22-6.9. O princípio básico da submissão é primeiro expresso pelo versículo 21 como resultado do controle total do Espírito.

O casamento, então, fornece o primeiro exemplo de submissão mútua. A esposa se submete ao marido, e isso, por sua vez, é uma expressão de sua submissão, junto com a de toda a igreja, ao Senhor. O marido ama sua esposa como Cristo amou a igreja. Embora o amor do marido não seja descrito como submissão, na prática, o amor custa ao amante sua liberdade. Jesus assim expressou seu

amor pela igreja por meio de sua morte (5.25). Além disso, marido e esposa estão unidos em uma unidade, assim como Deus pretendia no momento da criação (Gênesis 2.24, citado aqui em 5.31). Esta unidade retrata aquela unidade espiritual que existe entre Cristo e a igreja.

Deve-se notar que esta lista de exemplos é semelhante a um padrão usado em outros lugares no NT (por exemplo, Colossenses 3.18-4.1; 1 Pedro 3.1-7). Assim, seguindo o exemplo do casamento, Paulo se volta para o relacionamento que deve existir entre pai e filho. O filho obedece ao pai; o pai se abstém de reações excessivas (6.1-4). O último exemplo é o de escravos e senhores.

A maneira final pela qual os crentes promovem os grandes propósitos de Deus é continuar o conflito espiritual, dependendo dos recursos espirituais (Efésios 6.10-20). Usando imagens tanto do AT quanto da guerra romana contemporânea, Paulo mostra que a perspectiva celestial é essencial para a vitória. Isso inclui a dependência de Deus, expressa na oração (v. 18-20). Ele reconhece sua própria necessidade nesse aspecto.

A conclusão da carta (6.21-24) é uma palavra de encorajamento e uma explicação da decisão de Paulo de enviar a carta nas boas mãos de Tíquico. Uma das palavras de conclusão é “graça”, uma palavra que fundamenta todo o processo divino descrito em Efésios.

Veja também Colossenses, Carta aos; Éfeso; Paulo, O Apóstolo.

Éfeso

Onde fica Éfeso?

Esta era a cidade mais importante da província romana da Ásia. Estava localizada na costa ocidental da Ásia Menor, na atual Turquia. Éfeso foi construída em um porto natural. O escritor romano Plínio, o Velho, afirmou que as ondas “costumavam lavar até o templo de Diana”. O antigo geógrafo grego Estrabão descreveu Éfeso como o maior centro comercial a oeste das Montanhas Taurus. Éfeso também era bem conhecida como a “guardiã” do templo da deusa Ártemis, também referida como Diana pelos romanos (At 19.34).

Éfeso no Novo Testamento

O cristianismo ameaçou aquele templo pagão e o comércio que ele gerava para aqueles que

fabricavam ídolos. Isso causou um tumulto em que o apóstolo Paulo quase foi morto (At 19.24,30-31). Priscila e Áquila estavam associados à pregação inicial do Evangelho em Éfeso (18.18-19). O mesmo aconteceu com Timóteo (1Tm 1.3) e o ajudante de Paulo chamado Erasto (At 19.22). O escritor cristão primitivo Irineu afirmou que, após o apóstolo João ser exilado na ilha de Patmos (Ap 1.9), ele voltou a viver em Éfeso até a época do Imperador Trajano (98-117 d.C.). Em sua carta aos Efésios, Paulo descreve como a comunidade cristã de Éfeso vivia bem. Quando o apóstolo João escreveu o livro de Apocalipse, a igreja de Éfeso havia abandonado o amor que tinham por Deus no início (Ap 2.4).

História inicial de Éfeso

Éfeso foi fundada por gregos jônicos e estava localizada onde o rio Cayster desaguava em um golfo do Mar Egeu. Na época da terceira viagem missionária do apóstolo Paulo, Éfeso já existia há cerca de 1.000 anos. A cidade adorava Ártemis desde sua fundação. O templo foi construído em meados do século VI a.C. e era o maior edifício do mundo helenístico. Além disso, este edifício foi o primeiro templo maciço feito inteiramente de mármore. Existem duas imagens de Ártemis magnificamente esculpidas em mármore, datando do período dos imperadores Domiciano e Adriano. Esses imperadores governaram enquanto o apóstolo João vivia. O templo de Diana, chamado de “mãe dos deuses”, era considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Evidência física da antiga Éfeso

O árduo trabalho do arqueólogo britânico J. T. Wood resultou na descoberta do templo de Diana em 1869. No entanto, seu grande altar não foi encontrado até recentemente. As escavações mostraram que o altar de Diana era maior que o altar de Zeus, construído posteriormente em Pérgamo. Seu primeiro templo foi parcialmente destruído em 356 a.C., mas foi posteriormente reconstruído de acordo com seu plano original.

Escavações também descobriram o teatro mencionado em Atos 19.29. Ele estava localizado ao lado da principal área de compras (ágora grega). O teatro tinha três níveis que podiam acomodar 24.000 pessoas. Tinha 151 metros de largura. Possuía duas portas que se abriam para a rua mais impressionante de Éfeso. Essa rua levava ao porto e tinha cerca de 10,5 metros de largura. Altas colunas a cercavam.

A rua passava por um magnífico e imponente portão localizado em sua extremidade oeste. Na outra direção, a estrada continuava ao redor do teatro e do mercado. Depois, a estrada seguia para sudeste entre o Monte Koressos e o Monte Pion. À medida que continuava, a estrada se estreitava. Belas fontes, edifícios cívicos, casas, lojas, uma biblioteca, banhos e um pequeno teatro a margeavam. O teatro provavelmente também era usado como câmara de conselho para os oficiais da cidade.

Vida cotidiana em Éfeso

Éfeso era uma sociedade rica, de classe média alta, com residências de múltiplos níveis localizadas nos terraços ao norte do Monte Koressos. Algumas casas tinham pisos de mosaico e paredes de mármore. Duas casas descobertas possuíam banheiros aquecidos. Muitas pessoas tinham água encanada. Algumas descobertas sugerem que Éfeso era uma cidade imoral, com uma casa de prostituição centralmente localizada e mesas de jogo. Estátuas de Diana encontradas com características sexuais exageradas fornecem evidências de temas de fertilidade.

Éfeso na história da Igreja

Éfeso sentiu o impacto do Cristianismo por séculos. Em 431 d.C., o terceiro concílio ecumênico se reuniu a noroeste do teatro na Igreja de Maria. Este foi um concílio que estabeleceu o título de Maria, a mãe de Jesus, como a “Mãe de Deus” (grego *Theotokos*). Naquela época, o templo de Diana já não era mais influente entre os efésios, pois os godos queimaram seu templo em 262 d.C. A mensagem do apóstolo Paulo, até certo ponto, se concretizou: “deuses feitos por mãos humanas não são deuses de verdade” ([At 19.26](#)).

Veja também Efésios, Carta aos.

Éfode (Pessoa)

O pai de Haniel. Haniel era um líder da tribo de Manassés, uma das duas tribos que vieram de José ([Nm 34.23](#)). Ele ajudou a dividir a terra de Canaã entre as tribos de Israel.

Éfode (vestuário)

Um Éfode era uma vestimenta superior especial usada durante os serviços religiosos no

tabernáculo ou templo. O termo “Éfode” geralmente se referia ao colete decorado que o sumo sacerdote usava sobre uma túnica azul ([Êx 28.31](#)). O Éfode continha o Urim e Tumim, que eram objetos sagrados (sortes) usados para determinar a vontade de Deus. Às vezes, “Éfode” significava o traje completo do sumo sacerdote ou roupas semelhantes usadas por outros sacerdotes ([1Sm 2.28](#); [23.6.9](#); [30.7](#)).

O Éfode era feito de material colorido e linho fino. Era decorado com fios azuis, púrpura, escarlate e dourado. Na parte superior, havia duas alças de ombro. Cada alça tinha uma pedra de ônix com os nomes das 12 tribos de Israel gravados nela. O peitoral, que também continha os nomes tribais, estava preso ao Éfode por uma série de cordões e correntes ([Êx 28.22-29](#)).

Escritores judeus sugerem diferentes aparências possíveis para o Éfode:

6. Como um avental, cobrindo o corpo do peito até os calcanhares;
7. Cobrindo o corpo apenas da cintura para baixo, com a parte superior do corpo protegida pela couraça;
8. É como uma jaqueta com mangas, com o meio do peito descoberto para que a placa peitoral possa ser inserida facilmente.

Antes do exílio babilônico (quando o povo de Israel foi levado para Babilônia), o Éfode era usado como uma forma de receber mensagens de Deus, especialmente sobre assuntos militares. O sacerdote Abiatar certa vez trouxe o Éfode para o acampamento de Davi para que pudessem pedir orientação a Deus ([1Sm 23.6-9](#); [30.7](#)). Não está claro se o sacerdote vestia o Éfode ou o segurava enquanto buscava a vontade de Deus através do Urim e Tumim.

Durante o período dos juízes, o Éfode foi frequentemente mal utilizado. Gideão, Miquéias e Jônatas, o neto de Moisés, todos o usaram de forma inadequada ([Jz 8.27](#); [17.5](#); [18.30](#); compare os versículos [14](#), [17](#), [20](#)).

Tanto a própria vestimenta quanto uma imagem representando Deus, sobre a qual a vestimenta era colocada, eram adoradas enquanto as pessoas buscavam orientação de maneiras que Deus havia proibido. Ídolos domésticos (chamados de terafins) também faziam parte dessa prática ímpia ([Jz 17.5](#); [Os 3.4](#)).

Além do sumo sacerdote, outros sacerdotes usavam um Éfode para certos serviços religiosos ([1Sm 22.18](#)). Até mesmo Samuel e Davi usaram um ([1Sm 2.18](#); [6.14](#)). Na época após o exílio, e talvez já no reinado de Salomão, o Éfode não era mais usado para buscar a orientação de Deus ([Ed 2.63](#); [Ne 7.65](#)). Não havia necessidade do Éfode ou Urim, uma vez que Deus falava através dos profetas, como Moisés havia prometido ([Dt 18.15-22](#)). No entanto, o sumo sacerdote continuou a usar esta vestimenta especial até a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Veja também Sacerdotes e levitas.

Efraim (Lugar)

1. Área destinada à tribo de Efraim como herança ([Js 16.5-8](#); [17.7-11](#)). Efraim e Manassés foram originalmente reconhecidos como "descendentes de José" ([Js 16.4](#)). Juntos, ocuparam a área das terras altas centrais entre Jerusalém e a planície de Esdremon. O território de Efraim ficava ao sul de Manassés. A área era relativamente alta, e a expressão "a região montanhosa de Efraim" ([1Sm 1.1](#)) era uma descrição adequada. Em alguns lugares, as rochas duras formam encostas íngremes e difíceis, e os vales que levam ao oeste são íngremes. As estradas seguiam os esporões entre os vales em vez dos próprios vales. O movimento entre Efraim e a planície costeira ao longo da borda do Vale rochoso de Sarida não era fácil, mas era possível. Outra estrada seguida pelos invasores filisteus ([1Sm 4](#)) subia de Afeca. A expressão em [Josué 16.9](#), "alguns povoados e aldeias que estavam dentro das terras da tribo de Manassés" (NTLH), sugere que houve uma vez uma fronteira disputada; no entanto, Efraim evidentemente conseguiu se fortalecer e emergir como uma força dominante em Israel. De fato, o nome Efraim às vezes é usado como equivalente de Israel ([Os 4.17](#); [5.3.11-14](#); [6.4.10](#)).

A extensão da área tribal de Efraim é apresentada em [Josué 16.5-8](#) e [17.1-11](#). Parece, a partir dos detalhes abundantes nessas passagens, que as principais características topográficas das fronteiras de Efraim seriam fáceis de determinar. No entanto, a identificação precisa de vários dos locais mencionados é incerta. A fronteira oriental começava em Micmeta, identificada provisoriamente com Khirbet en-Nabi. Continuava ao sul através de Taanate-Siló, Janoa, Atarote e Naarate até um ponto próximo a Jericó. A fronteira sul parece ter passado em direção oeste para Betel,

Bete-Horom e Gezer até o Mar Mediterrâneo. A fronteira ocidental não é definida e provavelmente invadiu áreas cananeias em tempos antigos. A fronteira norte, que separava Efraim de Manassés, ia de Micmeta, que estava "diante de Siquém", em direção a Tapua e então seguia ao longo do Wadi Qana ("riacho de Caná", NTLH) até o Mar Mediterrâneo ao norte de Joze. Mas é preciso enfatizar que a definição precisa das fronteiras não é de forma alguma clara. Imediatamente ao sul de Efraim estava a área tribal de Benjamim.

A precipitação na região montanhosa de Efraim é maior do que na Judeia, que fica mais ao sul, e o solo é avermelhado, rico e fértil. Por causa disso, Efraim era muito produtivo. Hoje, o país está pontilhado de pomares, e oliveiras são abundantes. A descrição em [Deuteronômio 33.14-17](#) de uma área que "Deus dê a essas terras frutas amadurecidas pelo sol e as abençoe com boas colheitas! Que os montes antigos produzam ricas colheitas! Que Deus abençoe a terra e tudo o que há nela, dando-lhe tudo o que é bom!" (NTLH) oferece uma excelente imagem da natureza geral da região.

2. Cidade perto de Baal-Hazor para a qual Absalão convidou seu meio-irmão Amnom com o objetivo de mandá-lo matar ([2Sm 13.23-29](#)) por incesto com a irmã de Absalão, Tamar. A cidade ficava ao norte de Jerusalém e era possivelmente idêntica a Efrom ([2Cr 13.19](#)). Sem dúvida, era a mesma cidade perto do deserto para a qual Jesus se retirou após ressuscitar Lázaro do túmulo ([Jo 11.54](#)). Geralmente é identificada como et-Taiyibeh, a 20,9 quilômetros a nordeste de Jerusalém e 6,5 quilômetros a nordeste de Betel.

Efraim (pessoa)

O filho mais novo de José, nascido de José e Asenate antes dos sete anos de fome no Egito ([Gn 41.52](#)). Ele foi o ancestral de uma tribo israelita, e seu nome passou a designar o reino do norte de Israel ([Js 7.5.8](#); [Jr 31.18-20](#); [Os 5.3-5](#)). A infância de Efraim coincidiu com os últimos 17 anos de seu avô, o patriarca Jacó, que migrou para o Egito durante os anos de fome. Assim, Efraim pôde aprender sobre as promessas e bênçãos de Deus diretamente de Jacó. Após Jacó exigir um juramento de José para enterrá-lo em Canaã, ele adotou seus netos Efraim e Manassés. Essa adoção deu aos dois irmãos a posição e os direitos legais iguais aos dos filhos mais velhos de Jacó, Rúben e Simeão ([Gn 48.5](#)).

Veja também EFRAIM, Tribo de.

EFRAIM, Tribo de

A tribo descendeu do segundo filho de José. Tanto Efraim quanto seu irmão Manassés foram considerados filhos também por seu avô Jacó e se tornaram seus herdeiros.

O território da tribo de Efraim

Muitos comentaristas da Bíblia acreditam que Efraim é um trocadilho baseado em uma raiz hebraica que significa "ser frutífero" ([Gn 41.52](#)). A região montanhosa dada a Efraim estava entre as áreas mais férteis da Palestina, rica em vinhedos, árvores frutíferas e florestas densas ([Js 17.18](#)). Mesmo quando reis governavam Israel, essa região ainda era lar de animais selvagens ([2Rs 2.24](#)).

Não está claro onde estão as fronteiras de Efraim, pois muitas vezes é mencionado junto com o território de Manassés. A terra de Efraim estava localizada no centro de Canaã, entre o Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo. O território de Manassés estava localizado ao norte ([Js 16.5-9](#)).

A ascensão e a influência de Efraim em Israel

Efraim cresceu e se tornou uma tribo poderosa e influente. No primeiro censo no deserto, foram contados 40.500 soldados efraimitas ([Nm 1.33](#)). No entanto, esse número diminuiu para 32.500 na época do segundo censo ([Nm 26.37](#)). Efraim foi designado para a liderança do acampamento ocidental de Israel, entre as tribos de Manassés e Benjamim ([Nm 2.18-24](#)).

Josué, filho de Num, um dos 12 espiões, era descendente de Efraim ([Nm 13.8](#), "Oséias"). A liderança de Josué fortaleceu a importância de Efraim entre as tribos de Israel. ([Js 16](#)).

Durante o tempo dos juízes, os efraimitas frequentemente ficavam irritados quando eram deixados de fora de batalhas importantes. Eles sentiam que estavam sendo tratados de forma injusta ou desrespeitosa. Eles lutaram com:

- Gideão após sua vitória sobre os midianitas ([Jz 8.1-6](#));
- Jefté de Gileade, que derrotou os amonitas ([Jz 12.1-6](#)).

O juiz Abdom veio da tribo de Efraim ([Jz 12.13](#)). Miquéias, que adorava falsos deuses, assim como o

profeta Samuel, viveram em Efraim ([Jz 17.1](#); [1Sm 1.1](#)). A importância militar e política de Efraim é mostrada no Cântico de Débora, um antigo poema bíblico ([Jz 5.14](#)).

Efraim no reino do norte de Israel

Efraim era um rival significativo da tribo de Judá, com tensões persistindo mesmo durante o reinado do Rei Davi ([2Sm 18](#); [19.41-20.22](#)). Essas tensões contribuíram para a eventual divisão do reino após o reinado de Salomão ([1Rs 11.26-40](#)). As tribos do norte, incluindo Efraim, estavam insatisfeitas com o governo de Jerusalém. Essa insatisfação levou as 10 tribos do norte, lideradas por Jeroboão I, a se separarem das tribos do sul e formarem seu próprio reino, chamado de reino do norte de Israel.

As capitais do reino do norte—Siquém, Tirza e Samaria—estavam todas localizadas dentro do território de Efraim. O estabelecimento de Samaria pelo Rei Onri aumentou a importância estratégica de Efraim ao fornecer acesso direto à Via Maris, uma importante rota comercial ao longo do mar. No entanto, essa maior exposição ao comércio também trouxe uma tentação maior para o reino do norte se afastar de Deus.

Apesar do papel de Efraim na divisão do reino, os profetas previram uma futura reunificação de Efraim com Judá em um reino futuro governado pelo líder escolhido por Deus ([Os 1.11](#)). Um descendente de Davi curaria a divisão causada por Jeroboão I e restauraria a unidade entre todas as tribos de Israel ([Ez 37](#)).

Veja também Efraim (pessoa); Efraim (lugar) #1; História de Israel.

Efrata (lugar)

1. Cidade na região montanhosa da Judeia, mais tarde chamada Belém. Foi na estrada para Efrata que Raquel morreu ao dar à luz Benjamim ([Gn 35.16-19](#)). Esta cidade era o lar da família de Noemi, que se identificava como efrateus ([Ru 1.2](#)). Efrata foi o local de residência de Rute e Boaz ([Ru 4.11](#)), a cidade natal de infância de Davi ([1Sm 17.12](#)) e o local de nascimento anunciado do Messias ([Mq 5.2](#));

Veja também Belém #1.

2. Distrito onde a cidade de Quiriate-Jearim estava localizada e onde a Arca da Aliança foi mantida ([Sl 132.6](#)).

Efrateu

Habitante da cidade de Efratá (Belém) em Judá ([1Sm 17.12](#)). *Veja* Efratá (Lugar) #1.

Efrom (Pessoa)

Heteu de quem Abraão comprou a caverna de Macpela com o campo adjacente por 400 siclos de prata ([Gn 23.8-17](#)). Sara foi enterrada lá, assim como Abraão ([25.9](#)) e Jacó ([50.13](#)).

Egito, egípcio

O Egito desempenhou um papel significativo como cenário onde a narrativa bíblica se desenrolou. Abraão viveu ali durante tempos de fome. José, seu bisneto, foi vendido como escravo no Egito e ascendeu a uma posição semelhante à de primeiro-ministro. Por meio da intercessão de José, Jacó e o restante da família patriarcal hebraica que vivia na Palestina vieram residir na região oriental do delta de Gósen, novamente devido à fome. Inicialmente tratados favoravelmente, mais tarde foram reduzidos à escravidão; clamando a Deus, foram finalmente libertados através das 10 pragas. Depois disso, por 40 anos, vagaram pelo Sinai egípcio, onde receberam a lei, especificações para a construção do tabernáculo e instruções para os sistemas sacerdotal e sacrificial.

Após a destruição de Jerusalém em 586 a.C., um grupo de judeus forçou Jeremias a ir com eles para o Egito ([Jr 43.6.7](#)), onde se tornaram numerosos durante o período intertestamentário e gradualmente esqueceram o hebraico. Em Alexandria, os judeus traduziram o AT para o grego (a Septuaginta) entre cerca de 250 e 150 a.C. Esta se tornou a Bíblia da igreja primitiva, especialmente para aqueles cristãos fora da Palestina.

Quando o período do NT começou, o Egito serviu como refúgio para José, Maria e Jesus enquanto fugiam das tentativas de assassinato de Herodes, o grande ([Mt 2.13-23](#)). Em vários outros momentos, a história hebraica e egípcia se cruzaram — e.g., quando Sisaque I invadiu a Palestina nos dias de Roboão ([1Rs 14.25-28](#)).

Ver:

- Geografia;

- História;
- Vida social;
- Religião;
- Aprendizado e cultura.

Geografia

O Egito é um presente do Nilo, sem o qual não poderia existir. Desde tempos imemoriais, o Nilo deposita uma fina camada de lodo rico a cada ano, à medida que transborda suas margens. Esta faixa de terra fértil ao longo de seu curso contrasta vividamente com as areias estéreis que se estendem do vale do rio, muitas vezes até onde a vista alcança. Após depositar este solo, o Nilo fornece água para sua irrigação. Isso é necessário em uma terra que recebe apenas de seis a oito polegadas (15 a 20 centímetros) de chuva por ano ao longo do Mediterrâneo, duas polegadas (5,1 centímetros) ou menos por ano no Cairo, e menos do que isso mais ao sul.

O Vale do Nilo é um corredor, fechado de ambos os lados por penhascos e bloqueado na extremidade sul por cataratas, seis locais onde o rio não conseguiu abrir um canal claro e onde rochas estão empilhadas em massas irregulares no leito do rio. De penhasco a penhasco, o Vale do Nilo varia de cerca de 16 a 50 quilômetros de largura entre Cairo e Asam. No entanto, a área cultivada ao longo deste trecho tem apenas cerca de 10 a 16 quilômetros de largura, estreitando para um ou dois quilômetros (1,5 a 3 quilômetros) de largura ao redor de Asam. Esta faixa cultivada tem apenas cerca de 8.045 quilômetros quadrados no total.

Mas o Egito é mais do que o vale. É também o delta, uma área em forma de torta ao norte do Cairo, também formada pelo Nilo ao longo dos milênios. O delta mede cerca de 125 milhas (201,1 quilômetros) de norte a sul e 115 milhas (185 quilômetros) de leste a oeste. Sua região sul, mais densamente povoada, forneceu aos antigos egípcios cerca de 5.000 milhas quadradas (8.045 quilômetros quadrados) de terras agrícolas, tornando o total do vale e do delta cerca de 10.000 milhas quadradas (16.090 quilômetros quadrados), aproximadamente igual ao estado de Maryland, nos Estados Unidos.

A oeste do Nilo, estende-se uma cadeia de oásis, sendo o maior deles o Fayum, localizado a cerca de 70 milhas (112,6 quilômetros) a sudoeste do Cairo. No centro do Fayum está o Lago Qarun, que atualmente cobre 90 milhas quadradas (144,8

quilômetros quadrados) e tem aproximadamente 17 pés (5,2 metros) de profundidade. Ele é cercado por cerca de meio milhão de acres de terras agrícolas férteis.

O Egito antigo se estendia por cerca de 125 milhas (201,1 quilômetros) do Mediterrâneo até o Cairo (Baixo Egito) e outras 600 milhas (965,4 quilômetros) do Cairo até Aswan (Alto Egito). No auge de seu poder, o Egito também controlava o vale desde a primeira catarata em Aswan ao sul até a quarta catarata (Núbia). Assim, seu domínio abrangia um total de cerca de 1.100 milhas (1.769,9 quilômetros) ao sul do Mediterrâneo.

O recurso mais importante do Egito era o solo fértil ao longo do Nilo. Na antiguidade, os agricultores cultivavam grãos como cevada, espelta e trigo. Cebolas, alhos-porós, feijões e lentilhas eram vegetais comuns. Tâmaras, figos e uvas eram as frutas mais amplamente cultivadas. O óleo era extraído de plantas de mamona e gergelim, em vez de azeitonas, como em outras terras mediterrâneas. O linho fornecia tecido para roupas. Os animais domesticados incluíam bois, gado, ovelhas, cabras, porcos, burros e cavalos.

Outro recurso importante era o abundante suprimento de pedra. Montanhas de granito se erguem entre o Nilo e o Mar Vermelho, e depósitos de alabastro e outras pedras finas são encontrados na mesma região. Ao sul de Aswan estão as montanhas de granito da Núbia. As pedreiras de Sinim em Aswan são famosas por seu granito vermelho extremamente duro e durável. O ouro era relativamente abundante nas montanhas da Núbia, e veios de quartzo aurífero foram encontrados nas montanhas a leste do Nilo. Os egípcios controlavam as minas de cobre e turquesa do Sinai durante muitos de seus importantes períodos históricos. Na antiguidade, alguma madeira estava disponível na Núbia para a construção das barcas que transportavam as enormes cargas de pedra para a construção de pirâmides, templos e outras estruturas magníficas.

O próprio Nilo era uma estrada para todas as estações. Podia-se flutuar para o norte com a correnteza e velejar para o sul contra a fraca correnteza (3 milhas, ou 5 quilômetros, por hora) utilizando os ventos predominantes do norte. Na verdade, o Nilo era a estrada do antigo Egito. As rotas terrestres normalmente conduziam o tráfego apenas até a margem do rio. Além do enorme comércio norte-sul, balsas regularmente se moviam de uma margem para a outra.

Ao longo do rio, cresciam juncos de papiro, dos quais se podia fazer material de escrita. E ao longo do Nilo, argila era depositada, com a qual se podia fazer cerâmica e tijolos secos ao sol para as casas dos pobres.

Os antigos egípcios viviam em relativo isolamento e paz em seu lar no vale. As cataratas ao sul, os desertos a leste e oeste, e a costa sem portos do Mediterrâneo os protegiam de invasões, permitindo-lhes desenvolver uma cultura homogênea. Influências externas podiam infiltrar-se principalmente nos dois cantos norte do delta. Houve incursões semíticas do leste e líbios (possivelmente de origem europeia) do oeste. Defesas foram erguidas para proteger contra ambos. A segurança de seu lar no vale e a provisão regular do sol e do Nilo deram aos egípcios uma sensação de confiança e bem-estar que não era comum a outros povos do antigo Oriente Próximo.

Histórico

É incorreto considerar os governantes contemporâneos do Egito como descendentes dos faraós ou os atuais habitantes da região como egípcios em qualquer sentido que não seja geográfico. O Egito, como uma área de civilização distinta, terminou com a conquista árabe no sétimo século d.C. e foi significativamente diluído durante os vários séculos anteriores por influências greco-romanas.

Origem

Embora as origens dos antigos egípcios não sejam completamente compreendidas, fisicamente eles mostram afinidades com hamitas, semitas e mediterrâneos. Hamitas com características negroides moveram-se para o norte a partir da Núbia. Asiáticos migraram através do istmo de Suez para o delta, e o pequeno povo mediterrâneo, de pele marrom e ossos finos, dominou o Vale do Nilo desde os tempos antigos. Por mais diversas que suas origens possam ter sido, os egípcios do período antigo tinham consciência de si mesmos como uma nação, um povo distinto. Os homens tinham cerca de um metro e setenta de altura e as mulheres cerca de um metro e cinquenta. Eles eram esguios, mas de ossos fortes, com cabeças redondas e rostos ovais. Os homens tinham pouco cabelo no rosto ou no corpo e, ao longo da antiguidade, eram comumente bem barbeados, enquanto os semitas eram barbudos.

Arqueólogos identificam uma série de culturas predinásticas sucessivas—Fayumic, Meridiana,

Tasiana, Badariana, Amratiana, Gerzeana e Semaineana—que dominaram técnicas básicas e aprenderam a construir uma civilização com recursos mínimos. Naturalmente, eles desenvolveram um sistema de irrigação para manter um programa agrícola eficaz. Muito cedo, descobriram como transformar linho em tecido e, assim, produzir roupas. Barcos eram feitos de juncos de papiro e árvores que cresciam ao longo de alguns leitos de rios no sul. Tijolos secos ao sol forneciam material de construção, e argila estava disponível para cerâmica. Esta última era feita à mão; a roda de oleiro só apareceu em tempos dinásticos.

A escrita surgiu no Egito por volta do final do período pré-dinástico. Seus hieróglifos, ou sinais sagrados, eram chamados de "as palavras de Deus" e acreditava-se que tinham origem divina. Por volta de 2700 a.C., eles aprenderam a fazer "papel" entrelaçando tiras cortadas do miolo da planta de papiro e formando-as em folhas. Aproximadamente na mesma época, desenvolveram técnicas para cortar pedra da pedreira. Comumente, cortavam um sulco ao longo de uma linha onde um bloco seria separado. Lá, inseriam cunhas de madeira seca e as molhavam para que a madeira inchasse e separasse o bloco. Às vezes, acendiam uma fogueira ao longo do sulco para aquecer a pedra e depois despejavam água sobre ela para separá-la da rocha principal.

Unificação do Egito

No período pouco antes de cerca de 3100 a.C., o Egito consistia em dois reinos separados: Baixo Egito e Alto Egito. Então, o rei do Alto Egito conquistou o Baixo Egito e unificou as duas terras sob seu único governo. No entanto, a divisão nunca foi completamente esquecida, e o Egito foi referido como as "Duas Terras" ao longo de sua história. Os faraós usavam uma coroa dupla, uma combinação da coroa vermelha do Baixo Egito e da coroa branca do Alto Egito. O palácio do rei era chamado de "palácio duplo", e até mesmo o celeiro real era duplo. Os hebreus reconheceram essa dualidade, pois ao longo do Antigo Testamento chamaram o Egito de Mitzrayim — uma palavra com um final dual.

O faraó creditado nas fontes antigas com a unificação do Egito era às vezes chamado de Narmer e outras vezes de Menes; presumivelmente, esses eram nomes diferentes para a mesma pessoa. Narmer-Menes iniciou a primeira dinastia do Egito unificado. Embora os

antigos egípcios não contassem em dinastias, historiadores modernos seguem a prática de Manetão, um sacerdote egípcio de meados do terceiro século a.C., que compilou uma lista de reis até o período persa e a dividiu em 30 dinastias; mais tarde, outros adicionaram uma 31ª dinastia. Os antigos também não usavam termos como "Antigo Reino" e "Reino Médio", mas os estudiosos modernos os consideram uma maneira conveniente de organizar a história egípcia.

Período dinástico inicial (3100–2700 a.C.)

Os reis das duas primeiras dinastias governaram em This, ou Thinis, cerca de 300 milhas (482,7 quilômetros) ao sul do Cairo, mas construíram Mênfis como outro centro administrativo. Eles consolidaram seu domínio sobre a terra e desenvolveram a teoria de que o rei era divino. Os contatos com o mundo exterior eram consideráveis, e há muitas indicações no Egito de influências da Mesopotâmia nesse período.

Antigo reino (2700–2200 a.C.; Dinastias 3–6)

O Antigo Reino é especialmente lembrado por suas obras de construção. As pirâmides foram erguidas naquela época. A capital estava localizada em Mênfis (bíblico Noph), a sudoeste do Cairo moderno. Os contatos com a Fenícia eram numerosos, e alguns acreditam que os egípcios estavam tão fortemente envolvidos lá e em outros lugares que é apropriado falar do "Antigo Império". Padrões artísticos estavam sendo desenvolvidos, e os inícios literários e médicos foram significativos. O Egito era uma monarquia absoluta. O rei divino era servido por um exército de oficiais; toda a população poderia ser recrutada durante sua vida para preparar seu túmulo.

O primeiro rei da terceira dinastia foi Djoser, que construiu a pirâmide de degraus em Saqqara. A estrutura de pedra mais antiga do mundo consiste em seis camadas, ou degraus, elevando-se a uma altura de 204 pés (62,2 metros). O arquiteto foi Imhotep, seu vizir ou primeiro-ministro, que mais tarde foi deificado e creditado com os primórdios da arquitetura, literatura e medicina, sendo identificado pelos gregos com o deus da medicina, Asclépio.

Os faraós da quarta dinastia foram os grandes construtores de pirâmides. Eles foram responsáveis por erguer as três Grandes Pirâmides em Gizé entre cerca de 2600 e 2500 a.C. A maior delas, atribuída a Khufu, cobre 13 acres, originalmente se elevava a uma altura de 481 pés

(146,6 metros) e contém cerca de 2,3 milhões de blocos de calcário com uma média de duas toneladas e meia cada. A segunda pirâmide tem 447½ pés (136,4 metros) de altura e é acompanhada pela esfinge, um leão deitado com o rosto do rei. A terceira pirâmide tem 204 pés (62,2 metros) de altura. Essas pirâmides não são exemplos isolados. Várias outras pequenas pirâmides foram construídas em Gizé, e havia nove campos de pirâmides ao todo, espalhados ao longo da margem oeste do Nilo ao sul de Mênfis. Durante as quinta e sexta dinastias, surgiram os textos das pirâmides, inscrições esculpidas e pintadas, feitiços mágicos e hinos que supostamente ajudavam os falecidos na vida após a morte.

Os padrões artísticos do Egito foram estabelecidos durante o Antigo reino. O rei e os deuses eram retratados de forma estilizada. A arte tendia a ser conceitual em vez de perceptiva; ou seja, em vez de reproduzir o que via, o artista pintava o que sabia estar ali. E.g., um cardume de peixes tornava-se peixes individuais pintados inteiros em vez de serem representados naturalmente com um peixe obscurecendo parte do peixe ao lado. De maneira semelhante, as alforjes em um burro eram mostrados com o que estava voltado para o espectador reproduzido de forma natural; o outro, conhecido por estar atrás das costas do burro, era virado para cima no ar acima das costas do burro.

A importância de um indivíduo determinava seu tamanho em uma representação pictórica. Em uma cena de batalha, o Faraó seria a maior figura, seguido por seus oficiais comandantes em tamanho, os soldados comuns seriam menores, e as tropas inimigas seriam as menores de todas.

A arte egípcia tinha a intenção de contar uma história: grande parte dela era mais parecida com um filme do que com uma fotografia. Uma cena de produção de vinho poderia incluir a colheita das uvas, a extração do suco (normalmente feita pisando com os pés descalços) e o armazenamento do suco em jarros.

Evidentemente, o conhecimento médico egípcio também estava se desenvolvendo durante o Antigo Reino. Embora as principais fontes de conhecimento da medicina egípcia sejam os grandes papiros do Médio Reino, há indicações de que as alegações de conhecimento médico têm uma origem muito mais antiga. Numerosas expressões arcaicas aparecem nos textos. Talvez os egípcios soubessem algo sobre a circulação do sangue; eles falavam sobre sentir a “voz do coração”. A prática médica egípcia combinava uma variedade de

remédios caseiros, encantamentos e conhecimento científico. O Papiro Cirúrgico Edwin Smith é um estudo notável que trata especialmente do tratamento de ossos quebrados.

Durante a sexta dinastia, o Antigo Reino começou a se desintegrar devido a governantes fracos, nobres agressivos, dificuldades fiscais, incursões núbias no sul e ataques asiáticos no nordeste.

Primeiro período intermediário (2200–2050 a.C.; Dinastias 7–11)

Durante o Antigo Reino, havia estabilidade política e prosperidade. A inundação do Nilo ocorria de forma previsível e não devastadora. Havia comida suficiente para todos. Se alguém se comportasse bem, trabalhasse arduamente e estudasse diligentemente na escola, poderia contar com promoções adequadas e sucesso geral na vida. As instituições sociais, políticas, econ micas e religiosas familiares permaneciam constantes e podiam ser confiáveis para manter seu papel regular no ritmo da vida. Agora, a velha aristocracia havia caído. O governo central havia se desintegrado; nobres governavam muitos distritos e assumiam o título de reis. J  não era verdade que, se alguém fizesse certas coisas, poderia contar com o sucesso. O colapso de toda a filosofia de vida do Antigo Reino trouxe um transtorno espiritual e gerou tentativas de reavaliação da vida. Parte da literatura da época defende a abordagem hedonista de afogar os problemas no prazer, enquanto outros recomendavam uma abordagem estoica — para se fortalecer contra as dificuldades da vida.

Médio Reino (2050–1780 a.C.; 12  Dinastia)

No final da 11  dinastia, príncipes de Tebas (a 440 milhas, ou 708 quilômetros, ao sul de Mênfis) lutaram para restaurar a ordem e o controle real, sendo parcialmente bem-sucedidos. O Reino Médio foi o período da 12  dinastia, composta por tebanos nativos que estabeleceram sua capital em Lisht, no Fayum. Os seis governantes dessa dinastia adotaram os nomes de Amenemhet e Sesóstris. Cada um deles governou por cerca de 30 anos, e a maioria colocou seus filhos no trono como co-regentes antes de falecer, eliminando o risco de um usurpador. Como esses reis não ousaram privar os nobres de seu poder amplamente independente, uma condição feudal prevaleceu durante grande parte do período.

Incapazes de atuar como reis absolutos, esses faraós precisavam governar por meio da persuasão e do desenvolvimento da boa vontade. Sua

interpretação de ma'at (justiça social) era constantemente enfatizada, e se uma pessoa não pudesse obter ma'at nas mãos dos nobres, ela era prometida nas mãos do rei. Seu programa de propaganda também retratava o faraó como alguém preocupado com a liderança responsável, em vez de apenas exercer autoridade. O faraó era o pastor de seu povo.

Os faraós do Médio Reino foram sábios o suficiente para não esgotar a Tesouraria em grandes pirâmides; em vez disso, empreenderam obras públicas, como um esforço maciço para aumentar a área cultivável no Fayum, a construção de um muro defensivo através do istmo de Suez e o trabalho sistemático nas minas de cobre do Sinai. O comércio era extenso com Creta, Líbano, Síria e Punt.

O Médio Reino foi uma época em que Amon começou a emergir como o Grande deus do Egito. Ele foi incorporado ao deus do sol Re como Amon-Re e veio a suplantá-los deuses que anteriormente representavam Tebas. Como deus da nação, ele se tornaria o Grande deus imperial sob o império e, assim, assumiria uma qualidade universal. Textos religiosos, que haviam adornado as paredes das pirâmides durante o Antigo Reino, agora eram inscritos em caixões e seu uso estava disponível tanto para nobres quanto para reis.

Um florescimento literário ocorreu durante o Médio Reino. A literatura científica é representada por obras notáveis como o Papiro Matemático de Rhind e os papiros Cirúrgico de Smith e Médico de Ebers. As "Instruções de Merikare" retratam parte da literatura de sabedoria do período, e o "Conto de Sinuhe" introduz o gênero da literatura de entretenimento.

Se alguém adota a data inicial do êxodo (1446 a.C.) e adiciona 430 anos para o período de permanência israelita no Egito ([Êx 12.40](#)), concluirá que os israelitas entraram no Egito por volta de 1876 a.C. Isso seria no início do reinado de Sesóstris III (ou Senwosret, ou Sen-User; 1878–1840 a.C.). Sesóstris foi um rei vigoroso que estendeu o controle egípcio ao sul até a Segunda Catarata e fez campanhas até a Síria. Ele também conseguiu reverter as condições feudais do período anterior; ele retirou o poder dos nobres e nomeou oficiais reais em seu lugar. Possivelmente, essa conquista estava de alguma forma relacionada à fome nos dias de José e ao uso que José fez dessa fome para consolidar o controle real sobre toda a população da terra ([Gn 47.13–26](#)).

Segundo período intermediário (1780–1570 a.C.; Dinastias 13–17)

Com o fim da poderosa 12ª dinastia, o Egito voltou a entrar em um período de desintegração. Os hicsos ("governantes de terras estrangeiras"), semitas da Síria e Palestina, gradualmente se infiltraram na região do delta e assumiram o controle por volta de 1730 a.C., mantendo sua capital em Tânis, ou Avaris, no delta oriental. Enquanto isso, príncipes tebanos governavam de forma fraca no sul e eram frequentemente vassallos dos hicsos.

Aparentemente, devido ao ódio dos egípcios pelos hicsos e aos esforços rigorosos para apagar sua memória, os hicsos são um povo muito obscuro. Pouco resta para se basear uma reconstrução de sua história. Presume-se que eles foram responsáveis por introduzir novos tipos de espadas e adagas de bronze, o poderoso arco composto e, acima de tudo, o cavalo e a carruagem. Os egípcios adotaram esses elementos com grande sucesso e os usaram para derrubar o poder dos hicsos e, em seguida, construir um império na Palestina e na Síria. A luta dos príncipes de Tebas para se libertar do controle dos hicsos foi prolongada e aparentemente feroz em alguns momentos. O esforço começou no final do século 16 a.C. e foi concluído por Ahmose I (1570–1546 a.C.).

O período do império (1570–1090 a.C.; Dinastias 18–20)

Ahmose iniciou a 18ª dinastia e pode ser visto como o fundador do império, ou período do Novo Reino. Após derrotar os hicsos no Egito, ele continuou com campanhas bem-sucedidas contra a Núbia e Saruém, no sul da Palestina. Posteriormente, ele teve que subjugar nobres que conseguiram obter independência do governo central durante a era dos hicsos. Amenhotep I (1546–1525 a.C.) também foi obrigado a lutar contra os núbios no sul e os líbios no noroeste.

Ao morrer sem um filho para sucedê-lo, Amenhotep foi sucedido no trono por sua irmã Ahmose, que se casou com um Thutmose (Thutmose I, 1525–1508 a.C.), provavelmente um parente. Thutmose teve que reprimir os núbios rebeldes durante o primeiro ano de seu reinado e, em campanhas subsequentes, expandiu consideravelmente as posses núbias do Egito. Entre esses dois ataques aos núbios, ele lançou uma ofensiva na Síria; assim, pôde reivindicar um império que se estendia do Eufrates até a terceira catarata do Nilo. Moisés pode ter nascido no início de seu reinado. Thutmose iniciou a prática de

esculpir túmulos reais no Vale dos Reis a oeste de Tebas.

Evidentemente, a única filha sobrevivente da união de Tutemés e Ahmose foi Hatshepsut, que se casou com Tutemés II (1508–1504 a.C.), um filho de Tutemés I com uma princesa secundária. Tutemés II teve que reprimir os núbios rebeldes, mas pouco mais se sabe sobre seu reinado. Como seu casamento com Hatshepsut produziu duas filhas, mas nenhum filho, ele decidiu casar sua filha Marytre com um filho de uma esposa secundária (Tutemés III, 1504–1450 a.C.).

Hatshepsut continuou a governar durante a menoridade de Tutemés III e se recusou a ceder o poder quando ele atingiu a maioridade. Ela dominou o Egito de 1504 a 1482 a.C. Durante seu reinado, o Egito desfrutou de prosperidade econômica. Suas atividades de construção foram consideráveis; entre suas realizações estava a ereção de dois grandes obeliscos no templo de Karnak em Luxor. O único eixo restante tem 29,7 metros de altura e pesa cerca de 317.800 quilogramas. Ela também conduziu expedições comerciais à terra de Punt. Hatshepsut é às vezes identificada como a filha do Faraó que resgatou Moisés do Nilo ([Êx 2.5](#)).

Finalmente, em 1482 a.C., Hatshepsut encontrou um fim prematuro, provavelmente pelas mãos de Tutemés III, quando ele rompeu seus laços e assumiu o governo do reino. Em 75 dias, ele reuniu um exército e o liderou para o norte, em direção à Palestina-Síria, para subjugar príncipes rebeldes lá. Uma grande vitória inicial em Megido e o saque da cidade após um cerco de sete meses intimidaram os palestinos do norte, mas não quebraram sua vontade de resistir. Tutemés se viu em campanha na Palestina ou na Núbia quase anualmente pelas duas décadas seguintes.

O que começou como um impulso egípcio para punir os hicsos transformou-se em um espírito de imperialismo, que desfrutava de uma sensação de poder na vitória. À medida que as fronteiras se expandiam, quase sempre havia um perigo a ser enfrentado em algum lugar durante as gerações subsequentes; alguns deles eram reais e outros distantes. Assim, a sensação de segurança que os egípcios haviam desfrutado durante séculos anteriores, quando estavam confinados em seu vale natal, deu lugar a um sentimento de insegurança. E enquanto o deus Amon-Rá sorria para os esforços militares egípcios, ele era recompensado com grandes quantidades de espólios e belos presentes. Com o tempo, os

templos ganharam tanta riqueza e poder que passaram a exercer grande influência nos círculos políticos e econômicos. Especialmente grande era o poder do sacerdócio de Amon no templo de Karnak.

Thutmose III foi um dos maiores faraós do antigo Egito. Um conquistador e construtor de impérios, ele é frequentemente chamado de Napoleão do antigo Egito. Dificilmente havia uma cidade de qualquer tamanho no reino onde ele não se envolvesse em atividades de construção. Com ele começou um esforço para glorificar o Faraó como esportista, atleta e guerreiro, que duraria várias gerações; ele tinha os poderes de um deus na condução dos assuntos dos homens. Se aceitarmos a datação inicial do Êxodo, Thutmose III é frequentemente considerado o Faraó da Grande opressão dos hebreus.

Thutmose foi sucedido por seu filho Amenhotep II (1452–1425 a.C.), que pode ter sido o Faraó do êxodo. Servindo brevemente como co-regente com seu pai, ele teve uma transição tranquila para o governo único sobre o império. Embora tenha sido forçado a conduzir duas campanhas na Síria e na Palestina para subjugar cidades rebeldes, ele parece ter desfrutado de um reinado geralmente pacífico. Assim como seu pai, ele procurou ser conhecido por sua destreza como esportista e sua crueldade como guerreiro.

Após o pouco conhecido reinado de Tutemés IV (1425–1412 a.C.), Amenófis III (1412–1375 a.C.) ascendeu ao trono do Egito. Frequentemente chamado de “o magnífico”, ele se deleitava com a riqueza que fluía do império. Certa vez, no breve período de apenas 14 dias, ele escavou para sua esposa um lago de 6.400 pés (1.950,6 metros) de comprimento e 1.200 pés (365,7 metros) de largura. Aqui, na margem oeste do Nilo em Tebas, uma barca real podia flutuar enquanto músicos a bordo proporcionavam entretenimento para o rei e a rainha. Amenófis construiu vários templos, incluindo um templo mortuário em Tebas, ao qual estavam anexados os famosos colossos de Mênnon, estátuas sentadas do rei com cerca de 70 pés (21,3 metros) de altura. Embora os artistas o representassem fielmente como um grande conquistador nas paredes dos templos, ele parece ter sufocado apenas uma revolta na Núbia e provavelmente nunca pisou na Palestina ou na Síria.

Assim como Amenhotep III não se esforçou para manter o império, seu filho Amenhotep IV (1387–1366 a.C.) também não o fez. Devido a problemas de saúde, Amenhotep III tornou seu filho

corregente em 1387 a.C., mas o filho deu pouca atenção aos assuntos de estado. Com uma inclinação mística, ele se dedicou ao estabelecimento do culto ao deus sol Aton em uma nova capital chamada Amarna. A adoração a Aton era quase monoteísta (o rei sendo adorado junto com o deus) e, assim, constituiu uma verdadeira revolução religiosa, mas teve poucos adeptos fora da corte. Mudanças religiosas, mudanças políticas relacionadas à mudança da capital e mudanças artísticas foram três dos principais elementos da chamada “Revolução de Amarna”. O naturalismo solto na arte, quase beirando a caricatura, não era novo, pois já havia sido aceito desde o reinado de Tutmés IV. Amenhotep IV adotou o nome Akhnaton (“espírito de Aton”).

Akhnaton não deu atenção a numerosos apelos (as cartas de Amarna) de príncipes reais da Palestina e Síria por ajuda para repelir invasores, e o império se desintegrou. A aceitação da data inicial do Êxodo colocaria a conquista hebraica e o subsequente processo de assentamento durante os reinados de Amenhotep III e IV, precisamente quando o poder egípcio sobre a Palestina desapareceu. No entanto, os Habiru, que alguns desses apelos nomeiam como atacantes, não devem ser identificados como hebreus. Muito do que é dito sobre eles não poderia ser verdade sobre os hebreus.

Quando Amenhotep IV morreu, Tutancâmon (1366–1357 a.C.) subiu ao trono. Um jovem de oito ou nove anos, ele foi associado a Eye, um favorito de Akhenaton, como co-regente. Quando Tutancâmon morreu nove anos depois, Eye continuou a governar até 1353 a.C. Devido à descoberta de seu túmulo magnificamente mobiliado e não saqueado em 1922, Tutancâmon recebeu atenção desproporcional à sua importância na antiguidade. Os milhares de objetos de seu túmulo ilustram a riqueza, a grandeza e as realizações artísticas do antigo Egito e ajudam a demonstrar o que significava para Moisés virar as costas para as riquezas do Egito ([Hb 11.26](#)).

Quando Eye morreu, Harmhab, comandante-chefe do exército, assumiu o trono (1353–1319 a.C.). Ele reorganizou o estado e restabeleceu um governo forte. Sem filhos, Harmhab designou Ramsés I, comandante do exército e vizir, ou primeiro-ministro, como seu sucessor. Ramsés (1319–1318 a.C.) e Seti I (1318–1299 a.C.) fizeram tentativas valentes para restaurar o império asiático perdido por Akhnaton. Em conexão com seus esforços, a capital foi movida para Tânis no delta, de onde

campanhas militares poderiam ser lançadas de forma mais eficaz.

Ramsés II (1299–1232 a.C.) continuou os esforços para restaurar o controle egípcio na Palestina. No quinto ano de seu reinado, ele enfrentou os hititas na batalha de Kadesh no Orontes, na Síria, e quase viu suas forças serem destruídas. Subsequentemente, ele travou batalhas desde o sul da Palestina até o norte da Síria. Se os hebreus estavam na terra naquela época, como uma data inicial do Êxodo sugere, provavelmente nunca fizeram contato com os egípcios porque eram pastores e viticultores nas colinas da Palestina, enquanto Ramsés se movia ao longo da estrada costeira. Finalmente, em seu 21º ano de reinado, Ramsés fez um tratado de paz com os hititas e o manteve até o fim de sua vida. Ele construiu extensivamente por todo o Egito, notavelmente em sua capital, Tânis, em Tebas, em Abu Simbel (ao sul de Assuã) e em Mênfis. Muitos dos que aceitam uma data posterior para o Êxodo acreditam que ele foi o Faraó do êxodo.

O 13º filho de Ramsés, Merneptá (1232–1222 a.C.), foi o único rei egípcio que afirmou ter derrotado os hebreus em batalha. No entanto, alguns estudiosos argumentam que ele nunca invadiu a Ásia e que essa declaração deve ser interpretada como uma reivindicação habitual de vitória sobre os oponentes do rei em terras vizinhas, independentemente de ele ter ou não os enfrentado em batalha.

Ramsés III (1198–1164 a.C.) também enfrentou uma invasão líbia no delta durante o 5º e 11º anos de seu reinado, e no oitavo ano ele repeliu uma invasão dos Povos do Mar, entre os quais estavam os filisteus. Ele foi o último governante do período do império a manter postos avançados na Palestina e na Síria. Nos seus últimos anos, a economia egípcia deteriorou-se, e a inflação, juntamente com o colapso da capacidade do governo de pagar os salários públicos, trouxe grande sofrimento. Marchas de fome ocorreram.

Durante os reinados de Ramsés IV a XI (1167–1085 a.C.), houve um declínio constante do estado. A corrupção e a inflação aumentaram. Durante o reinado de Ramsés IX (1138–1119 a.C.), tropas mercenárias não pagas parecem ter vagado como saqueadores no delta, e o roubo de tumbas atingiu proporções epidêmicas. Finalmente, Herihor, vice-rei da Núbia e comandante das forças militares no sul, tomou o controle do Alto Egito e se proclamou sumo sacerdote de Amon em Tebas. O império havia chegado ao fim.

O período pós-império

No período pós-império, o Egito ficou sob o domínio de reis líbios (945–712 a.C.) e reis etíopes (712–670 a.C.). Após um breve período de dominação assíria (670–663 a.C.), uma dinastia nativa se estabeleceu (663–525 a.C.). Em seguida, os persas conquistaram e mantiveram a terra até que Alexandre, o Grande, passou por lá em 331. Depois disso, os Ptolomeus governaram o Egito até a morte de Cleópatra em 30 a.C. Nesse ponto, os romanos assumiram o controle. Eles controlavam a terra quando Maria e José fugiram para lá após o nascimento de Jesus. Durante o período greco-romano, a cultura helenística dominou o Egito.

Durante o período pós-império inicial, quando a cultura egípcia ainda era dominante, vários reis se destacaram na história bíblica. No quinto ano de Roboão, rei de Judá (provavelmente 926 a.C.), Sisaque I do Egito invadiu Judá e causou grande devastação lá ([1Rs 14.25-26](#)). Ele até marchou para o território de Israel, como mostram descobertas arqueológicas. Por volta de 700 a.C., nos dias do Rei Ezequias e do profeta Isaías, Tiraca da Etiópia liderou um exército na Palestina para ajudar os judeus contra os assírios invasores ([2Rs 19.9](#)). Perto do final do sétimo século a.C., o Faraó Neco liderou um exército através de Judá para ajudar a enfraquecida Assíria. Quando o Rei Josias tentou detê-lo, o monarca hebreu perdeu a vida ([2Rs 23.28-30](#)). Durante os últimos dias do reino de Judá, enquanto Nabucodonosor sitiava Jerusalém (588–586 a.C.), o Faraó Hofra invadiu a Palestina em um esforço inútil para ajudar os hebreus e derrotar os babilônios. Jeremias previu a destruição dos egípcios ([Jeremias 44.30](#)).

Vida social

Classes sociais

Em teoria e na prática, o rei possuía todas as terras do Egito. Ele era considerado divino, e os deuses haviam lhe atribuído as escrituras de todas as terras. Claro, ele fazia doações—para os deuses, para o sustento dos templos, para seus apoiadores mais leais e para a manutenção de seu próprio culto de adoração após sua morte. Assim, grandes partes do reino escaparam de suas mãos, mas muito permaneceu como posse da coroa. Embora no início do Médio Reino os nobres possuíssem grandes extensões de terra, o rei conseguiu reduzir seu poder e recuperar uma quantidade considerável de terras. Durante o Império, o rei fez grandes doações aos templos, especialmente ao

templo de Amon em Tebas. Essa generosidade aumentou o poder do sacerdócio às custas da coroa.

À medida que quantidades crescentes de terra saíam do controle da coroa e a vida social e econômica se tornava mais complexa, desenvolveu-se uma estrutura de classes complicada. A principal divisão na sociedade egípcia era entre a elite educada e as massas não educadas, mas essa observação é muito simplista. No topo estavam a família real e os grandes nobres. Abaixo deles, havia um grupo de nobres menores e oficiais. Mais abaixo, existia uma classe de artesãos que servia ambas as classes superiores. Então, pelo menos durante o Império, havia agricultores que possuíam pequenos lotes que eles mesmos cultivavam. Na base da estrutura social estavam os servos livres e os escravos. A escravidão tornou-se comum apenas sob o Império, quando os escravos eram obtidos como prisioneiros de guerra, principalmente na Palestina e Síria ao norte e Núbia ao sul. Alguns escravos encontraram seu caminho para o serviço doméstico nos palácios e nas grandes propriedades, mas a maioria trabalhava na terra e alguns serviam nas minas. A escravidão nunca foi tão importante no Egito quanto em outros países do Oriente Próximo.

Vida em família

Os egípcios aparentemente se casavam na adolescência. As crianças eram desmamadas aos três anos. Os meninos eram circuncidados entre 6 e 12 anos. Embora a educação fosse destinada aos meninos das classes altas, as meninas—especialmente das famílias reais—frequentemente recebiam alguma educação formal. As mulheres egípcias evidentemente desfrutavam de muito mais liberdade e prestígio do que as mulheres de outros países do Oriente Próximo. Elas circulavam com bastante liberdade; acompanhavam seus maridos na condução de negócios e até em eventos sociais. A família podia até acompanhar o marido e pai em um passeio quando ele ia pescar ou caçar, embora não participassem da ação. Os egípcios normalmente não eram monogâmicos, e o tamanho do harém era ditado por considerações econômicas. Mas o status da esposa principal era protegido, e seu primeiro filho era o herdeiro do marido. As profissões abertas às mulheres incluíam o sacerdócio, a obstetrícia, o luto, a dança e talvez a atividade de escriba (havia uma palavra feminina para escriba).

Os móveis eram escassos em uma casa egípcia. Camas, cadeiras, bancos, escabelos e suportes para jarros de água parecem ter sido os principais itens. Mesas de jantar não eram usadas; havia suportes nos quais bandejas de comida podiam ser colocadas. Os pobres simplesmente se sentavam no chão, dormiam em esteiras no chão e espalhavam suas refeições no chão.

As casas eram normalmente construídas de tijolos de barro. As dos ricos estavam situadas em meio a jardins e frequentemente tinham piscinas decorativas. Os cômodos podiam ser pintados por dentro e até decorados com afrescos. Os telhados eram planos e forneciam um segundo espaço nos meses mais quentes. As casas às vezes tinham um segundo andar. Embora restos de duas ou três aldeias de trabalhadores em projetos governamentais tenham sido encontrados, praticamente nada se sabe sobre o layout ou o tamanho das importantes cidades do antigo Egito.

Roupa

As mulheres usavam longas vestes de linho que se estendiam das axilas até os tornozelos e eram sustentadas por alças sobre os ombros. Durante o período do Império, a saia era mais cheia e plissada. Os homens usavam tangas presas com um cinto que se estendiam até o joelho. As classes altas frequentemente usavam-nas plissadas na frente. Durante o Médio Império e a parte final do Império, a tanga foi estendida até a metade da panturrilha, e os homens às vezes também usavam uma túnica de mangas curtas. Como resultado da influência asiática, os egípcios das classes altas frequentemente usavam roupas coloridas durante o Império, em vez do branco predominante de outros períodos.

Os homens eram barbeados, mas o rei e alguns altos funcionários usavam barbas postiças para fins cerimoniais. Tanto homens quanto mulheres usavam perucas, e ambos aplicavam pintura nos olhos para fins medicinais e decorativos. As mulheres usavam batom e aplicavam henna nas unhas, nas palmas das mãos e nas solas dos pés. Homens e mulheres das classes altas usavam uma variedade de joias. Pessoas de todas as classes aplicavam óleos e gorduras na pele para se protegerem do clima quente e seco. O uso de perfume também era universal.

Entretenimento

No antigo Egito, não havia jogos organizados. Os esportistas saíam sozinhos ou com suas famílias.

Eles podiam caçar no deserto com arcos, flechas e cães, pescar, tentar derrubar pássaros com um bumerangue em um pântano ou conduzir uma carruagem. Meninos e jovens, especialmente entre os camponeses, gostavam de lutar. Os soldados participavam de danças de guerra, que eram uma forma de exercício físico. Um jogo semelhante às damas era o principal passatempo interno de homens e mulheres.

Lei e punição

O rei era visto como a fonte de toda a lei, e aparentemente não havia um código escrito ao qual todos pudessem recorrer. Os tribunais seguiam precedentes estabelecidos em casos passados, e periodicamente o rei modificava o sistema legal por meio de novos decretos. O procedimento nos tribunais envolvia a administração de um juramento para dizer a verdade, discursos do acusador e do acusado, julgamento do tribunal e anotações por um registrador do tribunal. Em alguns casos, a tortura era usada para obter uma confissão.

Traição, assassinato e perjúrio estavam entre os crimes capitais. Este último era tão sério porque o juramento no tribunal era feito “pela vida do Faraó”; assim, jurar falsamente significava uma ofensa ao rei. Outros crimes graves eram puníveis com mutilação (corte do nariz ou orelhas) ou trabalho forçado nas minas e pedreiras (uma morte em vida). Uma pessoa condenada por roubo poderia ser sentenciada a devolver o dobro ou triplo do que havia tomado. A surra era a punição usual para delitos menores. Durante o Império, o Egito tinha uma espécie de força policial com um contingente em cada cidade.

Religião

Toda a vida egípcia estava ligada a considerações religiosas. Sendo o “presente do Nilo”, o Egito adorava o grande rio como Hapi. O sol, que dava vida a todas as coisas, era deificado sob nomes como Amon-Re e Aton. O rei era considerado descendente dos deuses e, de certa forma, era um deus encarnado. As 10 pragas nos dias de Moisés foram um ataque aos deuses dos egípcios. Transformar o Nilo em sangue, trazer intensa escuridão sobre a terra e ferir o primogênito do divino Faraó envolvia um descrédito aos deuses egípcios, assim como as outras pragas de várias maneiras.

A maior preocupação de todos os indivíduos era a imortalidade e a bênção dos deuses na próxima

vida. Os egípcios não eram mórbidos no sentido de estarem obcecados com a morte; eles buscavam projetar ou continuar o máximo possível dos aspectos agradáveis desta vida na vida futura.

Os antigos egípcios, ao contrário dos povos ocidentais modernos, não tinham o conceito de um mundo inanimado. Todos os fenômenos naturais eram personificados e agiam como seres amigáveis ou hostis sempre que afetavam a atividade humana. Os deuses eram vistos como patronos de várias atividades ou funções. Assim, Bes, um anão de pernas arqueadas, era o patrono da música e da concepção, e a deusa Taurt (uma combinação de hipopótamo, leoa e crocodilo) estava associada ao parto. Amuletos de ambos eram feitos em abundância, e esses dois parecem ter sido mais amplamente considerados entre as massas do que os deuses principais do Egito.

O mais importante de todos os deuses era Re, ou Rá, o deus do sol. O Faraó era seu filho físico e encarnação terrena. Quando ele morria, reunia-se com seu pai divino no céu. Re gerou o deus Shu, personificação do ar, e a deusa Tefnut, personificação da umidade. Estes deram à luz dois filhos, Geb, o deus da terra, e Nut, a deusa do céu. As lendas apresentam diferentes histórias de como a humanidade surgiu. Uma lenda diz que Re os gerou com suas lágrimas; outra diz que Khnum os formou em sua roda de oleiro. Durante o Império, o deus de Tebas, Amon, foi identificado com Re, e o deus do sol passou a ser conhecido como Amon-Re. A Grande tríade de Tebas era Amon, sua consorte Mut, e seu filho Khonsu (o deus da lua).

Rivalizando com Amon-Ré em importância estava Osíris, deus (rei) dos mortos. A lenda diz que o benevolente governante Osíris foi assassinado por seu irmão e trazido de volta à vida por sua esposa, Ísis, através de vários dispositivos mágicos; depois disso, ele governou no oeste como rei dos mortos abençoados. Eventualmente, a experiência de Osíris tornou-se a de todo ser humano. Através de fórmulas mágicas do tipo usado por Ísis, o indivíduo poderia chegar a Osíris e até mesmo, de certa forma, tornar-se Osíris. Além do conhecimento e da pronúncia de tais fórmulas, o indivíduo tinha que comparecer a um julgamento para a pesagem de seu coração na balança da retidão. Se declarado inocente de transgressões, ele tinha permissão para entrar no reino de Osíris e desfrutar de um além abençoado.

Algumas dessas noções sobre a passagem para a próxima vida começaram a aparecer nas paredes das tumbas das pirâmides no Antigo Reino ("textos

das pirâmides"). Durante o Médio Reino, foram registradas em caixões ("textos dos caixões"). Durante o Império, foram compiladas como o "Livro dos Mortos". Partes continuaram a ser inscritas nas paredes das tumbas do período do Império até cerca de 300 d.C.

Aprendizado e cultura

Linguagem e escrita

O egípcio antigo estava relacionado tanto com as línguas semíticas quanto com as línguas hamíticas. Por volta de 311 a.C., tanto os hieróglifos (caracteres pictóricos usados em inscrições e escrita mais formal) quanto o hierático (uma escrita mais cursiva) estavam em uso. Os hieróglifos podem representar uma letra, uma sílaba, um som, uma palavra ou uma ideia. François Champollion decifrou os hieróglifos em 1822, principalmente com a ajuda da Pedra de Roseta. Por volta de 700 a.C., surgiu uma escrita mais rápida chamada demótico, que continuou a ser usada até os primeiros tempos cristãos. Posteriormente, o copta, a língua egípcia antiga, passou a ser escrita em um alfabeto grego com algumas letras extras.

Educação

A educação egípcia, disponível quase exclusivamente para meninos da classe alta, foi projetada para fornecer pessoal treinado para o sacerdócio, cargos governamentais ou profissões. Poucos tinham a oportunidade de obter qualquer educação. Os meninos começavam seu treinamento em idade precoce, geralmente por volta dos quatro anos. As aulas começavam cedo pela manhã e normalmente terminavam por volta do meio-dia, para evitar o calor do dia. Leitura, escrita e aritmética eram o currículo padrão. Boa caligrafia e a capacidade de compor cartas eram essenciais para todos os líderes na sociedade. A eloquência também era valorizada. O aprendizado por imitação era alcançado através da cópia de amostras de caligrafia e cartas modelo. Pedacos de pedra e cacos de cerâmica forneciam tábuas de escrita baratas, com o papiro sendo reservado para rascunhos finais de composições importantes. O conhecimento de aritmética era especialmente importante para trabalhadores em escritórios governamentais onde os impostos eram coletados em espécie.

A forma mais elevada de educação era o treinamento sacerdotal, e um príncipe poderia se

matricular em uma escola para sacerdotes. No entanto, frequentemente ele era educado por tutores em aulas realizadas no palácio. Tais aulas eram normalmente destinadas a crianças do harém; princesas e crianças que não eram da realeza também poderiam frequentá-las.

Após a escola primária, um menino pode frequentar uma "Casa da Vida", uma espécie de academia ou faculdade sênior. Lá, pessoas notáveis podiam fazer exposições sobre uma variedade de assuntos (incluindo medicina). Presumivelmente semelhante à academia de Platão em Atenas, tais "Casas" não tinham um currículo prescrito ou exames regulares. Elas estavam equipadas com bibliotecas.

Ciência

Os antigos egípcios se destacaram em matemática aplicada, astronomia e medicina. A inundação anual do Nilo exigia um desenvolvimento precoce da capacidade de reavaliar rapidamente a terra após as águas recuarem. Habilidades de engenharia eram necessárias para produzir o sistema de irrigação do qual toda a vida egípcia dependia. Além disso, seus projetos de construção em massa necessitavam de conhecimento em matemática. Os egípcios podiam somar e subtrair, mas tinham procedimentos complicados para multiplicação e divisão. Eles podiam calcular a área de um quadrado, um triângulo, um retângulo e um círculo e realizar exercícios simples em geometria. Acredita-se que a experiência, em vez da capacidade de raciocínio matemático, foi responsável pela maioria de seus sucessos matemáticos. Eles entendiam que o calendário devia ter $365\frac{1}{4}$ dias e dividiam o ano em 12 meses e os meses em três semanas de 10 dias. Já em 2000 a.C., eles haviam inventado um relógio de água adequado.

Com sua prática elaborada de embalsamamento, esperava-se que seu conhecimento de anatomia fosse superior. Eles distinguiam entre lesões e doenças e realizavam algumas cirurgias incriveis. O tratamento era, no entanto, uma curiosa combinação de esforços científicos e supersticiosos. Os cientistas egípcios, com uma motivação prática em vez de teórica, acumularam uma vasta coleção de fatos sobre astronomia, química, geografia, medicina, cirurgia, matemática e história natural.

Arquitetura

À medida que os antigos egípcios construíam seus grandes templos, estavam mais preocupados com a estabilidade e qualidades duradouras. Eles foram feitos para durar para sempre. Assim, foram construídos de pedra (comumente calcário ou arenito) e cobertos com grandes lajes de pedra apoiadas em colunas maciças. Os capitéis geralmente eram desenhados com motivos de lótus, papiro ou folha de palmeira. Grandes estátuas de um rei eram colocadas dentro desses templos; como mera decoração arquitetônica, essas esculturas parecem rígidas e formais. A luz entrava no templo através de janelas nas laterais do salão central elevado; os corredores laterais eram mais baixos. Embora os telhados desses templos fossem planos, os egípcios sabiam como construir um arco redondo pelo menos desde 2700 a.C. O maior dos templos remanescentes é o templo de Karnak em Luxor. O salão hipostilo lá, construído por Ramsés II, possui uma floresta de 134 colunas de arenito, cuja avenida central tem 12 colunas que se elevam a uma altura de 70 pés (21,3 metros), as colunas mais altas do mundo antigo.

Os faraós do Antigo Reino construíram grandes pirâmides como locais de sepultamento ao longo da margem oeste do Nilo, ao sul de Mênfis. Os faraós do Médio Reino construíram pirâmides menores na área de Fayum. Durante o período do Império, eles esculpiram tumbas nas falésias a oeste de Tebas. Os faraós, como seres divinos, cobriram as paredes de suas tumbas em Tebas com cenas religiosas. Os nobres decoraram suas tumbas com cenas da vida cotidiana — uma vida que desejavam perpetuar além do túmulo.

As casas foram construídas com tijolos secos ao sol; algumas ainda permanecem em Amarna e em alguns acampamentos de trabalhadores abandonados.

Música

Tudo o que se sabe sobre a música egípcia deve ser extraído de instrumentos musicais encontrados em tumbas ou representações de instrumentos musicais pintados nas paredes das tumbas. Três instrumentos usados em cerimônias religiosas eram o sistro, o tamborim e as castanholas. O sistro era um aro de metal preso a um cabo. Buracos eram feitos nas laterais do aro para que três hastes de metal pudessem ser presas frouxamente nele. Quando o sistro era agitado, as hastes chocalhavam. Este é o instrumento referido em [2 Samuel 6.5](#). Miriã usou o pandeiro egípcio, ou

tamborim, na celebração após atravessar o Mar Vermelho ([Êx 15.20](#)).

Os instrumentos de cordas no antigo Egito incluíam a harpa, a lira, o alaúde e um tipo de guitarra. Os instrumentos de sopro incluíam a flauta simples e dupla, além da trombeta, que aparentemente era usada apenas para fins militares. Inicialmente, os instrumentos eram usados individualmente para acompanhar um cantor ou dançarino. Orquestras existiam durante o período do Império, quando Israel escapou da escravidão egípcia.

Veja também Êxodo, O; Faraó; Pragas no Egito.

Egito, Ribeiro do

Veja Ribeiro do Egito.

Eglá

Uma das esposas do Rei Davi e mãe de Itreão ([2Sm 3.5](#); [1Cr 3.3](#)). Itreão foi o sexto filho de Davi. Ele nasceu enquanto Davi ainda estava em Hebrom.

Eglaim

Cidade mencionada em [Isaías 15.8](#). Não pode ser localizada com certeza, mas provavelmente estava no sul de Moabe. Uma vila chamada Aigaleim foi mencionada por Eusébio e outra chamada Agalla por Josefo (*Antiguidades* 14.1.4). No entanto, a identificação delas com Eglaim é incerta.

Eglate-Selisia

Local em Moabe mencionado em [Isaías 15.5](#) e [Jeremias 48.34](#) em pronunciamentos de julgamento. O nome significa literalmente "a terceira Eglate". Algumas versões traduzem o nome como uma expressão que diz "novilha de três anos". Provavelmente estava perto de Zoar, na extremidade sul do Mar Morto, mas sua localização exata é incerta.

Eglom (Lugar)

Cidade situada a 11 quilômetros a sudoeste de Laquis, atribuída à tribo de Judá como herança ([Js](#)

[15.39](#)). É geralmente identificada com a moderna Tell el-Hesi.

Eglom (pessoa)

O rei moabita que capturou Jericó e a manteve por 18 anos, exigindo um tributo de Israel. Eúde, um juiz israelita que fingiu trazer tributo, matou Eglom ([Jz 3.12-30](#)). *Veja* Moabe, Moabitas.

Eí

Filho de Benjamim ([Gn 46.21](#)); talvez um erro de escrita para Airão. *Veja também* Airão, Airamita.

Ekrebel

Mencionado em [Judite 7.18](#) como um lugar "localizado perto de Chusi nas proximidades do riacho Mochmur". É possivelmente a moderna Akrabeh, que fica cerca de 40 quilômetros ao norte de Jerusalém, perto da cidade de Siquém.

El

Nome semítico antigo para divindade, possivelmente significando "poder" (cp. [Gn 17.1](#)). Um termo usado pelos hebreus geralmente em um sentido poético para se referir ao verdadeiro Deus de Israel. A mesma palavra era usada para o deus cananeu sênior e o deus na mitologia ugarítica, [ligado à antiga cidade de Ugarit]. O "Il" ou "El" da mitologia cananeia antiga (antes de 3500 a.C. na região da Síria) não era tão ativo quanto o deus Baal. Baal lutou com a Morte e triunfou sobre o Caos. [Morte e Caos frequentemente representam forças cósmicas poderosas na mitologia].

Mas Il era o deus pai do panteão dos cananeus, [o grupo coletivo de deuses adorados pelos cananeus]. Alguns estudiosos do Antigo Testamento sugeriram que os hebreus adotaram os deuses do clã dos cananeus, incluindo Il. No entanto, a literatura fenícia e ugarítica usa Il na forma feminina para os nomes das deusas. O hebraico evita esse uso.

El é combinado com outros adjetivos para descrever os numerosos atributos de Deus; por exemplo, Deus Altíssimo ([Gn 14.18-24](#)), o Deus que vê ([16.13](#)), o Deus zeloso ([Êx 20.5](#)), o Deus

perdoador ([Ne 9.17](#)), e o Deus gracioso (versículo [31](#)).

Veja também Deidades e religião cananeia; Deus, Nomes de.

El Shaddai

Termo hebraico para “Deus Todo-poderoso” ([Sl 68.14](#)). *Veja* Deus, Nomes de.

El-Berite

Deus local adorado em Siquém ([Jz 9.46](#)). Ele é geralmente identificado com o deus Baal-Berite ([8.33](#); [9.4](#)). Algumas Bíblias traduzem algumas dessas ocorrências como Baal-Berite.

El-Betel

Nome que Jacó deu ao lugar em Luz (Betel), onde ele construiu um altar após retornar de Harã com sua família ([Gn 35.7](#)). *Veja também* Betel (lugar), Betelita.

El-Elohe-Israel

Nome de um altar construído por Jacó na terra que ele comprou dos filhos de Hamor, perto de Siquém ([Gn 33.20](#)). Jacó usou o nome da divindade cananeia, El, como uma designação para o Deus de Israel.

Alguns estudiosos, considerando este um nome estranho para um altar, sugerem que a combinação de nomes reflete emendas posteriores feitas por escribas nos textos das escrituras. Eles argumentam que a Septuaginta corrige a dificuldade ao afirmar que Jacó havia invocado “o” Deus de Israel. Outros especulam que Jacó construiu uma coluna, não um altar (cf. [Gn 35.14.20](#)).

Veja também Deus, Nomes de Deus.

El-Elyon

Hebraico para “Deus Altíssimo” ([Gn 14.18](#)). *Veja* Deus, Nomes de.

El-Parã

Localizado na borda da região selvagem de Parã, provavelmente na ponta sul das montanhas de Seir na Península do Sinai, na atual Arábia. Foi o ponto mais ao sul até onde o rei Quedorlaomer e seus aliados levaram sua incursão punitiva contra os reis rebeldes de Sodoma e Gomorra ([Gn 14.5-6](#)). *Veja* Elate.

Elá

1. Descendente de Esaú e um chefe de Edom ([Gn 36.41](#); [1Cr 1.52](#));
2. Tradução NTLH de Elá, pai de Simeí, em [1Rs 4.18](#). *Veja também* Elá;
3. Filho de Baasa e quarto rei de Israel. Elá reinou por apenas dois anos (886–885 a.C.). Enquanto estava embriagado, foi assassinado por um de seus generais ([1Rs 16.8-14](#));
4. Pai de Oseias, o último rei do reino do norte de Israel ([2Rs 15.30](#); [17.1](#); [18.1.9](#));
5. Segundo filho de Calebe e pai de Quenaz ([1Cr 4.15](#));
6. Filho de Uzi, descendente de Benjamim ([1Cr 9.8](#)). Elá estava entre os primeiros a se reinstalar em Jerusalém após o exílio babilônico. Ele não é mencionado na lista paralela de [Neemias 11](#).

Elá

Pai de Simeí, um dos 12 oficiais nomeados para requisitar alimentos para a casa do Rei Salomão ([1Rs 4.18](#)).

Elá, Vale de

O vale mais ao sul em Sefalá começa em Hebrom e desce em direção ao norte antes de virar para o oeste. Em Wadi al-Sant, ele se junta a outros vales, e neste ponto de junção há um vale amplo e nivelado com cerca de 0,8 quilômetro de largura. Foi aqui que ocorreu a grande luta entre Davi e Golias, com o exército filisteu acampado nas colinas do sul e o exército de Saul no norte ou nordeste ([1Sm 17.2.19](#); [21.9](#)). A NTLH e outras traduz esse nome como “vale do Carvalho”.

Elam (Pessoa)

1. Primogênito de Sem e neto de Noé ([Gn 10.22](#); [1Cr 1.17](#)).
2. Benjamita e filho de Sasaque ([1Cr 8.24](#)).
3. Levita coraita e o quinto filho de Coré da casa de Asafe ([1Cr 26.3](#)).
4. Antepassado de 1.254 descendentes que retornaram com Zorobabel a Judá após o exílio ([Ed 2.7](#); [Ne 7.12](#)). Mais tarde, 71 membros da casa de Elão acompanharam Esdras de volta à Palestina durante o reinado do Rei Artaxerxes I da Pérsia (464–424 a.C.; [Ed 8.7](#)). Em Judá pós-exílica, Secanias, descendente de Elão, instou Esdras a ordenar que os filhos de Israel se divorciassem de suas esposas estrangeiras ([10.2](#)); um número da casa de Elão eventualmente o fez (v. [26](#)).
5. Outro antepassado de 1.254 descendentes que retornaram com Zorobabel para Judá ([Ed 2.31](#); [Ne 7.34](#)).
6. Um dos chefes de Israel que colocou seu selo no pacto de Esdras ([Ne 10.14](#)).
7. Um dos músicos sacerdotais que se apresentaram na dedicação do muro de Jerusalém ([Ne 12.42](#)).

Elanã

9. Um soldado hebreu que se tornou famoso por matar um gigante filisteu. Em um relato, ele é chamado de filho de Jaaré-Oregim de Belém. [2 Samuel 21.19](#) diz que ele matou Golias, o geteu. [1 Crônicas 20.5](#) o chama de filho de Jair e diz que ele matou Lami, o irmão de Golias;
10. Um filho de Dodo e um guerreiro entre os valentes do rei Davi ([2Sm 23.24](#); [1Cr 11.26](#)).

Elão (Lugar), Elamitas

Ocupando uma área aproximadamente do tamanho da Dinamarca, Elão estava localizada no sudoeste da Ásia, a leste da Babilônia e ao norte do Golfo Pérsico, em uma planície conhecida pelos iranianos desde a Idade Média como Cuzistão. A região hoje corresponde ao sudoeste do Irã. Áreas

montanhosas ao norte e leste, conhecidas como a cordilheira de Anshan, formavam uma parte periférica de Elão. A fertilidade da terra estava ligada a vários cursos de água, sendo o mais significativo deles o Karkheh, que forma a fronteira oeste de Elão.

Um povo com uma cultura e história que se estendem por mais de 2.000 anos, os elamitas parecem ter vivido em constante conflito com os sumérios, babilônios, assírios e, finalmente, os persas, por quem foram absorvidos. Como grupo étnico, os elamitas eram uma mistura de aborígenes de pele escura de origem incerta e semitas que haviam migrado para a terra a partir da Mesopotâmia.

A civilização ocidental saberia virtualmente nada sobre Elão se não fosse pelo testemunho bíblico. Elão é mencionado em conjunto com a descendência de Sem ([Gn 10.22](#)), e no livro de Atos é relatado que entre os israelitas presentes em Jerusalém para a Festa de Pentecostes estavam alguns da antiga área de Elão ([At 2.9](#)). Isaías profetizou que os judeus levados no exílio babilônico retornariam de lugares como Elão ([Is 11.11](#)); no entanto, estes eram provavelmente judeus de língua aramaica que decidiram não retornar à sua terra natal após o edito de repatriação de Ciro da Pérsia ([Ed 1.1–4](#)). O nome Quedorlaomer, rei de Elão ([Gn 14.1](#)), é demonstravelmente um nome elamita autêntico, dando assim suporte adicional à precisão da narrativa histórica em Gênesis. A visão de Daniel em Susã, na província de Elão ([Dn 8.2](#)), revela conhecimento preciso da geografia da área e de seus cursos d'água. Em tais relatos, a Bíblia se mostra um valioso complemento à literatura extrabíblica para a história do antigo Oriente Próximo.

No século VIII a.C., Isaías convocou Elão para participar da destruição de Babilônia como um ato do julgamento do Senhor ([Is 21.2](#)); há pouca informação, no entanto, sobre o papel de Elão na queda de Babilônia em 540 a.C. Elão, junto com outras nações rebeldes, eventualmente experimentaria o cálice da ira de Deus ([Jr 25.15–26](#)). Mesmo seus arqueiros mundialmente renomados não seriam páreo para o Senhor dos Exércitos ([Is 22.6–12](#); [Jr 49.35](#); [Ez 32.24](#)). O lamento de Ezequiel sobre Elão ilustra dramaticamente o horror de um túmulo sem Deus ([Ez 32.24–25](#)). Jeremias adverte os elamitas de que eles não podem escapar do julgamento de Deus, garantido pela presença de seu trono entre eles ([Jr](#)

[49.38](#)). No entanto, a destruição de Elão, embora politicamente completa na conquista da Pérsia, não seria totalmente irremediável (v [39](#)). Embora sua deslocalização rivalizasse com a de seus contemporâneos, Jeremias falou de um tempo em que Deus estenderia misericórdia aos descendentes dos elamitas. Tal expectativa, seguindo a frase “nos últimos dias”, pode apontar para a era messiânica. O profeta pode muito bem ter vislumbrado aquele momento significativo do Dia de Pentecostes, quando muitos de Elão estariam entre aqueles em Jerusalém sobre os quais o Espírito do Senhor desceu.

Elasa

11. Sacerdote do clã de Pasur que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.22](#));
12. Filho de Safã e enviado do rei Zedequias ao rei Nabucodonosor da Babilônia. Em sua viagem à Babilônia, Elasa também levou uma carta de encorajamento do profeta Jeremias aos exilados judeus lá ([Jr 29.3](#)).
13. Mencionado em [1 Macabeus 9.5](#) como o lugar onde Judas Macabeu armou suas tendas quando Báquides o enfrentou em batalha e Judas foi morto ([9.18](#)). Geralmente é identificado com Il'Asa, perto de Bet-Horom.

Elasar

Local na Babilônia; alguns estudiosos sugeriram que Arioque era seu rei. Ele se juntou a uma coalizão que incluía Quedorlaomer, rei de Elão, e juntos invadiram o Vale do Jordão durante o tempo de Abraão ([Gn 14.1.9](#)).

Elate

Cidade edomita na cabeceira do Golfo de Ácaba ([Dt 2.8](#); [1Rs 9.26](#)), na fronteira oriental do deserto de Parã ([Gn 14.6](#), onde é alternadamente chamada de El-Parã). Provavelmente deveu seu nome (que

significa "bosque de árvores") às muitas palmeiras na área e pode ter sido localizada em um bosque de árvores sagradas. Elate estava estrategicamente localizada ao longo de uma rota comercial primária que ia do sul da Arábia e Egito até a Fenícia, tornando-a uma cidade valiosa para se possuir.

Elate foi tomada por Quedorlaomer dos horeus ([Gn 14.5-6](#)). Mais tarde, foi considerada o limite sul do território de Edom ([Dt 2.8](#)). Davi provavelmente a capturou quando conquistou Edom ([2Sm 8.14](#)). Durante o reinado de Jorão, filho de Josafá, uma revolta a devolveu aos edomitas ([2Rs 8.20-22](#)). Alguns anos depois, foi recapturada e reconstruída pelo rei Uzias de Judá ([2Rs 14.22](#)). Permaneceu sob o domínio de Judá até a época de Acáz, quando foi tomada por Rezim da Síria e ocupada pelos sírios ([2Rs 16.6](#)). A partir de cerca de 753 a.C., permaneceu como uma cidade edomita até ser abandonada em algum momento entre os séculos VI e IV a.C. Então, os nabateus, que controlavam a área, construíram uma cidade um pouco mais a leste do local original e a renomearam Aila.

Veja também El-Parã.

Elcana

14. Um levita que pertencia à família de Corá ([Êx 6.24](#)). Ele era descendente de Isar ([Êx 6.21](#)). Elcana era filho de Assir e tornou-se pai de Ebiasafe ([Cr 6.23](#));
15. O pai do profeta Samuel ([1Sm 1.19](#)). Ele era filho de Jeroão de Efraim, de Ramathaim-Zofim ([1Sm 1.1](#)). Elcana tinha duas esposas, Ana e Penina. Ana inicialmente não podia ter filhos ([1Sm 1.2](#)). Ana orou a Deus muitas vezes, pedindo por um filho que ela prometeu dedicar ao serviço de Deus. Depois disso, Samuel nasceu. Após ser desmamado, Ana o levou ao idoso sacerdote Eli para treinamento. Elcana teve outros filhos e filhas com Ana ([1Sm 2.21](#)). Elcana tornou-se o ancestral de Hemã, que foi um cantor no tempo de Davi;

16. Um levita coatita que descendia da linha familiar de Corá. Ele foi um dos ancestrais de Hemã, o cantor ([1Cr 6.26,35](#));
17. Outro levita coatita que também descendia da linhagem de Corá e estava entre os ancestrais de Hemã, o cantor ([1Cr 6.26,35](#));
18. Um levita que viveu na aldeia dos Netofatitas e mais tarde viveu em Jerusalém no tempo após o exílio na Babilônia ([1Cr 9.16](#));
19. Um guerreiro benjamita que se juntou aos valentes de Davi em Ziclague ([1Cr 12.6](#));
20. Um porteiro (guarda) para a Arca da Aliança durante o reinado de Davi ([1Cr 15.23](#)). Ele é possivelmente o mesmo que o #6 acima;
21. Uma pessoa importante na corte do Rei Acáz. Elcana foi morto por Zicri, um efraimita, porque Elcana havia se afastado do Senhor ([2Cr 28.7](#)).

Elcos

Lar ou local de nascimento do profeta Naum ([Na 1.1](#)). Três locais foram sugeridos: (1) Hilkeesei, uma vila na Galileia, possivelmente correspondente à moderna el-Kauzeh; (2) Cafarnaum, perto do Mar da Galileia, onde Jesus frequentemente ensinava; (3) Bein Jebrin, no sul da Judeia.

Elda

Quinto filho de Midiã e descendente de Abraão e sua esposa Quetura ([Gn 25.4](#); [1Cr 1.33](#)).

Eldade

Eldade foi um dos 70 anciãos de Israel escolhidos para ajudar Moisés a governar o povo ([Nm 11.26-27](#)). Eldade e outro ancião chamado Medade não se juntaram aos outros 68 anciãos que se reuniram ao redor do Tabernáculo quando Moisés os chamou. Mesmo não estando presentes na reunião, eles

também receberam o Espírito de Deus e começaram a profetizar.

Josué não queria que a autoridade de Moisés fosse desafiada. Então, ele pediu a Moisés para pará-los. Moisés respondeu com grande humildade e compreensão da vontade de Deus. Ele disse: “Eu gostaria que o Senhor desse o seu Espírito a todo o seu povo e fizesse com que todos fossem profetas!” ([Nm 11.29](#)).

Eleada

Descendente de Efraim ([1Cr 7.20](#)).

Eleade

Descendente de Efraim que foi morto em um ataque contra a cidade filisteia de Gate ([1Cr 7.21](#)).

Eleale

Eleale era uma cidade localizada do outro lado do rio Jordão, a nordeste de Hesbom. As tribos de Rúben e Gade conquistaram esta cidade ([Nm 32.3,37](#)). Mais tarde, os moabitas retomaram o controle de Eleale. Os profetas mencionaram Eleale junto com Hesbom quando falaram contra Moabe ([Is 15.4](#); [16.9](#); [Jr 48.34](#)).

Eusébio, um historiador da igreja que viveu no século IV d.C., descreveu Eleale como uma grande aldeia. Os estudiosos identificam Eleale com a moderna aldeia de el-'Al. Esta aldeia está a 910 metros acima do nível do mar em uma área conhecida pelo cultivo de muitas uvas. Arqueólogos encontraram restos de muros que datam de antes do tempo em que os patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó) viveram.

Eleasa

1. Filho de Heles e membro da tribo de Judá ([1Cr 2.39,40](#));
2. Filho de Rafa e descendente do Rei Saul ([1Cr 8.37](#); [9.43](#)).

Eleazar

- 22.** O terceiro dos quatro filhos de Arão ([Êx 6.23](#)). Seu nome significa "Deus ajudou." Ele foi consagrado como sacerdote junto com seus irmãos e Arão no deserto do Sinai ([Êx 28.1](#); [Lv 8.2.13](#)). Após seus irmãos Nadabe e Abiú serem mortos por Deus por oferecerem "fogo profano" ([Lv 10.1-7](#)), Eleazar e Itamar assumiram papéis de liderança como filhos de Arão ([Nm 3.1-4](#)).

Eleazar é descrito como "chefe dos líderes dos levitas" ([Nm 3.32](#)). Ele era responsável por supervisionar o santuário e seus utensílios ([Nm 4.16](#); [16.37-39](#); [19.3.4](#)). Quando Arão morreu no Monte Hor, Moisés instalou Eleazar como sumo sacerdote ([Nm 20.25-28](#); [Dt 10.6](#)). A partir desse momento, ele se tornou assistente de Moisés ([Nm 26.1-3.63](#); [27.2.21](#)). Josué foi comissionado por Moisés na presença de Eleazar ([Nm 27.18-23](#)). Durante a conquista de Canaã, Eleazar trabalhou ao lado de Josué como líder. Seu papel era consultar o Senhor em nome de Josué, fornecendo orientação divina ([Nm 27.21](#)). Eleazar também participou da divisão da terra entre as tribos de Israel, tanto nas margens leste quanto oeste do Rio Jordão ([Nm 34.17](#); [Js 14.1](#); [17.4](#); [19.51](#); [21.1](#)).

Após a morte de Eleazar, ele foi altamente respeitado e homenageado na terra de Efraim ([Js 24.33](#)). Seu filho Fineias tornou-se sumo sacerdote após sua morte.

Os descendentes de Eleazar receberam 16 divisões na supervisão dos sacerdotes, enquanto os descendentes de Itamar receberam oito ([1Cr 24](#)). Sacerdotes notáveis como Zadoque e Esdras traçaram sua ascendência até Eleazar ([1Crs 6.3-15.50-53](#); [24.3](#); [Ed 7.1-5](#)).

Em tempos posteriores, durante o reinado do Rei Salomão, os sacerdotes descendentes de Zadoque substituíram Abiatar, que era da linhagem de Itamar ([1Rs 2.26-27.35](#)). De acordo com a visão de Ezequiel de um templo ideal, apenas os descendentes de Eleazar seriam permitidos a servir como sacerdotes ([Ez 44.15](#));

Veja também Arão.

- 23.** Filho de Abinadabe. Ele foi encarregado de cuidar da arca pelo povo de Quiriate-Jearim, quando foi trazida de Bete-Semes e colocada na "casa de Abinadabe na colina" ([1Sm 7.1](#));
- 24.** Filho de Dodô, um dos três homens valentes cujas façanhas contra os filisteus o tornaram famoso ([2Sm 23.9](#); [1Cr 11.12](#));
- 25.** Um levita merarita, filho de Mali. Eleazar morreu sem filhos, então suas filhas se casaram com seus primos de primeiro grau ([1Cr 23.21.22](#); [24.28](#)).
- 26.** Um sacerdote descendente de Fineias. Este Eleazar ajudou a registrar os itens no tesouro do templo após retornar do exílio na Babilônia com Esdras ([Ed 8.33](#));
- 27.** O filho de Parós, listado com outros que se divorciaram de suas esposas não judias na reforma sob Esdras ([Ed 10.25](#));
- 28.** Um sacerdote que estava presente na dedicação das muralhas reconstruídas de Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ne 12.42](#));
- 29.** Uma pessoa na lista da família de José, marido de Maria ([Mt 1.15](#)).

Veja também A genealogia de Jesus Cristo.

Elefe

Nome alternativo para a cidade de Helefe em [Josué 18.28](#). *Veja* Helefe.

Elefe

Cidade dada à tribo de Benjamim como herança após a conquista inicial de Canaã ([Js 18.28](#)).

Eleito, Eleição

No português moderno, esses são termos que se referem à seleção de um líder ou representante de

um grupo de pessoas. Um elemento de escolha está envolvido, uma vez que geralmente há vários candidatos entre os quais apenas um deve ser escolhido.

Quando o verbo “eleger” é usado teologicamente na Bíblia, geralmente tem Deus como sujeito. No AT, é usado para a escolha de Deus de Israel para ser seu povo (cf. [Atos 13.17](#)). Israel se tornou o povo de Deus, não porque eles decidiram pertencer a ele, mas porque ele tomou a iniciativa e os escolheu. Nem a escolha de Deus se baseava em quaisquer virtudes específicas que seu povo detinha, mas sim em sua promessa a seu antepassado Abraão ([Deuteronômio 7.7-8](#)). Deus também escolheu seus líderes, como Saul e Davi ([1Sm 10.24](#); [2Sm 6.21](#)), sem qualquer tipo de voto popular das pessoas. A palavra assim indica a prerrogativa de Deus em decidir o que acontecerá, independente da escolha humana.

Os mesmos pensamentos são encontrados no NT. O povo de Deus é descrito como seus “eleitos” ou “escolhidos”, um termo usado por Jesus enquanto falava sobre o tempo futuro, quando o Filho do Homem virá e reunirá o povo de Deus ([Mc 13.20, 27](#)). Ele os vindicará por seus sofrimentos e por sua paciência na espera por sua vinda ([Lc 18.7](#)). Em [1Pedro 2.9](#), o povo de Deus é chamado de “nação escolhida [eleita]”. Esta frase foi originalmente usada para o povo de Israel ([Is 43.20](#)), e traz à tona o fato de que o povo de Deus no AT e a igreja cristã no NT estão em continuidade uns com os outros; as promessas dirigidas a Israel agora encontram seu cumprimento na igreja.

Em [Romanos 9-11](#), Paul discute o problema de por que o povo de Israel, como uma nação, rejeitou o evangelho, enquanto os gentios o receberam. Ele afirma que no tempo presente ainda há um “remanescente” de Israel como resultado da escolha graciosa de Deus por eles. Este grupo é “os eleitos”. Eles são o povo escolhido que obtiveram aquilo que era para Israel como um todo, enquanto a maior parte do povo deixou de obtê-lo porque estavam “endurecidos” como consequência de seu pecado ([Rm 11.5-7](#)).

No entanto, a escolha de Deus por Israel para ser o seu povo não foi cancelada. A maioria do povo judeu se alinhou contra o evangelho, para que, assim, os gentios possam entrar e receber as bênçãos de Deus no lugar deles; no entanto, eles ainda são amados por Deus, e por isso Deus não revogará o seu chamado original deles ([Rm 11.28](#)). Consequentemente, Paulo está confiante de que, no

devido tempo, haverá um retorno geral a Deus pelo povo de Israel.

A palavra traduzida “eleito” geralmente é encontrada no plural e se refere ou aos membros do povo de Deus como um todo ou àqueles em uma determinada igreja local ([Rm 8.33](#); [Cl 3.12](#); [1Ts 1.4](#); [2Tm 2.10](#); [Tt 1.1](#); [1Pe 1.1-2](#); [2Pe 1.10](#); [Ap 17.14](#); cf. [Rm 16.13](#) e [2Jo 1.13](#), que têm a forma singular). O uso do plural pode ser parcialmente explicado pelo fato de que a maioria das cartas do NT são endereçadas a grupos de pessoas, em vez de indivíduos. Mais provavelmente, no entanto, o ponto é que a eleição de Deus está relacionada com a criação de um povo coletivo, em vez do chamado de indivíduos isolados.

A palavra “eleição” enfatiza que a participação no povo de Deus é devido à iniciativa de Deus, antes de qualquer resposta humana, feita antes do início dos tempos ([Ef 1.4](#); cf. [Jo 15.16, 19](#)). Deus é aquele que chamou homens e mulheres para serem seu povo, e aqueles que respondem são os eleitos. O chamado de Deus não depende de quaisquer virtudes ou méritos da humanidade. De fato, ele escolhe as coisas tolas segundo os padrões mundanos para envergonhar as sábias, os fracos para confundir os fortes, e os humildes e insignificantes para reduzir a nada aqueles que pensam que são algo ([1Co 1.27-28](#)). O efeito da eleição é não deixar nenhuma razão sequer para a arrogância humana em suas realizações e posições. Independente de quem forem os eleitos, eles devem tudo inteiramente a Deus, e eles não podem se gabar ou se comparar com outras pessoas.

Os eleitos de Deus são um povo privilegiado. Visto que eles agora têm Deus para sustentá-los, ninguém pode trazer qualquer acusação contra eles que possa os levar à condenação de Deus ([Rm 8.33](#)). Eles constituem um sacerdócio real; eles são servos de Deus com o direito de acesso a ele ([1Pe 2.9](#)). É por causa deles que os apóstolos suportaram tribulações e sofrimentos, para que pudessem desfrutar da salvação futura e da glória eterna ([2Tm 2.10](#)).

Os eleitos se distinguem por sua fé em Deus ([Tt 1.1](#)), e eles são chamados para mostrar o caráter que convém ao povo de Deus ([Cl 3.12](#)). Eles devem confirmar seu chamado e eleição; isto é, eles devem mostrar que eles pertencem a Deus pela qualidade de suas vidas ([2Pe 1.10](#)). Eles devem continuar sendo fiéis àquele que os chamou ([Ap 17.14](#)).

A relação entre o chamado de Deus e a resposta humana é explicada em [Mateus 22.14](#): “Porque

muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”. Embora Deus chame muitos através do evangelho, apenas alguns deles respondem ao chamado e se tornam seu povo eleito. O texto não lança luz sobre o mistério da razão pela qual apenas alguns se tornam o povo de Deus. Certamente, quando uma pessoa verdadeiramente responde ao chamado de Deus, é porque o evangelho vem a ele ou ela “em poder e no Espírito Santo e com plena convicção” (1Ts 1.4-5). Quando homens e mulheres rejeitam o evangelho, é porque eles se tornaram endurecidos como consequência do pecado e pela sua confiança em suas próprias obras. As Escrituras não vão além desse ponto em sua explicação, e os cristãos também não devem ir.

“Eleição” também pode ser usada na escolha de Deus de pessoas para servi-lo. Jesus escolheu os 12 discípulos dentre o grande número daqueles que o seguiam (Lc 6.13; Atos 1.2). O mesmo pensamento reaparece no Evangelho de João; Jesus comentou que, embora ele tenha escolhido os Doze, um deles acabou por ser um diabo (Jo 6.70; 13.18). Quando foi necessário escolher um substituto para Judas, a igreja orou a Jesus e pediu-lhe para mostrar qual dos dois candidatos disponíveis ele escolheria para preencher a lacuna nos Doze (Atos 1.24). Pedro atribui seu evangelismo entre os gentios à sua eleição para esse propósito (15.7). Da mesma forma, Paulo foi um instrumento eleito para a missão de Deus aos gentios (9.15). A iniciativa na missão cristã permanece com Deus, que elege as pessoas para servi-lo de maneiras específicas.

Ver também Presciência; Pre-ordenação.

Elêutero

Um pequeno rio mencionado em 1 Macabeus 11.7 e 12.30, quase certamente identificado com o Nahr-el-Kebir, que começa na base nordeste do Líbano e deságua no Mediterrâneo cerca de 29 quilômetros ao norte de Trípoli. Ele marcou os limites das expedições de Jônatas.

Eli

Um sacerdote no santuário do Senhor em Siló durante o tempo dos juízes (1Sm 1.3.9). Siló era um lugar sagrado localizado a cerca de 16 quilômetros (10 milhas) ao norte de Jerusalém. Era o principal centro de adoração para as tribos israelitas. Eli tinha dois filhos chamados Hofni e Fineias, que

também eram sacerdotes. Estes são nomes egípcios. A Bíblia não declara claramente a linhagem familiar de Eli, mas há duas possibilidades:

- Ele pode ter sido um descendente de Itamar, o filho mais novo de Arão (1Sm 22.20; 1Rs 2.27; 1Cr 24.3);
- Ele pode ter vindo da família de Eleazar (Êx 6.23-25; Ed 1.2-3).

Em 1 Samuel 1, Eli abençoou Ana, a esposa sem filhos de Elcana, depois que soube de sua oração por um filho. Mais tarde, Ana deu à luz Samuel. Quando Samuel estava velho o suficiente para ser desmamado, sua mãe o levou a Eli para treinamento no santuário, cumprindo a promessa que havia feito a Deus.

Hofni e Fineias estavam conduzindo os israelitas a caminhos pecaminosos, apesar das objeções de Eli. Por causa desse pecado, Deus prometeu punir a família de Eli (1Sm 2.27.36). Deus disse que os filhos de Eli morreriam no mesmo dia (1Sm 2.34). Isso ocorreu durante uma batalha com os filisteus em Afeca (1Sm 4.11.17). Eli também morreu ao saber da derrota e que os filisteus haviam capturado a Arca da Aliança. Eli tinha 98 anos quando faleceu. Ele havia sido tanto sacerdote quanto juiz em Israel por 40 anos (1Sm 4.15-18). A nora de Eli, esposa de Fineias, morreu ao dar à luz. Ela estava desolada pela perda de seu marido e da arca. Ela nomeou seu filho Icabô porque sentiu que não havia mais esperança (1Sm 4.19-22).

Eli era sincero e devoto a Deus, mas não era um líder forte. Ele era fraco e muito indulgente com os filhos.

Eli

Um ancestral de José de acordo com Lucas 3.23.

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Eli, Eli, Lamá Sabactâni?

Um dos clamores de Jesus na cruz é traduzido corretamente como “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (A NTLH usa uma grafia alternativa “lemá” para a terceira palavra na expressão). Esta forma do “grito de abandono” (Mt 27.46) é ligeiramente diferente de sua outra forma registrada, “Eloí, Eloí, lamá sabactani?” (Mc 15.34).

Ambas as versões são adaptações do [Salmo 22.1](#) no aramaico, a língua comum da Palestina do primeiro século d.C. A única diferença nos dois relatos é que a versão de Marcos está completamente em aramaico, enquanto Mateus retém a palavra hebraica para Deus (o que não era incomum para judeus falantes de aramaico). O fato de que alguns dos ouvintes de Jesus pensaram que ele estava chamando Elias indica que a versão de Mateus é provavelmente a original. Elias poderia ter sido confundido com “Eli” mais facilmente do que com “Eloi” ([Mt 27.47](#); [Mc 15.35](#)).

As variantes textuais existentes sugerem as dificuldades que copistas e intérpretes enfrentaram com as palavras de Jesus. Após meditar sobre a passagem, Martinho Lutero exclamou: “Deus abandonado por Deus! Quem pode entender isso?”. A declaração de Lutero sobre o grande problema teológico, que Jesus foi abandonado por Deus, não é a única interpretação possível do texto. O debate tem se concentrado em duas questões: se de fato o abandono por Deus foi expresso pelo uso das palavras do salmista por Jesus, e por que os espectadores mencionaram Elias.

O significado do clamor

Em um extremo, muitos foram impactados pela dureza das palavras de Jesus. Alguns até perceberam nelas uma sensação de que, na cruz, ele havia falhado e que toda esperança para a vinda do reino de Deus estava perdida. Sob essa perspectiva, as palavras de Jesus foram vistas como um grito de desespero por uma causa perdida. No entanto, essa visão dificilmente se encaixa no restante da apresentação de Jesus no Novo Testamento.

No extremo oposto, alguns interpretam as palavras como nem rígidas nem negativas de qualquer forma. Eles veem o clamor como uma afirmação da fé de Jesus ao se entregar a Deus ([Lc 23.46](#)). Para esses intérpretes, o fato de Jesus ter começado sua pergunta com “Deus meu, Deus meu” e usado uma citação bíblica indica reverência religiosa e fé contínua. Na prática judaica, às vezes a primeira linha de um salmo ou canção era citada para se referir a toda a obra. Assim, Jesus pode ter citado [Salmo 22.1](#) como uma forma de se referir a todo o salmo. [Salmo 22](#) é claramente o lamento de um sofredor justo. Salmos de lamento sempre expressaram uma oração de confiança em Deus e louvor a Deus, bem como uma oração por ajuda de

Deus. Assim, de certo ponto de vista, o clamor da cruz pode ser visto como uma oração confiante.

Muitos estudiosos bíblicos consideram a segunda visão tão pouco convincente quanto a primeira. Os escritores dos Evangelhos não esclareceram o significado do clamor. No entanto, se as palavras fossem uma expressão de confiança ou louvor, seria esperado algum indício no texto. Como estão, as palavras dificilmente são uma expressão de reverência religiosa. As próprias palavras e o fato de terem sido expressas em um grito alto não sugerem uma oração de confiança ou louvor.

Outra abordagem vê as palavras como expressão do sentimento de isolamento de Jesus em um momento de angústia extrema, mas rejeita a ideia de que ele foi realmente abandonado por Deus.

Mas a interpretação que se tornou “tradicional” é que Jesus *foi* abandonado por Deus. Nessa visão, o contexto do Jardim do Getsêmani ([Mt 26.36-46](#); [Mc 14.32-42](#); [Lc 22.39-46](#)) indica o tipo de conflito expresso no clamor de Jesus na cruz. A identificação de Jesus com os pecadores foi tão real que assumir o pecado deles rompeu a proximidade de sua comunhão com o Pai. Assim, o abandono de Jesus por Deus é visto como um aspecto importante da expiação. Embora enfatize que Jesus foi realmente abandonado, a visão tradicional continua a enfatizar que a unidade da Trindade permaneceu inquebrada.

A explicação desse paradoxo não é fácil. Alguns o consideram um mistério divino e não tentam explicá-lo. Outros tentam distinguir entre o que ocorreu na cruz e a realidade do ser de Deus. Por exemplo, nos primeiros séculos da igreja foi expressa a visão de que apenas a humanidade de Jesus foi afetada pela separação, enquanto sua divindade permaneceu intacta com Deus. Outros argumentam que Jesus foi separado do Pai “funcionalmente” na obra da salvação, mas não “realmente” em relação à sua existência.

A recusa dos escritores dos Evangelhos em explicar o clamor de Jesus deve levar os estudiosos a hesitar em dar explicações precisas ou dogmáticas. Pelo menos, pode-se afirmar com confiança que (1) o clamor reflete a realidade da humanidade de Jesus diante da morte, (2) o tipo particular de morte (“mesmo morte de cruz”, [Fp 2.8](#)) foi especialmente escandaloso, e (3) a identificação de Cristo com os pecadores foi uma experiência horivelmente dolorosa. Assim, embora o clamor esteja de alguma forma relacionado à Expiação, os textos bíblicos não discutem se Jesus foi absolutamente

abandonado. Além disso, eles não explicam como Deus poderia recuar do pecado ao mesmo tempo em que “em Cristo Deus estava reconciliando o mundo consigo mesmo” (2Co 5.19). Ao fazer justiça à profundidade da emoção expressa no clamor, deve-se ter cuidado para não forçar o texto a dizer algo que o autor não pretendia.

Elias e o clamor

Várias possibilidades de conexões entre o clamor e Elias foram sugeridas. Se o clamor se refere ao todo do Salmo 22, a menção de Elias pelos espectadores indicaria que eles entenderam as palavras de Jesus como uma expressão de confiança na salvação. Uma salvação mediada por Elias pareceria natural aos judeus, que frequentemente viam Elias como um libertador dos justos oprimidos. Outros afirmam que os espectadores estavam distorcendo intencionalmente e maliciosamente as palavras de Jesus para zombar dele. Ainda outros veem a menção de Elias como um mal-entendido honesto devido à semelhança das palavras. A visão que se adota dependerá, em certa medida, de como o clamor de Jesus é interpretado.

Veja também Crucificação; As sete últimas declarações de Jesus.

Eliã

30. Outro nome para Amiel, o pai de Bate-Seba, a esposa de Urias, o hitita (2Sm 11.3).

Veja Amiel #3;

31. Outro nome para Aías o pelonita em 2 Samuel 23.34;
32. *Veja* Aías #7.

Eliaba

Um guerreiro entre os homens poderosos de Davi conhecido como “os trinta” (2Sm 23.32; 1Cr 11.33).

Eliabe

1. Filho de Helom e líder da tribo de Zebulom quando os israelitas estavam vagando no deserto do Sinai após sua fuga do Egito (Nm 1.9; 2.7; 10.16).

Como líder, ele apresentou a oferta de sua tribo na consagração do Tabernáculo (7.24.29).

2. Membro da tribo de Rúben e filho de Palu. Eliabe foi o pai de Nemuel, Datã e Abirão. Datã e Abirão se rebelaram contra Moisés e Arão no deserto (Nm 16.1.12; 26.8-9; Dt 11.6).

3. Filho mais velho de Jessé e irmão do Rei Davi. Embora fosse uma pessoa fisicamente impressionante, foi rejeitado por Deus para a realeza em favor de Davi (1Sm 16.6; 1Cr 2.13). Eliabe serviu ao Rei Saul quando Golias desafiou o exército de Saul (1Sm 17.13.28). Ele foi nomeado líder da tribo de Judá durante o reinado de Davi (1Cr 27.18). Sua neta Maalate casou-se com o Rei Roboão de Judá (2Cr 11.18).

4. Nome variante para Eliú em 1 Crônicas 6.27. *Veja* Eliú #1.

5. Guerreiro da tribo de Gade que se juntou a Davi em Ziclague em sua luta contra o Rei Saul (1Cr 12.9). Eliabe era especialista com o escudo e a lança (v. 8).

6. Músico levita designado para tocar a harpa na procissão quando o Rei Davi trouxe a arca para Jerusalém (1Cr 15.18). Ele foi designado permanentemente para o serviço no Tabernáculo (16.5).

Eliada

33. Um dos filhos do Rei Davi. Ele nasceu em Jerusalém (2Sm 5.16; 1Cr 3.8). Ele também é chamado de Beeliada em 1 Crônicas 14.7;
34. O pai de Rezom. Ele era o rei de Damasco e um adversário do Rei Salomão (1Rs 11.23);
35. Um general que serviu sob o comando do Rei Josafá. Eliada e os 200.000 guerreiros que ele comandava eram da tribo de Benjamim (2Cr 17.17).

Eliaquim

36. Filho de Hilquias e oficial real na casa e corte do Rei Ezequias ([2Rs 18.18,26.37](#)). Sua posição tornou-se mais importante desde os tempos de Salomão ([1Rs 4.2-6](#)), sendo ele o segundo apenas ao rei. Como tal, Eliaquim podia agir como representante do rei;
37. Quando Senaqueribe da Assíria avançou contra Jerusalém em 701 a.C., Eliaquim foi um mensageiro do rei que falou com os oficiais assírios para o Rei Ezequias ([2Rs 18.18,26](#)). Ele também foi enviado por Ezequias, vestido com pano de saco, a Isaías para pedir oração em favor de Jerusalém ([2Rs 19.1-5](#));
38. Segundo filho do rei Josias. Quando Eliaquim foi feito rei de Judá por Faraó Neco, seu nome foi mudado para Jeoaquim ([2Rs 23.34](#); [2Cr 36.4](#)).

Veja Jeoaquim;

39. Um dos sacerdotes que ajudou a dedicar o muro de Jerusalém após ter sido reconstruído por Zorobabel ([Ne 12.41](#));
40. Filho de Abiúde na lista de família de Jesus em Mateus ([Mt 1.13](#)).

Veja Genealogia de Jesus Cristo.

41. Filho de Meleá na lista de família de Jesus em Lucas ([Lc 3.30](#)).

Veja Genealogia de Jesus Cristo.

Elias

1. Profeta de Israel do século IX a.C. O nome de Elias significa "meu Deus é o Senhor" — apropriado para um firme oponente da adoração a Baal. As Escrituras não fornecem informações sobre sua origem familiar, exceto que ele era um tisbita que provavelmente veio da terra de Gileade, na margem leste do rio Jordão. Ele viveu principalmente durante os reinados dos reis Acabe (874–853 a.C.) e Acazias (853–852 a.C.) de Israel. O relato bíblico de Elias vai de [1 Reis 17](#) a [2 Reis 2](#).

Elias foi chamado por Deus em um período crítico na vida de Israel. Economicamente e politicamente, o reino do norte estava em sua posição mais forte desde sua separação do reino do sul. Onri (885–874 a.C.) havia iniciado uma política de comércio e relações amigáveis com os fenícios. Para demonstrar sua boa fé, Onri deu seu filho Acabe em casamento a Jezabel, filha de Etbaal, rei de Tiro. Ela trouxe consigo o culto a Baal para Israel, uma religião falsa cuja rápida disseminação logo ameaçou a própria existência do reino. Elias foi enviado para trazer a nação e seus líderes de volta ao Senhor através de sua mensagem profética e milagres.

Aviso de seca

Elias iniciou seu ministério registrado dizendo a Acabe que a nação enfrentaria uma seca até que o próprio profeta anunciasse seu término ([1Rs 17.1](#)). Dessa forma, ele reiterou o aviso de Moisés ([Lv 26.14-39](#); [Dt 28.15-68](#)) sobre as consequências de se afastar de Deus.

Elias então se escondeu em um desfiladeiro na margem leste do Rio Jordão, junto ao riacho Querite (possivelmente o vale do Rio Yarmuk no norte de Gileade). Lá, ele tinha água suficiente para suas necessidades, e corvos lhe traziam comida duas vezes ao dia. Quando o riacho secou, Elias foi orientado a se mudar para a aldeia fenícia de Sarepta, perto de Sidom. Uma viúva cuidou dele com seus escassos suprimentos, e sua obediência a Elias foi recompensada com um suprimento milagroso de farinha e óleo que não se esgotou até que a seca terminou.

Enquanto Elias estava hospedado com a viúva, o filho dela adoeceu e morreu. Pelo poder da oração, a criança foi restaurada à vida e à boa saúde.

No terceiro ano da seca, o Senhor disse a Elias para informar a Acabe que Deus em breve enviaria chuva para Israel. Ao retornar, Elias encontrou primeiro o oficial de Acabe, Obadias, que estava procurando água para o gado do rei. Elias enviou Obadias para organizar um encontro com Acabe. A princípio, Obadias recusou. Durante três anos, Acabe havia procurado em Israel e nos reinos vizinhos em vão pelo profeta, sem dúvida para forçá-lo a acabar com a seca. Obadias tinha certeza de que, enquanto ele fosse buscar Acabe, o "foragido" mais procurado de Israel escaparia novamente, enfurecendo assim o rei. Quando Elias prometeu que ficaria até ele voltar, o oficial organizou para que Acabe se encontrasse com o profeta.

Na reunião subsequente, Elias rejeitou a alegação do rei de que ele era o "maior criador de problemas de Israel" ([1Rs 18.17-18](#)). Ele estava apenas obedecendo a Deus, insistiu, ao apontar a idolatria de Acabe. Acabe até permitiu que Jezabel subsidiasse uma escola de profetas de Baal e Aserá. Elias então solicitou uma reunião pública no Monte Carmelo como um confronto entre os profetas de Baal e os profetas do Senhor para determinar quem era o verdadeiro Deus.

Confronto no Carmelo

Um dos destaques do ministério de Elias foi o confronto no Monte Carmelo. Acabe reuniu todo Israel junto com 850 profetas de Baal e Aserá. O famoso desafio foi lançado: "Até quando vocês vão ficar em dúvida sobre o que vão fazer? Se o SENHOR é Deus, adorem o SENHOR; mas, se Baal é Deus, adorem Baal!" ([1Rs 18.21](#), NTLH). Animais sacrificiais deveriam ser colocados em dois altares, um para Baal e outro para o Senhor, e os profetas representando cada um deveriam pedir fogo de seu Deus.

O dia todo, os profetas pagãos clamaram em vão a Baal. Eles dançaram de forma frenética e giratória, cortando-se com facas até que seu sangue jorrasse. Mas não houve resposta. Finalmente, chegou a vez de Elias. Ele reparou o altar demolido do Senhor e preparou o sacrifício. Para um efeito dramático, ele construiu uma trincheira ao redor do altar e derramou água sobre o sacrifício até que a trincheira transbordasse. Então ele fez uma breve oração, e imediatamente o fogo caiu do céu e consumiu a oferta queimada, a madeira, as pedras e o pó, e lambeu a água que estava na trincheira ([1Rs 18.38](#)).

Quando o povo viu isso, eles caíram com o rosto em arrependimento, cantando: "O SENHOR é Deus! Só o SENHOR é Deus!" ([1Rs 18.39](#)). Sob o comando de Elias, o povo capturou os profetas de Baal e os matou junto ao riacho Quisom. Então Elias, no topo do Carmelo, começou a orar fervorosamente por chuva. Dramaticamente, o céu ficou negro com nuvens e a chuva começou a cair, encerrando a longa seca. Acabe voltou em sua carruagem para Jezreel, 32,2 quilômetros a leste. O Espírito de Deus capacitou Elias a correr mais rápido que Acabe, e ele chegou a Jezreel primeiro.

Jezabel, furiosa com o massacre dos profetas de Baal, enviou uma mensagem a Elias: "Que os deuses me matem, se até amanhã a esta hora eu não fizer com você o mesmo que você fez com os profetas!" ([1Rs 19.2](#), NTLH). Quando Elias recebeu a

mensagem, ele entrou em pânico e fugiu para Berseba.

Experiência no Horebe

Elias deixou seu servo em Berseba e seguiu sozinho por mais um dia de jornada no deserto. Lá, ele se deitou sob uma árvore de giesta e, em desespero e exaustão, pediu a Deus que tirasse sua vida. Em vez disso, um anjo apareceu e o alimentou duas vezes com pão e água. Depois de dormir, Elias continuou seu caminho.

Após 40 dias, Elias chegou ao Monte Horebe, onde encontrou abrigo em uma caverna. Lá, o Senhor falou com ele, perguntando o que ele estava fazendo ali. O profeta explicou que ele era o único profeta de Deus restante em Israel, e agora até sua vida estava ameaçada. Em resposta, as poderosas forças da natureza — um grande vento, um terremoto e fogo — foram exibidas diante de Elias para mostrar-lhe que o Deus onipotente poderia interceder em seu favor com uma mão poderosa. Finalmente, Deus encorajou Elias com uma "voz suave e tranquila". O Senhor tinha mais tarefas para ele realizar. Deus também disse a Elias que ele não era a única pessoa fiel em Israel; 7.000 outros permaneciam fiéis ao Senhor.

Como Elias havia fielmente entregue a mensagem de Deus a Acabe, o Senhor o encarregou de entregar outra mensagem, uma de julgamento sobre o contínuo fracasso de Israel em ouvir a Deus. Os instrumentos de retribuição seriam Hazael, que se tornaria rei na Síria (c. 893-796 a.C.), e Jeú, que se tornaria rei de Israel (841-814 a.C.). Elias foi instruído a ungir ambos. Ele também foi instruído a ungir seu sucessor, Eliseu, para ser seu aprendiz até que chegasse o momento de Eliseu iniciar plenamente seu ministério.

Confronto sobre Nabote

Após seu retorno a Israel, uma das confrontações mais ousadas de Elias com o Rei Acabe foi sobre a vinha de Nabote. Embora Acabe desejasse a propriedade de Nabote, ele respeitava a lei sobre a posse de terras. Além disso, Acabe nunca abandonou completamente a fé de seus pais ([1Rs 21.27-29](#)). Jezabel, no entanto, não respeitava a lei mosaica e conspirou para que Nabote fosse morto sob uma acusação falsa.

Quando Acabe tomou posse da vinha, Elias o acusou de ser assassino e ladrão. Ele previu o julgamento divino — a queda da dinastia de Acabe e a morte horrível de Jezabel ([1Rs 21.17-24](#)). No

entanto, Acabe se arrependeu, e o julgamento foi adiado.

A insensatez de Acazias

O julgamento do Senhor sobre Acabe foi finalmente executado quando o rei foi morto em uma batalha com a Síria em 853 a.C. Os cães lambeiram o sangue de Acabe, como o profeta havia predito ([1Rs 21.19](#)). Pouco depois de Acazias ter sucedido seu pai como rei, ele sofreu uma queda debilitante. Enquanto estava doente, ele enviou mensageiros para perguntar a Baal-Zebube, o deus de Ecrom, se ele se recuperaria. O Senhor enviou Elias para interceptá-lo e dar-lhes uma mensagem para o rei: uma repreensão por ignorar o Deus de Israel e um aviso sobre a morte iminente do rei.

Acazias, com raiva, enviou um capitão com 50 soldados para prender Elias. Eles foram consumidos por fogo do céu às palavras de Elias. Um segundo capitão e outros 50 soldados foram enviados, mas tiveram o mesmo destino. O terceiro capitão que veio implorou ao profeta para poupar sua vida e a de seus soldados. Elias foi com este capitão e entregou a mensagem de Deus ao rei pessoalmente. O rei não se recuperaria e morreria porque havia consultado deuses pagãos em vez do verdadeiro Deus.

Aviso para Jeorão

Elias foi chamado principalmente para ministrar a Israel, mas ele também entregou a palavra de advertência de Deus a Jeorão, rei de Judá, repreendendo-o por seguir Israel em sua idolatria e por não andar nos caminhos piedosos de seu pai e avô ([2Cr 21.12-15](#)).

A ascensão de Elias ao céu

Quando o fim do ministério de Elias se aproximou, Eliseu recusou-se a deixá-lo. Após uma jornada que os levou às escolas dos profetas em Betel e Jericó, os dois atravessaram o rio Jordão milagrosamente; Elias golpeou as águas com seu manto e elas se dividiram. Eliseu pediu uma porção dobrada (a parte do primogênito, cp. [Dt 21.17](#)) do espírito de seu mestre, pois desejava ser o sucessor completo de Elias. Eliseu soube que seu pedido foi atendido porque viu Elias ser levado aos céus em um redemoinho, acompanhado por um carro e cavalos de fogo. Os jovens profetas que acompanharam Eliseu procuraram em vão por Elias nas montanhas e vales ao redor do Jordão; Deus havia levado seu fiel profeta para casa. Elias assim juntou-se a

Enoque como o único outro homem na Bíblia que não experimentou a morte.

Mensagem e milagres de Elias

À medida que a adoração a Baal de Tiro se infiltrava em Israel através de Jezabel, Elias foi enviado para conter sua propagação, enfatizando novamente que o Deus de Israel era o único Deus de toda a terra. Ele iniciou um trabalho vital que foi continuado por Jeú, que massacrrou muitos dos adoradores de Baal entre os líderes de Israel ([2Rs 10.18-28](#)). A missão específica de Elias era destruir a adoração pagã para poupar Israel, preparando assim o caminho para os profetas que viriam a seguir em seu espírito.

Os milagres foram proeminentes no ministério de Elias, servindo como um sinal para confirmá-lo como porta-voz de Deus e para trazer os reis de Israel de volta a Deus. Alguns estudiosos rejeitaram esses milagres ou tentaram explicá-los. No entanto, o Antigo Testamento claramente testemunha sua validade, e o Novo Testamento os afirma.

Elias no Novo Testamento

Malaquias nomeou Elias como o precursor do “grande e terrível dia do Senhor” que “fará com que pais e filhos façam as pazes” ([Ml 4.5-6](#)). Escritores judeus frequentemente retomaram o mesmo tema em sua literatura: Elias “restaurará as tribos de Jacó” ([Eclo 48.10](#)); ele é mencionado no *Manual de Disciplina* de Qumran dos Rolos do Mar Morto; ele é o sinal central da ressurreição dos mortos de acordo com a Mishná, a coleção da lei oral judaica; e ele é o tema de canções cantadas no encerramento do Shabat.

No Novo Testamento, a profecia de Malaquias foi interpretada na anunciação angelical a Zacarias como apontando para João Batista, que deveria realizar o trabalho de outro Elias ([Lc 1.17](#)) e foi confirmada pelo próprio Jesus ([Mt 11.14](#); [17.10-13](#)).

Jesus também mencionou a estadia de Elias na terra de Sidom ([Lc 4.25-26](#)), e o apóstolo Paulo referiu-se à experiência do profeta no Monte Horebe ([Rm 11.2](#)). O apóstolo Tiago usou Elias para ilustrar o que significa ser um homem justo e de oração ([Tg 5.17](#)).

Elias apareceu novamente no Monte da Transfiguração com Moisés enquanto discutiam a morte iminente de Jesus ([Mt 17.1-13](#); [Lc 9.28-36](#)). Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que Elias retornará como uma das duas testemunhas dos

tempos finais ([Ap 11.3-12](#)), em cumprimento à profecia de Malaquias de que ele virá antes do terrível dia do julgamento de Deus.

2. Chefe da tribo de Benjamim ([1Cr 8.27](#)).
3. Sacerdote que se casou com uma esposa gentia ([Ed 10.21](#)).
4. Leigo que também se casou com uma esposa estrangeira ([Ed 10.26](#)).

Eliasafe

42. Um líder da tribo de Gade escolhido por Moisés. Ele era filho de Deuel (Reuel) ([Nm 1.14](#); [2.14](#); [7.42,47](#); [10.20](#)).
43. Um gersonita da tribo de Levi e filho de Lael. Ele tinha três responsabilidades na tribo:
 44. Cuidar das coberturas do Tabernáculo;
 45. Cuidar das cortinas do santuário; e
 46. Cuidar do altar principal ([Nm 3.24-25](#)).

Eliasibe

1. Filho de Elioenai e descendente de Zorobabel na linhagem real de Davi ([1Cr 3.24](#));
2. Descendente de Arão escolhido por Davi para liderar o 11º dos 24 turnos de sacerdotes que se revezavam nos serviços do santuário ([1Cr 24.12](#));
3. Sumo sacerdote segunda sucessão a partir de Josué ([Ne 12.10](#)). Eliasibe designou uma câmara do templo para Tobias, o amonita, um parente por casamento. Quando Neemias retornou do exílio, ele mandou retirar Tobias de sua hospedagem no templo ([Ed 10.6](#); [Ne 3.1,20](#); [13.4,7,8,28](#));
4. Levita e cantor do templo. Ele prometeu afastar sua esposa estrangeira por ordem de Esdras ([Ed 10.24](#));
5. Dois homens, um filho de Zatu e um filho de Bani, também foram persuadidos por Esdras a se afastarem de suas esposas estrangeiras ([Ed 10.27,36](#)).

Eliata

Filho de Hemã designado para ajudar no serviço do templo durante o reinado de Davi ([1Cr 25.4,27](#)).

Elica

Um harodita, que era um dos valentes do Rei Davi ([2Sm 23.25](#)). O nome de Heles não aparece em uma lista semelhante encontrada em [1 Crônicas 11.27](#).

Elidade

Um homem da tribo de Benjamim. Ele era filho de Quislom. Elidade foi escolhido para trabalhar sob a liderança de Eleazar (o sumo sacerdote) e Josué. Sua tarefa era dividir a terra de Canaã a oeste do rio Jordão entre as dez tribos de Israel ([Nm 34.21](#)).

Eliel

1. Guerreiro e chefe de uma família da meia-tribo de Manassés que vivia a leste do rio Jordão ([1Cr 5.24](#));
2. O filho de Tola, um coatita que foi um dos cantores levíticos no tempo de Davi ([1Cr 6.34](#)); possivelmente o mesmo que Eliabe ([1Cr 6.27](#));
3. Filho de Simei e um líder da tribo de Benjamim ([1Cr 8.20](#));
4. Filho de Sasaque e um chefe da tribo de Benjamim ([1Cr 8.22](#));
5. Guerreiro entre os valentes de Davi ([1Cr 11.46](#)), chamado Maavita;
6. Outro guerreiro entre os valentes de Davi ([1Cr 11.47](#));
7. Guerreiro dos gaditas que se juntou a Davi em Ziclague em sua luta contra o Rei Saul. Eliel era um dos especialistas com escudo e lança. Se o Eliel de [1 Crônicas 12.11](#) deve ser equiparado a qualquer um dos dois Eliels de [1 Crônicas 11.46,47](#), é impossível dizer;
8. Levita e chefe da família de Hebrom, que esteve envolvido em trazer a arca para Jerusalém no tempo de Davi ([1Cr 15.9](#));

9. Sacerdote que ajudou a trazer a arca para Jerusalém ([1Cr 15.11](#)); possivelmente o mesmo que o tópico 8 acima mencionado;

10. Levita que auxiliou Conanias na administração dos dízimos, contribuições e objetos dedicados ao templo durante o reinado de Ezequias ([2Cr 31.13](#)).

Elieenai

Benjamita é filho de Simeí ([1Cr 8.20](#)). Seu nome pode ser uma contração de Elieenai (veja [1Cr 26.3](#)).

Eliezer

47. Um servo de Abraão que era da cidade de Damasco. Antes de Abraão ter seus filhos, Ismael e Isaque, ele seguiu os costumes de sua época escolhendo Eliezer para herdar sua propriedade ([Gn 15.2](#)).
48. O segundo filho de Moisés e Zípora ([Êx 18.4](#); [1Cr 23.15-17](#)).
49. Benjamita é filho de Bequer ([1Cr 7.8](#)).
50. Um dos sete sacerdotes que tocaram trombetas enquanto caminhavam na frente da arca da aliança (o cofre sagrado contendo a lei de Deus) quando o Rei Davi a moveu para Jerusalém ([1Cr 15.24](#)).
51. Filho de Zicri e um oficial chefe na tribo de Rúben ([1Cr 27.16](#)).
52. Um profeta cujo pai era Dodavá da cidade de Maressa. Ele avisou o Rei Josafá de Judá que Deus não estava satisfeito com sua aliança com o Rei Acázias de Israel ([2Cr 20.37](#)).
53. Um dos líderes que Esdras enviou para se encontrar com Ido em um lugar chamado Casifia. Esdras pediu-lhes que trouxessem de volta levitas para trabalharem no Templo de Deus em Jerusalém ([Ed 8.16](#)).

54. Três homens de Israel — um sacerdote, um levita e um israelita — foram encorajados por Esdras a se divorciarem de suas esposas estrangeiras durante o período após o exílio na Babilônia ([Ed 10.18,23,31](#)).

55. Um ancestral de Cristo ([Lc 3.29](#)).

Veja Genealogia de Jesus Cristo.

Elifal

O filho de Ur é um dos valentes do Rei Davi ([1Cr 11.35](#)). Ele também é chamado de Elifelete, filho de Aasbai, em [2 Samuel 23.34](#).

Veja Elifelete #2.

Elifaz

1. Filho mais velho de Esaú e sua esposa Ada ([Gn 36.4-16](#); [1Cr 1.35-36](#)). Ele foi o ancestral de vários clãs edomitas;

2. Um dos amigos de Jó, chamado o temanita (veja [Jr 49.7](#)). Temã era tradicionalmente associado à sabedoria; portanto, o discurso de Elifaz retrata a visão ortodoxa do pecado e da punição. Seus três discursos ([Jó 4](#), [15](#), [22](#)) falharam em lidar com a essência do problema de Jó porque ele assumiu um pecado grave anterior na vida de Jó.

Veja também Jó, Livro de.

Elifelete

56. Um dos 13 filhos do Rei Davi nascido em Jerusalém ([2Sm 5.16](#); [1Cr 3.8](#); [14.7](#));
57. Um filho de Acasbai. Ele foi um dos valentes de Davi ([2Sm 23.34](#)). É possível que este Elifelete fosse a mesma pessoa que Elifal, filho de Ur ([1Cr 11.35](#)).

Veja Elifal;

58. Outro dos filhos de Davi nascido em Jerusalém. É possível que ele tenha nascido antes do Elifelete citado no tópico 1 ([1Cr 3.6](#); [14.5](#));

59. Um filho de Esequé e um descendente do Rei Saul e de Jônatas ([1Cr 8.39](#));
60. Um dos três filhos de Adonicã que retornou com Esdras da Babilônia ([Ed 8.13](#));
61. Um filho de Hasum, que o escriba Esdras persuadiu a se divorciar de sua esposa estrangeira durante o período após o retorno dos judeus do exílio ([Ed 10.33](#)).

Elifeleu

Músico levita que tocou a lira (harpa) quando a arca foi levada para Jerusalém no tempo de Davi ([1Cr 15.18,21](#)).

Elim

Um lugar onde os israelitas acamparam após atravessarem o Mar Vermelho ([Êx 15.27](#); [16.1](#)). Elim ficava entre Mara e o deserto de Sim. Tinha 12 fontes de água e 70 palmeiras ([Nm 33.9,10](#)).

A maioria dos estudiosos identifica Elim com Wadi Gharandel, que fica a 101,4 quilômetros de Suez. Neste wadi, a vegetação consiste em palmeiras, tamargueiras e acácias. No entanto, se o Monte Sinai estiver localizado na Arábia, Elim estaria muito mais próximo do Golfo de Aqaba.

Elimaida

Antigamente considerada uma cidade na Pérsia, amplamente renomada por suas riquezas, prata e ouro ([1Mc 6.1](#)), mas agora geralmente considerada como um distrito da Pérsia. Josefo (*Antiguidades* 12.9.1), seguindo 1 Macabeus, alude a ela como uma cidade, mas é desconhecida de outras formas.

Elimas

Outro nome para Barjesus. Ele era um mágico judeu e falso profeta mencionado em [At 13.8](#).

Veja Barjesus.

Elimeleque

Um homem de Belém levou sua esposa, Noemi, e seus filhos, Malom e Quiliom, para morar em Moabe devido à fome em Judá ([Rt 1.2,3](#)). Enquanto estavam em Moabe, ele faleceu; depois, seus filhos também faleceram; e Noemi decidiu retornar a Judá. Uma nora, Orfa, preferiu permanecer em Moabe; a outra, Rute, escolheu acompanhar Noemi. Boaz, um parente de Elimeleque, comprou a terra de Elimeleque e casou-se com Rute ([4.9,10](#)). Dessa união veio um bisneto, Davi, e a linha real da qual o Messias eventualmente nasceria. *Veja* Rute, Livro de.

Elioenai

62. Descendente pós-exílico de Salomão e pai de Hodavias e Eliasibe ([1Cr 3.23,24](#));
63. Chefe simeonita ([1Cr 4.36](#));
64. Chefe de uma família benjamita ([1Cr 7.8](#));
65. Levita coraíta que, com seus seis irmãos e seu pai, Meselemias, serviu como porteiro do templo durante o reinado de Davi ([1Cr 26.3](#));
66. O filho de Zeraías, que veio para Jerusalém com Esdras, trazendo sua família e outros da Babilônia ([Ed 8.4](#)).
67. Homem da família sacerdotal de Pasur que se divorciou de sua esposa estrangeira nos dias de Esdras ([Ed 10.22](#));
68. O filho de Zatu, que foi incentivado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira durante a era pós-exílica ([Ed 10.27](#));
69. Sacerdote pós-exílico que ajudou na dedicação do muro reconstruído de Jerusalém ([Ne 12.41](#)).

Elion

Nome hebraico para Deus que significa "Altíssimo". *Veja* Deus, Nomes de.

Eliorefe

Funcionário proeminente na época de Salomão ([1Rs 4.3](#)) que, junto com seu irmão silonita, era secretário real. Tentativas de considerar Eliorefe como o título de um funcionário e não como um nome pessoal não encontram apoio no texto hebraico.

Elisá

Filho de Javã ([Gn 10.4](#); [1Cr 1.7](#)). O termo hebraico para Grécia é Javã; portanto, Elisá poderia se referir às ilhas ou costas ocidentais do Egeu (cf. [Gn 10.5](#)) que forneciam corantes aos habitantes de Tiro ([Ez 27.7](#)). O historiador judeu Josefo identificou Elisá com os Eólios; outras sugestões incluem Cartago no Norte da África, Hélade, Itália e Elis. Um local no Mediterrâneo parece provável a partir do contexto de [Ezequiel 27.6-7](#), talvez uma área de Chipre que exportava cobre.

Elisafate

Comandante militar em Judá que apoiou o sacerdote Joiada na derrubada da Rainha Atalia e na coroação do jovem Joás como rei ([2Cr 23.1](#)).

Elisama

1. Filho de Amiúde e líder dos efraimitas no início da jornada no deserto ([Nm 1.10](#); [2.18](#); [7.48,53](#)). Sua tribo era a nona na fila durante a marcha no deserto ([10.22](#)). Elisama foi o pai de Num e avô de Josué ([1Cr 7.26](#)).
2. Um dos 13 filhos de Davi nascidos em Jerusalém de uma esposa legítima ([2Sm 5.16](#); [1Cr 3.8](#); [14.7](#)).
3. Ancestral de Ismael. Ismael matou Gedalias, o governador de Israel nomeado por Nabucodonosor ([2Rs 25.25](#); [Jr 41.1](#)).
4. Homem de Judá, descendente por meio de Jerameel e Sesã ([1Cr 2.41](#)).
5. Outro dos filhos de Davi ([1Cr 3.6](#)); alternativamente chamado de Elisua em [2 Samuel 5.15](#) e [1Crônicas 14.5](#). Veja Elisua.
6. Sacerdote enviado por Josafá para instruir os judeus na lei de Deus ([2Cr 17.8](#)).

7. Príncipe e escriba no tempo de Jeremias ([Jr 36.12](#)). Ele ouviu Baruque ler as palavras de Deus, e mais tarde o rolo do Senhor permaneceu na câmara de Elisama até que o rei solicitou que fosse lido (vv. [20-21](#)).

Eliseba

A esposa de Arão ([Êx 6.23](#)), que deu à luz Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Seu pai era Aminadabe e seu irmão era Naassom, o líder de Judá ([Nm 1.7](#); [2.3](#)). Eliseba também era de Judá. Após a morte de Arão ([Nm 20.28](#)), Moisés nomeou Eleazar, o terceiro filho de Eliseba, para o cargo de sumo sacerdote.

Eliseu

Profeta em Israel durante o quarto século a.C.

Contexto e convocação

Eliseu é mencionado pela primeira vez em [1Rs 19.16](#), onde é descrito como filho de Safate, que vivia em Abel-Meolá. Esse lugar foi tentativamente identificado com o moderno Tel Abu Sifri, a oeste do rio Jordão, embora muitos estudiosos o coloquem a leste do rio. O profeta Elias havia sido ordenado por Deus a ungir Eliseu como seu sucessor, mas a narrativa não deixa claro se Eliseu já era um dos discípulos de Elias. Quando os dois se encontraram, Eliseu estava ocupado arando um campo e não parece ter saudado Elias com o respeito que um discípulo normalmente mostraria ao seu mestre.

O uso de Eliseu de 12 juntas de bois em seu trabalho agrícola foi interpretado como um sinal de que ele era rico, pois normalmente dois bois atrelados seriam manejados por uma pessoa. Quando Elias passou e colocou seu manto sobre o ombro de Eliseu, este último soube que era um sinal de que ele deveria herdar a missão do grande profeta. A nação precisava de um profeta, pois estava se entregando cada vez mais à idolatria cananeia com o incentivo do rei Acabe e de sua esposa fenícia, Jezabel.

Depois que Elias o comissionou simbolicamente e se afastou, Eliseu correu atrás do profeta para solicitar um breve intervalo de tempo para anunciar sua nova vocação aos seus pais antes de sair de casa. A resposta do profeta, “Está bem. Pode ir. Eu não estou impedindo” ([1Rs 19.20](#), NTLH), ajudou Eliseu a tomar uma decisão imediatamente.

O atraso na implementação de sua vocação quase certamente teria sido fatal para Eliseu (cf. [Mt 8.21,22](#); [Lc 9.61,62](#)).

Para Marcos, a mudança em seu modo de vida, Eliseu fez uma grande festa para seus vizinhos, assando dois bois. Esta é outra indicação de que ele vinha de uma família rica. A partir daquele momento, ele não era mais um fazendeiro; ao associar-se com Elias, ele começou a se preparar para seu próprio ministério. Não há registro de Eliseu sendo ungido para o ofício profético, mas a transferência de autoridade profética por meio do manto não deixaria dúvidas na mente de ninguém de que Eliseu era o próximo profeta oficial em Israel.

"Filhos dos profetas"

A possibilidade de ter havido alguma dúvida sobre a autoridade de Eliseu é implícita pela existência de grupos de pessoas conhecidas como "filhos dos profetas". A expressão significava que essas pessoas eram herdeiras dos ensinamentos e tradições proféticas, embora aparentemente nenhuma delas fosse um profeta importante. O profeta Amós até negou qualquer conexão com tais grupos, que parecem ter desaparecido no oitavo século a.C. ([Am 7.14](#)). No tempo de Eliseu, os "filhos dos profetas" estavam localizados em Gilgal, Betel e Jericó, e parecem ter exercido um ministério principalmente local. Eles podem ter atuado sob as instruções de Elias e Eliseu para ensinar ao povo a lei de Deus e pronunciar revelações divinas, como nos dias de Saul (cf. [1Sm 10.5,10](#)).

Pouco antes de Elias ser levado ao céu, ele e Eliseu visitaram esses grupos proféticos, e Elias tentou em vão persuadir Eliseu a ficar para trás em Gilgal e em Betel ([2Rs 2.1-4](#)). O grupo profético em Betel pode ter sido avisado por Deus que Elias seria levado deles, pois questionaram Eliseu sobre o assunto e confirmaram que ele também estava ciente da situação.

Sucessor de Elias

Depois de milagrosamente abrir as águas do Jordão, Elias perguntou ao seu sucessor o que ele poderia fazer por ele ([2Rs 2.9](#)). Eliseu pediu uma "porção dobrada" de seu espírito ao se separarem, a porção de uma herança normalmente dada a um filho primogênito ([Dt 21.17](#)). Seu pedido foi concedido quando Eliseu viu seu mestre ser levado ao céu em uma carruagem de fogo, e teve efeito imediato quando Eliseu abriu as águas do Jordão e atravessou ([2Rs 2.14](#)).

Com sua autoridade profética agora reconhecida, Eliseu iniciou seu ministério em Israel aproximadamente no final do reinado do rei Acabe (853 a.C.). Seu trabalho durou meio século e, em contraste com o ministério agitado, austero e às vezes dramático de Elias, as atividades de Eliseu foram, na maioria das vezes, mais tranquilas e ocorreram entre o povo comum de Israel. No entanto, ele também se dirigiu à corte real, embora não em conflitos com sacerdotes cananeus, como Elias havia experimentado.

Milagres

O elemento miraculoso foi proeminente no ministério de Eliseu. Quando o povo de Jericó relatou que a água da nascente local era salobra, Eliseu a purificou ([2Rs 2.19-22](#)). Até hoje, é a única nascente de água doce significativa na área (Tell es-Sultan).

Quando o profeta partiu para Betel, ele encontrou um grupo de jovens que zombavam de sua calvície ([2Rs 2.23,24](#)). Ele os amaldiçoou em nome do Senhor, e duas ursos saíram da floresta e atacaram os ofensores. O que à primeira vista parece ser um ato imoral por parte de Deus era, na verdade, um presságio para a nação. Os jovens em Betel eram uma geração de israelitas que haviam absorvido tanto a cultura imoral e pagã de sua cidade que rejeitaram tanto a pessoa quanto a mensagem dos profetas de Deus. Eles não eram meramente irreligiosos, mas também incrivelmente descorteses, de acordo com os padrões do antigo Oriente Próximo, ao ridicularizar um homem calvo em vez de respeitar sua senioridade.

As maldições que Eliseu pronunciou "em nome do Senhor" não foram suas próprias reações ao tratamento que ele havia recebido, mas sim eram maldições da aliança ([Dt 28.15-68](#)) que viriam sobre todos que rejeitassem as leis sinaíticas e voltassem atrás em suas promessas a Deus (veja [Êx 24.3-8](#)). Os dois ursos também eram simbólicos da Assíria e Babilônia, que despedaçariam a nação em diferentes momentos. Um pequeno incidente foi, assim, uma previsão sombria do que o futuro reservava para um povo perverso e desobediente.

Em um de seus contatos com a realeza, Eliseu transmitiu uma mensagem (embora contra a vontade) de Deus ao Rei Jeorão de Israel (853-841 a.C.). O rei havia se aliado ao Rei Josafá de Judá (872-848 a.C.) e ao governante edomita contra Messa, rei de Moabe. As forças aliadas estavam profundamente em território edomita quando ficaram sem água e, em desespero, recorreram a

Eliseu, o profeta local. Ele se recusou a dizer qualquer coisa a princípio, mas finalmente previu amplos suprimentos de água e vitória para a coalizão. Ambos ocorreram no dia seguinte ([2Rs 3.1-27](#)).

Milagres da caridade

O tipo de trabalho pelo qual Eliseu era justamente renomado geralmente era realizado para pessoas que não podiam ajudar a si mesmas. Uma dessas pessoas era uma pobre viúva que quase havia empenhado seus dois filhos a um credor. Seu único bem era uma jarra de óleo. Eliseu instruiu-a a pegar emprestadas jarras vazias de seus vizinhos e enchê-las com o óleo de sua própria jarra. De maneira milagrosa, todas as jarras foram preenchidas. Eliseu então disse a ela para vender o óleo, pagar suas dívidas e usar o restante do dinheiro para despesas de subsistência ([2Rs 4.1-7](#)).

Um ato semelhante de caridade foi realizado para uma mulher sunamita, que havia persuadido seu marido a providenciar um quarto onde o profeta pudesse ficar quando estivesse na área. Em troca de sua bondade, Eliseu previu que a mulher, anteriormente sem filhos, teria seu próprio filho. Cerca de um ano depois, isso aconteceu ([2Rs 4.8-17](#)). O menino mais tarde contraiu uma doença grave, possivelmente meningite, e morreu repentinamente. Sua mãe colocou o corpo na cama de Eliseu enquanto se apressava para o Monte Carmelo para buscar o profeta. Eliseu aparentemente não estava ciente da situação até que a mãe aflita o informou da morte do menino. Como medida de emergência, Eliseu enviou seu servo Geazi para colocar o cajado do profeta no rosto da criança. Isso não reviveu a criança, mas quando Eliseu chegou e se deitou sobre o corpo, o menino foi curado e devolvido aos seus pais ([vv. 18-37](#)).

Outro incidente benéfico foi a correção de uma situação potencialmente desastrosa. Quando algumas cabaças venenosas foram acidentalmente cozidas e servidas, Eliseu tornou a mistura inofensiva ao adicionar farinha ao conteúdo da panela ([2Rs 4.38-41](#)). Um milagre semelhante à multiplicação dos pães por Cristo (veja [Mt 14.16-21](#); [15.32-38](#)) ocorreu quando alguém trouxe ao profeta vários pães e espigas de milho frescas. Eliseu instruiu seu servo a distribuir a comida para 100 pessoas, e quando isso foi feito, as pessoas comeram e ainda sobrou comida ([2Rs 4.42-44](#)).

A cura de Naamã, um comandante sírio, ocorreu através da influência de uma serva hebreia na casa dele, que persuadiu a esposa de Naamã de que Eliseu poderia curar seu marido. O rei assírio enviou seu general ao governante israelita com instruções para que Naamã fosse curado. O homem aflito foi enviado a Eliseu, que ordenou que ele se lavasse no Rio Jordão. Relutante a princípio, Naamã finalmente obedeceu e foi curado de sua aflição. Em gratidão, o líder sírio reconheceu o poder do Deus de Israel ([2Rs 5.1-19](#)).

Encontros com a realeza

Quando a Síria atacou Israel, Eliseu revelou os movimentos dos sírios ao rei israelita. Os sírios tentaram capturar o profeta em Dotã, mas Deus os cegou, e Eliseu os conduziu à capital israelita de Samaria. A visão deles retornou, e Eliseu aconselhou o rei israelita a poupar os cativos, alimentá-los bem e enviá-los para casa. Porque o mal deles foi recompensado com o bem, os sírios não atacaram Israel por um tempo ([2Rs 6.8-23](#)).

Quando o rei sírio Ben-Hadade sitiou Samaria anos depois, as condições de fome lá se tornaram tão severas que o rei ameaçou executar Eliseu. Em resposta, o profeta prometeu uma abundância de comida no dia seguinte. Os sírios fugiram de seu acampamento por algum motivo não especificado, e a profecia foi cumprida ([2Rs 6.24-7.20](#)). Em um encontro incomum com o rei enfermo da Síria, Eliseu foi visitado por Hazael, servo de Ben-Hadade, que havia sido enviado para perguntar sobre as perspectivas de melhora de seu mestre. Eliseu enviou de volta uma resposta tranquilizadora, mas ao mesmo tempo disse que Hazael em breve sucederia Ben-Hadade ([8.7-13](#)). Em outra ocasião, Eliseu enviou um profeta a Ramote-Gileade para ungir Jeú, filho de Josafá, como rei de Israel para substituir Jorão, a quem Jeú procedeu a matar em batalha ([9.1-28](#)).

O último contato de Eliseu com os governantes israelitas ocorreu no momento de sua própria morte, quando Joás, o rei, o visitou para lamentar a doença do profeta. Naquela ocasião, através do manejo simbólico de flechas, o profeta moribundo prometeu a Joás que ele derrotaria os sírios em batalha, mas não os exterminaria ([2Rs 13.14-19](#)).

O profeta também interveio uma segunda vez em favor da mulher sunamita cujo filho ele havia curado, instruindo-a a mudar sua família para o território filisteu durante uma fome de sete anos em Israel. Quando ela voltou, sua casa e propriedade aparentemente tinham sido ocupadas

por outros, então ela apelou ao rei por ajuda para recuperá-las. O servo de Eliseu, Geazi, contou ao governante sobre ela, e ao entrevistá-la pessoalmente, o rei ordenou que toda a sua propriedade fosse devolvida ([2Rs 8.1-6](#)).

Influência constante

O último milagre de Eliseu ocorreu após sua morte, quando um cadáver jogado apressadamente na tumba do profeta voltou abruptamente à vida ([2Rs 13.21](#)). Jesus mencionou Eliseu uma vez em conexão com a cura de Naamã; Jesus declarou que a misericórdia de Deus não estava restrita aos israelitas ([Lc 4.27](#)).

Veja também Elias; História de Israel; Profecia; Profeta, profetisa.

Elisua

Filho do Rei Davi. Ele foi um dos 13 filhos que Davi gerou durante o tempo em que reinou como rei em Jerusalém ([2Sm 5.15](#); [1Cr 14.5](#)). Em uma lista semelhante encontrada em [1 Crônicas 3.6](#), a maioria dos manuscritos hebraicos mostra o nome "Elisama" no lugar onde deveria estar o nome de Elisua.

Eliú

1. Efraimita, filho de Toú e ancestral de Samuel, o profeta ([1Sm 1.1](#)); possivelmente também chamado de Eliabe e Eliel em [1 Crônicas 6.27,34](#), respectivamente;
2. Um dos soldados da tribo de Manassés que se juntou ao exército de Davi em Ziclague ([1Cr 12.20](#));
3. Levita coraíta e porteiro do tabernáculo durante o reinado de Davi ([1Cr 26.7](#));
4. Nome alternativo para Eliabe, o irmão mais velho de Davi, em [1 Crônicas 27.18](#). *Veja* Eliabe #3;
5. Um dos amigos de Jó, um buzita, filho de Baraquel ([Jó 32.2](#)). Ele falou sobre o sofrimento como uma forma de disciplina depois que três dos amigos de Jó falharam em responder aos argumentos de Jó (caps [32-37](#)).

Eliúde

Filho de Aquim, pai de Eleazar e um ancestral de Jesus Cristo, de acordo com a lista familiar em Mateus ([Mt 1.14,15](#)).

Veja Genealogia de Jesus Cristo.

Elizur

O filho de Sedeur e líder da tribo de Rúben quando os israelitas começaram sua jornada pelo deserto após deixarem o Egito ([Nm 1.5](#); [2.10](#); [7.30-35](#); [10.18](#)).

Elmadã

Um ancestral de Jesus Cristo, de acordo com [Lucas 3.28](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Elnaão

Pai de dois poderosos guerreiros no exército de Davi, Jeribai e Josavias ([1Cr 11.46](#)).

Elnatã

1. Avô do Rei Joaquim. Sua filha, a mãe de Jeoaquim, era Neusta ([2Rs 24.8](#)). Neusta às vezes é escrito como Neústa;
- 2, 3, 4. Três líderes judeus que Esdras enviou a Ido em Casifia para obter levitas e servos do templo para a caravana de judeus que retornavam à Palestina da Babilônia ([Ed 8.16](#));
5. O filho de Achor, que foi ordenado pelo Rei Jeoaquim a trazer Urias do Egito para ser executado por profetizar contra o rei ([Jr 26.22,23](#)). Elnatã estava presente com outros príncipes quando Baruque leu as palavras de advertência do Senhor escritas sob o ditado de Jeremias em um rolo ([36.12](#)); ele tentou, sem sucesso, impedir que Jeoaquim queimasse o rolo (v. [25](#)).

Eloá

Nome hebraico para Deus, enfatizando que somente Ele é digno de adoração. *Veja* Deus, Nomes de.

Elohim

Um nome geral para Deus no Antigo Testamento. A origem da palavra Elohim não é certa, mas a maioria dos estudiosos concorda que vem de uma raiz que significa "força" ou "poder". A palavra é plural em forma, mas quando se refere ao verdadeiro Deus, é usada como singular e, na maioria das vezes, com verbos no singular. A explicação mais comum para o motivo de Elohim ser plural quando aplicado a Deus é que é um "plural de majestade", o que significa que toda a grandeza e poder de Deus estão incluídos neste nome.

Elohim é uma palavra relacionada a nomes para divindades em outras línguas antigas, como o assírio e o ugarítico. No Antigo Testamento, às vezes pode se referir aos deuses de outras nações, mostrando seu significado mais amplo como um termo para seres divinos. No Antigo Testamento, especialmente nos primeiros cinco livros (Gênesis até Deuteronômio), Elohim parece ser usado de maneira geral para mostrar a grandeza de Deus e seu papel como criador do universo. Isso é um pouco diferente do nome Yahweh, que geralmente se refere a Deus em seus relacionamentos pessoais com as pessoas.

Elohim também é usado como um título para os governantes e juízes de Israel ([Sl 82.1.6](#)). Pode referir-se ao seu papel como representantes de Deus na terra ([Êx 21.6](#)). Jesus utilizou esse significado da palavra em [João 10.34-36](#) ao se defender de seus críticos.

A palavra também é usada para descrever anjos ([Sl 8.5](#), na Versão do Rei Tiago; compare [Hb 2.7](#)) e na frase "filhos de Deus" ([Jó 1.6](#)).

Veja também Deus, nomes de Deus.

Eloí, Eloí, lema sabactani?

Uma das frases que Jesus clama da cruz ([Mc 15.34](#)). *Veja* Eli, Eli, lema sabactani.

Elom (lugar)

Aldeia perto de Timna, a casa da primeira esposa de Sansão. Elom foi incluída na herança destinada à tribo de Dã na distribuição da Terra Prometida por Josué ([Js 19.43](#); [14.1.2](#)). Geralmente é identificada com Khirbet Wadi 'Alinm perto de 'Ain Shems.

Elom (Pessoa)

1. Heteu que foi o pai de Basemate (talvez também chamada Ada, [Gn 36.2](#)), uma das esposas de Esaú ([26.34](#)).
2. Segundo dos três filhos de Zebulom ([Gn 46.14](#)) e fundador da família Elonita ([Nm 26.26](#)).
3. Juiz de Zebulom que julgou Israel por 10 anos. Ele foi sepultado em Aijalom ([Jz 12.11-12](#)).

Elom e Bete-Hanã

Distrito administrativo em Dã durante o reinado de Salomão ([1Rs 4.9](#)). Talvez possa ser identificado com a cidade danita de Elom. Algumas versões da Bíblias trazem a grafia Elom-Bete-Hanã.

Elonita

Um descendente de Elom, filho de Zebulom ([Nm 26.26](#)).

Veja Elom (Pessoa) #2.

Elpaal

Benjamita e um dos filhos de Saaraim ([1Cr 8.11.12.18](#)).

Elpelete

Nome alternativo do filho de Davi, Elifelete, em [1 Crônicas 14.5](#). *Veja* Elifelete #3.

Elquias

Filho de Ananias e pai de Oziel, um ancestral de Judite ([Jt 8.1](#)).

Eltecom

Cidade localizada na região montanhosa de Judá. Foi atribuída por Josué à tribo de Judá ([Js 15.59](#)) e pode ser a moderna Khirbet ed-Deir, a oeste de Belém.

Elteque

Cidade atribuída à tribo de Dã como herança ([Js 19.44](#)); mais tarde foi designada aos levitas coatitas ([21.23](#)). Uma batalha importante foi travada perto de Elteque entre o Rei Senaqueribe da Assíria e os egípcios. Os egípcios foram posteriormente derrotados, e a cidade foi capturada pelos assírios. A partir daqui, Senaqueribe prosseguiu para invadir Judá ([2Rs 18.13](#)). Elteque estava localizada ao norte de Ecrom e a oeste de Timna, mas seu local exato é incerto.

Eltolade

Cidade atribuída à tribo de Simeão na porção sul da herança de Judá ([Js 15.30](#); [19.4](#)). É alternativamente chamada de Tolade em [1Cr 4.29](#).

Elul

Elul é um dos meses do calendário judaico. No nosso calendário moderno, geralmente ocorre durante partes de agosto e setembro ([Ne 6.15](#)).

Vea Calendários, antigos e modernos.

Eluzai

Um dos homens de Benjamim que veio se juntar a Davi em Ziclague ([1Cr 12.5](#)). Eluzai era um atirador de funda e arqueiro ambidestro.

Elzafã

70. Um homem levita da família Coate e filho de Uziel ([Nm 3.29,30](#)). Elzafã ajudou a remover os corpos de Nadabe e Abiú do acampamento ([Lv 10.4](#)). Os descendentes de Elzafã eram responsáveis por cuidar da arca, da mesa, do candelabro e dos utensílios do santuário (compare [1Cr 15.8](#); [2Cr 29.13](#)). Seu nome também é escrito Elzafã ([Êx 6.22](#); [Lv 10.4](#));
71. Filho de Parnaque e líder da tribo de Zebulom. Ele ajudou Eleazar e Josué a dividir o território dos Cananeus a oeste do Jordão entre as nove tribos e meia ([Nm 34.25](#)).

Elzafã

Uma grafia alternativa de Elzafã, um chefe levita, em [Êxodo 6.22](#) e [Levítico 10.4](#).

Vea também Elzafã #1.

Em (Lugar)

Nome hebraico para Heliópolis, uma cidade egípcia ([Gn 41.45,50](#); [46.20](#)). *Vea* Heliópolis.

Emanuel

Nome masculino hebraico que significa "Deus conosco". Aparece apenas duas vezes no AT ([Is 7.14](#); [8.8](#)) e uma vez no NT ([Mt 1.23](#)). No AT, o nome foi dado a uma criança nascida no tempo de Acáz, como um sinal para o rei de que Judá receberia alívio dos ataques de Israel e Síria. O nome simbolizava o fato de que Deus demonstraria sua presença com seu povo nessa libertação. A aplicação maior é que esta é uma profecia do nascimento do Deus encarnado, Jesus o Messias, como mostrado em Mateus.

A profecia nos dias de Isaías

Ao focar no nascimento de Jesus como Emanuel, houve alguma negligência em relação ao cumprimento histórico que ocorreu no tempo de Acáz. Acáz era filho de um bom rei, Jotão, e neto de

outro governante piedoso, Uzias, mas seu reinado foi marcado por apostasia e idolatria. Ele fez “imagens fundidas” para os Baalins, ofereceu incenso no Vale de Hinom e até queimou seus filhos como oferta ([2Cr 28.2-4](#)). Por causa disso, o Senhor o entregou nas mãos de Rezim, rei da Síria, e de Peca, rei de Israel. Os edomitas também invadiram Judá, e os filisteus atacaram a Sefelá e o Neguebe, e tomaram várias cidades (vv. [17-18](#)).

Acaz pediu ajuda a Tiglate-Pileser III da Assíria (745–727 a.C.) contra Israel e Síria. Tiglate-Pileser aceitou o tributo de Acaz, mas o atacou em vez de ajudá-lo ([2Cr 28.20-21](#)). Quando foi a Damasco para se encontrar com o rei assírio, Acaz viu um altar, no qual fez oferendas aos deuses da Síria (v. [23](#)). Ele mandou fazer uma réplica desse altar e a colocou no templo de Jerusalém ([2Rs 16.10-12](#)). O profeta Isaías foi instruído a confrontar Acaz no final do canal do reservatório superior. A mensagem de Deus para o rei era para “ter coragem”, pois os reis invasores seriam derrotados ([Is 7.7-9](#)). Isaías então orientou Acaz a pedir ao Senhor um sinal dessa promessa, mas o rei recusou, fingindo uma piedade repentina (v. [12](#)).

Após essa recusa, o Senhor deu a Acaz um sinal: uma jovem conceberia e daria à luz um filho e chamaria seu nome Emanuel ([Is 7.14](#)). Esse filho seria capaz de distinguir o bem do mal quando tivesse idade suficiente para comer coalhada e mel silvestre, mas mesmo antes disso, os dois reis seriam removidos e o rei da Assíria devastaria suas terras. O povo seria levado cativo, de modo que a terra ficaria desolada e sem cultivo. Um homem teria apenas uma vaca para fornecer leite para coalhada, e o mel silvestre seria colhido dos arbustos emaranhados da terra abandonada e sem cultivo.

A identidade desta mulher e criança no tempo de Isaías é incerta. Foi sugerido que a mulher fosse Abia, esposa de Acaz, e que o filho deles, Ezequias, fosse este Emanuel. Isso não é comprovável, e parece inapropriado que um homem como Acaz seja o pai do Emanuel.

Também foi sugerido que a esposa de Isaías era a mãe do Emanuel. [Isaías 7.14](#) fala sobre o nascimento futuro do Emanuel; [Isaías 8.3](#) fala sobre a concepção e nascimento do filho de Isaías, cujo nome, Maer-Salal-Hás-Baz (“rápido para saquear e veloz para despojar”) está relacionado à predição da queda dos inimigos de Judá, pois antes que a criança aprendesse a falar, as terras da Síria e Israel seriam tomadas pelo rei da Assíria ([Is 8.4](#)). A declaração de Isaías de que ele e seus filhos eram

“sinais que causem espanto ao povo de Israel” (v. [18](#), NTLH) reforça a interpretação de que seu filho também era aquele chamado Emanuel.

O Senhor então dirigiu uma mensagem a Emanuel ([Is 8.5-10](#)). Porque o povo havia recusado o convite gracioso do Senhor, os assírios iriam açoitar e inundar a terra do Emanuel. As conspirações e planos do povo não teriam sucesso, pois “Deus está conosco” (“immanu’el”). Isto é um jogo de palavras, usando o nome Emanuel para expressar a verdade da presença do Senhor.

A profecia cumprida em Jesus

Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu filho; mais de 700 anos após Acaz, Jesus nasceu e aqui todas as ambiguidades desaparecem. Sua mãe era uma virgem de Nazaré chamada Maria (Miriã), prometida a um cidadão respeitável chamado José. [Mateus 1.23](#) cita [Isaías 7.14](#) como sendo cumprida no nascimento de Jesus. A Escritura é muito clara ao afirmar que Maria não teve contato sexual com seu marido antes do nascimento de Jesus ([Mt 1.25](#)). A mesma precisão é vista no Evangelho de Lucas. Quando o anúncio da concepção desta criança foi feito a Maria, ela perguntou: “Como pode ser isso, se não tenho marido?” ([Lc 1.34](#)). O mensageiro angelical explicou que esta concepção seria realizada pela vinda do Espírito Santo sobre ela e pelo poder do Altíssimo que a cobriria (v. [35](#)). Por esta razão, a criança não seria apenas Jesus e Emanuel, mas seria chamada de santo, o Filho de Deus, Deus manifestado em carne ([Jo 1.18](#)); a criança seria única, sendo tanto Deus quanto homem.

Havia grandes distinções entre o Emanuel dos dias de Isaías e Emanuel, o filho de Maria. O primeiro era um tipo; o outro, o antítipo. O primeiro era a sombra; o outro, a realidade. Um simbolizava a libertação da opressão estrangeira; o segundo era o Libertador do opressor. O primeiro representava a presença de Deus por apenas alguns anos; o segundo Emanuel é o Filho que vive para sempre.

O conceito de “Deus conosco” foi frequentemente reiterado por Jesus. Ele disse aos seus discípulos que onde dois ou três estivessem reunidos em seu nome, ele estaria presente ([Mt 18.20](#)). Antes de sua ascensão, ele os assegurou de que estaria com eles até o fim dos tempos ([28.20](#)).

Ele também falou da promessa do Espírito Santo, que “ele está com vocês e viverá em vocês” ([Jo 14.17](#), NTLH), que permanecerá com eles para sempre (v. [16](#)). A habitação do “Deus conosco” é

mencionada em [Colossenses 1.27](#): “Cristo vive em vocês”. Na consumação de todas as coisas, como mostrado ao apóstolo João, o Senhor disse: “Agora a morada de Deus está entre os seres humanos! Deus vai morar com eles, e eles serão os povos dele. O próprio Deus estará com eles e será o Deus deles” ([Ap 21.3](#), NTLH).

Veja também Deus, Nomes de; Messias.

Embaixador

Um mensageiro ou enviado representa oficialmente uma autoridade superior. No Antigo Testamento, um embaixador era alguém enviado para falar em nome de um rei ou governante. Essa pessoa fazia viagens curtas para compartilhar mensagens ou fazer acordos. Eles atuavam como a voz oficial do líder que os enviou. Exemplos incluem:

- os enviados do Faraó ([Is 30.4](#));
- os embaixadores dos governantes da Babilônia ([2Cr 32.31](#)); e
- mensageiros de Neco, rei do Egito ([2Cr 35.21](#)).

Nas cartas de Paulo, o apóstolo se intitulou embaixador de Cristo porque tinha uma missão apostólica de compartilhar o evangelho de Cristo com os gentios ([2Co 5.20](#); [Ef 6.20](#)).

Emboscada

Um ataque surpresa realizado por pessoas que estão escondidas e esperando por outras, frequentemente utilizado em guerras e conflitos.

Veja Guerra.

Emeque-Queziz

Grafia alternativa de Emeque-Quesis, encontrada em poucos Bíblias em português, uma cidade atribuída à tribo de Benjamim como herança, em [Josué 18.21](#). *Veja* Emeque-Quesis.

Emim, Emins

Nome dado aos habitantes originais de Moabe ([Gn 14.5](#)) pelos moabitas que os expulsaram de sua terra. Eles eram um povo alto, também conhecido como refains ([Dt 2.10-11](#)), e foram comparados com os zuzitas, anaquins e horeus por seu tamanho. Este fenômeno é evidentemente uma indicação de isolamento genético. *Veja* Gigantes.

Emissão De Sangue*

Na versão NTLH, hemorragia em [Mateus 9.20](#) e [Marcos 5.25](#). *Veja* Hemorragia.

Empalamento

A inserção de uma estaca pontiaguda em um corpo humano provavelmente foi praticada no antigo Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e possivelmente também em Israel. No entanto, há muitos desafios em compreender o que significa empalamento no Antigo Testamento. Seu significado varia em diferentes passagens.

Os documentos gregos podem ser confusos. Eles usam a mesma palavra tanto para empalamento quanto para crucificação. (Na crucificação, o corpo é fixado a uma estaca em vez de ser perfurado.) Também não está claro se o empalamento é realizado em um corpo vivo ou em um cadáver. Provavelmente, ambos os tipos de empalamento eram utilizados. O primeiro era para execução. O segundo era para expor o cadáver aos elementos, animais e desonra. Além disso, não está claro até que ponto “enforcamento” no Antigo Testamento se refere a empalamento.

Fontes mesopotâmicas lançam alguma luz sobre o empalamento, que era um método de execução. Um caso envolvia uma mulher que causou a morte do marido (Código de Hamurabi 153). Outro caso era o de uma mulher que provocasse um aborto em si mesma (Leis Assírias Médias 53). A última lei afirmava que a mulher deveria ser empalada, independentemente de ter sobrevivido ao aborto. Reis assírios alegavam ter pendurado prisioneiros de guerra em estacas. A arte assíria mostra corpos empalados em cenas de batalha. A estaca poderia ser empurrada para cima no peito, com o corpo virado para baixo, ou entre as pernas, com o corpo ereto.

O decreto de Dario em [Esdras 6.11](#) para reconstruir o templo de Jerusalém permitia punir os violadores, possivelmente por empalamento. Se a expressão “pendurar em uma árvore [estaca]” (p. ex. [Gn 40.19](#); [Dt 21.22](#); [Js 8.29](#); [10.26](#); [Et 2.23](#)) se refere ao empalamento, um cadáver estava sendo empalado ([Js 10.26](#)). Esta interpretação também se aplica a [Deuteronômio 21.22](#). Lá, a vítima é primeiro morta e depois “pendurada”. A semelhança com a crucificação de Cristo ([Gl 3.13](#)) é a desgraça, não o método. Outros possíveis exemplos de empalamento são encontrados em [2 Samuel 4.12](#) e [21.6-13](#).

Veja também Direito penal e punição.

Empregada, Donzela

Uma jovem solteira, frequentemente da classe servil.

Palavras hebraicas traduzidas como "donzela"

No Antigo Testamento, cinco palavras hebraicas são traduzidas como “donzela”:

72. *'amah*. Possíveis traduções para o português desta palavra são "serva", "escrava", "criada", "empregada", "serviçal", "garota escrava" e "menina".
73. *shiphchah*. Esta palavra tem um significado semelhante a *'amah*. Pode ser traduzida como "serva", "criada", e "moça escrava". Tanto *shiphchah* quanto *'amah* referem-se a escravas. *Shiphchah* implica uma relação mais próxima entre a escrava e seu dono. Nas histórias dos patriarcas, este termo é usado para se referir a escravas em geral e concubinas que eram escravas das esposas de seus maridos ([Gn 16](#); [29-30](#)).
74. *bethulah*. Este termo refere-se a uma virgem ou a uma jovem em idade de casar ([Gn 24.16](#); [Êx 22.16](#)). Os profetas do Antigo Testamento usaram este termo simbolicamente para se referir a uma cidade ou país como uma “virgem” ([Jr 31.21](#); [Am 5.2](#)).

75. *na'Ará*. Este termo frequentemente se refere a uma moça solteira ([Et 2.4](#)). Também pode ser usado para uma serva ([Et 4.4](#); [Rt 2.23](#)). Esta palavra também é o nome de uma mulher (Naara, a esposa de Azur, em [1Cr 4.5-6](#)) e de uma cidade em Efraim, perto de Jericó ([Js 16.7](#)).
76. *'almah*. Há muita controvérsia em torno desta palavra usada em [Isaías 7.14](#). Pode significar "menina", "jovem mulher" ou "jovem mulher em idade de casar, presumivelmente uma virgem". Somente o contexto pode determinar com precisão o significado de *'almah* em qualquer caso específico. Olhando para [Isaías 7.14](#) de uma perspectiva do Novo Testamento, *'almah* é uma referência à virgem Maria, a mãe de Jesus (veja [Mt 1.23](#)).

Palavras gregas traduzidas como "donzela"

Várias palavras gregas são traduzidas como "donzela" no Novo Testamento em português:

77. *korasion*. Esta palavra significa "menina", "garotinha" ou "donzela" ([Mt 9.24-25](#)).
78. *paidiske*. Esta palavra originalmente se referia a uma "jovem", mas depois passou a significar "uma escrava", "uma criada" ou "uma empregada" ([Mc 14.66](#); [Lc 12.45](#)). Ela vem de *país* ("uma jovem", "donzela" ou "criança") ([Lc 8.51,54](#)).
79. *numphe*. Esta palavra significa "jovem esposa", "noiva" e "nora" ([Lc 12.53](#); [Ap 21.2](#)).
80. *parthenos*. Esta é a palavra grega comum para "virgem" e aparece 14 vezes no Novo Testamento.

Veja também Escravo, Escravidão.

Empregado

Um empregado é um servo. Esta palavra aparece na versão NTLH da Bíblia em [2Rs 4.43](#).

Emprestar, Empréstimo

Receber dinheiro ou bens que uma pessoa promete devolver. A Lei de Moisés regulamentava o empréstimo e os juros ([Dt 23.19-20](#)).

Veja Banqueiro, Serviço bancário.

Empréstimo

Dinheiro emprestado a juros. *Veja* Dinheiro; Banqueiro, bancário.

En-Gedi

En-Gedi é um importante oásis no lado oeste do Mar Morto, cerca de 56,3 quilômetros a sudeste de Jerusalém. Era parte da terra dada à tribo de Judá ([Js 15.62](#)). En-Gedi tinha uma fonte de água quente fluindo de um penhasco de calcário, o que permitia o crescimento de plantas que prosperavam em climas quentes. A área tornou-se conhecida por suas palmeiras, vinhedos e bálsamo ([Ct 1.14](#); *Antiguidades* de Josefo 20.1.2). O sítio antigo ficava a sudeste do oásis em Tell el-Jarn, perto da moderna 'Ain Jidi.

En-Gedi também era chamado de Hazazão-Tamar ([2Cr 20.2](#)). Aparece em várias histórias do Antigo Testamento:

- Quedorlaomer conquistou os amorreus lá ([Gn 14.7](#))
- Davi se escondeu de Saul nas cavernas de En-Gedi ([1Sm 23.29](#))
- Na visão de Ezequiel sobre um Israel restaurado, pescadores capturam peixes do Mar Morto entre En-Gedi e En-Eglaim ([Ez 47.10](#))

En-Mispate

Nome inicial para Cades, mencionado no relato das batalhas de Quedorlaomer ([Gn 14.7](#)). *Veja* Cades, Cades-Barneia.

Enã

Pai de Aira. Aira foi nomeado por Moisés como o comandante da tribo de Naftali durante o primeiro censo de Israel no deserto do Sinai ([Nm 1.15](#); [2.29](#); [7.78,83](#); [10.27](#)). O nome aparentemente é preservado no nome Hazar-Enã (-Enom), uma cidade em algum lugar entre Damasco e Haurã ([Nm 34.9](#); [Ez 47.17](#); [48.1](#)).

Encantamento

O ato de lançar encantamentos ou feitiços para influenciar outros ou obter entendimento. Balaão não pôde lançar nenhum encantamento contra Israel, mas apenas abençoá-los ([Nm 23.23](#)). Os encantadores estavam entre os sábios da corte de Nabucodonosor. Daniel e seus três amigos foram considerados dez vezes mais sábios que os encantadores ([Dn 1.20](#)). Os encantadores não conseguiram recordar o sonho esquecido do Rei Nabucodonosor ([2.2-27](#)). Eles também não puderam interpretar seu segundo sonho ([4.7](#)). Mais tarde, sob Belsazar, eles não conseguiram ler a escrita que apareceu na parede do palácio ([5.7-15](#)). Segundo o profeta Isaías, os grandes poderes dos encantamentos da Babilônia não a salvariam da destruição ([Is 47.9,12](#)). O salmista escreve sobre os ímpios "que não quer ouvir a voz do encantador de serpentes" ([Sl 58.5](#)).

Veja também Magia; Feitiçaria.

Encantamento

Canto utilizado em magia. *Veja* Magia.

Encarnação*

Literalmente, "em carne"; teologicamente, a doutrina de que em Jesus de Nazaré, Deus assumiu carne humana e se tornou o Deus-homem. Historicamente, a doutrina da encarnação era central nos debates cristológicos dos tempos patrísticos e recentemente veio à tona novamente nos meios acadêmicos. Biblicamente, expressa o mistério da identificação de Jesus.

Testemunho do Novo Testamento

Os Evangelhos Sinóticos

O Evangelho de Marcos não tem relato da Encarnação e enfatiza a messianidade de Jesus mais do que sua divindade. Como resultado, alguns acreditam que representa um estágio anterior no desenvolvimento da teologia da igreja, antes que a doutrina da encarnação tivesse evoluído. Isso é duvidoso por duas razões: passagens de encarnação como o hino de Filipenses ([Fp 2.6-11](#)) provavelmente antedatam o Evangelho de Marcos, e Marcos tem uma teologia bem desenvolvida das duas naturezas de Cristo. Embora ele aponte a humanidade de Jesus, Marcos a acentua com uma ênfase na divindade. Jesus foi chamado de “Filho amado” por uma voz celestial em seu batismo e transfiguração ([Mc 1.11](#); [9.7](#)); os demônios o chamaram de divino ([3.11](#); [5.7](#)), assim como um centurião romano ([15.39](#)). As orações de Jesus “Aba” ([14.36](#); cf. [Mt 26.39](#); [Lc 22.42](#)) indicam seu senso de identificação divina, e em seu julgamento, ele foi acusado de reivindicar o título de “Filho do Deus Bendito” ([14.61-62](#)). Assim, embora a Encarnação não esteja em lugar alguma explicitamente declarada em Marcos, ela é implicitamente afirmada.

Mateus e Lucas expressam a Encarnação. As narrativas de nascimento, é claro, enfatizam o próprio evento, com Mateus enfatizando o messianismo real de Jesus, e Lucas, o testemunho divino do Espírito Santo. O Evangelho de Mateus é centrado em Cristo; Lucas se concentra em Cristo como Salvador, ou mais precisamente, na história da salvação. Embora Mateus apresente a humanidade de Jesus, ele enfatiza seu senhorio ([Mt 23.6-10](#)) e sua filiação divina. A Encarnação assim se torna o meio pelo qual o divino se torna humano em um sentido universal ([1.23](#); [18.20](#); [24.14](#); [28.18-20](#)). Lucas mostra o maior interesse dos três na vida terrena de Jesus. No entanto, seu Evangelho não enfatiza o lado humano de Jesus tanto quanto o de Marcos. Lucas retrata Jesus principalmente como o Salvador divino dentro da história ([Lc 2.11](#); [4.16-30](#)). Ele combina o ofício messiânico de Jesus e a natureza divina, mostrando que o Filho de Deus encarnado sofreu e foi exaltado para trazer as pessoas a Deus.

Os escritos de João

A doutrina da encarnação do apóstolo João é mais explícita do que qualquer um dos outros, ensinando não apenas o status de Deus-homem de

Jesus, mas também sua “glória” preexistente ([Jo 1.1-18](#)). O ponto central nesta apresentação é a unidade entre Jesus e Deus, o Pai ([10.29-30](#); [14.8-11](#); [1Jo 2.23](#)). O “Eu sou” (o Cristo expressado, tirado do título do AT para o único Deus verdadeiro e provavelmente significando o nome pessoal de Deus, Yahweh) veio para revelar Deus ao seu povo ([Jo 1.4-5,14,18](#)). No entanto, João também tem a apresentação mais equilibrada da Encarnação. O Logos divino ou Palavra ([1.1-18](#)) é o exemplar da humanidade perfeita; ele “se tornou carne” (v. [14](#)) para iluminar as pessoas (vv. [5.9](#)) e gerar nelas “vida eterna” ([3.14-18](#); [1Jo 1.1-3](#); [4.9](#)).

As epístolas de Paulo

O apóstolo Paulo apresentou a Encarnação como o caminho de Jesus para o sofrimento e redenção. Em [Gálatas 4.4-5](#), a Encarnação (“nascido de mulher”) veio “na plenitude dos tempos” ou no ápice da história da salvação, para “redimir aqueles que estavam sob a lei”. No hino de Filipenses ([Fp 2.6-11](#), citações da NTLH), a Encarnação é vista em termos de preexistência (“embora ele estivesse a natureza de Deus”), humilhação (“esvaziado... abriu mão”) e obediência (“obedeceu a Deus até a morte”). O objetivo da Encarnação era a cruz (“até a morte - morte de cruz”), e seu resultado foi a exaltação de Cristo. O hino é talvez a declaração teológica suprema sobre a Encarnação no NT. A vida humana de Jesus era um “esvaziamento”, uma rejeição de se apropriar das prerrogativas de sua divindade (“mas não tentou ficar igual a Deus”).

Paulo descreveu Cristo como um segundo Adão ([Rm 5.12-19](#); [1Co 15.45-47](#)), que trouxe à humanidade uma nova possibilidade de alcançar o que Adão havia abandonado. Através de assumir a forma de um homem, Cristo se tornou o Redentor que reconcilia as pessoas com Deus ([Rm 3.25](#); [2Co 5.19](#); [1Tm 1.15](#)). Paulo enfatizou ainda mais, no entanto, que o Cristo exaltado dá uma nova vida ([Rm 6.4-6](#); [2Co 3.17-18](#); [Cl 3.1-4](#)). Um hino na Carta aos Colossenses ([1.15-20](#)) emprega ideias da sabedoria judaica, e possivelmente temas gregos, para mostrar Cristo como o “primogênito” e a “plenitude de Deus”. Aquele que sempre existiu como Deus, através de sua morte sacrificial, se tornou o Senhor exaltado e trouxe a humanidade a Deus (veja também o tema “carne e espírito” em [Rm 1.3-4](#); [1Tm 3.16](#)).

Hebreus

A Carta aos Hebreus fala fortemente da Encarnação. O hino de abertura ([Hb 1.1-3](#)) acentua

o status exaltado de Cristo como “a perfeita semelhança” da imagem de Deus e o esplendor de sua glória. Cristo é superior aos anjos (1.4-9), mas ele se tornou homem para sofrer pela salvação humana (2.9; 5.7-9). A Encarnação está alinhada com a necessidade da humanidade pecadora de um Salvador. O propósito de Hebreus é mostrar a superioridade incomparável de Cristo aos sacrifícios do AT, e, ao mesmo tempo, enfatizar sua obra de salvação. Sua real tentação (2.18; 4.15) combinada com sua impecabilidade (4.15; 5.9; 7.26) é a solução humana para o pecado humano. A Encarnação foi o caminho de Cristo para a expiação final, de uma vez por todas e a vitória sobre o pecado (7.28; 9.26).

Desenvolvimento histórico

O primeiro grupo a desafiar a doutrina tradicional da encarnação foram os gnósticos, que no final do primeiro século negaram que Jesus era verdadeiramente humano. Sua crença grega de que a criação física era maligna os levou a negar a Encarnação. Eles acreditavam que Cristo era um ser quase espiritual que meramente se parecia humano. O teólogo Marcião (m. c. 160), treinado por mestres gnósticos, também aceitou uma interpretação docética de Cristo (sua humanidade era apenas aparente). Marcião ensinou sua doutrina como um antídoto para o AT ou o cristianismo orientado para os judeus em seus dias. Após sua excomunhão em 144 d.C., Marcião fundou sua própria igreja, e suas visões foram amplamente disseminadas nos dois séculos seguintes. Em parte em reação à heresia cristológica de Marcião, as igrejas ortodoxas unificaram sua doutrina.

O próximo desafio para a visão ortodoxa veio através das controvérsias arianas, apolinárias e nestorianas no terceiro e quarto séculos. O arianismo sustentava que a Encarnação era total, de modo que Cristo, o Logos, não era mais totalmente Deus. Ao mesmo tempo, ele não era totalmente humano, então Cristo era alguém entre duas naturezas. O Concílio de Niceia (325 d.C.) afirmou que Jesus era de fato tanto Deus quanto homem. Uma pergunta adicional logo surgiu, no entanto, sobre a relação entre suas duas naturezas. Apolinário (310?-390?) ensinava que apenas o corpo de Jesus era humano; sua alma foi absorvida completamente no Logos divino. Nestório (ca. 381-451) ensinava que as duas naturezas devem sempre permanecer distintas na pessoa de Cristo; elas funcionavam juntas, mas eram separadas em seu ser. O Concílio de Calcedônia (451 d.C.) afirmou a unidade das duas naturezas em Jesus. Muitos

oponentes do Concílio de Calcedônia surgiram, chamados monofisitas, que acreditavam em uma natureza divina em Jesus, que era apenas em um sentido humano. Esse movimento causou sérias divisões políticas e religiosas, e o Concílio de Constantinopla (680-81) reafirmou o de Calcedônia e estabeleceu a teologia ortodoxa da encarnação.

No oitavo século, a Espanha e a França eram centros da controvérsia “adocionista”. O adocionismo ensinava que no nascimento, Jesus era humano, mas em seu batismo, ele passou por um “segundo nascimento” e foi “adotado” como Filho de Deus. Esta teoria foi condenada em uma série de sínodos e nunca ganhou muitos adeptos até os tempos modernos. Durante a era escolástica, Pedro Lombardo (1095?-1160) defendeu o que ficou conhecido como “niilismo”. A Encarnação supostamente não causou nenhuma mudança fundamental na divindade de Jesus, mas sua natureza humana era insubstancial e não essencial. Essa visão também foi condenada pelo Papa Alexandre III (1159-81). Outro debate naquela época tinha seu ponto central na relação entre a queda e a Encarnação. Tomás de Aquino (1224-74) concluiu que havia uma conexão de causa e efeito; a Encarnação foi necessária em decorrência do pecado, em vez de predestinada separadamente da queda.

A Igreja Católica Romana e os reformadores protestantes seguem basicamente o mesmo ensino ortodoxo sobre a Encarnação. O conflito na Reforma se centrou mais na soteriologia (a doutrina da salvação). Vários movimentos antitrinitários aberrantes aproveitaram a ruptura na autoridade eclesiástica, no entanto. Miguel Servet (1511-53) ensinava uma visão panteísta da Encarnação, focada no Espírito divino se tornando manifesto na forma humana de Jesus. Assim, o Logos não é uma pessoa distinta na Divindade, nem é fundamentalmente diferente de uma “centelha divina” em cada pessoa. Ao mesmo tempo, Lúlio Socino (1525-62) e seu sobrinho, Fausto Socino (1539-1604), ensinavam um sistema unitário. A Encarnação não era uma transferência da essência divina, mas uma comunicação de autoridade e revelação divina. Cristo, assim, não morreu como uma expiação, mas como um exemplo moral. Tanto Servet quanto o Socinianismo foram condenados por católicos e protestantes.

Nos séculos 17 e 18, “kenoticismo” (do grego “vazio”) ensinava que na Encarnação, o Logos “esvaziou-se” (Fp 2.7) dos atributos divinos. Essa

doutrina representou a fase final de um diálogo do período escolástico sobre a comunicação exata entre as duas naturezas de Jesus. Sua natureza humana era onipotente? Se não, como o homem Jesus exerceu os atributos divinos? A escola kenótica acreditava que Jesus era totalmente humano e que sua natureza divina ficou em silêncio até após a Ascensão. Seus poderes milagrosos eram externos, dados pelo Espírito. Contra essa visão, a maioria dos teólogos argumentou que Jesus era em todos os momentos tanto Deus quanto o homem, e que em [Filipenses 2.6-8](#) Jesus não deixou de lado os atributos da divindade (ele ainda exibia a “forma de Deus”), mas sim a majestade associada à divindade.

Os séculos 19 e 20 deram origem a uma visão de que a Encarnação era um “mito”, uma maneira pictórica de descrever como Deus falou através de Jesus. O nascimento virgem não foi histórico, nem qualquer um dos eventos sobrenaturais dos Evangelhos jamais ocorreu. Em vez disso, as histórias nos Evangelhos eram histórias elaboradas pela igreja tardia, esforços para retratar o impacto de Jesus no movimento. Os Evangelhos, no entanto, têm um tom de história precisa muito forte para que tal visão prevaleça (veja [Lc 1.1-5](#); [Jo 19.35](#); [21.24](#)).

Conclusão

O ensino do NT sobre a Encarnação equilibra a humanidade e a divindade de Cristo. Esses dois fatos devem se harmonizar em qualquer sistema teológico, pois ambos são partes absolutamente necessárias do plano redentor de Deus. Na Encarnação, Jesus se tornou um ser humano perfeito. Como Deus em carne humana, ele sofreu a punição divina pelo pecado como um substituto inocente. Sendo tanto Deus quanto homem, Jesus simultaneamente revelou a vontade de Deus para a vida humana e reconciliou pessoas pecadoras a Deus através de sua própria vida e morte perfeitas. Por causa da Encarnação, portanto, aqueles que acreditam em Cristo têm paz com Deus e nova vida de Deus.

Veja também Cristologia; Jesus Cristo, vida e ensinamentos de; Genealogia de Jesus Cristo; Nascimento virginal de Jesus.

Endívia

Escarola (*Cichorium endivia*) é um vegetal de folhas com sabor levemente amargo. Está relacionada à

chicória e possui folhas encaracoladas que crescem em uma cabeça solta. A escarola cresce bem no Oriente Médio e tem sido cultivada como planta alimentícia na região há séculos.

Alguns estudiosos sugerem que a endívia pode ter sido uma das ervas amargas (*merorim*) consumidas pelos israelitas durante a Páscoa ([Êxodo 12.8](#)), embora a Bíblia não especifique quais plantas foram usadas. Nos tempos antigos, as pessoas consumiam endívia tanto crua quanto cozida como um vegetal verde.

Consulte Ervas Amargas.

Endor

Uma cidade antiga dos cananeus, a 6,5 quilômetros ao sul do Monte Tabor, atribuída à tribo de Manassés, embora nunca totalmente conquistada por eles ([Js 17.11](#)). A cidade testemunhou a derrota de Jabim e Sísera por Baraque ([Sl 83.9-10](#)). Endor é mais conhecida como a morada da feiticeira que foi consultada pelo rei Saul ([1Sm 28.7](#)). Nessa ocasião, Saul se disfarçou porque sua jornada a Endor o levou perto do exército filisteu acampado em Suném.

Endro

Endro (*Anethum graveolens*) é uma planta anual que se assemelha à salsa e ao funcho. Cresce de 30 a 50 centímetros de altura e possui flores amarelas. As pessoas usavam endro como tempero geral, especialmente para picles, e também tinha alguns usos medicinais. Esta planta é cultivada em muitos lugares por suas sementes, que têm um cheiro forte e agradável e ajudam na digestão.

A NTLH traduz a palavra grega *anēthon* em [Mateus 23:23](#) como “erva-doce” ao invés de “endro”. Isto é considerado incorreto pela maioria dos especialistas.

Eneias

Um homem paralítico que vivia em Lida e tinha que ficar na cama o tempo todo. O apóstolo Pedro o curou ([At 9.33-35](#)). Foi um milagre.

Enforcamento

Veja Lei criminal e punição; Empalamento.

Enigma

Um enigma é um quebra-cabeça de palavras que desafia as pessoas a encontrar um significado oculto. No mundo antigo, as pessoas apreciavam enigmas tanto por diversão quanto como uma forma de testar a sabedoria. Ao contrário das fábulas (histórias que ensinam lições óbvias), os enigmas eram feitos para serem desafiadores de resolver.

Enigmas no Antigo Testamento

Fábulas na Bíblia frequentemente utilizavam histórias sobre plantas ou animais para ensinar lições claras. Por exemplo, Jotão contou uma história sobre plantas escolhendo um rei ([Jz 9.7-15](#)). O significado de sua história era fácil de entender. Às vezes, pode ser difícil distinguir se algo é um enigma ou uma fábula. Por exemplo, Ezequiel escreveu o que algumas pessoas chamam de enigma sobre plantas ([Ez 17](#)), mas outros acreditam que é mais como uma fábula porque seu significado é mais claro do que a maioria dos enigmas.

O enigma de Sansão em sua festa de casamento é o mais famoso da Bíblia ([Jz 14](#)). As pessoas costumavam compartilhar enigmas em celebrações como essa (vv. [12-13](#)). O enigma de Sansão tinha duas linhas (chamadas de dístico): "Do que come saiu comida, e do forte saiu doçura" (v. [14](#)). A resposta veio de um evento anterior quando Sansão matou um leão e mais tarde encontrou mel em seu corpo. Os trinta jovens na festa ameaçaram a futura esposa de Sansão para que ela descobrisse a resposta dele. Eles responderam ao seu enigma perguntando: "Que coisa é mais doce do que o mel? E o que é mais forte do que o leão?" (v. [18](#)).

A sabedoria do Rei Salomão foi demonstrada por sua habilidade em responder às "perguntas difíceis" da Rainha de Sabá ([1Rs 10.1-4](#)). Um texto judaico chamado Siraque (também conhecido como Eclesiástico) elogia Salomão, dizendo: "Sua alma cobriu a terra, e você a preencheu com parábolas e enigmas" ([Sir 47.15](#)).

Um historiador judeu chamado Josefo escreveu sobre uma competição entre Salomão e o Rei Hirão, onde eles trocavam enigmas. Salomão ganhava na

maioria das vezes, mas Hirão finalmente venceu uma rodada com a ajuda de outros (*Antiguidades* 8.5.5). Os sábios de Israel frequentemente afirmavam que podiam resolver enigmas (E.g., [Sl 49.4](#); [Pv 1.6](#)). O livro de Daniel menciona enigmas várias vezes. Ele descreve um governante futuro como "entendido em adivinhações" (literalmente, "aquele que entende enigmas") que subiria ao poder ([Dn 8.23-24](#)). Daniel também podia "interpretar sonhos, explicar coisas misteriosas e resolver assuntos difíceis" ([Dn 5.12](#)).

Enigmas no Novo Testamento

O Novo Testamento tem menos enigmas. As várias "duras palavras" de Jesus (e.g., [Jo 6.60](#)) são difíceis de aceitar e igualmente difíceis de entender. Talvez o único verdadeiro enigma seja o número da besta, 666 ([Ap 13.18](#)). Muitos estudiosos acreditam que esse número pode se referir ao Imperador Romano Nero, já que esse tipo de código numérico era comum na escrita antiga.

Enlace

Literalmente, uma armadilha usada para capturar pássaros ou outros mamíferos; figurativamente, qualquer coisa que prende ou imobiliza outra pessoa. A palavra é frequentemente usada nas Escrituras no sentido figurado para descrever qualquer coisa que leva as pessoas ao pecado (veja [Dt 7.25](#); [Ec 7.26](#)).

Enom

Uma pequena cidade perto do Rio Jordão. Os estudiosos acreditam que pode ter sido localizada cerca de 48 quilômetros ao norte do Mar Morto. A Bíblia menciona que João Batista batizou pessoas lá ([Jo 3.23](#)).

Enoque

81. Terceiro filho de Midiã e neto de Abraão com Quetura ([Gn 25.4](#); [1Cr 1.33](#)).
82. O primeiro filho de Rúben ([Gn 46.9](#); [Êx 6.14](#); [1Cr 5.3](#)) e ancestral dos enoquitas ([Nm 26.5](#)).

Enoque (Lugar)

Cidade que Caim nomeou em homenagem ao seu primeiro filho, Enoque ([Gn 4.17](#)).

Enoque (Pessoa)

1. Filho de Caim e neto de Adão ([Gn 4.17.19](#)).
2. O filho de Jared entre os descendentes de Sete; pai de Matusalém ([Gn 5.18-24](#); [1Cr 1.3](#)). Ele viveu em uma relação tão próxima com Deus que foi levado ao céu sem ter morrido.

Enoquita

Que se refere a qualquer descendente de Enoque, o filho primogênito do patriarca Rúben ([Nm 26.5](#)).

Veja Enoque #2.

Enos

Filho de Sete e neto de Adão ([Gn 4.26](#); [1Cr 1.1](#)). Tornou-se pai de Cainã aos 90 anos de idade, após o que teve outros filhos e filhas, falecendo aos 905 anos ([Gn 5.6-11](#)). Ele é mencionado como ancestral de Jesus em [Lucas 3.38](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Entranhas

A palavra *entranhas* faz menção aos intestinos (a parte inferior da área do estômago). A Almeida Revista e Corrigida também usa esta palavra como uma metáfora para descrever o lugar onde uma pessoa sente piedade, misericórdia e ternura (veja [Fp 1.8](#); [2.1-2](#)).

Enxofre

Um antigo nome para o elemento não metálico enxofre é literalmente "a pedra que queima". O enxofre pega fogo a temperaturas mais baixas do que muitas outras substâncias. Ele queima e produz vapores acres de dióxido de enxofre. O enxofre ocorre naturalmente em regiões com vulcões, como o vale do Mar Morto.

Na Bíblia, "fogo e enxofre" são frequentemente usados para mostrar o castigo de Deus sobre o mal ([Gn 19.24](#); [Dt 29.23](#); [Jó 18.15](#); [Sl 11.6](#); [Ez 38.22](#); e na NTLH, [Lc 17.29](#); [Ap 9.17-18](#); [14.10](#); [19.20](#); [20.10](#); [21.8](#)).

A última vez que vulcões entraram em erupção em Israel foi há cerca de 4.000 anos. Os cientistas podem determinar isso medindo a idade dos materiais usando um método chamado datação por radiocarbono. Esses poderosos eventos vulcânicos tiveram um grande impacto nas pessoas que viviam lá naquela época. Elas contaram histórias sobre esses eventos, e essas histórias foram passadas de pais para filhos ao longo de muitas gerações.

Veja Minerais e metais.

Ephes-Damim

Localização entre Socó e Azeca em Judá ([1Sm 17.1](#)) onde os filisteus acamparam. A NTLH tenta traduzir esse nome como "Fronteira Sangrenta". Foi chamado de Pas-Damim em [1 Crônicas 11.13](#). A referência ao sangue (*damim*, transliteração do hebraico) no nome provavelmente está relacionada ao número de batalhas travadas ali, ou pode se referir à terra vermelha da área. Tradicionalmente identificada com as ruínas de Damun, cerca 6 quilômetros a nordeste de Socó, a localização exata do local é desconhecida.

Ephraemi Syri, Códice

Também conhecido como "*Codex Ephraemi Rescriptus*" ("Códice de Efrém Reescrito").

Veja Bíblia, Manuscritos e Texto do (Novo Testamento).

Épico de Gilgamesh

O Épico de Gilgamesh é uma famosa história sobre as aventuras de um herói sumério e sua busca por sabedoria. Gilgamesh foi rei de Uruk, ou Ereque (atual Warka), no final do quarto milênio a.C. A lenda vem da primeira dinastia babilônica (cerca de 1830–1530 a.C.) e foi encontrada na biblioteca do rei Assurbanípal em Nínive. Assurbanípal foi rei de 669 a 627 a.C.

A história está escrita em 12 tábuas de argila. Ela narra como Gilgamesh, um governante poderoso, tornou-se amigo de Enkidu, um homem selvagem criado pelos deuses para derrotar Gilgamesh. Juntos, eles mataram um monstro chamado Huwawa. Então Ishtar, a deusa do amor, tentou seduzir Gilgamesh. Quando ele a recusou, eles mataram um touro sagrado. Como punição, Enkidu morreu.

Triste e com medo da morte, Gilgamesh viajou pelo mundo em busca da imortalidade. Ele encontrou Utnapishtim, que havia sobrevivido a uma grande inundação. Utnapishtim contou a Gilgamesh sobre essa inundação, que cobriu uma vasta área da Mesopotâmia. Por causa de sua devoção, os deuses salvaram Utnapishtim e o tornaram imortal. A última tábua fala sobre como Gilgamesh está triste porque um dia ele morrerá.

Estudiosos compararam a história do dilúvio neste épico com a do livro de Gênesis da Bíblia. Ambas as histórias apresentam um dilúvio, pessoas que são salvas, pássaros enviados e um sacrifício realizado posteriormente. No entanto, também existem diferenças. A Bíblia fornece uma razão moral para o dilúvio, enquanto no épico, os deuses estavam irritados com o barulho humano. Os pássaros, os nomes dos heróis, o tamanho do barco e a duração do dilúvio diferem em cada história.

A história do Gênesis não se origina do épico. Ambas as histórias podem ter vindo de uma tradição mais antiga ou podem ser relatos separados do mesmo grande dilúvio.

Veja também Dilúvio; Noé #1.

Epicureus

Aqueles que seguiram os ensinamentos do filósofo grego Epicuro (342–270 a.C.). Paulo encontrou alguns deles enquanto estava em Atenas ([At 17.18](#)).

Epicuro passou sua infância na ilha de Samos, perto da costa ocidental do país que, hoje, é a Turquia. No final da adolescência, ele se mudou para Atenas para se alistar no serviço militar. Após seu período de serviço, ele dedicou seu tempo ao estudo e ensino da filosofia. Este trabalho o levou para fora de Atenas, mas ele retornou em 307 a.C. para fundar uma escola. Ele atraiu um número considerável de seguidores, e seus discípulos espalharam sua mensagem por todo o mundo civilizado. O fato de Paulo ter encontrado epicureus mais de três séculos após a morte de Epicuro

mostra tanto a atratividade de seus ensinamentos quanto o compromisso de seus discípulos. No primeiro século a.C., esses ensinamentos encontraram expressão nos escritos do poeta romano Lucrecio. Seu livro *Sobre a Natureza das Coisas* é um guia útil para entender Epicuro, especialmente porque apenas fragmentos dos próprios escritos de Epicuro permanecem.

Os epicureus eram empiristas; confiavam na experiência sensorial para obter conhecimento. Isso os colocava em oposição àqueles que faziam declarações sobre o mundo baseadas apenas na razão, desconfiando ou rejeitando os dados dos sentidos. Os epicureus se preocupavam com evidências naturais e aspectos práticos, demonstrando assim um caráter um tanto científico. Eles não se entusiasmavam com a matemática devido à sua qualidade abstrata, que consideravam ter pouca relação com as questões importantes da vida. A ética, o estudo do comportamento correto, era seu foco.

O epicureu avaliava o valor de uma ação ou coisa em termos do prazer ou dor que ela proporcionava — uma posição chamada hedonismo. Era um hedonismo egoísta, pois a pessoa buscava seu próprio prazer em vez do prazer dos outros. Essa descrição pode trazer à mente a imagem de um glutão irresponsável ou amante de festas selvagens, mas essa imagem, incentivada pelo sentido moderno da palavra "epicureu", é enganosa. Epicuro rejeitava justamente esse tipo de comportamento. Ele percebeu que o prazer momentâneo pode levar a uma dor duradoura e que alguma dor pode ser benéfica. Ele via o prazer mais como uma qualidade de vida do que como uma série de emoções intensas. O que ele buscava é melhor chamado de felicidade. Baseando seu conselho na experiência, ele defendia moderação, calma, amizade e uma vida simples. Ele evitava banquetes, paixão sexual e conflitos. Na verdade, ele evitava a dor mais do que buscava o prazer. O prazer da tranquilidade, da paz, podia ser encontrado na ausência de dor, e esse era seu objetivo. Para garantir a tranquilidade, um homem deve cuidar de seu estômago, mas também deve cuidar de sua mente, direcionando-a para a sabedoria.

Epicuro via a crença em deuses como uma séria ameaça à tranquilidade. Os deuses eram geralmente vistos como seres intronizados e poderosos que aterrorizavam os mortais comuns—fontes de insegurança, não de paz e felicidade. Epicuro ensinava que os deuses não

eram outra coisa senão hedonistas serenos que se mantinham afastados dos homens. Eles evitavam o conflito que se relacionava no contato com as pessoas na terra. Em resumo, não havia motivo para temer.

Epicuro ensinou que nós, assim como tudo em nosso mundo, somos feitos de átomos de diferentes qualidades. Por exemplo, os átomos da alma humana são lisos e redondos. Embora as teorias atômicas frequentemente levem à convicção de que todas as ações humanas são determinadas pelas leis que regem o movimento dos átomos, a teoria de Epicuro não fazia isso. Ele permitiu a liberdade humana ao afirmar que alguns átomos espontaneamente desviam de seus caminhos retos, desencadeando assim uma cadeia imprevisível de colisões. O comportamento humano é, portanto, livre e não mecânico.

Apesar de sua liberdade, o homem ainda é uma coleção de átomos, e quando os átomos se separam, o homem deixa de existir; ele não é imortal. Epicuro viu isso como uma razão para não temer a morte. Pois, após a morte, toda experiência cessa. Não haverá dor, e assim não há motivo para ansiedade.

Temas epicureus podem ser encontrados na Bíblia — por exemplo, moderação ([Fp 4.5](#)) e a paz que vem do exercício da sabedoria ([Pv 3.13-18](#)). Mas as diferenças são claras. A Bíblia revela um Deus que está intimamente envolvido no mundo; a imortalidade da alma humana; e a verdade de que a felicidade genuína depende da comunhão com Deus e do serviço a Ele ([Fp 4.6-7](#)).

Consulte também Filosofia.

Epilepsia*, Epiléptico

Doença do sistema nervoso central, e alguém afligido com a doença, caracterizada por inconsciência e convulsões. As convulsões podem ser uma crise de ausência (espasmos no rosto ou nas mãos, dor abdominal breve, mas acentuada, e possível inconsciência momentânea) ou uma convulsão tônico-clônica (convulsões, formação espumante na boca e inconsciência, durando de 5 a 20 minutos). Embora as causas da epilepsia ainda não sejam conhecidas, os medicamentos estão disponíveis para prevenir ou controlar as convulsões.

Nos tempos bíblicos, a epilepsia (conhecida como a “doença de queda”) não poderia ser tratada de forma eficaz. Jesus curou um menino que

evidentemente sofria dessa aflição ([Mt 17.14-18](#); [Mc 9.17-27](#); [Lc 9.37-42](#)). A descrição do menino como um “lunático” em algumas versões mais antigas da Bíblia (do latim *luna*, “lua”) é um uso incorreto. A palavra grega em Mateus (literalmente “atingido pela lua”) refletia a crença antiga de que havia certa conexão entre certas doenças e as fases lunares. De acordo com o relato bíblico, o jovem foi curado quando Jesus expulsou um demônio, ou “espírito impuro”, dele. *Veja Medicina e Prática Médica.*

Epístolas Gerais

Um nome tradicional para sete livros ou cartas do Novo Testamento:

- Tiago;
- 1 e 2 Pedro;
- 1, 2 e 3 João;
- Judas.

O termo “gerais” tem sido compreendido de diferentes maneiras:

83. Essas cartas expressam as opiniões de todos os apóstolos, ou seja, catolicidade;
84. Eles são canônicos ou genuínos;
85. Assim, eles foram diferenciados de obras que continham crenças falsas escritas na mesma época;
86. Elas são encíclicas, ou seja, dirigidas a audiências gerais de fiéis, em vez de a grupos específicos, como eram algumas das cartas do apóstolo Paulo. Claro, 2 João e 3 João são exceções a essa interpretação - 2 João é dirigida a uma senhora ou a uma igreja local, 3 João é dirigida a um indivíduo.

Veja também Tiago, Carta de; João, Cartas de; Judas, Carta de; Pedro, Primeira Carta de; Pedro, Segunda Carta de.

Equer, Équer

Jerameelita e filho de Rão da tribo de Judá ([1Cr 2.27](#)).

Er

87. O filho mais velho de Judá e Bathshua, uma mulher cananeia ([Gn 38.3](#)). O Senhor o matou antes que ele e sua esposa, Tamar, pudessem ter filhos ([Gn 38.7](#); [46.12](#); [1Cr 2.3](#));
88. O neto de Judá e pai de Leca ([1Cr 4.21](#)). Ele era o sobrinho do número 1 acima;
89. Filho de Josué e um ancestral de José, o marido de Maria ([Lc 3.28](#)). *Veja também* Ancestralidade de Jesus Cristo.

Era

Longo, mas indefinido, período, passado ou futuro. As eras, passado e futuro, compõem a totalidade do tempo. Fala-se de Deus como existindo e planejando “antes das eras” ([1Co 2.7](#), NVI). Ele é o Rei das eras ([1Tm 1.17](#)) e tem um propósito que abrange as eras ([Ef 3.11](#)). A Bíblia fala do que Deus fará no final ou consumação da(s) era(s) ([Mt 13.39-49](#)).

O NT, seguindo os escritos judaicos anteriores, fala do contraste entre “a era presente” (uma “era maligna”, [Gl 1.4](#)) e “a(s) era(s) do por vir” quando, no julgamento de Deus, os erros serão corrigidos, e seu povo entrará em sua herança completa ([Mc 10.30](#)). Há um sentido, no entanto, em que pode ser dito que estamos vivendo agora no “fim dos tempos” ([1Co 10.11](#), NTLH) e que experimentamos “os poderes do mundo que há de vir” ([Hb 6.5](#), NTLH) e sua vida.

Duas outras palavras estão às vezes conectadas com a palavra “era”. Uma é “geração”. [Cl 1.26](#) fala do mistério escondido “por séculos e gerações” (ARA, cf. [Ef 3.21](#)), embora não haja base no uso das escrituras dessas palavras para dividir os tempos bíblicos em dispensações, cada uma envolvendo algum novo desenvolvimento do propósito redentor de Deus. A outra é a palavra “mundo”. [Ef 2.2](#) fala da humanidade não redimida como “seguindo o curso deste mundo” (ARA). [Hb 1.2](#) e [11.3](#) falam da criação de Deus do mundo.

A Bíblia muitas vezes fala da idade dos homens e mulheres, contabilizada em anos ou de outras

maneiras. A sabedoria é vista como pertencente especialmente aos idosos ([16 12.12](#)), embora não necessariamente encontrada lá ([Ec 4.13](#)). A idade deve ser respeitada ([Lv 19.32](#)), e a duração dos dias é uma bênção de Deus ([Pv 16.31](#)). Ao mesmo tempo, a fragilidade da velhice é reconhecida ([Ec 12.1-6](#)), e o [Sl 90.10](#) fala de 70 anos como o período humano alocado que, se for estendido até 80, pode muito bem ser “problema e tristeza”. *Veja* Eternidade.

Erã

Erã era neto de Efraim e o filho mais velho de Sutela ([Nm 26.36](#)). A família eranita veio de Erã. Em [1 Crônicas 7.20](#), o nome Erã não aparece. Em vez disso, o nome Eleada é usado em uma lista familiar semelhante. Essa diferença pode ser devido a um erro de cópia ao registrar esses documentos.

Erasto

Um nome mencionado três vezes no Novo Testamento. Não é certo se se refere a apenas um indivíduo. Em cada caso, Erasto é um ajudante do apóstolo Paulo. As três menções de Erasto no Novo Testamento são:

90. Um ajudante de Paulo foi enviado com o apóstolo Timóteo para a Macedônia ([At 19.22](#)).
91. O tesoureiro da cidade de Corinto era um oficial que gerenciava as finanças. Ele pode ter sido um escravo ou um escravo liberto rico e um homem importante na comunidade de Corinto. Ele envia saudações com Paulo à igreja em Roma ([Rm 16.23](#)).
92. Um amigo de Paulo que ficou em Corinto ([2Tm 4.20](#)).

Ereque

Importante cidade suméria, localizada no que hoje é chamado de Warka, perto do Rio Eufrates, a 64 quilômetros a noroeste de Ur e 257 quilômetros ao sul de Bagdá. [Gênesis 10.10](#) refere-se a Ereque como a segunda de quatro cidades fundadas por Ninrode. Escavações parciais descobriram as

muralhas da cidade (9,7 quilômetros, de circunferência), canais e os restos de edifícios elegantes com paredes caneladas decoradas com cones coloridos e inscrições. Dois zigurates estão entre os mais antigos já descobertos, e vários templos datam do final do quarto ou início do terceiro milênio a.C. O uso de selos cilíndricos de argila começou em Ereque, e do mesmo período vieram centenas de inscrições pictográficas.

Inscrições antigas indicam que Ereque e seus arredores eram considerados extremamente belos e férteis. Seu panteão religioso centrava-se na deusa agressiva do amor, Inanna, que supostamente trouxe para Ereque as “leis divinas” às quais devia sua grandeza. Ela ajudou Ereque a subjugar seus inimigos e casou-se com o Rei Dumuzi para garantir a fertilidade e prosperidade de Sumer. Dumuzi, por sua vez, foi identificado com Tamuz, o deus da fertilidade amplamente adorado na Mesopotâmia e na Palestina.

Entre os governantes de Ereque no terceiro milênio estava Gilgamesh, herói do grande épico acádio. A partir do tempo de Hamurabi, Ereque tornou-se parte da Babilônia e continuou a florescer até depois de 300 d.C. [Esdras 4.9](#) refere-se aos “arquevitais” (ARC, ARA, NAA), ou homens de Arku, o nome assírio do qual deriva o hebraico “Ereque”. Estrabão, Ptolomeu e Plínio mencionam sua fama como um centro de aprendizado, principalmente astronômico.

Eri

Quinto filho de Gade ([Gn 46.16](#)) e fundador da família Erita ([Nm 26.16](#)).

Erva

Planta valorizada por suas propriedades culinárias, medicinais ou aromáticas. *Veja* Plantas (Cominho; Endro; Hortelã; Nardo); Ervas amargas.

Erva rolante

Uma erva rolante é uma planta redonda e seca que rola pelo chão quando soprada pelo vento. A “palha que o vento sopra” mencionada em [Salmo 83.13](#) e [Isaías 17.13](#) provavelmente se refere a erva rolante palestina (*Gundelia tournefortii*). Esta planta pertence à família dos cardos. É uma erva

espinhosa que contém um suco leitoso. Quando seca, ela se desprende e rola pela terra, muitas vezes se acumulando em grandes pilhas em áreas baixas.

Ervas amargas

Ervas amargas são um tipo de vegetal de sabor amargo, possivelmente uma variedade de alface. O povo de Israel foi ordenado a comer ervas amargas junto com cordeiro assado e pão sem fermento na noite em que Deus enviou a praga da morte sobre todos os primogênitos egípcios ([Êx 12.8-11](#)).

As “ervas amargas” mencionadas em [Êxodo 12.8](#) e [Números 9.11](#) provavelmente se referem a plantas como a escarola (*Cichorium endivia*), a chicória comum (*Cichorium intybus*), a alface (*Lactuca sativa*) ou o dente-de-leão comum (*Taraxacum officinale*). Todas essas são plantas daninhas comumente encontradas no Egito moderno e na Ásia Ocidental. As pessoas que vivem nessas regiões ainda consomem essas plantas atualmente.

As folhas da alface comum de jardim tornam-se muito amargas quando branqueadas (ficando brancas após serem cobertas a fim de impedir que a luz solar as alcance). Isso também é verdade para o dente-de-leão comum. Alguns estudiosos sugerem que as ervas amargas podem ter se originado de espinhos e cardos.

Ervas daninhas

Veja Plantas (joio).

Esaú

Filho de Isaque e irmão gêmeo mais velho de Jacó ([Gn 25.24-26](#)), que recebeu esse nome por causa do cabelo em seu corpo ao nascer. A cor avermelhada do bebê, com a cor que aparece no episódio da sopa de lentilhas (v. [30](#)), levou ao uso do termo Edom, ou “vermelho”. Os edomitas afirmavam ser descendentes de Esaú, e nomear sua terra Seir pode ter sido uma tentativa de manter uma associação com a palavra “sair” (transliteração do hebraico), que significa “peludo”.

Um caçador habilidoso, Esaú trouxe carne selvagem saborosa para seu pai, que apreciava muito mais seu sabor forte do que o da carne suave

fornecida pelos rebanhos da família por Jacó. Em um certo dia, Esaú voltou para casa de uma expedição de caça malsucedida; ele estava com muita fome. Esaú foi persuadido por Jacó a ceder seu direito de primogenitura em troca de comida ([Gn 25.29-34](#)).

Informações arqueológicas de Nuzi mostram que ceder o direito de primogenitura a outro membro da família não era algo desconhecido. O casamento de Esaú com duas mulheres locais que não eram descendentes de Abraão tornou a vida extremamente difícil para seus pais ([Gn 26.34-35](#)). Isso pode ter sido o motivo pelo qual sua mãe, Rebeca, decidiu orientar Jacó a obter a bênção patriarcal que normalmente pertencia a seu irmão mais velho Esaú (cp. [27](#)). A raiva de Esaú ao descobrir o engano de seu irmão levou Jacó a partir para Harã, embora 20 anos depois, através do generoso perdão de Esaú, os irmãos se reuniram ([33.4-16](#)).

No nascimento, Jacó veio ao mundo segurando o calcanhar de Esaú, um presságio interpretado como um sinal de que os descendentes edomitas de Esaú seriam subordinados à descendência de Jacó. A relação de subserviência entre os edomitas e os israelitas no tempo de Davi ([2Sm 8.11-15](#); [1Cr 18.13](#)) continuou até o tempo de Jeorão ([2Rs 8.20-22](#); [2Cr 21.8-10](#)). Após uma rebelião em 845 a.C., os edomitas conquistaram sua independência por um tempo, mas foram reconquistados por Amazias (796-767 a.C.). Recuperando sua liberdade em 735 a.C., eles posteriormente permaneceram independentes de Judá.

Veja Edom, Edomitas.

Esbã

Disom, segundo filho e neto de Seir, o horita ([Gn 36.26](#); [1Cr 1.41](#)).

Esbon

1. Filho de Gade ([Gn 46.16](#)), chamado Ozni em [Números 26.16](#); possivelmente um epônimo de uma família gadita;

2. Neto de Benjamim ([1Cr 7.7](#)). Foi sugerido que [1 Crônicas 7.6-11](#) é uma genealogia de Zebulon atribuída a Benjamim por engano, e que Esbon sugere Ibsã ([Jz 12.8-10](#)), um juiz menor de Belém.

Escarlate

Veja Cor.

Escatologia

Um ramo da teologia que se preocupa com o estudo das últimas coisas ou tempos finais. Essas crenças incluem:

- O que acontece quando as pessoas morrem?
- O que acontece quando Jesus retorna?
- Como será o destino final para ambos, indivíduos e o mundo inteiro

Tópicos de escatologia

Morte

A Bíblia ensina que todos os humanos morrerão ([Hb 9.27](#)). As únicas exceções serão aqueles que ainda estiverem vivos quando Cristo retornar ([1Ts 4.17](#)). A morte física, ou a "primeira morte", é a separação da alma do corpo. Devido à presença do pecado no mundo, todos devem morrer ([Rm 5.12](#)).

O estado intermediário

Isso se refere à condição da pessoa entre o momento da morte e a ressurreição. A visão ortodoxa tradicional é que os crentes experimentam um estado de felicidade consciente na presença do Senhor. Os descrentes são atormentados pela separação da presença de Deus. No entanto, esse é um estado relativamente incompleto quando comparado ao destino final de cada um.

Alguns grupos, como os Adventistas do Sétimo Dia, acreditam em um tipo de "sono da alma", ou inconsciência, entre a morte e a ressurreição. Outros, notadamente os Católicos Romanos, acreditam em um lugar de purificação em preparação para a vida futura.

A segunda vinda

As Escrituras ensinam que no fim dos tempos, Cristo retornará de forma pessoal e corporal ([At 1.11](#)). Ninguém sabe exatamente quando isso ocorrerá e, conseqüentemente, pegará alguns de surpresa, vindo como um ladrão à noite ([Lc 12.39-40](#)). O tempo é desconhecido, mas o fato de que isso

ocorrerá é muito certo. Muitas das parábolas de Jesus referem-se a esse fato e à necessidade de uma atividade alerta, fiel e intensa. [Mateus 24-25](#) fornece um bom exemplo disso.

A ressurreição

Todos os que morreram voltarão à vida. Esta será uma ressurreição corporal, uma retomada da existência física de cada pessoa. Para os crentes, isso ocorrerá em conexão com a segunda vinda de Cristo. A ressurreição envolverá a transformação do corpo atual em um novo corpo, aperfeiçoado ([1Co 15.35-56](#)). A Bíblia também indica uma ressurreição dos descrentes, para a morte eterna ([Jo 5.28-29](#)).

O julgamento

Haverá um tempo de julgamento no qual o Senhor determinará a condição espiritual de todos os que viveram, baseado em seu relacionamento com Ele. Alguns serão enviados para a recompensa da eternidade e outros para o castigo eterno. Alguns teólogos distinguem entre os momentos em que crentes e descrentes serão julgados. Alguns veem até sete julgamentos diferentes ocorrendo.

Céu e inferno

A Bíblia ensina sobre a existência do céu. O céu é um lugar de alegria eterna, onde os cristãos estão na presença de Deus. A Bíblia também menciona o inferno, que é chamado de Geena ou lago de fogo. O inferno é um estado de separação trágica dos descrentes da presença de Deus. Esses são estados permanentes determinados por decisões tomadas nesta vida.

O milênio

Muitos cristãos acreditam que haverá um reinado terrestre de Jesus Cristo, conhecido como Milênio, que precede imediatamente o julgamento final. Essa crença é baseada em [Apocalipse 20.4-7](#). Existem três principais visões sobre o Milênio:

93. Pré-milenistas acreditam que Cristo retornará pessoalmente para inaugurar este período.
94. Pós-milenistas. Eles acreditam que o reino será estabelecido por meio da pregação progressiva e bem-sucedida do evangelho.

95. Amilenistas: Eles não acreditam que haverá qualquer reinado terreno de Cristo. Eles interpretam os 1.000 anos de [Apocalipse 20](#) de forma simbólica.

A grande tribulação

A Bíblia menciona um tempo de grande angústia ou tribulação. Este período virá sobre a terra, superando qualquer coisa que já tenha ocorrido antes. Alguns identificam isso com a 70ª semana de [Daniel 9.24-27](#). Eles acreditam que terá a duração de sete anos. Alguns acreditam que a igreja estará presente para vivenciar isso porque o Senhor não retornará até o final do período. Estes são chamados de pós-tribulacionistas. Outros, conhecidos como pré-tribulacionistas, acreditam que a Segunda Vinda do Senhor será em duas etapas, ou fases:

96. Cristo virá para sua igreja e levará os crentes antes da grande tribulação.
97. Cristo então fará uma demonstração pública de sua glória diante de todo o mundo.

Outros, conhecidos como meiotribulacionistas, acreditam que a igreja estará presente na primeira metade dos sete anos, mas será removida antes que a parte severa da tribulação comece.

Veja também Apocalíptico; Dia do Senhor; Morte; Vida Eterna; Céu; Inferno; Estado Intermediário; Julgamento; Últimos Dias; Juízo Final; Milênio; Ressurreição; Segunda Vinda de Cristo; Livro de Daniel; Tribulação; Ira de Deus.

Escol (Lugar)

Vale perto de Hebrom, de onde os espiões enviados por Moisés trouxeram romãs, figos e um grande cacho de uvas ([Nm 13.23-24](#); [32.9](#); [Dt 1.24](#)). Este local pode ser identificado com 'Ain Eshkali, ao norte de Hebrom.

Escol (Pessoa)

Amorreu, junto com seus irmãos Manre e Aner, ajudou o patriarca Abraão a derrotar as forças de Quedorlaomer e resgatar Ló e sua família ([Gn 14.13,24](#)).

Escola

Uma escola é um local onde as pessoas aprendem com os professores.

Veja Educação.

Escolher

Escolher significa selecionar ou decidir entre diferentes opções. Na Bíblia, escolher frequentemente se refere à decisão de Deus de chamar pessoas para cumprir Seus propósitos.

Veja Eleger, Eleição.

Escolhido

A palavra *escolhido* significa alguém ou algo selecionado para um propósito. Na Bíblia, isso frequentemente se refere a Deus escolhendo indivíduos, grupos ou nações para realizar o seu trabalho.

Veja Eleger, Eleição.

Escrava, Empregada

Servas. Elas eram membros familiares em muitas casas nos tempos bíblicos. A criada cuidava das mulheres e crianças de uma família e servia como atendente pessoal da mulher. Ela desfrutava da proteção da lei ([Lv 25.6](#); [Dt 5.14](#); [15.12-15](#)), e como criada de uma esposa livre, às vezes se tornava concubina quando havia um casamento sem filhos ([Gn 30.3](#)).

Escrava, Servo

Termos que se referem a pessoas que trabalhavam como servos ou escravos nos tempos bíblicos, muitas vezes para quitar dívidas ou como parte de estruturas sociais.

Veja Servo.

Escravidão, Casa de

Uma expressão usada no Antigo Testamento para descrever o Egito durante o período em que o povo israelita foi forçado a trabalhar como escravo lá.

Este período durou cerca de 400 anos até que Deus ajudou os israelitas a escapar do Egito ([Êx 13.3](#); [Js 24.17](#)).

Veja Êxodo, Livro de.

Escravo, Escravidão

Um escravo era uma pessoa possuída como propriedade por outra pessoa. A escravidão era o sistema que estabelecia essa relação entre proprietários de escravos e escravos.

Nos tempos antigos, a escravidão era comum em todo o Oriente Próximo, embora essas sociedades não dependessem dela para sua economia. Na época do Império Romano, quando os primeiros cristãos viviam, a escravidão havia se tornado muito disseminada. Uma em cada duas pessoas era escrava.

Como as pessoas se tornaram escravas?

Desde pelo menos 3000 a.C., a maioria dos escravos era composta por pessoas capturadas durante guerras ([Gn 14.21](#); [Nm 31.9](#); [Dt 20.14](#); [Jz 5.30](#); [1Sm 4.9](#); [2Rs 5.2](#); [2Cr 28.8](#)). Esses cativos se tornavam propriedade daqueles que os capturavam.

As pessoas podiam comprar escravos localmente de outros proprietários de escravos. Elas também podiam adquirir-los de comerciantes estrangeiros que viajavam vendendo escravos, junto com tecidos, itens de bronze e outros bens ([Jl 3.4-8](#)). Foi assim que os irmãos de José o venderam para comerciantes viajantes (chamados ismaelitas ou midianitas), que então o venderam para um egípcio ([Gn 37.36](#); [39.1](#)).

A dívida era a principal razão pela qual muitas famílias se tornavam escravas. Se alguém não pudesse pagar o que devia, toda a sua família poderia ser forçada a se tornar escrava ([2Rs 4.1](#); [Ne 5.5-8](#)). A Seção 117 do código de leis de Hamurabi (um antigo conjunto de leis) dizia que uma família não poderia ser mantida como escrava por mais de três anos. A lei hebraica permitia que os donos de escravos mantivessem pessoas por até seis anos ([Dt 15.18](#)).

Algumas pessoas optaram por se tornar escravas para escapar da pobreza extrema e da fome ([Lv 25.47-48](#)). Isso era chamado de escravidão voluntária e era comum nos tempos antigos.

Era um crime sequestrar e vender uma pessoa como escrava. Os irmãos de José eram culpados

desse crime ([Gn 37.27-28](#)). Tanto o código de leis de Hamurabi (Seção 14) quanto a lei de Moisés (veja [Êx 21.11](#); [Dt 24.7](#)) determinavam que as pessoas que cometiam esse crime deveriam ser condenadas à morte.

Vida como escravo

Na sociedade suméria (uma das primeiras civilizações), os escravos tinham certos direitos. Eles podiam pedir dinheiro emprestado e realizar negócios. Um escravo geralmente custava menos do que um burro forte, o que significava que os escravos às vezes conseguiam economizar dinheiro suficiente para comprar sua liberdade.

A maioria dos escravos trabalhava arduamente em fazendas ou em casas, realizando tarefas diárias difíceis. No entanto, alguns escravos qualificados recebiam trabalhos importantes, gerenciando a casa de seus proprietários.

As leis determinavam que os escravos deveriam ser libertados após um certo tempo, mas os proprietários nem sempre seguiam essas regras. Sob a lei hebraica, uma pessoa hebraica que se tornasse escrava por escolha seria libertada no próximo ano do jubileu (um ano especial que ocorria a cada 50 anos). A lei estipulava que nenhum hebreu deveria permanecer escravo por toda a vida ([Êx 21.2](#); [Lv 25.10-13](#); [Dt 15.12-14](#)).

Os israelitas criaram leis para proteger os escravos de tratamentos cruéis por parte de seus donos ou supervisores. Se um dono ferisse permanentemente um escravo, a lei exigia que o escravo fosse libertado ([Êx 21.26-27](#)). Escravos hebreus não eram comuns nas casas israelitas. Quando trabalhavam em lares, muitas vezes trabalhavam nos campos ao lado de seus donos. Muitos escravos domésticos tinham melhores condições de vida do que as pessoas livres mais pobres, que frequentemente enfrentavam fome e extrema pobreza.

Escravidão nos tempos gregos e romanos

Durante os tempos gregos e romanos, o número de escravos aumentou significativamente. Os escravos domésticos (aqueles que trabalhavam nas casas das pessoas) geralmente eram tratados melhor do que outros escravos. Muitos se tornaram servos de confiança e conselheiros próximos de seus donos. Alguns escravos até tiveram permissão para iniciar negócios, o que gerava dinheiro tanto para eles quanto para seus proprietários.

Casos especiais de escravidão

Registros antigos das cidades de Ur e Nuzi, juntamente com o livro de Gênesis, mostram que quando uma esposa não podia ter filhos, sua escrava poderia ter filhos para seu marido ([Gn 16.2-4](#)). De acordo com a lei, um mestre hebreu poderia concordar em se casar com uma jovem escrava. Ele também poderia fazer com que seu próprio filho se casasse com ela. Ou ele poderia torná-la sua concubina (uma mulher que vivia com um homem, mas tinha menos direitos do que uma esposa). Se mais tarde ele a rejeitasse, ou se não cumprisse seu acordo, ela seria libertada da escravidão ([Êx 21.7-11](#)).

O governo exigia que os povos conquistados realizassem trabalho forçado ([2Sm 12.31](#); [1Rs 9.15,21-23](#)). Até mesmo os próprios israelitas tiveram que fazer trabalho forçado no Líbano ([1Rs 5.13-18](#)). Algumas pessoas capturadas, como os midianitas e gibeonitas, foram obrigadas a trabalhar no Templo ([Nm 31.28-30,47](#); [Js 9.23-25](#)). Essa prática continuou durante o tempo dos reis Davi e Salomão ([Ed 2.58](#); [8.20](#)). Escravos estrangeiros ajudaram a reparar os muros de Jerusalém ([Ne 3.26,31](#)).

Escravidão no Novo Testamento

O Novo Testamento indica uma mudança de atitude em relação à escravidão. A condição de um escravo tornou-se mais parecida com a de um servo. A escravidão estava se tornando menos comum. Jesus e os apóstolos não se opuseram diretamente à escravidão, mas deram instruções sobre ela. Eles disseram aos escravos e servos para servirem seus senhores fielmente. Também disseram aos senhores para tratarem seus escravos com bondade e justiça ([Ef 6.9](#); [Cl 4.1](#); [1Tm 6.2](#); [Fm 1.16](#)). Paulo nunca pregou contra a escravidão. No entanto, ele escreveu uma carta para tentar libertar um escravo chamado Onésimo. É por isso que Paulo escreveu a carta a Filemom (veja a discussão sobre isso em Carta a Filemom).

Veja também Vínculo, Escravidão; Liberdade.

Escriba

Referência nos primeiros tempos do AT aos empregados por sua capacidade de transcrever informações. Após o exílio, os escribas eram uma classe de estudiosos que ensinavam, copiavam e interpretavam a lei judaica para o povo. Eles

aparecem nos Evangelhos primariamente como oponentes de Jesus.

Escribas nos tempos pré-exílicos

A capacidade de ler e escrever não era generalizada no antigo Israel, e secretários profissionais eram necessários nos vários aspectos da vida pública. Esta parece ser a noção bíblica mais antiga do termo “escriba” e não tem conotação religiosa específica. Os escribas foram empregados para manter contas ou transcrever informações legais ([Jr 32:12](#)), dados militares ([2Cr 26:11](#)), outros documentos públicos ([Jz 8:14](#); [Is 50:1](#)), ou correspondência pessoal ([Jr 36:18](#)). Esses secretários eram essenciais para as administrações reais, e há menção frequente de um escriba-chefe que funcionava como um gravador da corte ([1Rs 4:3](#); [2Cr 24:11](#)), conselheiro ([2Sm 8:16-17](#); [2Rs 18:18](#); [22:12](#); [1Cr 27:32](#); [Is 36:3](#)) e superintendente financeiro ([2Rs 22:3-4](#)). Os secretários ou escribas também estavam associados com o sacerdócio, servindo como registradores dos assuntos do templo ([1Cr 24:6](#); [2Cr 34:13-15](#)).

Escribas nos tempos pós-exílicos

Com a restauração do judaísmo sob Esdras e Neemias, o termo “escriba” começa a ser associado mais estreitamente com aqueles que se reuniam, estudavam e interpretavam a Torá (lei judaica). Eles se tornaram, em essência, uma profissão separada de mestres (embora não remunerados), capazes de preservar com precisão a lei de Moisés e interpretá-la para atender às condições nos tempos pós-exílicos. Neste período inicial, o próprio Esdras aparece como o ideal “o mestre da Lei, que conhecia bem todas as leis e mandamentos que o SENHOR tinha dado a Israel” ([Ed 7:11](#)). Em Eclesiástico, o escriba é retratado como alguém que, por causa de seu estudo diligente da Lei, dos Profetas e dos Escritos ([Eccl 38:24ss](#); [39:1](#)), é capaz de penetrar nos significados escondidos dos textos ([39:2-3](#)) e, portanto, é capaz de servir como juiz e conselho para os assuntos do povo e do estado ([38:33](#); [39:4-8](#)). Por causa de seu lugar inestimável em uma sociedade governada pela Torá, o escriba é digno de louvor e veneração ao longo das gerações seguintes ([39:9](#)). No segundo século a.C., os escribas eram uma classe bastante distinta na sociedade judaica. Eles aparecem como tal durante as guerras dos Macabeus, agindo como um órgão de negociação com os sírios rivais ([1Mc 7:12](#)). Também é significativo que, de agora em diante, a história do escriba na vida judaica esteja intimamente ligada com a ascensão dos fariseus.

Embora aparentemente houvesse alguns escribas afiliados ao partido saduceu rival, o partido dos fariseus, com sua devoção absoluta à lei (incluindo a lei oral), se tornou a principal afiliação político-religiosa para os escribas (veja a conexão próxima no NT: [Mt 5:20](#); [12:38](#); [15:1](#); [Mc 7:5](#); [Lc 6:7](#)).

Treinamento e posição

O treinamento de escribas inicialmente ocorreu dentro de guildas sacerdotais baseadas na família que garantiam a regulamentação e perpetuação desta posição ([1Cr 2:55](#)). Mais tarde, o treinamento de escribas na lei tornou-se aberto a membros de todas as classes, com o eventual resultado, na época de Jesus, de escribas de famílias não-sacerdotais sendo muito mais numerosos e influentes. O treinamento na lei começava em uma idade precoce, sob a supervisão pessoal de um mestre (rabi), que dava instruções em todos os assuntos pertencentes à lei e sua interpretação para as necessidades presentes. Como a lei escrita de Moisés não poderia falar diretamente com as condições nos tempos pós-exílicos, a interpretação oral e aplicação da lei escrita para atender a tais necessidades atuais era uma contribuição significativa dos escribas. Tal lei oral promulgada por eles era considerada igual à lei escrita e igualmente obrigatória para aqueles que desejam agradar a Deus (veja [Mc 7:6-13](#)). Esta importante função, situada no coração da vida judaica, explica a participação dos escribas no Sinédrio. O Sinédrio, para tomar decisões legais de acordo com a lei, obviamente precisava da presença dos mais bem informados sobre os detalhes mais ínfimos da Torá e os princípios que governam sua aplicação a novas circunstâncias. Os escribas, consequentemente, eram os únicos membros fora do grupo dos aristocratas sumos sacerdotes e anciãos a serem representados nesta suprema corte judaica ([Mt 26:57](#); [Mc 14:43,53](#); [Lc 22:66](#); [Atos 23:9](#)). Sendo os instrutores autorizados da lei tanto dentro do templo ([Lc 2:46](#)) quanto dentro das várias sinagogas da Judeia e Galileia ([5:17](#)), bem como membros proeminentes do Sinédrio, os escribas eram muito respeitados dentro da comunidade judaica. Eles usavam vestes especiais ([Mc 12:38](#)) com franjas memoriais na parte inferior e filactérios, ou “caixas de oração”, penduradas nos braços ([Mt 23:5](#)). Tal traje tornava sua presença óbvia e ocasionava o levantar ou reverência das pessoas comuns quando elas passavam ([Mc 12:38](#)). Eles eram abordados com respeito como “rabi” ou “mestre” ([Mt 23:7](#)) e recebiam o lugar de honra na adoração, bem como nos assuntos sociais ([Mt 23:2](#);

[Mc 12:39](#); [Lc 20:46](#)). De fato, a alta consideração que os judeus tinham por seus escribas é testificada pelo fato de que tais mestres da lei eram enterrados ao lado dos túmulos dos patriarcas e profetas.

Os escribas nos dias de Jesus

Os escribas aparecem predominantemente no ministério de Jesus como aqueles que estão envolvidos com a criteriosa observância legal. Lucas se refere aos escribas como “advogados”, descrevendo assim sua principal função como intérpretes da lei judaica de uma maneira que se comunicava ao seu público gentio. Muitas vezes é encontrado, portanto, que os escribas eram membros críticos do público de Jesus, acusando-o de violar a lei em numerosas ocasiões: perdoando pecados ([Mt 9.1-3](#); [Lc 5.17-26](#)), quebrando a noção deles de observância do sábado através do trabalho ([Lc 6.1-2](#)) e curando (vv. [6-11](#)), não seguindo as lavagens cerimoniais aceitas por eles ([Mc 7.2-5](#)) e ignorando suas práticas de jejum ([Lc 5.33-39](#)). Não surpreendentemente, eles especialmente desaprovavam a prática de Jesus de se misturar com os impuros e marginalizados da sociedade judaica ([Mc 2.16-17](#); [Lc 15.1-2](#)). Também não surpreende que é fácil encontrá-los apresentando perguntas sobre a lei com o propósito de enganar Jesus ([Mc 7.5](#); [12.28.35](#); [Lc 11.53](#); [Jo 8.3-4](#)). De uma maneira semelhante, eles exigiram que Jesus tornasse sua identificação clara ([Mt 12.38](#)) e revelasse a fonte de sua autoridade para realizar milagres ([Mc 3.22](#); [Lc 20.1-4](#)). Embora haja evidências de que uma minoria dos escribas aceitou Jesus ([Mt 8.19](#); [13.52](#); [Mc 12.32](#); [Jo 3.1-2](#)), sua atitude primária em relação a Jesus era de hostilidade. Como sugerido anteriormente, isso era parcialmente devido à expressão diferente de Jesus de fidelidade à lei mosaica e sua abertura para com os marginalizados. Também foi, em parte, devido à crescente popularidade de Jesus entre o povo, que representava uma ameaça à autoridade deles ([Mt 7.29](#)) e à segurança da cidade ([Mt 21.15](#); [Mc 11.18](#)). Certamente, outro importante fator que contribuiu para a oposição deles contra Jesus foi o fato de Jesus expor a hipocrisia e corrupção deles. Em suas repreensões dos escribas e dos fariseus, Jesus os acusou abertamente de buscar a aprovação pública ([Mt 23.5-7](#); [Mc 12.38-39](#); [Lc 11.43](#)). Enquanto pareciam ser exteriormente corretos e santos, eles eram interiormente corruptos ([Mt 23.25-28](#); [Lc 11.39-41](#)). Jesus também atacou o princípio da lei oral ensinado pelos escribas, que eles exigiam que as pessoas seguissem. Jesus declarou que a lei oral era um “fardo pesado” que os próprios escribas

nem se deram ao trabalho de seguir ([Mt 23.2-4](#), [13-22](#); [Lc 11.46](#)). Ao enfatizar os pontos menores da lei, os escribas também foram culpados de ignorar os conceitos mais importantes de justiça, misericórdia e fé ([Mt 23.23-24](#); [Mc 12.40](#); [Lc 11.42](#)). Ao contrário de serem os descendentes dos profetas, como os escribas se sustentavam a ser, os escribas (Jesus alegou) teriam matado os profetas se eles tivessem vivido em seus dias ([Mt 23.29-36](#); [Lc 20.9-19](#)).

Não é surpreendente encontrar, portanto, os escribas ansiosos para se livrar de Jesus ([Mc 14.1](#); [Lc 11.53](#)). Sua interpretação mais flexível da lei representava uma ameaça clara à posição e autoridade deles dentro da comunidade. Os escribas uniram forças com seus oponentes normais (o alto sacerdócio) para projetar a prisão de Jesus ([Mc 14.43](#)). Quando Jesus apareceu diante deles e o resto do Sinédrio, eles trabalharam com os outros líderes para construir um caso contra Jesus digno de morte ([Mt 26.57-66](#)). Ao levar Jesus diante de Herodes, eles ficaram ao lado e gritaram suas denúncias junto com os outros ([Lc 23.10](#)). Finalmente, eles participaram com outros membros do Sinédrio zombando de Jesus na cruz, exigindo que Jesus se salvasse descendo da cruz ([Mt 27.41-43](#)). Antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C., os escribas continuaram com os outros elementos do Sinédrio para se opor à igreja cristã primitiva, e eles trouxeram o martírio de Estêvão ([Atos 6.12-14](#)).

Ver também Judaísmo; Fariseus; Escritor.

Escrita

O processo envolvido na produção de livros.

Livros têm sido escritos por muitos séculos, mas nem sempre foram produzidos na forma familiar em que os conhecemos hoje. Se considerarmos um livro como qualquer registro escrito de pensamentos ou atos, a produção de livros remonta a um período muito antigo na história da civilização. Os sumérios produziram documentos escritos e cartilhas em tábuas de argila já em 2500 a.C. A civilização suméria entrou em declínio após sua conquista pelos acadianos (2300 a.C.). No século XXI a.C., no entanto, ocorreu um renascimento da cultura suméria que resultou em uma série de obras literárias importantes, incluindo o primeiro sistema de leis codificado escrito conhecido. Hoje, existe uma rica coleção de material sumério, que inclui documentos legais,

mitológicos e comerciais, bem como material escrito produzido no processo de treinamento de escribas. Uma grande coleção de tábuas cuneiformes foi encontrada na biblioteca do rei assírio Assurbanípal, estabelecida no século VII a.C. A biblioteca continha muitos registros de conhecimento religioso e científico.

Temos muitos manuscritos antigos dos livros da Bíblia. Quanto aos livros da Bíblia Hebraica, os escribas usavam pena, tinta e pergaminhos de couro para fazer cópias de livros individuais. Alguns dos pergaminhos, feitos de várias peles de animais tratadas e costuradas juntas, podiam ter de 10,7 a 12,2 metros quando desenrolados. À medida que os pergaminhos se desgastavam, ou se havia necessidade de cópias em várias sinagogas, os escribas judeus faziam cópias adicionais — e faziam isso com extremo cuidado. Antes das descobertas dos Rolos do Mar Morto, os museus abrigavam vários manuscritos da Bíblia Hebraica datados entre os séculos VIII e X. Os Rolos do Mar Morto são datados entre 100 a.C. e d.C. 100, o que os torna mil anos mais antigos do que esses outros manuscritos. Os Rolos do Mar Morto contêm porções significativas do AT. Todos os livros, exceto Ester, estão representados. As maiores porções vêm do Pentateuco (especialmente Deuteronômio — 25 manuscritos), dos Profetas Maiores (especialmente Isaías — 18 manuscritos) e dos Salmos (27 manuscritos). Quanto aos livros do NT, temos quase 6.000 manuscritos anteriores à época da imprensa (c 1500). Cerca de 200 desses manuscritos datam entre o início do segundo e o final do quarto século. A maioria dos manuscritos do NT foi escrita em papiro ou velino, e todos os manuscritos do NT foram escritos na forma de códice.

Materiais para escrita

Argila

As tábuas de argila sumérias, babilônicas e assírias são bem conhecidas. As tábuas de argila cozida eram facilmente preservadas em quase qualquer clima. No entanto, eram adequadas apenas para uma forma de escrita em linha reta, como o cuneiforme, e, portanto, não eram apropriadas para a forma arredondada do alfabeto hebraico aramaico.

Papiro

Os rolos de papiro do Egito têm sido usados como superfície de escrita desde o início do terceiro

milênio a.C. Os gregos adotaram o papiro por volta de 900 a.C., e os romanos o adotaram posteriormente. Os rolos gregos de papiro mais antigos existentes datam do século IV a.C. O miolo interno da planta de papiro era chamado de byblos. Daí vem a palavra grega biblion (“livro”) e a palavra inglesa “bible”. A palavra “papel” é derivada de “papiro”.

Infelizmente, o papiro é perecível e requer um clima seco para sua preservação. Por isso, poucos papiros foram descobertos fora das areias do deserto do Egito. Alguns fragmentos de papiro também foram encontrados nas cavernas perto do Mar Morto, onde o clima é igualmente seco o suficiente.

Pedaços de cerâmica

Pedaços quebrados de cerâmica forneciam um material de escrita barato devido à abundância do suprimento. Os óstracos de Samaria e Laquis são exemplos.

Madeira

Tábuas de madeira cobertas com estuque ou cera eram, às vezes, usadas como superfície de escrita. Um exemplo no NT é [Lc 1.63](#).

Couro, pergaminho e velino

Todos estes são feitos de peles de animais. O couro (peles curtidas), precursor do pergaminho, tem sido usado há tanto tempo quanto o papiro, mas era raramente utilizado porque o papiro era muito abundante. Os antigos hebreus provavelmente usavam couro e papiro como materiais de escrita. Os Rolos do Mar Morto eram folhas de couro costuradas com linha de linho. Rolos de metal também existiam, como os de cobre.

Pergaminho, feito inicialmente de peles de ovelha e cabra, começou a substituir o couro já no terceiro século a.C., embora códices de pergaminho reais datem do segundo século d.C. Para preparar pergaminho ou couro refinado, o pelo era removido das peles e estas eram polidas. A forma mais comum de livro para documentos do AT e NT era evidentemente um rolo ou pergaminho de papiro, couro ou pergaminho. O comprimento médio de um rolo era de cerca de 9,1 metros, embora o famoso Papiro Harris tivesse 40,5 metros de comprimento. Os rolos eram frequentemente armazenados em jarros de cerâmica ([Jr 32.14](#)) e eram frequentemente selados ([Ap 5.1](#)).

O velino tinha uma qualidade superior ao pergaminho e era preparado a partir das peles de bezerras, cordeiros ou cabritos. No século IV d.C., o velino ou pergaminho como material, e o códice como forma, tornaram-se a norma.

Papel

Papel, feito de madeira, trapos e certas gramíneas, começou a substituir o velino e o pergaminho já no século X d.C. no mundo ocidental, embora tenha sido usado muito antes na China e no Japão. No século XV, os manuscritos em papel eram comuns.

Tipos de livros

Rolo

O rolo é um peça de papiro, pergaminho ou couro usado para escrever um documento ou obra literária. O rolo de papiro do Egito pode ser rastreado até 2500 a.C. Uma das produções literárias mais famosas do antigo Egito é o Livro dos Mortos. Os judeus usavam rolos de couro para escrever os livros do Antigo Testamento. A maioria dos rolos descobertos na área do Mar Morto foi escrita em couro, com alguns poucos tendo sido escritos em papiro.

Códice

Um desenvolvimento importante na evolução da produção de livros ocorreu com o advento do códice no meio do primeiro século. Um códice era construído de maneira semelhante aos nossos livros modernos, dobrando folhas de papiro ou velino (pele de animal tratada) ao meio e depois costurando-as juntas na lombada. Este tipo de livro era vantajoso porque permitia ao escriba escrever em ambos os lados; facilitava o acesso a passagens específicas (ao contrário de um pergaminho, que precisava ser desenrolado); e permitia que os cristãos reunissem todos os quatro Evangelhos ou todas as epístolas de Paulo ou qualquer outra combinação semelhante.

Instrumentos de escrita e tintas

Diferentes tipos de instrumentos de escrita foram usados, dependendo das superfícies de escrita disponíveis em vários períodos da história. Formões e gravadores de metal eram usados para inscrever em pedra e metal. Um estilete era utilizado para escrever cuneiforme (caracteres em forma de "cunha") em tábuas de argila. Para escrever em óstraca (cacos de cerâmica), papiro e

pergaminho, um junco era dividido ou cortado para atuar como um pincel. No Egito, juncos eram usados para formar um pincel. Mais tarde, juncos eram cortados em ponta e divididos como uma pena de escrever. Aparentemente, este era o tipo de caneta ou "cálamo" usado nos tempos do NT ([3Jo 1.13](#)).

A tinta (cf. [2Jo 1.12](#)) era geralmente um carbono preto (carvão) misturado com goma ou óleo para uso em pergaminho ou misturado com uma substância metálica para papiro. Era mantida em um tinteiro como uma substância seca, na qual o escriba mergulhava ou esfregava sua pena umedecida. Podia ser apagada lavando ([Nm 5.23](#)) ou com um canivete, que também era usado para afiar penas e aparar ou cortar rolos ([Jr 36.23](#)).

Veja também Hieróglifos; Inscrições; Cartas de Laquis; Escrita de cartas antigas; Escriba; Escritor.

Escrita de cartas, Históricas

Uma mensagem escrita enviada de uma pessoa para outra. Nos tempos antigos, as cartas eram especialmente importantes quando reis e oficiais precisavam enviar comandos ou relatórios.

Exemplos de cartas históricas

Existem cartas de Arade-Nana, o médico real, para seu mestre Assurbanípal. Essas cartas tratam da dor nas costas do rei e do problema ocular de um jovem príncipe. As famosas cartas de Amarna são relatórios e apelos de príncipes na Palestina, que estavam preocupados com a fraqueza da política externa do Faraó Akhenaton na região. Há uma carta interessante da viúva de Tutancâmon para um rei hitita sobre um arranjo matrimonial.

Cartas no Antigo Testamento

Existem alguns exemplos de cartas no Antigo Testamento:

- A carta mortal de Davi para Joabe sobre Urias ([2Sm 11.14.15](#));
- A carta igualmente maligna de Jezabel, sob a assinatura falsificada de Acabe, aos anciãos de Jezreel ([1Rs 21.8.9](#));
- A carta do rei da Síria para o rei de Israel sobre a lepra de Naamã ([2Rs 5.5-7](#)).

Tudo isso é relatado no registro do Antigo Testamento sem as saudações habituais e as formas educadas de tratamento.

Podemos ler o que parecem ser cartas completas em Esdras capítulos [4.11-23](#); [5.7-17](#); [7.11-26](#). Também encontramos cartas completas em Neemias capítulos [6.5-7](#), e no livro de Jeremias. No entanto, muitas outras cartas na Bíblia são versões abreviadas que nos dão apenas os pontos principais ([Ne 2.8](#); [Et 9.20-31](#)).

Outras cartas históricas

Muitas cartas oficiais escritas em papel egípcio antigo (chamado papiro) foram encontradas. Essas cartas são semelhantes às mencionadas no Antigo Testamento. O Imperador Cláudio escreveu uma carta em 42 d.C. ao povo de Alexandria sobre problemas com a comunidade judaica lá. Por volta de 100 d.C., um governador egípcio escreveu uma carta a todos em sua área sobre a contagem de todas as pessoas. Isso nos ajuda a entender a época em que Jesus nasceu, pois uma contagem semelhante de pessoas fez com que Maria e José viajassem para Belém.

As cartas de Cícero nos falam sobre um período importante na história de Roma. Cícero descreve como Roma passou de ser governada por um grupo de líderes (chamados senadores) para ser governada por imperadores. Plínio foi um governador romano em um lugar chamado Bitúnia por volta de 100 d.C. Suas cartas nos ajudam a entender como os romanos viviam durante esse período. Elas também nos relatam sobre as primeiras vezes que o governo romano entrou em conflito com a igreja cristã primitiva.

Cartas antigas nos ajudam a entender a vida cotidiana e as ocupações comuns das pessoas nos tempos greco-romanos e nos primeiros séculos cristãos. Isso é semelhante às informações que aprendemos com os documentos do Novo Testamento. Elas fornecem contexto, ilustração,

comentário e, às vezes, evidências históricas diretas.

Um conjunto importante de cartas vem de Bar Kokhba, que liderou o povo judeu em uma luta contra Roma de 132 a 135 d.C. Essas cartas foram encontradas escondidas em uma caverna perto do Mar Morto. Em uma carta, ele ordena: "Tudo o que Eliseu disser, faça". Outra carta ordena a prisão de Tahnun Ben Ismael e a confiscação de seu trigo. Uma terceira carta pede a punição de alguns que haviam reparado suas casas em desafio a alguma política de terra arrasada.

Escrita de cartas na época de Paulo

Paulo seguiu cuidadosamente o estilo de escrita de cartas de sua época. Suas cartas geralmente incluíam as seguintes partes nesta ordem:

- 98.** Uma saudação inicial;
- 99.** Palavras de agradecimento e oração pelas pessoas para quem ele estava escrevendo;
- 100.** Sua mensagem principal;
- 101.** Saudações aos amigos;
- 102.** Uma oração final no final.

Aqui está uma carta de aproximadamente 150 d.C. que demonstra esse mesmo estilo de escrita:

"Ammonous ao seu querido pai, saudações. Quando recebi sua carta e soube que pela vontade dos deuses você foi preservado, fiquei muito feliz. E como ao mesmo tempo surgiu uma oportunidade aqui, estou escrevendo esta carta ansioso para prestar meus respeitos. Atenda o mais rápido possível aos assuntos urgentes. Tudo o que o pequeno pedir será feito. Se o portador desta carta lhe entregar uma pequena cesta, fui eu quem a enviou. Todos os seus amigos o saúdam pelo nome. Celer o saúda e a todos que estão com ele. Oro pela sua saúde".

Paulo escreveu sobre muitos assuntos diferentes em suas cartas. Em algumas ocasiões, ele corrigia gentilmente os cristãos em Corinto quando estavam muito orgulhosos. Outras vezes, ele advertia fortemente as pessoas que estavam ensinando coisas erradas sobre Deus. Ele também escrevia sobre coisas simples, como notícias sobre seus amigos, livros que precisava e um casaco quente que havia deixado na cidade de Trôade.

Cartas no Novo Testamento

O Novo Testamento contém muitas cartas que ensinam as pessoas sobre Deus. Este estilo de escrever cartas de ensino começou com antigos professores gregos como Platão e Aristóteles. No entanto, os escritores do Novo Testamento se dirigem:

- a grupos ou comunidades (Romanos, 1 Coríntios, Gálatas, Filipenses, Efésios, Colossenses, 1 Tessalonicenses, Hebreus);
- para a igreja em geral (as cartas de Pedro, Judas, Tiago e a primeira epístola de João);
- a indivíduos ou a uma comunidade cristã específica.

A carta apostólica registrada em [Atos 15](#) pode ter inspirado essa prática. [Apocalipse 2](#) e [3](#) são cartas genuínas para sete igrejas no circuito asiático de João.

Veja também Cartas de Laquis; Escrita.

Escritor

Um escriba ou secretário profissional ou religioso é uma pessoa treinada para escrever e copiar documentos.

Escribas e secretários profissionais

Os escribas eram secretários na Palestina, Egito, Mesopotâmia e no Império Greco-Romano. Escribas da corte às vezes ascendiam a posições poderosas, tanto social quanto politicamente.

Havia escolas para treinamento de escribas. Dominar a arte de escrever em argila provavelmente levava tanto tempo naquela época quanto leva para os estudantes atualmente aprenderem a ler e escrever. Aqueles que queriam ser escribas podiam aprender em uma escola regular ou trabalhar como aprendizes sob a orientação de um professor particular. A última opção era muito mais popular. Muitos escribas estavam dispostos a ensinar. A maioria dos escribas tinha pelo menos um aluno. Esses alunos eram tratados como família enquanto aprendiam. Os alunos aprendiam através de tutoria e pelo exemplo. Essa experiência preparava os jovens escribas para escrever documentos legais e

comerciais, bem como para fazer ditados de cartas particulares.

Para um estudo mais avançado, os escribas precisariam ir para a escola. As escolas estavam anexadas aos templos e eram os únicos lugares que podiam ensinar ciências, matemática e literatura. Os escribas mais avançados tinham que dominar todos esses assuntos. Na escola, um escriba podia estudar para se tornar um sacerdote ou um "cientista".

Arqueólogos (estudiosos que investigam a história humana antiga) encontraram salas de aula com bancos onde os alunos se sentavam. Eles até encontraram os "livros didáticos" que eram usados para ensinar escribas. Alguns desses textos antigos do Oriente Próximo são apenas exercícios básicos e cópias de textos originais. Essas cópias geralmente não são tão bonitas ou fáceis de ler quanto os originais, que foram escritos por mestres escribas.

Havia muitos tipos de textos disponíveis no templo quando o professor queria dar uma tarefa aos alunos. O trabalho elementar incluía escrever uma série de sinais cuneiformes (um antigo sistema de escrita), semelhante ao nosso aprendizado do alfabeto — exceto que havia 600 sinais! Outra tarefa simples era copiar dicionários que continham listas de pedras, cidades, animais e deuses.

Estudantes avançados copiavam textos literários como épicos, hinos ou orações. Com estudo e prática, um estudante talentoso poderia se qualificar para trabalhar em quase qualquer área.

Escribas no Antigo Testamento

Em Israel, os escribas realizavam muitas tarefas. Frequentemente, sentavam-se no portão da cidade ou em outro espaço público, escrevendo recibos, contratos e cartas. Escribas religiosos copiavam as Escrituras.

Vários escribas são mencionados no Antigo Testamento:

- Sebna ([2Rs 18.18,37](#))
- Safã ([2Rs 22.8-12](#))
- Esdras ([Ed 7.6,11](#); [Ne 8.1,9,13](#); [12.26,36](#))
- Baruque ([Jr 36.26,32](#))
- Jônatas ([Jr 37.15,20](#)).

Escritas no Novo Testamento

O apóstolo Paulo utilizava secretários e escribas para redigir suas cartas. Normalmente, um escriba escrevia as palavras do orador. Em seguida, o autor revisava e editava. O escriba realizava as edições e criava uma versão final, que o autor assinava.

Duas cartas do Novo Testamento mencionam o nome de um escriba:

- Tércio ([Rm 16.22](#))
- Silvano ([1Pe 5.12](#))

Algumas das cartas de Paulo mencionam que ele próprio escreveu o final:

- [1 Coríntios 16.21](#)
- [Gálatas 6.11](#)
- [Colossenses 4.18](#)
- [2 Tessalonicenses 3.17](#)

Isso mostra que essas cartas foram escritas por outra pessoa (o escriba de Paulo) antes dele assiná-las. João escreveu suas próprias cartas ([1Jo 1.4](#); [2.1,7-8,12-14](#); [2Jo 1.12](#); [3Jo 1.9,13](#)).

Veja também Escrita de cartas antiga; Escrita.

Escritura, Escrituras

Os escritos sagrados do Judaísmo e do Cristianismo. Os judeus reconhecem 39 livros como compondo suas Escrituras. Os cristãos reconhecem esses mesmos escritos judaicos — categorizados como Torá (Lei), Profetas e Escritos — como Escritura, juntamente com os quatro Evangelhos, 21 epístolas, o livro de Atos e Apocalipse. Alguns cristãos também reconhecem os livros apócrifos e/ou deuterocanônicos como Escritura. *Veja* Bíblia, Cânon da; Bíblia, Manuscritos e Texto do (Novo Testamento); Bíblia, Manuscritos da e Texto do (Antigo Testamento).

Escrivão da cidade

Um escrivão da cidade era um funcionário importante nos governos das cidades antigas. Essa pessoa tinha a responsabilidade de registrar e anunciar as decisões tomadas pelos líderes da cidade. O escrivão da cidade também ajudava na comunicação entre a cidade e o governo romano.

Em Éfeso, o escrivão da cidade ajudou a acalmar uma multidão furiosa que havia se reunido por causa do ensino de Paulo ([At 19.35](#)). O escrivão da cidade tinha o poder de punir pessoas que causavam problemas na cidade. Felizmente, ele conseguiu acalmar a multidão e evitar mais problemas.

Ecuridão

Ausência de luz ou brilho. Embora a Bíblia raramente se refira à escuridão literal, várias palavras traduzidas como "escuridão" são usadas em um sentido figurado ou metafórico.

Quando Deus criou o mundo, não havia luz até que ele ordenou que a luz aparecesse. Ele então fez a distinção entre a luz e seu oposto, a escuridão, que ele chamou de noite ([Gênesis 1.2,4-5,18](#)). A escuridão literal também é mencionada no relato das pragas que Deus infligiu ao Egito; a nona praga foi uma escuridão intensa que podia ser "sentida" ([Êxodo 10.21-23](#)). Essa escuridão durou três dias e foi seletiva; onde quer que os egípcios estivessem, estava escuro, mas onde os israelitas estavam, havia luz. Os israelitas saíram do Egito acompanhados por uma nuvem que os separava de seu inimigo, evidentemente dando luz aos israelitas, mas fazendo escuridão para os egípcios ([Êxodo 14.20](#)). A Bíblia observa que ladrões ou adúlteros são propensos a cometer seus atos malignos no escuro ou à noite ([Jo 24.16-17](#)).

No NT, "escuridão" é usada duas vezes em seu sentido literal. Na crucificação de Jesus, por um período de três horas, do meio-dia às três horas, não houve luz ([Mateus 27.45](#); [Marcos 15.33](#); [Lucas 23.44](#)). A outra referência é à segunda vinda de Cristo, quando "o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz" ([Mateus 24.29](#)).

Várias passagens bíblicas falam de uma escuridão ao redor de Deus, evidentemente movendo-se de um sentido literal de ausência de luz para um significado mais profundo. Deus falou a Moisés no

Monte Sinai em uma nuvem densa e negra ([Êxodo 20.21](#); [Deuteronômio 4.11](#)) ou da escuridão ([Deuteronômio 5.23](#)). A escuridão é retratada como um abrigo ou manto ao redor de Deus ([2 Samuel 22.12](#); [Salmos 18.11](#); [97.2](#)). Deus estabelece um limite para a luz e a escuridão ([Jó 26.10](#)), traz escuridão ([Salmos 104.20](#); [105.28](#)), e cria luz e escuridão ([Isaías 45.7](#)). Deus habita em espessa escuridão ([1 Reis 8.12](#); [2 Crônicas 6.1](#)), e espessa escuridão está sob seus pés ([2 Samuel 22.10](#); [Salmo 18.9](#)).

A maioria das referências figurativas à escuridão aparece em material poético, como Jó, Salmos e Isaías. Geralmente, essa escuridão retrata a ignorância sobre a vontade de Deus. O conhecimento de Deus é "luz"; portanto, a falta de tal conhecimento é "escuridão" ([Jó 12.24-25](#); [Mateus 4.16](#); [João 1.5](#); [8.12](#); [12.35.46](#); [1 João 1.5](#); [2.8-9.11](#)).

Jó falou da escuridão como equivalente ao nada ([Jó 3.4-6](#)). Em outras referências, a escuridão representa a morte, uma terra de sombras e trevas, a morada dos mortos longe da luz do dia ([Jó 10.21-22](#); [15.24](#); [17.12-13](#); [18.18](#); [Eclesiastes 6.4](#); [11.8](#)).

A escuridão frequentemente representa angústia e ansiedade, ou a confusão e destruição experimentadas pelos ímpios ([Gênesis 15.12](#); [Jó 5.14](#); [12.25](#); [15.22.30](#); [19.8](#); [22.11](#); [Salmos 35.6](#); [107.10.14](#); [Eclesiastes 5.17](#); [Isaías 5.30](#)). A depravação moral às vezes é descrita como escuridão ([Provérbios 2.13](#); [4.19](#); [Isaías 5.20](#); [60.2](#)). No NT, a escuridão é geralmente uma metáfora de depravação moral e ignorância espiritual ([Mateus 4.16](#); [6.23](#); [Lucas 1.79](#); [11.35](#); [22.53](#); [Romanos 2.19](#); [Colossenses 1.13](#)).

Um tema principal dos profetas do AT era o Dia do Senhor, muitas vezes associado à escuridão ([Ezequiel 32.8](#); [Joel 2.2.31](#); [Amós 5.18.20](#); [Sofonias 1.15](#)). O NT também associa escuridão com julgamento em conexão com a segunda vinda de Cristo ([Mateus 8.12](#); [22.13](#); [25.30](#); [2 Pedro 2.17](#); [Judas 1.6.13](#)). Aqueles que vêm a conhecer Deus são ditos como saindo da escuridão ([Isaías 9.2](#); [29.18](#); [42.7](#)); a escuridão não pode ser um esconderijo de Deus ([Jó 34.22](#); [Salmo 139.11-12](#); [Isaías 29.15](#)).

Veja também Luz.

Eseque

Nome que Isaque deu a um poço cavado por seus servos no vale de Gerar ([Gn 26.20](#)). O nome significa "Discussão". Quando os pastores de Gerar alegaram que pertencia a eles, Isaque cedeu Eseque e outro poço, chamado Sitna, para induzir os homens de Gerar a permitirem que ele vivesse pacificamente na terra.

Eser

Ortografia alternativa de Ezer em vários textos. *Veja Ezer.*

Esmolas

Donativos de caridade. A prática de dar esmolas aos pobres. A palavra em português "esmolas", no original, vem de uma palavra grega mais longa usada na Septuaginta para traduzir uma palavra hebraica que significa "justiça". A Septuaginta é uma antiga tradução grega do Antigo Testamento.

Ensinaamentos do Antigo Testamento sobre o cuidado com os pobres.

O termo hebraico não está relacionado à esmola. O Antigo Testamento não faz referência específica à esmola. Esperava-se que os israelitas cuidassem dos pobres em seu meio. A lei de Moisés contém muitos mandamentos para tratar os pobres de forma justa e humana. Entre eles, destaca-se [Dt 15.7-11](#). Este versículo afirma que sempre haverá pessoas pobres vivendo em Israel e ordena que Israel tome medidas para ajudar.

A cada sétimo ano, todos os campos e jardins deveriam permanecer não colhidos para beneficiar os pobres e necessitados ([Êx 23.10-11](#)). A cada terceiro ano, um décimo de toda a produção tinha que ser dado aos levitas (uma tribo hebraica que não possuía propriedades), ao viajante, ao órfão e à viúva ([Dt 14.28-29](#)). Feixes de grãos esquecidos e os grãos deixados para trás nos campos em cada colheita eram deixados para os necessitados e o estrangeiro ([Lv 19.9](#); [23.22](#)). De cada vinha e olival, qualquer fruto caído e os cachos imperfeitos e mais altos eram reservados para eles ([Lv 19.10](#); [Dt 24.20-21](#)). Da mesma forma, as pessoas que viajavam para o festival eram esperadas a compartilhar comida com aqueles em necessidade ([Dt 16.11-14](#)).

Os profetas do Antigo Testamento continuaram a defender o tema do tratamento gentil para com os pobres. As expressões mais fortes do tema da justiça social são encontradas em Isaías ([1.23](#); [3.15](#); [10.1-2](#); [11.4-5](#); [58.5-10](#)) e Amós ([2.6-8](#); [4.1](#); [5.11](#); [8.4](#)). Da mesma forma, os Salmos, Jó, Provérbios e Eclesiastes mostram a necessidade dos pobres. Esses livros oferecem esperança àqueles que estão sofrendo e pedem aos outros que defendam sua causa ou melhorem sua condição. Os pedidos eram baseados na crença de que todos os seres humanos são criados por um único Deus. Ele ordenou a Israel que tratasse os pobres que viviam com eles com bondade, que incluía tratamento justo, não apenas doação.

Esmolas entre o Antigo e o Novo Testamento.

Durante o período entre o Antigo e o Novo Testamento, a doação de esmolas tornou-se mais importante. [Lv 19.18](#) oferece um mandamento geral para demonstrar bondade amorosa. Isso passou a ser definido como atos individuais específicos que se acreditava contribuir para o mérito pessoal e segurança. [Eccl 3.30](#) diz que “esmola enfrenta o pecado”. [Tb 4.10](#) afirma que a esmola “livra do pecado e da morte”. Juntamente com a oração e o jejum, a esmola era considerada uma das expressões mais importantes da obediência judaica ([Tb 12.8-9](#)).

Espelho

Um espelho é uma superfície lisa que reflete imagens. A palavra não aparece na KJV, mas a ideia está presente. É traduzida do hebraico ou grego como “vidro” ou “vidros”. Traduções modernas usam “espelho”.

Nos tempos bíblicos, os espelhos eram feitos de metal polido, como cobre, bronze, prata, ouro ou electro (uma mistura de ouro e prata). As pessoas poliam essas superfícies metálicas até que ficassem muito lisas, para que pudessem ver seu reflexo com a maior clareza possível.

O vidro existia durante os tempos bíblicos, mas geralmente não era claro o suficiente para se ver através dele (era opaco). A exceção era o vidro romano, que era mais claro. No entanto, as pessoas não usaram vidro como espelhos até depois do período bíblico ter terminado.

A Bíblia menciona espelhos pela primeira vez na época de Moisés, em relação à construção do

tabernáculo no deserto do Sinai após o êxodo do Egito ([Êx 38.8](#)). Quando Alexandre, o Grande, espalhou a cultura grega, os espelhos se tornaram mais comuns no mundo bíblico. Até então, eram posses de damas da corte ou prostitutas.

Escavações arqueológicas na Palestina encontraram espelhos de bronze, além de joias e roupas femininas. A maioria desses itens data do período após o exílio para Babilônia até os tempos romanos. Os espelhos geralmente são circulares e possuem cabos de madeira ou marfim (quando têm cabos).

Espelta

Espécies de trigo de grão duro que crescem melhor em vários tipos de solos. Era um grão popular entre os antigos ([Êx 9.32](#); [Ez 4.9](#)).

Veja Plantas.

Esperança

Uma expectativa ou crença de que algo desejado acontecerá. Dores presentes e incertezas sobre o que ocorrerá no futuro criam a necessidade constante de esperança. Pobreza mundial, fome, doenças e o potencial humano para gerar terror e destruição geram um anseio por algo melhor. Historicamente, as pessoas têm olhado para o futuro com uma mistura de anseio e medo. Muitos concluíram que não há uma base razoável para a esperança e, portanto, que ter esperança é viver com uma ilusão. As Escrituras nos dizem que aqueles que não têm Deus não têm esperança ([Ef 2.12](#)).

O mundo moderno tem buscado esperança no esforço humano e acredita na inevitabilidade do progresso, pressupondo que tudo naturalmente melhoraria cada vez mais. A ameaça e a realidade da guerra no século 20 desafiaram esse otimismo e deixaram um crescente desespero em seu rastro. Embora muitos ainda encontrem pouca razão para ter esperança, outros retornaram a uma base humanista para a esperança. Argumenta-se que, como as pessoas são a fonte dos problemas do mundo, elas também podem ser a solução. Essa posição pode ser questionada com base em evidências presentes e históricas que indicam o contrário.

O Cristianismo tem sido frequentemente considerado em discussões sobre esperança. Infelizmente, nem sempre foi visto de forma positiva nesse aspecto. Nos primeiros séculos da história da igreja, a ênfase na disparidade entre este mundo e o próximo parecia criar uma atitude de escapismo, futilidade ou indiferença em relação aos problemas e dores da existência humana. No século 19, o filósofo prussiano Friedrich Nietzsche (1844–1900) afirmou que o Cristianismo tornava as pessoas covardes porque ensinava que tudo o que acontecia era vontade de Deus, desencorajando assim os esforços para mudar o mundo. Karl Marx (1818–83) disse que o cristianismo ou a religião era o “ópio do povo” (ópio é uma droga viciante que entorpece os sentidos). Para Marx, a religião impedia as pessoas de se levantarem contra aqueles que as oprimiam.

Jürgen Moltmann se opôs à tendência do Cristianismo de ser percebido como algo de outro mundo na chamada “teologia da esperança”. Essa teologia surgiu do pessimismo e desespero da Europa pós Segunda Guerra Mundial. A teologia da esperança de Moltmann afirma que o futuro é a base para mudar o presente, e que o serviço cristão deve buscar tornar as esperanças de outro mundo uma realidade presente. A ressurreição traz esperança durante o sofrimento e encoraja os humanos a superá-lo. No entanto, confiar no esforço humano para mudar o futuro pode levar a uma visão humanista da ressurreição, vendo-a como um mero símbolo de esperança para motivar a ação, em vez de reconhecê-la como a ação histórica de Deus no mundo através de Jesus Cristo. Outra preocupação é que a discussão da esperança para este mundo por meio de uma transformação das estruturas políticas e sociais poderia negligenciar a necessidade de transformação pessoal das vidas das pessoas através da conversão e arrependimento. Embora questões críticas tenham sido levantadas sobre a teologia da esperança, essa teologia, por outro lado, levou ao exame ou reexame da doutrina bíblica da esperança.

A esperança bíblica é a confiança no que Deus fará no futuro. No centro da esperança cristã está a ressurreição de Jesus. Paulo discutiu a natureza, certeza e importância da ressurreição ([1Co 15.12–28](#)). Ao afirmar “Se a nossa esperança em Cristo só vale para esta vida, nós somos as pessoas mais infelizes deste mundo”, Paulo está expressando sua certeza de que a esperança cristã aponta para o futuro (v. [19](#), NTLH). O significado da ressurreição de Cristo é que ela não apenas demonstra sua

vitória sobre a morte, mas também estende essa vitória àqueles que são dele: “Cristo as primícias; depois, na sua vinda, os que pertencem a ele” (v. [23](#)). O apóstolo Pedro disse: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Por sua grande misericórdia, ele nos deu um novo nascimento para uma esperança viva através da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” ([1Pe 1.3](#)). Nesse trecho, Pedro atribui a esperança viva à ressurreição de Cristo e aponta para a futura bênção de Deus sobre aqueles que pertencem a Cristo. Essa esperança futura capacita o cristão a viver sem desespero em meio à luta e ao sofrimento do presente (cp. [Rm 8.18](#); [2Co 4.16–18](#)).

A esperança cristã está solidamente baseada nas palavras e ações de Deus. As promessas de Deus têm se mostrado confiáveis. A ressurreição de Jesus é a base definitiva para essa esperança. Como Deus já venceu a morte através de Cristo, o cristão pode viver com confiança no presente. Não importa quão sombria a era atual pareça, o cristão tem visto a luz que está por vir. As pessoas precisam ter esperança, e a esperança colocada na promessa pessoal de Deus é segura. Essa esperança segura possui, contudo, grande relevância social, pois liberta o ser humano da escravidão ao materialismo e de seu egoísmo natural. A esperança cristã oferece tanto segurança para o futuro quanto participação amorosa ao compartilhar com os outros no presente.

Espinheiro

Um arbusto espinhoso ou com espinhos, frequentemente mencionado na Bíblia.

Veja Amora; Cardo, Espinho.

Espinheiro-amarelo

O espinheiro-amarelo é um arbusto ou pequena árvore que atinge uma altura de 0,9 a 1,8 metros. Possui ramos aveludados e espinhosos, folhas perenes e cachos de pequenas flores que florescem em março ou abril. Esta planta cresce em matagais e encostas, desde a Síria e Líbano, passando por Israel e áreas circundantes até a Arábia e o Sinai.

Espinho-de-camelo

O espinho-de-camelo é um arbusto baixo e espinhoso (uma planta pequena e arbustiva com pontas afiadas). Ele cresce em lugares secos. As pessoas usavam a raiz do espinheiro-de-camelo para fazer um óleo ou pomada de aroma doce. ([Eclo 24.15](#)).

Veja também Cardo, Espinhos.

Espírito De Deus

Descrição de Deus em ação, Deus em movimento. A palavra “espírito” (hebraico, *ruach*; grego, *pneuma*) é a palavra usada dos tempos antigos para descrever e explicar a experiência do poder divino trabalhando em, sobre e em torno das pessoas.

No Antigo Testamento

Há três significados básicos evidentes no uso de “espírito” dos primeiros escritos hebraicos: era um vento de Deus, era o sopro da vida, e era um espírito de êxtase.

Primeiro, foi um vento de Deus (a mesma palavra hebraica traduzida “Espírito” em [Gn 1.2](#)) que fez com que as águas do Dilúvio diminuíssem ([8.1](#)). Um vento de Deus soprou gafanhotos sobre o Egito ([Êx 10.13](#)) e codornas sobre o acampamento de Israel. A explosão de suas narinas separou as águas do Mar Vermelho no Êxodo ([14:21](#)).

Segundo, foi o sopro de Deus que fez do homem um ser vivo ([Gn 2.7](#)). É uma das primeiras percepções da fé hebraica que os seres humanos vivem apenas por causa da agitação do sopro ou espírito divino dentro deles ([Gn 6.3](#); [Jó 33.4](#); [34.14-15](#); [Sl 104.29-30](#)). Mais tarde, uma distinção mais clara foi traçada entre o Espírito divino e o espírito humano, e entre espírito e alma, mas no estágio inicial essas eram todas mais ou menos percebidas como manifestações sinônimas do mesmo poder divino, a fonte de toda a vida — animal, bem como humana ([Gn 7.15,22](#); veja [Ec 3.19-21](#)).

Terceiro, havia ocasiões em que este poder divino parecia ultrapassar e possuir um indivíduo completamente, de modo que suas palavras ou ações transcendiam em muito as do comportamento normal. Tal pessoa foi claramente marcada como um agente do propósito de Deus e dado respeito. Aparentemente, era assim que os líderes eram reconhecidos no período pré-

monárquico — Otoniel ([Jz 3.10](#)), Gideão ([6.34](#)), Jefté ([11.29](#)) e o primeiro rei, Saul ([1Sm 11.6](#)), também. Assim também, os primeiros profetas foram aqueles que tiveram a inspiração em êxtase ([1Sm 19.20-24](#)).

Nos estágios iniciais do pensamento hebraico, a experiência extática era vista como o efeito direto do poder divino. Isso era verdade mesmo quando o êxtase era reconhecido como mal em caráter, como no caso da tomada de Saul pelo Espírito ([1Sm 16.14-16](#)). Um espírito de Deus poderia ser para o mal, bem como para o bem (veja [Jz 9:23](#); [1Rs 22.19-23](#)).

Nos escritos dos profetas

Para Isaías, o espírito era aquilo que caracterizava Deus e o distinguiu e suas ações dos assuntos humanos ([Is 31.3](#)). Mais tarde, o adjetivo “santo” apareceu como aquele que distinguiu o Espírito de Deus de qualquer outro espírito, humano ou divino ([Sl 51.11](#); [Is 63.10-11](#)).

O problema da falsa profecia enfatizava o perigo de assumir que cada mensagem transmitida em êxtase era a palavra do Senhor. Assim, os testes de profecia avaliavam o conteúdo da mensagem proferida ou o caráter da vida do profeta, não o grau ou qualidade da inspiração (ver [Dt 13.1-5](#); [18.22](#); [Jr 23.14](#); [Mc 3.5](#)). Este sentido de uma necessidade de discriminar entre inspiração verdadeira e falsa e distinguir a palavra de Deus do oráculo meramente extático pode ajudar a explicar a relutância intrigante dos principais profetas do oitavo e sétimo séculos a.C. de atribuir sua inspiração ao Espírito.

Nos escritos exílicos e pós-exílicos

Na literatura exílica e pós-exílica, o papel do Espírito é estreitado a duas funções principais: a do Espírito profético e a do Espírito da era por vir.

Os profetas posteriores novamente falaram do Espírito em termos explícitos como o inspirador da profecia (veja [Ez 3.1-4.22-24](#); [Ag 2.5](#); [Zc 4.6](#)). Ao olharem para trás para o período pré-exílico, esses profetas livremente atribuíam a inspiração dos “profetas anteriores” ao Espírito também ([Zc 7.12](#)).

Esta tendência de exaltar o papel do Espírito como inspirador da profecia se tornou firmemente mais forte no período entre o AT e o NT, até no judaísmo rabínico, o Espírito era quase exclusivamente o inspirador dos escritos proféticos agora considerados como Escrituras.

A outra compreensão do papel do Espírito durante os tempos exílicos e pós-exílicos era que o Espírito seria a manifestação do poder de Deus na era por vir. Essa esperança escatológica de poder divino efetuando uma purificação final e uma criação renovada está enraizada principalmente nas profecias de Isaías ([Is 4.4](#); [32.15](#); [44.3-4](#)). Isaías fala de um ungido pelo Espírito para realizar a salvação completa e final ([11.2](#); [42.1](#); [61.1](#)). Em outro lugar, o mesmo desejo é expresso em termos de o Espírito ser livremente dispensado a todo o Israel ([Ez 39.29](#); [Jl 2.28-29](#); [Zc 12.10](#)) na nova aliança ([Jr 31.31-34](#); [Ez 36.26-27](#)).

No período anterior a Jesus, a compreensão do Espírito como o Espírito da profecia e como o Espírito da era por vir havia se desenvolvido para o dogma generalizado de que o Espírito não deveria mais ser experimentado no presente. O Espírito havia sido conhecido no passado como o inspirador de escritos proféticos, mas depois de Ageu, Zacarias e Malaquias, o Espírito havia se retirado ([1Mc 4.44-46](#); [9.27](#); [2Br 85.1-3](#); ver também [Sl 74.9](#); [Zc 13.2-6](#)). O Espírito seria conhecido novamente na era do Messias, mas nesse ínterim o Espírito estava ausente de Israel. Até o grande Hillel (erudito líder e mestre judeu, 60? a.C. – 20? d.C.), um contemporâneo próximo de Jesus, não havia recebido o Espírito — embora se alguém fosse digno do Espírito, era ele. Há uma tradição de que, em uma reunião de Hillel e outros homens sábios, uma voz do céu disse: “Entre aqueles que estão aqui presentes está alguém que teria merecido o Espírito Santo descansar sobre ele, se seu tempo tivesse sido digno disso”. Todos os homens sábios olharam para Hillel.

A consequência desta escassez aceita do Espírito foi que o Espírito, de fato, se tornou subordinado à lei. O Espírito era o inspirador da lei, mas uma vez que o Espírito não podia mais ser experimentado diretamente, a lei se tornou a única voz do Espírito. Foi este crescente domínio da lei e seus intérpretes oficiais que forneceram o pano de fundo para a missão de Jesus e a propagação inicial do cristianismo.

No Novo Testamento

Se quisermos entender o ensino do NT sobre o Espírito, devemos reconhecer tanto sua continuidade quanto sua descontinuidade com o AT. Em muitos pontos, o uso do NT não pode ser totalmente entendido, exceto no contexto dos conceitos ou passagens do AT. Por exemplo, a ambiguidade de [João 3.8](#) (“vento”, “Espírito”), [2](#)

[Tessalonicenses 2.8](#) (“sopro”) e [Apocalipse 11.11](#) (“sopro de vida”) nos leva de volta aos significados básicos hebraicos de “espírito”. [Atos 8.39](#) e [Apocalipse 17.3](#) e [21.10](#) refletem a mesma concepção do Espírito que encontramos em [1 Reis 18.12](#), [2 Reis 2.16](#) e [Ezequiel 3.14](#). Os escritores do NT geralmente compartilham a visão rabínica de que as Escrituras têm a autoridade do Espírito por trás delas (veja [Mc 12.36](#); [Atos 28.25](#); [Hb 3.7](#); [2Pe 1.21](#)). A principal continuidade é que o NT traz a realização do que os escritores do AT esperavam para alcançar. Ao mesmo tempo, o cristianismo não é simplesmente o judaísmo realizado. A vinda de Jesus e a doação de seu Espírito para viver dentro de seus crentes marcam a nova fé como algo novo e distinto.

O Espírito da Nova Era

A característica mais marcante do ministério de Jesus e da mensagem dos primeiros cristãos era sua convicção e proclamação de que as bênçãos da nova era já estavam presentes, que o Espírito escatológico já havia sido derramado. Com a exceção dos essênios em Qumran, nenhum outro grupo ou indivíduo dentro da religião judaica daquela época havia ousado fazer uma afirmação tão ousada. Os profetas e os rabinos esperavam uma era messiânica ainda por vir, e os escritores apocalípticos advertiram de sua chegada iminente, mas ninguém pensava nisso como já presente. Até mesmo João Batista falou apenas de um prestes a vir e da operação do Espírito no futuro iminente ([Mc 1.8](#)). Mas para Jesus e os cristãos do primeiro século, a esperança almejada era uma realidade viva, e a alegação carregava consigo o emocionante sentido de estar nos “últimos dias”. Sem algum reconhecimento dessa dimensão escatológica da fé e vida dos cristãos, não podemos entender este ensino e a experiência do Espírito.

Jesus claramente pensou em seus ensinamentos e curas como a realização da esperança profética ([Mt 12.41-42](#); [13.16-17](#); [Lc 17.20-21](#)). Em especial, ele se viu como o ungido pelo Espírito para fornecer salvação ([Mt 5.3-6](#); [11.5](#); [Lc 4.17-19](#)). Assim também, Jesus entendeu seus exorcismos como o efeito do poder de Deus e como manifestações do governo de Deus do fim dos tempos ([Mt 12.27-28](#); [Mc 3.22-26](#)). Os escritores do Evangelho, especialmente Lucas, enfatizam o caráter escatológico da vida e ministério de Jesus enfatizando o papel do Espírito em seu nascimento ([Mt 1.18](#); [Lc 1.35, 41, 67](#); [2.25-27](#)), seu batismo ([Mc 1.9-10](#); [Atos 10.38](#)) e seu ministério ([Mt 4.1](#); [12.18](#); [Mc 1.12](#); [Lc 4.1, 14](#); [10.21](#); [Jo 3.34](#)).

A igreja cristã começou com a inspiração do Espírito Santo no dia da ressurreição de Cristo ([Jo 20.22](#)), seguida pelo derramamento do Espírito em Pentecostes “nos últimos dias”. A experiência esmagadora de visão e proclamação inspirada foi tomada como prova positiva de que a nova era profetizada por Joel havia chegado agora ([Atos 2.2-5.17-18](#)). Da mesma forma, em Hebreus, o dom do Espírito é mencionado como “os poderes da era por vir” ([Hb 6.4-5](#)). Mais impressionante ainda é a compreensão de Paulo sobre o Espírito como a garantia da salvação completa de Deus ([2Co 1.22; 5.5; Ef 1.13-14](#)), e como a primeira parcela da herança do crente do reino de Deus ([Rm 8.15-17; 1Co 6.9-11; 15.42-50; Gl 4.6-7; 5.16-18.21-23; Ef 1.13-14](#)). O Espírito está aqui novamente considerado como o poder da era por vir, como esse poder (que caracterizará o governo de Deus no fim dos tempos) já moldando e transformando as vidas dos crentes.

Para Paulo, isso significa também que o dom do Espírito é nada menos que o início de um processo ao longo da vida que não terminará até que toda a pessoa do crente seja trazida sob o poder do Espírito ([Rm 8.11.23; 1Co 15.44-49; 2Co 3.18; 5.1-5](#)). Também significa que a experiência presente de fé é uma tensão ao longo da vida entre o que Deus já começou a trazer na vida do crente e o que ainda não foi trazido sob a graça de Deus ([Ep 1.6](#)). É esta tensão entre a vida “no Espírito” e a vida “na carne” (ver [Gl 2.20](#)) que vem a expressão pungente em [Romanos 7.24](#) e [2 Coríntios 5.2-4](#).

O Espírito da Nova Vida

Uma vez que o Espírito é a marca da nova era, não é surpreendente que os escritores do NT entendessem o dom do Espírito como sendo aquilo que traz um indivíduo para a nova era. João Batista descreveu a maneira como o vindouro batizaria com o Espírito Santo e com fogo ([Mt 3.11](#)). De acordo com [Atos 1.5](#) e [11.16](#), esta imagem foi tomada por Jesus, e a promessa é vista como realizada no Pentecostes — o derramamento do Espírito aqui sendo entendido como a ação de Cristo ressuscitado em atrair seus discípulos para a nova era ([Atos 2.17.33](#)).

Parece ser um dos objetivos de Lucas no livro de Atos destacar a importância central do dom do Espírito na conversão e iniciação — é aquele “dom do Espírito Santo” decisivo que faz de alguém um cristão ([Atos 2.38-39](#)). As pessoas poderiam ter sido seguidoras de Jesus na terra, mas foi apenas quando receberam o dom do Espírito que poderia

ser dito que elas “acreditaram no Senhor Jesus Cristo” ([11.16-17](#)). Quando a presença do Espírito foi manifesta na e sobre a vida de uma pessoa, isso foi reconhecido por Pedro como prova suficiente de que Deus havia aceitado essa pessoa, mesmo que ele ou ela ainda não tivesse feito qualquer profissão formal de fé, ou sido batizado ([10.44-48; 11.15-18; 15.7-9](#)). Assim também Apolo, já agitado com o Espírito ([18.25](#)), mesmo que seu conhecimento do “caminho de Deus” fosse ligeiramente defeituoso (vv. [24-26](#)), aparentemente não era obrigado a suplementar seu “batismo de João” com o batismo cristão. No entanto, as 12 pessoas em Éfeso, assim chamadas de discípulos, provaram por sua própria ignorância do Espírito que eles ainda não eram discípulos do Senhor Jesus ([19.1-6](#)). Paulo perguntou a esses 12 homens: “Vocês receberam o Espírito Santo quando acreditaram?” ([19.2](#)).

Isso está de acordo com a ênfase de Paulo em suas cartas. A crença e a recepção do Espírito andam juntas: receber o Espírito é começar a vida cristã ([Gl 3.2-3](#)); ser batizado no Espírito é se tornar um membro do corpo de Cristo ([1Co 12.13](#)); “ter o Espírito de Cristo” é pertencer a Cristo ([Rm 8.9-11](#)); receber o Espírito é equivalente a se tornar um filho de Deus ([Rm 8.14-17; Gl 4.6-7](#)). O Espírito caracteriza a nova era e a vida da nova era de tal maneira que apenas o dom do Espírito pode trazer uma pessoa para a nova era para experimentar a vida da nova era. Pois o Espírito é distinta e especificamente o doador da vida; o Espírito de fato é a vida da nova era ([Rm 8.2.6.10; 1Co 15.45; 2Co 3.6; Gl 5.25](#)).

Da mesma maneira nos escritos de João, o Espírito é caracteristicamente o Espírito vivificante ([Jo 6.63](#)), o poder de cima, a semente da vida divina que traz o novo nascimento ([Jo 3.3-8; 1Jo 3.9](#)), e um rio de água viva que traz vida quando alguém acredita em Cristo ([Jo 7.37-39](#); assim também [4.10.14](#)). Ou novamente, a recepção do Espírito em [João 20.22](#) é descrita como uma nova criação analógica de [Gênesis 2.7](#). Consequentemente, em [1João 3.24](#) e [4.13](#), a posse e a experiência do Espírito contam como um dos “testes da vida” listados naquela carta.

Manifestações do Espírito

Ficará claro pelo que já foi dito que quando os primeiros cristãos, como os antigos hebreus, falaram do Espírito, eles estavam pensando em experiências de poder divino. No NT, como no AT, “Espírito” é a palavra usada para explicar a

experiência de nova vida e vitalidade (ver acima), de libertação do legalismo (p. ex., [Rm 8.2](#); [2Co 3.17](#)), de refrigério e renovação espiritual (cf. p. ex., [Is 32.15](#); [Ez 39.29](#) com [Jo 7.37-39](#); [Rm 5.5](#); [1Co 12.13](#); [1Tm 3.5-6](#)). É importante perceber como uma ampla gama de experiências foi atribuída ao Espírito: experiências extáticas ([Atos 2.24](#); [10.43-47](#); [19.6](#); cf. [10.10](#); [22.17](#) — “em êxtase”; [2Co 12.1-4](#); [Ap 1.10](#)), experiências emocionais (p. ex., amor — [Rm 5.5](#); alegria — [Atos 13.52](#); [1Ts 1.6](#); ver também [Gl 5.22](#); [Fp 2.1-2](#)), experiências de iluminação ([2Co 3.14-17](#); [Ef 1.17-18](#); [Hb 6.4-5](#); [1Jo 2.20-21](#)) e experiências que emitem na transformação moral ([1Co 6.9-11](#)). Da mesma forma, quando Paulo fala de dons espirituais, chamados charismata (atos ou palavras que trazem a graça divina à expressão concreta), ele evidentemente tem uma ampla gama de eventos reais em mente: fala inspirada ([1Co 12.8-10](#); [1Ts 1.5](#)), milagres e curas ([1Co 12.9](#); [Gl 3.5](#); cf. [Hb 2.4](#)), e vários atos de serviço e ajuda, de conselho e administração, e de ajuda e misericórdia ([Rm 12.7-8](#); [1Co 12.28](#)).

Ao falar assim do Espírito em termos de experiência, não devemos enfatizar demais experiências ou manifestações específicas, como se o cristianismo primitivo consistia em uma sequência de experiências no topo da montanha ou de elevações espirituais. Claramente havia tais experiências, de fato uma ampla gama de experiências, mas nenhuma experiência é escolhida para ser buscada por todos (exceto profecia). Não há distintamente segunda (ou terceira) experiência do Espírito no NT, e Paulo advertiu contra a supervalorização de manifestações específicas do Espírito ([1Co 14.6-19](#); [2Co 12.1-10](#); cf. [Mc 8.11-13](#)). Onde experiências específicas são valorizadas, são como manifestações de uma experiência mais sustentada, expressões específicas de um relacionamento subjacente (cf. [Atos 6.3-5](#); [11.24](#) — “cheios do Espírito”; [Ef 5.18](#)). O que estamos em contato aqui é o vigor da dimensão experiencial do cristianismo primitivo. Se o Espírito é o sopro da nova vida em Cristo (cf. [Ez 37.9-10.14](#); [Jo 20.22](#); [1Co 15.45](#)), então presumivelmente a analogia se estende ainda mais, e a experiência do Espírito é como a experiência da respiração: não se está consciente disso o tempo todo, mas se não está consciente disso, pelo menos às vezes, algo está errado.

A comunhão do Espírito

Foi fora desta experiência compartilhada do Espírito que a primeira comunidade cristã cresceu e se desenvolveu, pois isso é o que “a comunhão [koinonia] do Espírito” significa corretamente: participação comum no mesmo Espírito ([Fp 2.1](#); cf. [Atos 2.42](#); [1Co 1.4-9](#)). Foi o dom do Espírito que trouxe aqueles em Samaria, Cesareia e em outros lugares efetivamente para a comunidade do Espírito ([Atos 8,10](#)). Do mesmo modo, foi a experiência do único Espírito que forneceu o laço unificador nas igrejas da missão de Paulo ([1Co 12.13](#); [Ef 4.3-4](#); [Fp 2.1-2](#)). Aqui vemos a real importância das manifestações divinas do Espírito para Paulo: é fora da diversidade dessas manifestações específicas que o corpo de Cristo cresce em unidade ([Rm 12.4-8](#); [1Co 12.12-17](#); [Ef 4.4-16](#)).

Espírito de Jesus Cristo

O Espírito identificado com Jesus Cristo.

O desenvolvimento e elemento mais importante na compreensão cristã primitiva do Espírito é que o Espírito agora é o Espírito de Jesus Cristo ([At 16.7](#); [Rm 8.9](#); [Gl 4.6](#); [Fp 1.19](#); [1Pe 1.11](#); veja também [Jo 7.38](#); [15.26](#); [16.7](#); [19.30](#); [Ap 3.1](#); [5.6](#)). O Espírito deve ser identificado como o Espírito que dá testemunho de Jesus ([Jo 15.26](#); [16.13-15](#); [At 5.32](#); [1Co 12.3](#); [1Jo 4.2](#); [5.7-8](#); [Ap 19.10](#)), mas também, e mais profundamente, como o Espírito que inspirou e capacitou o próprio Jesus. Este Espírito tornou-se disponível aos crentes após a ressurreição de Cristo.

Os apóstolos João e Paulo foram bastante claros em seus escritos sobre Cristo se tornar espírito através da ressurreição. Os versículos principais escritos por João são [Jo 6.63](#); [7.37-39](#); [14.16-18](#); [20.22](#); e [1Jo 3.24](#); [4.13](#). As passagens críticas escritas por Paulo são [Rm 8.9-10](#); [1Co 15.45](#); [2Co 3.17-18](#); e [1Co 6.17](#).

A revelação sobre o Espírito de Jesus é progressiva no Evangelho de João. João não nos diz desde o início que as pessoas não poderiam realmente receber a vida eterna até a hora da glorificação de Cristo. Ao longo do Evangelho, Jesus declara a várias pessoas que ele pode lhes dar a vida eterna se elas acreditarem nele. Ele lhes promete a água da vida, o pão da vida e a luz da vida. Mas ninguém poderia realmente participar disso até depois que o Senhor tivesse ressuscitado. Como um antegosto,

como uma amostra, eles poderiam receber vida através das palavras do Senhor porque suas palavras eram elas mesmas espírito e vida ([Jo 6.63](#)); no entanto, só quando o Espírito se tornasse disponível que os crentes poderiam realmente se tornar os recipientes da vida divina e eterna. Após o discurso do Senhor em [João 6](#), Jesus disse: “É o Espírito que dá vida, a carne não aproveita nada” (v. [63](#)). Na carne, Jesus não poderia lhes dar o pão da vida, mas quando o Espírito se tornasse disponível, eles poderiam ter vida. Novamente, Jesus ofereceu a água da vida — até mesmo a vida fluindo como rios de água viva — para os judeus reunidos na Festa dos Tabernáculos. Ele lhes disse para virem e beberem dele. Mas ninguém poderia, naquele momento e lugar, vir e beber dele. Então João acrescentou uma nota: “Jesus estava falando a respeito do Espírito Santo, que aqueles que criam nele iriam receber. Essas pessoas não tinham recebido o Espírito porque Jesus ainda não havia voltado para a presença gloriosa de Deus.” ([7.39](#)). Uma vez que Jesus fosse glorificado através da ressurreição, o Espírito do Jesus glorificado estaria disponível para as pessoas beberem. Em [João 6](#), Jesus ofereceu-se como o pão da vida para ser comido pelas pessoas; e em [João 7](#), ele ofereceu-se como a água da vida para refrescar os homens. Mas ninguém poderia comê-lo ou bebê-lo até que ele se tornasse espírito, como foi insinuado em [João 6.63](#) e então declarado claramente em [João 7.39](#).

Em [João 14.16–18](#), Jesus deu um passo adiante ao se identificar com o Espírito. Ele disse aos discípulos que lhes daria outro Consolador. Então, ele lhes disse que deveriam saber quem era esse Consolador porque ele estava, naquele momento, habitando com eles e, em um futuro próximo, estaria neles. Quem mais além de Jesus estava habitando com eles naquele momento? Depois de dizer aos discípulos que o Consolador viria a eles, ele disse: “Eu estou vindo para vocês”. Primeiro ele disse que o Consolador viria a eles e habitaria neles, e então, na mesma frase, ele disse que viria a eles e habitaria neles (veja [14.20](#)). Em resumo, a vinda do Consolador para os discípulos era a mesma coisa que a vinda de Jesus para os discípulos. O Consolador que estava habitando com os discípulos naquela noite era o Espírito em Cristo; o Consolador que estaria nos discípulos (após a ressurreição) seria Cristo no Espírito.

Na noite da ressurreição, o Senhor Jesus apareceu aos discípulos e então soprou neles o Espírito Santo. Este sopro, remissivo do sopro de Deus em Adão o fôlego de vida ([Gn 2.7](#)), tornou-se o cumprimento de tudo o que havia sido prometido e

antecipado anteriormente no Evangelho de João. Através deste compartilhar, os discípulos foram regenerados e habitados pelo Espírito de Jesus Cristo. Este evento histórico marcou o gênesis da nova criação. Jesus agora podia ser recebido como o pão da vida, a água da vida e a luz da vida. Os crentes agora possuíam sua vida divina, eterna e ressuscitada. A partir daquele momento, Cristo como espírito habitava em seus crentes. Assim, em sua primeira epístola João podia dizer: “E por isso sabemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu” ([1Jo 3.24](#)), e novamente, “Por isso sabemos que permanecemos nele e ele em nós, porque nos deu do seu Espírito” ([4.13](#)).

Os apóstolos tiveram uma grande adaptação a fazer após a ressurreição de Cristo. Eles estavam tão acostumados com sua presença física que foi difícil para eles aprenderem a viver por sua presença espiritual e interior. Durante os 40 dias após sua ressurreição, desde o momento em que os apóstolos receberam a inspiração do Espírito, Cristo estava ensinando os discípulos a fazer a transição. Ele aparecia fisicamente e depois desaparecia intermitentemente. Suas aparições foram muito frequentes no início e depois diminuíram gradualmente. Seu objetivo era guiar os apóstolos a conhecê-lo em sua presença invisível. No entanto, isso era tão novo para eles que ele teve que continuar aparecendo para fortalecê-los e tranquilizá-los. Mas seu verdadeiro desejo era ajudá-los a viver pela fé e não pela visão. Quando ele apareceu aos discípulos enquanto estavam todos juntos pela segunda vez, com Tomé presente, ele repreendeu Tomé por sua incredulidade. Então ele pronunciou esta bênção: “Bem-aventurados os que não me veem e ainda assim creem” ([Jo 20.29](#)).

O apóstolo Paulo foi um desses “abençoados”. Ele não conheceu Cristo na carne. Ele conheceu apenas o Cristo ressuscitado ([2Co 5.15–16](#)). Nesse sentido, ele tinha uma vantagem sobre os primeiros apóstolos. Eles tiveram que fazer um grande ajuste, mas desde o início, Paulo conheceu o Cristo ressuscitado como Espírito. Paulo tornou-se o precursor de todos aqueles cristãos que nunca viram Jesus na carne e que vieram a experimentá-lo no Espírito. Sim, Paulo viu o Senhor ressuscitado; ele foi o último a fazê-lo ([1Co 15.8](#)). E a partir de então, ele percebeu que Jesus era um homem glorificado, exaltado muito acima de tudo. Paulo escreveu muito sobre isso, mas seus escritos não deixaram o Jesus acima de tudo distante, porque isso não foi o que Paulo experimentou. Qualquer

cristão experiente deve ser capaz de testemunhar que o Cristo nos céus é também o Cristo no coração.

Em seus escritos, Paulo frequentemente fala do Espírito e de Cristo de forma sinônima. Isso é evidente em [Romanos 8.9-10](#). Os termos “Espírito de Deus”, “Espírito de Cristo” e “Cristo” são usados de forma intercambiável. O Espírito de Deus é o Espírito de Cristo, e o Espírito de Cristo é Cristo. Nestes versículos, é evidente que Paulo identificou o Espírito com Cristo porque na experiência cristã eles são absolutamente idênticos. Não existe tal coisa como uma experiência de Cristo separada do Espírito. A separação e/ou distinção existe na teologia trinitária — e por razões muito boas — mas a separação é quase inexistente na experiência real. Várias das declarações de Paulo são escritas do ponto de vista da experiência.

Em [1 Coríntios 15.45](#), Paulo diz que o Jesus ressuscitado tornou-se espírito vivificante. Note que o versículo não diz que Jesus se tornou o Espírito, como se a segunda pessoa da Trindade se tornasse a terceira, mas que Jesus se tornou espírito no sentido de que sua existência e forma mortais foram metamorfoseadas em uma existência e forma espirituais. A pessoa de Jesus não foi mudada através da ressurreição, apenas sua forma. Com essa forma espiritual alterada, Jesus recuperou o estado essencial de ser do qual ele havia se esvaziado ao se tornar homem. Antes de se tornar homem, ele subsistia na forma de Deus ([Ep 2.6](#)), cuja forma é Espírito e, assim, estava unido ao Espírito (o terceiro da Trindade), enquanto ainda permanecia distinto. Assim, quando a escritura diz que o Senhor “tornou-se espírito vivificante”, não significa que o Filho se tornou o Espírito Santo. Mas indica que Cristo, através da ressurreição, apropriou-se de uma nova forma espiritual (enquanto ainda retinha um corpo — um glorificado) que lhe permitiu iniciar uma nova existência espiritual (veja [1Pe 3.18](#)).

Em [2 Coríntios 3](#), Paulo explica que o ministério do NT é um ministério realizado pelo Espírito do Deus vivo (v. [3](#)), que é o Espírito que dá vida (v. [6](#)). De fato, toda a economia do NT é caracterizada como “o ministério do Espírito” (v. [8](#)). Ao mesmo tempo, Paulo enfatiza que a função do ministério do NT é levar o povo de Deus a ver e experimentar o glorioso Cristo ([3.3,14,16-18](#); [4.4-6](#)). É nesse contexto que Paulo declara ousadamente: “O Senhor é o Espírito” ([3.17](#)). Aquele que volta seu coração para o Senhor está, de fato, voltando seu coração para o Espírito. Se o Senhor não fosse o Espírito habitando nos crentes, como poderiam

eles voltar seus corações para ele? E como poderiam ser transformados na mesma imagem? Em [2 Coríntios 3.18](#) diz: “Mas todos nós, com rosto descoberto refletindo a glória do Senhor, estamos sendo transformados na mesma imagem de glória em glória, assim como do Senhor-Espírito”. Segundo o grego, a última frase deste versículo poderia ser traduzida como “o Senhor, que é o Espírito” (veja NTLH) ou “pelo Espírito do Senhor” (veja ARC), ou “pelo Senhor, o Espírito” (veja ARA), porque a expressão “o Espírito” está em aposição direta a “o Senhor” (ou seja, é uma descrição adicional do Senhor). Assim, o Senhor é o Espírito.

Em conclusão, quando as Escrituras identificam o Espírito com Cristo e vice-versa, a identificação não é um equívoco. Cristo não é o Espírito Santo. Cristo e o Espírito são pessoas distintas da Trindade, como é afirmado pelo ensino geral da Palavra. Mas as Escrituras identificam Cristo e o Espírito no contexto da experiência cristã. Seria preciso dizer que os cristãos experimentam Cristo através de seu Espírito, o Espírito de Cristo. Não se pode conhecer Jesus separado do Espírito ou de outra forma que não seja através do Espírito.

Veja também Ressurreição.

Espírito Santo

O Espírito Santo é o Espírito que provém Deus e a terceira pessoa da Trindade. Esta pessoa divina também é chamada de Espírito de Deus. O Espírito Santo habita nos crentes, os guia e os ajuda a compreender a verdade de Deus.

Veja Espírito de Deus.

Espíritos elementais, Elementos

Traduções alternativas de uma palavra grega usada no NT, “espíritos elementais” referem-se a forças espirituais em ação no mundo, e “poderes” podem ser os constituintes básicos do mundo físico ou da vida humana, ou os princípios básicos de um sistema de pensamento. Em três passagens, o significado é claro ([Hb 5.12](#); [2Pe 3.10,12](#)). As outras quatro passagens, no entanto, têm causado considerável debate. A frase complexa “os elementos do mundo” aparece em três das quatro passagens ([Gl 4.3](#); [Cl 2.8,20](#)). Os significados de “elementos” na quarta passagem ([Gl 4.9](#)) são provavelmente os mesmos que nos outros três devido ao seu contexto semelhante.

Variedade de significados

O significado principal da palavra grega é “componente básico ou fundamental”. A palavra, no entanto, ocorre frequentemente na literatura grega antiga e assume uma variedade de conotações nos diferentes contextos em que aparece. Mais frequentemente, era usada literalmente para se referir aos elementos físicos do mundo: terra, ar, água e fogo. Este é provavelmente o significado do termo em [2 Pedro 3.10-12](#), que afirma que os elementos do mundo, a matéria física, serão destruídos pelo fogo.

Na antiguidade, a palavra também se referia comumente às letras de uma palavra, notas na música, às regras “elementares” da política, ou aos fundamentos ou princípios básicos na ciência, arte ou ensino (particularmente proposições lógicas básicas para a prova de outras proposições). Este último é claramente o significado da palavra na epístola aos Hebreus ([5.12](#)), que descreve a necessidade das pessoas de ter alguém que lhes ensine os princípios básicos ou verdades elementares da Palavra de Deus.

No terceiro século d.C., outro significado de “elementos” — seres espirituais elementais — tornou-se comum. O desenvolvimento desse significado gerou o debate atual sobre sua adequação no contexto de Paulo.

Espíritos Elementais

Uma dificuldade com o uso de Paulo de “elementos” é que qualquer um dos três significados possíveis faz sentido. Pode-se entender “elementos” como seres espirituais e ver a referência de Paulo como semelhante à sua menção aos principados e potestades (e.g., [Ef 6.12](#)). Traduzindo [Gálatas 4.3](#) de acordo com essa visão, Paulo estaria dizendo que antes da conversão uma pessoa é escravizada por forças espirituais que governam este mundo. Em [4.9](#), ele pergunta como os gálatas poderiam desejar ser escravizados por essas forças novamente. As referências a “seres que por natureza não são deuses” (v. [8](#)) e aos anjos por meio dos quais a lei foi mediada ([3.19](#)) são ambas usadas para substanciar o significado de “espíritos elementares.”

Da mesma forma, [Colossenses 2.8](#) alerta os cristãos contra serem levados cativos por especulações filosóficas e enganos vazios, que são perpetrados por tradições humanas e pelos espíritos elementares. Apenas dois versículos depois, Paulo declara que Cristo é a cabeça de todo principado e

poder ([Cl 2.10](#)). Muitos comentaristas agora acreditam que Paulo pretendia que “principados e poderes” se referissem aos demônios que temporariamente governavam várias esferas da vida no mundo. Paulo anuncia que Cristo os conquistou e os exibiu publicamente como cativos em sua procissão triunfal (v. [15](#)). Assim, [Colossenses 2.20](#) pode significar que os cristãos “morreram” para esses espíritos elementais, assim como em outros lugares Paulo escreveu sobre “morrer” para o pecado ([Rm 6.2](#)).

No entanto, embora Paulo tenha falado sobre os principados e potestades como forças espirituais, e apesar da facilidade com que esse significado se encaixa no uso de Paulo de “elementos do mundo”, muitos estudiosos consideram essa interpretação a menos provável das três possibilidades. A evidência mais antiga e certa para o uso de “elementos” com o significado de espíritos é do terceiro século d.C., o que é muito tarde para refletir o uso comum nos dias de Paulo. Além disso, em nenhum outro lugar Paulo mencionou cristãos estando em escravidão a anjos ou tendo morrido para poderes demoníacos.

Princípios elementares

Alguns estudiosos entendem que “os elementos do mundo” se referem ao ensino religioso elementar (como em [Hb 5.12](#)). Paulo pode ter estado se referindo aos “ABCs da religião”, talvez ao caráter elementar da lei ([Gl 3.24](#); [4.1-4](#)) ou ao ensino religioso pagão ([4.8](#)). Os “elementos fracos e pobres” podem ser explicados pelo fato de que os gálatas estavam observando legalisticamente dias especiais, meses, estações e anos como se sua justiça diante de Deus dependesse disso.

Da mesma forma, em Colossenses, os elementos do mundo parecem ser paralelos às tradições humanas ([Cl 2.8](#)). O problema novamente é o mesmo que em Gálatas, o legalismo (vv. [16.20-23](#)). Em ambos os contextos, a escravidão contra a qual se adverte é a escravidão ao pensamento religioso elementar que vem meramente dos humanos e seria equivalente a contrastar um nível de pensamento de jardim de infância com o ensino avançado que vem em Cristo. Alguns estudiosos acreditam que essa interpretação tem mais a seu favor do que o significado de “espíritos elementais”, mas outros argumentam que não é precisa o suficiente.

Existência elementar

De longe, o uso mais frequente de "elementos" na literatura antiga é literal, referindo-se aos elementos físicos do mundo, que geralmente eram considerados terra, ar, água e fogo. A terceira interpretação, que muitos estudiosos preferem, baseia-se nesse entendimento de "elementos do mundo". O significado da frase "do mundo" determina como as passagens em questão devem ser interpretadas. Nos escritos do NT, "mundo" não era meramente físico. Frequentemente, "mundo" era visto em um sentido ético, representando a vida humana separada de Deus ou até mesmo vivida em oposição a Deus e Cristo. O mundo frequentemente representava a humanidade não regenerada com sua cultura, costumes, visão de mundo e ética — a parte da criação que ainda não havia sido redimida e era incapaz de se salvar. Assim, os elementos do mundo, nessa visão, são os "básicos" de uma existência meramente humana. De acordo com essa interpretação, Paulo alertou os cristãos colossenses contra serem levados cativos por especulação filosófica e engano vazio que estavam de acordo com tradições humanas e com os básicos de uma existência meramente humana e não de acordo com o que eles tinham em Cristo ([Cl 2.8](#)). Eles haviam morrido para os básicos de uma vida meramente humana (v. [20](#)), e não estando mais presos a esse nível de existência, possuíam uma vida que vinha de Cristo ([3.1-4](#)).

Essa interpretação ainda deixa o significado preciso de [Gálatas 4.1-3](#) incerto. Será que Paulo estava se dirigindo tanto a judeus quanto a gentios ou apenas a judeus (o "nós" em [Gl 4.3](#))? Sem dúvida, Paulo via tanto judeus quanto gentios como estando em escravidão a uma existência meramente humana. Mesmo que os judeus possuísem a lei de Deus, ela era ineficaz para a salvação. A vinda de Cristo quebrou essa escravidão e trouxe o Espírito Santo, que daria aos cristãos uma qualidade completamente nova de vida humana. Portanto, Paulo alertou contra se tornarem escravos novamente de fundamentos tão fracos e empobrecidos de uma existência meramente humana (v. [9](#)).

Nesta visão, então, os elementos do mundo são os "básicos" da existência antes e fora de Cristo. Paulo em nenhum lugar registrou especificamente o que ele incluía nesses básicos. Os contextos de Gálatas e Colossenses, no entanto, parecem implicar que os básicos incluíam pelo menos a lei e "a carne" (ou seja, a vida vivida eticamente à parte de Deus). Tal visão dos "elementos" está de acordo com o

contexto mais amplo dessas passagens e com outras passagens (especialmente [Rm 6-8](#); [Gl 3.2,3,23-25](#); [4.1-10](#)).

Espíritos em prisão

Termo usado em [1 Pedro 3.18-20a](#). Há pouca concordância entre os estudiosos sobre a que realmente se refere "espíritos em prisão" ou por que Jesus teria ido pregar para eles. Martinho Lutero confessou que o versículo [19](#) "é um texto incrível e tão obscuro quanto qualquer outro no Novo Testamento, e não tenho certeza se sei o que São Pedro quer dizer". Devido a tanta discordância e incerteza, várias interpretações possíveis são apresentadas aqui.

Primeiro, muitos comentaristas interpretam "espíritos em prisão" como uma referência aos espíritos desencarnados das pessoas que desobedeceram à pregação de Noé e agora estão no Sheol ou Hades — o lugar dos descrentes falecidos. Alguns acreditam que Cristo pregou o evangelho a eles para que pudessem acreditar e ser salvos (embora haja pouco, se algum, apoio no NT de que uma pessoa que morre como descrente possa ter uma segunda chance). Outros acreditam que Cristo simplesmente proclamou sua vitória sobre Satanás e tornou conhecidas as bênçãos que esses espíritos rejeitaram de uma vez por todas.

Segundo outros comentaristas, os "espíritos em prisão" não são espíritos humanos, mas sim os mesmos seres sobrenaturais mencionados em [1 Pedro 3.22](#) — os anjos malignos, autoridades e poderes. Eles estão relacionados aos "filhos de Deus" em [Gênesis 6.1-4](#). Em apoio a isso, argumentam que a proclamação a esses espíritos ocorre não antes, mas depois da ressurreição de Jesus, e assim provavelmente não é uma *descida* aos mortos, mas uma *ascensão* aos "lugares celestiais", onde vivem os poderes espirituais rebeldes (veja [Ef 6.12](#)). Além disso, no livro judaico pré-cristão de 1 Enoque, Enoque é retratado proclamando a condenação aos anjos apóstatas. Assim, Cristo é visto como o novo Enoque, declarando aos "espíritos em prisão" sua vitória na cruz e sua derrota final.

Finalmente, outros ainda sugeriram que a pregação de Cristo não foi nem para seres espirituais sobrenaturais nem para os espíritos dos mortos no Hades. Em vez disso, a pregação ocorreu nos dias de Noé e foi dirigida aos contemporâneos de Noé, que, por terem desobedecido, agora estão em

prisão. Em outras palavras, o Espírito de Cristo, referido em [1 Pedro 1.11](#), e que existia antes da Encarnação, inspirou Noé a pregar ao povo. Nesta interpretação, não há "descida ao inferno" e nenhuma declaração aos anjos caídos. O texto simplesmente diz que Cristo em sua dimensão espiritual pregou nos dias de Noé.

Veja também Primeira carta de Pedro.

Esposa

Veja Vida familiar e relações.

Esquecimento, Terra do

Eufemismo para a morada dos mortos. Uma vez na terra do esquecimento, acredita-se que os mortos sejam esquecidos por Deus ([Sl 88.12](#)) e pelas pessoas ([Ec 9.5-6](#)). [Iô 14.21-22](#) sugere, no entanto, que os falecidos mantêm alguma autoconsciência no Sheol.

Consulte também Sheol.

Esrom

A grafia de Hezrom, filho de Perez, em algumas traduções. Essa grafia alternativa aparece em Rute 4.18-19, [Mateus 1.3](#) e [Lucas 3.33](#).

Veja Hezrom (Pessoa) #2.

Essênios

Seita ou comunidade judaica na Palestina no último século a.C. e no primeiro século d.C.

Resumo

- O nome
- Fontes de informações
- Origem e história
- Ingresso na seita
- Vida em comunidade
- Crenças religiosas
- Os Essênios e a Comunidade de Qumran

O nome

A seita é chamada de *Esseni*, *Osseni*, *Ossaei*, *Essaeans* e outras variações; às vezes, duas formas diferentes são encontradas no mesmo autor. Nenhuma explicação satisfatória para o nome foi dada, mas vários estudiosos tendem a preferir "curandeiros", o que dificilmente parece provável, já que o termo descreve os Terapeutas ("Curandeiros"), uma seita que estava apenas remotamente relacionada aos Essênios, se é que estavam.

Fontes de informação

As principais fontes de informação sobre os Essênios são (1) Filo de Alexandria, um judeu que viveu no Egito de cerca de 30 a.C. até algum tempo depois de 40 d.C., em suas obras *Que Todo Homem Bom Seja Livre* e *Apologia para os Judeus*; (2) Flávio Josefo, um judeu da Palestina e posteriormente de Roma, que viveu de 37 d.C. até cerca de 100 d.C., em suas obras *Guerra dos Judeus* e *Antiguidades Judaicas* — nossas fontes mais extensas; (3) Plínio, o Velho, um romano que morreu em 79 d.C. e que pode ter estado na Palestina com Tito durante a Guerra Judaica, em sua *História Natural*; e (4) Hipólito de Roma, em sua obra *Refutação de Todas as Heresias*, escrita por volta de 230 d.C. e amplamente dependente de Josefo.

Josefo nos relata que decidiu conhecer intimamente as três "seitas" judaicas, então ele se juntou aos essênios quando tinha 16 anos. No entanto, como ele se tornou fariseu aos 19 anos e os ritos iniciatórios dos essênios levavam pelo menos três anos, devemos concluir que ele não teve tempo ou oportunidade de aprender muito sobre a vida interna dos essênios.

Origem e história

A primeira menção dos essênios, assim como a dos fariseus e saduceus, ocorre na época de Jônatas (160-143 a.C.), sucessor de Judas Macabeu (veja *Antiguidades* de Josefo 13.5.9). Josefo chama esses grupos de "seitas" (do grego *haireseis*), um termo que às vezes conota movimentos heréticos, mas esse é um significado posterior da palavra. Lucas usa o mesmo termo para fariseus ([At 15.5](#); [26.5](#)), saduceus ([5.17](#)) e cristãos ([24.5.14](#); [28.22](#)).

A revolta dos Macabeus começou em 167 a.C. O pano de fundo da insurreição foi uma disputa entre os gregos selêucidas e os gregos ptolomaicos, com a Palestina como objeto da disputa. Os selêucidas venceram em 198 a.C., mas havia partidos pró-sírios e pró-egípcios na Judeia. Além disso, o

helenismo, fortemente promovido pelos selêucidas, tinha se enraizado profundamente em muitos judeus. Para participar dos jogos atléticos, alguns judeus até recorreram a operações para eliminar o sinal da circuncisão ([1Mc 1.15](#)). Em 168, o rei selêucida Antíoco IV Epifânio vendeu o sumo sacerdócio judaico ao maior licitante, Menelau. Quando isso foi rejeitado pela população judaica, uma perseguição violenta irrompeu. Em algum momento, surgiu um grupo de judeus piedosos que se juntaram aos Macabeus na revolta. Nós os conhecemos como os Hasidim (ou Hasideanos, Assideanos, "os piedosos"; cf. [1Mc 2.42](#)).

Devido a inúmeras semelhanças na doutrina, é geralmente aceito que os fariseus são ou os descendentes diretos dos Hasidim ou um de dois ou mais grupos de descendentes. Também é geralmente aceito que os essênios são um grupo que se separou dos fariseus ou dos Hasidim. Qumran (a comunidade dos Manuscritos do Mar Morto) é vista como um ramo dos essênios ou como outro grupo de separatistas intimamente relacionado, cuja origem foi aproximadamente no mesmo período.

Josefo menciona apenas três seitas judaicas: fariseus, saduceus e essênios (*Antiguidades* 18.1.2). Portanto, muitas vezes se conclui que essas eram as únicas seitas judaicas naquela época. Esta é uma conclusão equivocada. Sabemos de pelo menos sete seitas judaicas, e talvez até doze. Provavelmente há alguma sobreposição, e nem sempre é claro se um grupo específico deve ser descrito como um partido religioso (e.g., os zelotes). Mas podemos contestar o número de seitas de Josefo por outros dados que ele fornece. Segundo Josefo, havia 6.000 fariseus (*Antiguidades* 17.2.4) e 4.000 essênios (*Antiguidades* 18.1.5; cf. *Cada Homem Bom* de Filo 76), e os saduceus eram menos numerosos que os fariseus (cf. *Guerras* 2.8.14). Isso explicaria, no máximo, 16.000 pessoas, e a população da Judeia estava bem além desse número. Além disso, o próprio Josefo fala de uma "quarta filosofia" (*Antiguidades* 18.1.6), que alguns estudiosos identificam com os zelotes, embora Josefo nunca o faça. Só podemos concluir que, na visão de Josefo, havia três seitas ou grupos principais de judeus.

Os essênios deixaram as cidades da Palestina e passaram a viver em cidades e vilarejos. Plínio os localiza a oeste do Mar Morto e afirma: "Abaixo deles estava En-Gedi" (*História Natural* 5.15.73), uma declaração que poderia significar tanto que En-Gedi estava em uma elevação mais baixa quanto

que estava ao sul. Os estudiosos não são unânimes na interpretação dessa afirmação.

Admissão à seita

A admissão aos essênios era um processo longo e complicado, consistindo em um ano como postulante e dois anos adicionais de participação limitada na comunidade. O noviço fazia juramentos solenes, que incluíam seu relacionamento com Deus e com seus companheiros membros. Ele jurava odiar os ímpios e amar a verdade, não esconder nada da comunidade e não revelar nada aos de fora, e transmitir as doutrinas exatamente como as recebeu. Até que fizesse esses juramentos, ele não podia tocar na comida da comunidade.

Vida em comunidade

Quando um novo membro se juntava aos Essênios, ele entregava toda a sua propriedade à comunidade. Os membros individuais não possuíam bens, propriedades ou casas. Viviam de forma frugal, tendo apenas o necessário para viver. Desprezavam riquezas, não tinham escravos e não se envolviam em comércio. Trabalhavam em campos ou em ofícios que contribuía para a paz e não fabricavam instrumentos de guerra. Viviam em fraternidades, comiam juntos, possuíam propriedades em comum, tinham uma bolsa comum e um estoque comum de roupas. Eles sempre usavam roupas brancas.

A evidência é um tanto confusa sobre suas opiniões sobre o casamento. Eles ou o baniram completamente ou o desprezaram, considerando a continência como uma de suas virtudes. Havia essênios que se casavam, mas estes viam o relacionamento matrimonial apenas como um meio de gerar filhos para que a raça pudesse continuar.

Há também evidências contraditórias em relação às crianças. Segundo Filo, eles não tinham crianças, adolescentes, nem mesmo jovens. Josefo, por outro lado, nos diz que eles adotavam crianças, e os essênios que se casavam criavam seus próprios filhos.

Os essênios eram divididos em quatro grupos ou classes e não faziam nada a menos que fosse ordenado por superiores, exceto por obras de misericórdia. Eles obedeciam aos seus anciãos. A justiça era administrada em uma assembleia de 100 membros ou mais. Para ofensas graves, a penalidade era a expulsão da comunidade, e o

membro expulso geralmente morria de fome devido aos rigorosos juramentos que havia feito.

Um dia típico

Josefo descreve um dia típico na vida dos essênios. Eles se levantavam antes do amanhecer e recitavam orações ao sol nascente (o que provavelmente não deve ser interpretado como adoração ao sol). Em seguida, cada homem trabalhava em seu ofício até a quinta hora (11 da manhã). Nesse momento, a comunidade se reunia, vestia tangas de linho, banhava-se em água fria e depois ia para o edifício que era restrito aos membros, para um refeitório que era ainda mais restrito àqueles que eram puros. Cada essênio recebia pão e uma tigela de comida. O sacerdote fazia uma oração antes que alguém pudesse tocar na comida, e outra oração após a refeição. Depois, os membros deixavam de lado suas vestes sagradas e retomavam seu trabalho até a noite. A refeição da noite era realizada da mesma maneira que a refeição do meio-dia. Eles comiam em silêncio e falavam apenas por sua vez, comendo e bebendo apenas o necessário para se satisfazerem.

Crenças religiosas

É um tanto arriscado tentar reconstruir a teologia essênica a partir de Josefo e Filo, pois ambos esses escritores pensavam de forma filosófica em vez de teológica.

Os essênios não se preocupavam com lógica ou filosofia natural, mas dedicavam-se à ética. Josefo os compara aos pitagóricos gregos (*Antiguidades* 15.10.4), mas não explica isso em detalhes. Os essênios estavam preocupados com a pureza e mentes santas. Eles rejeitavam juramentos (aparentemente exceto o juramento solene que faziam ao entrar na seita) e consideravam sua palavra suficiente. Observavam o sétimo dia, indo às sinagogas e sentando-se de acordo com a idade. Um lia e outro explicava, fazendo uso de símbolos e do uso triplo de definições (o que pode ser uma referência ao método rabínico de exegese). Não realizavam trabalho no sábado. Há confusão em relação ao assunto dos sacrifícios; ou eles não ofereciam sacrifícios (*Todo Homem Bom* de Filo) ou sacrificavam entre si e não enviavam sacrifícios ao Templo (*Antiguidades* 18.1.5 de Josefo). Eles enviavam ofertas ao Templo, de acordo com essa mesma passagem em Josefo. O nome do legislador (Moisés? ou o próprio Deus?) era objeto de grande veneração.

Os essênios estudavam livros sagrados e eram habilidosos em prever o futuro. Josefo menciona um essênio, Menaém, que previu que Herodes seria rei (*Antiguidades* 15.10.5). Eles também estudavam as obras dos antigos (o que parece significar obras além das Escrituras) e tornaram-se proficientes no conhecimento de cura, de raízes e de pedras. Os essênios acreditavam que suas almas eram imortais; no entanto, como Josefo parece ter entendido essa doutrina, o corpo era “corruptível e sua matéria constituinte impermanente” (*Guerra* 2.8.11), o que pode implicar uma negação da ressurreição.

O material disponível para nós dificilmente é satisfatório para reconstruir a teologia dos essênios. Está claro, no entanto, que eles eram judeus devotados à lei, mas com certos enfoques ou peculiaridades que os diferenciavam tanto dos fariseus quanto dos saduceus. Eles eram ascéticos, embora alguns deles se casassem, e eram pacifistas, apesar de Josefo mencionar um essênio chamado João que era general no exército (*Guerra* 2.20.4). Acima de tudo, eles eram exclusivistas, afastando-se de outros judeus e vivendo um tipo de vida comunitária ou comunista.

Os Essênios e a Comunidade de Qumran

Há muitas semelhanças entre os Essênios e o povo dos Rolos do Mar Morto. Ambos eram seitas judaicas. Ambos eram grupos comunitários que se retiraram do fluxo comum do Judaísmo. Ambos estavam localizados a oeste do Mar Morto. Ambos tinham processos longos e rigorosos para admissão de novos membros. Ambos tinham um juramento de admissão. Ambos odiavam os ímpios e amavam os membros da comunidade. Ambos exigiam a entrega de toda a propriedade à seita. Ambos mantinham seus segredos dentro do próprio grupo. A vida diária — orações, banhos rituais, refeições comuns, o estudo e interpretação da Bíblia, e a preocupação com a pureza — é marcadamente semelhante. A observância meticulosa do sábado, a divisão em categorias ou sortes, e a autoridade de anciãos e superiores são características de cada grupo. Ambos tinham um grupo mínimo de dez pessoas necessário para a assembleia. Ambos tinham leis de expulsão para ofensas graves.

As diferenças também são notáveis e não são frequentemente destacadas. Obviamente, a comunidade de Qumran não poderia ter constituído todos os essênios, mas era, no máximo, uma pequena fração (talvez 200) dos 4.000

essênios. Além disso, era, na melhor das hipóteses, apenas uma das cidades e vilarejos dos essênios. Se os qumranianos trabalhavam em ofícios, não sabemos nada sobre isso, seja a partir de seus textos ou da arqueologia de Qumran. Da mesma forma, não sabemos nada sobre sua atitude em relação à guerra ou aos instrumentos de guerra. Mas sabemos pelo Rolo da Guerra (1QM) que eles tinham um conceito elaborado da guerra final, com um exército, armas, manobras e afins, e não parecem pacifistas (cf 1QS 9.16,22–23; 10.18; 1QSa 1.19–21). Parece que os qumranianos se envolviam em comércio (CD 13.14–15). Não temos informações sobre qualquer estoque comum de roupas em Qumran. A partir da literatura do Mar Morto, sabemos que havia provisões para casamento, para crianças pequenas, adolescentes e jovens. Claro, os qumranianos podem ter sido os essênios que se casavam aos quais Josefo se refere. A admissão ao grupo de Qumran era um processo de dois anos; para os essênios, era de três anos.

Não sabemos nada sobre orações de Qumran ao sol ou sobre banhos diários, embora algumas das “cisternas” provavelmente fossem piscinas de imersão. Ao contrário dos essênios, os qumranianos usavam juramentos, e há seções extensas sobre juramentos em sua literatura (CD 9.8–12; 15.1–10; 16.6–18). A atitude de Qumran em relação aos sacrifícios não é totalmente clara, mas há provisão para o envio de sacrifícios ao Templo. Não conhecemos nenhuma aversão ao óleo entre os qumranianos, como é descrito para os essênios.

Não há evidências de que os qumranianos usassem definições triplas em sua interpretação bíblica. O uso de símbolos em seus escritos é mínimo. Não há evidências de que estudassem conhecimentos de cura, raízes ou pedras. Se eram especialistas em prever o futuro, não temos registro disso.

O arranjo de assentos em Qumran era por classificação e não por idade, como entre os essênios. A classificação era alterada por um exame anual em Qumran. Não há indicação de que a justiça em Qumran era conduzida por 100 homens; ao contrário, parece ter sido administrada por um conselho de 15 (1QS 8.1) ou 10 (CD 9.4–5).

Dadas as semelhanças, devemos concluir que havia algum tipo de relação entre os Essênios e a comunidade de Qumran. Considerando as diferenças, somos levados a concluir que eles não eram exatamente os mesmos. Existem várias explicações possíveis: (1) Os essênios e os qumranianos podem ter começado como a mesma

cisão dos hassidim e, posteriormente, se dividido novamente. De fato, os Manuscritos do Mar Morto, particularmente o Documento de Damasco (CD), sugerem algum tipo de divisão no período anterior do grupo. (2) Os essênios de Josefo e Filo são cerca de um século posteriores à literatura dos qumranianos e podem ter se alterado um pouco durante esse período. (3) Os essênios estavam localizados em várias cidades e vilas e podem ter desenvolvido variações locais significativas, de modo que Josefo pode ter tirado sua descrição de um local, Filo e Plínio de outros, enquanto o grupo de Qumran representa ainda outra forma variante local. Há pouco para orientar uma preferência por qualquer uma dessas explicações.

Veja também Rolos do Mar Morto; Judaísmo; Fariseus; Qumran.

Estações

Veja Calendários, antigos e modernos.

Estádio

Medida linear de aproximadamente 184 metros. *Veja* Pesos e medidas.

Estado intermediário

O estado de um ser humano após a morte e antes da ressurreição final. Em outras palavras, o que acontece com uma pessoa quando ela morre antes da ressurreição? Esse ensinamento é mais desenvolvido no Novo Testamento do que no Antigo Testamento. É um erro pensar que a referência a isso está completamente ausente no Antigo Testamento (por exemplo, [Jó 19.25](#)).

O que a Bíblia diz sobre o estado intermediário?

De acordo com Cristo, o estado intermediário é deduzível de textos como [Êxodo 3.6](#) e [Mateus 22.32](#). Mesmo no Novo Testamento, um relato do estado intermediário não é dado claramente. É sugerido a partir do ensino sobre a morte física e ressurreição de todas as pessoas, mas principalmente dos crentes. Isso é ensinado pelo próprio Cristo em [Mateus 22.30–32](#). Os apóstolos, particularmente Paulo, ensinam isso como, por exemplo, em [1 Coríntios 15](#).

Além disso, a Bíblia ensina que um ser humano é uma unidade de alma e corpo e não simplesmente uma alma que por acaso está encarnada ([Gn 2.7](#)). Isso fornece algumas informações sobre o que acontece a uma pessoa após a morte. A partir de tais detalhes, duas conclusões podem ser tiradas sobre o estado intermediário:

103. A morte física não é o fim total da vida do indivíduo. A pessoa continua a viver após isso. Isso não ocorre apenas nas memórias daqueles que sobrevivem, mas como uma personalidade distinta. No caso dos crentes, eles estão cientes da presença amorosa de Deus ([Fp 1.23](#));

104. Tal existência não é como os humanos foram destinados a ser. É incompleta ou incomum, já que ter um corpo é essencial para uma pessoa ser a imagem de Deus. O indivíduo, sobrevivendo à morte, espera pela ressurreição do corpo. No caso de um cristão, ele ou ela experimentará a redenção completa, um estado de total liberdade do pecado na presença de Cristo ([1Co 15.50-58](#)).

É menos claro sobre o estado intermediário para aqueles que não são cristãos. Isso inclui a passagem difícil sobre Cristo pregando aos “espíritos em prisão” em [1 Pedro 3.19-20](#).

Como é o estado intermediário?

As Escrituras são limitadas na forma como mostram como é a vida no estado intermediário. Em [Filipenses 1.23](#), Paulo diz de si mesmo que após sua morte ele estará “com Cristo, o que é muito melhor”, mas ele não dá detalhes. Não é sábio procurar esses detalhes em incidentes bíblicos como o de Saul e a “médium de En-Dor” ([1Sm 28.7](#)). Um médium é uma pessoa que se comunica com seres humanos no mundo espiritual. Este texto tem muitas interpretações diferentes.

A parábola de Cristo sobre o homem rico e Lázaro em [Lucas 16.19-31](#) também é difícil por causa de seu caráter simbólico. O propósito desta parábola é ensinar sobre a importância da vida presente para o destino eterno de uma pessoa. Deve ser tratada com cautela. Talvez o máximo que se possa dizer é que os mortos em Cristo estão “imediatamente com Deus”. Eles descansam em sua presença amorosa

até a ressurreição. Os não salvos estão em uma condição desconfortável aguardando sua ressurreição para o julgamento ([Jo 5.29](#)).

O estado intermediário no pensamento cristão

Ao longo da história, os cristãos têm considerado três ideias principais para entender melhor o que a Bíblia ensina sobre o tempo entre a morte de uma pessoa e o julgamento final:

105. Os filósofos gregos, especialmente Platão, influenciaram como alguns cristãos pensam sobre a fé. Essa influência apareceu muitas vezes ao longo da história cristã. O pensamento platônico separa o corpo físico, que é mau, da alma, que é boa.

A Bíblia inclui o ensino de Paulo sobre a diferença entre carne [corpo físico] e espírito. Algumas pessoas não entenderam corretamente o que Paulo quis dizer sobre isso. Elas focaram demais na alma e não o suficiente no corpo.

Esse mal-entendido levou a dois problemas:

106. As pessoas prestaram menos atenção ao ensinamento da Bíblia de que Deus ressuscitará os mortos;

107. Algumas pessoas ignoraram completamente que essa ressurreição dos mortos acontecerá no fim dos tempos.

Pessoas que seguem as ideias de Platão acreditam:

- As coisas físicas são menos importantes do que as coisas espirituais;
- A alma é mais importante que o corpo;
- O levantamento físico de corpos mortos não é muito importante.

A crença de que a alma vive sem um corpo após a morte é, às vezes, usada em vez da ideia de um estado temporário antes da ressurreição. No entanto, não há apoio claro para essa crença na Bíblia. Na teologia moderna, há uma tendência de minimizar os aspectos históricos da fé, semelhante a como as pessoas costumavam minimizar o corpo físico. Isso muitas vezes leva a tornar a vida após a

morte apenas espiritual ou até mesmo negá-la completamente. No entanto, a Bíblia deixa claro que o estado intermediário é um período entre duas formas de ter um corpo: nossos corpos físicos atuais e o "corpo espiritual" ([1Co 15.44](#)). A segunda fase ocorre na segunda vinda de Cristo ([15.23](#)).

108. Durante a Reforma, surgiu uma controvérsia entre João Calvino e alguns dos Anabatistas sobre o "sono da alma". Calvino acreditava fortemente que o estado intermediário é de consciência da presença de Deus. Isso era algo que seus oponentes negavam. Para Calvino, tal negação era o mesmo que sustentar que a alma é destruída na morte. Era o mesmo que negar que Cristo exerce domínio sobre os mortos antes de serem ressuscitados. A visão de Calvino é apoiada pela declaração de Paulo de que nada separa o crente do amor de Deus. "Nada" significa que nem mesmo a morte pode nos separar do amor de Deus ([Rm 8.35-39](#)).

O ensino bíblico de que, ao morrer, o crente "dorme" ([1Ts 4.14](#)) é interpretado como significando que os mortos não mais se comunicam com os vivos na terra e não mais se envolvem em trabalho, mas estão em um estado de descanso. "Adormecer em Jesus" significa desfrutar da presença de Jesus em um estado sem corpo. A comparação mais próxima é como uma pessoa sonhando que pode estar consciente, mas não depende da função de nenhum dos sentidos do corpo.

109. As pessoas podem mudar espiritualmente após a morte, ou seu estado espiritual é permanente na morte? Esta questão inclui três partes principais:

- As pessoas podem se afastar de seus pecados (arrepender-se) após a morte?
- As pessoas podem se aproximar mais de Deus após a morte?
- As pessoas podem ser purificadas de seus pecados após a morte?

É o ensinamento da Igreja Católica Romana que a morte é seguida pelo purgatório para todos os que são imperfeitos. No purgatório, a alma é libertada dos resquícios do pecado. O período de purgação pode ser reduzido pelos dons, orações e missas daqueles que sobrevivem ao falecido.

A maioria dos protestantes rejeita essa ideia por discordar do ensino bíblico. Três argumentos são apresentados:

- 110.** O trabalho de Cristo está completo e terminado ([Hb 9.28](#));
- 111.** É impossível para um ser humano ganhar ou de outra forma obter graça para outro ([Lc 17.10](#));
- 112.** A Bíblia ensina que o estado eterno da alma é determinado por sua condição na morte ([Hb 9.27](#)).

Veja também Morto, Lugar do; Hades; Céu; Inferno; Paraíso; Sheol.

Estalagem

Uma estalagem é um local onde os viajantes podem passar a noite durante uma viagem. As estalagens evoluíram ao longo do tempo, de abrigos simples para locais mais semelhantes aos hotéis de hoje.

Estalagens no Antigo Testamento

A palavra "estalagem" aparece três vezes em traduções mais antigas da Bíblia (como a Versão Almeida Revista e Corrigida) no Antigo Testamento. Duas dessas ocorrências são quando os irmãos de José descansam durante a noite em suas viagens entre o Egito e Canaã ([Gn 42.27](#); [43.21](#)), ainda que a palavra "estalagem" não apareça na

ARC). A terceira ocorrência é quando Moisés retorna ao Egito de Midiã para liderar os filhos de Israel ([Êx 4.24](#)).

A NTLH traduz cada uma dessas instâncias como "local de passar a noite". No tempo de Abraão e Moisés, o Oriente Próximo não tinha estalagens como as conhecemos hoje. Nossa ideia de uma estalagem é um local público onde os viajantes podem pagar para se hospedar.

Em áreas povoadas, um viajante geralmente podia esperar que as pessoas locais lhe oferecessem um lugar para ficar. Em todo o Oriente Próximo, oferecer hospedagem era considerado um dever importante (veja [Gn 19.1-3](#); [Jz 19.15-21](#)). Em áreas desertas, os viajantes montavam seu próprio abrigo ([Gn 28.11](#)). Eles também traziam sua própria comida ([Js 9.11-13](#)).

Não sabemos exatamente quando as verdadeiras estalagens começaram na Palestina. Alguns acreditam que elas vieram de outros países, já que as palavras judaicas para "estalagem" vêm do grego e do latim. Textos antigos como o Targum e Josefo (*Antiguidades* 5.1.12) chamam Raabe de estalajadeira ([Js 2.1](#)). No entanto, pode ser que não houvesse estalagens na época de Josué. Há, contudo, paralelos no Oriente Próximo de mulheres mantendo um estabelecimento que oferece tanto quartos quanto atividade sexual para viajantes.

Estalagens no Novo Testamento

Sabe-se que as pousadas gregas existiam já no século V a.C. Elas se tornaram comuns nas áreas influenciadas pela cultura grega. Essas pousadas eram geralmente desconfortáveis e inseguras.

Esse tipo de "estalagem" com um "estalajadeiro" é onde o Bom Samaritano levou o homem que foi roubado ([Lc 10.34-35](#)). Essa estalagem provavelmente era muito parecida com um khan (uma pequena estalagem dentro das cidades) ou caravãraia (uma estalagem maior na periferia de uma cidade, especialmente ao longo das rotas comerciais). Essas seriam comuns ao longo das rotas comerciais na Síria por muito tempo.

Essas pousadas eram edifícios quadrados com uma área aberta no meio, onde água e abrigo estavam disponíveis, mas os viajantes geralmente traziam sua própria comida e, às vezes, sua própria roupa de cama. O Bom Samaritano claramente esperava que o anfitrião cuidasse do homem ferido. É difícil dizer se isso era normal ou apenas devido à emergência.

A pousada na história de Jesus sobre o Bom Samaritano há muito tempo é identificada com o Khan Hathrur. Ela está localizada a meio caminho entre Jerusalém e Jericó, embora a estrutura atual seja provavelmente apenas uma das muitas construídas no mesmo local.

Duas outras partes bem conhecidas do Novo Testamento falam sobre diferentes tipos de lugares para ficar. Primeiro, os cristãos de Roma encontraram Paulo, que era prisioneiro, em Três Tabernas, um ponto de parada a 53 quilômetros de Roma onde as duas estradas se encontravam ([At 28.15](#)). Segundo, há a "estalagem" que não tinha lugar para José e Maria ([Lc 2.7](#)). Esta palavra também é traduzida como "pensão" (NTLH) e "casa" ([Mc 14.14](#); [Lc 22.11](#), ARC).

Os judeus em Jerusalém estavam orgulhosos de ter quartos de hóspedes suficientes para todos os visitantes que vinham para a Páscoa. Isso também era verdade para a multidão no Pentecostes ([At 2.6-11](#)). Parece que José e Maria esperavam encontrar um lugar assim em Belém para o censo, mas todos os quartos estavam ocupados.

Veja também Viagem.

Esterco de pomba

Fonte de alimento consumido quando Samaria foi sitiada por Ben-Hadade, rei da Síria ([2Rs 6.25](#)). Tomado literalmente como excremento de pombo, a referência indicaria quão desesperadoras eram as condições na cidade faminta.

Alguns estudiosos sugerem que o esterco de pomba se refere ao pequeno bulbo comestível da planta estrela de Belém, também conhecida como leite de ave ou esterco de ave. O bulbo poderia ser fervido ou assado para fazer farinha para pão. O "kab" no versículo [25](#) é uma unidade de medida que equivale aproximadamente a 1,2 litros.

Esterilidade

A condição de ser estéril (incapaz de ter filhos) ou de não ter filhos.

Um útero fechado era visto como uma tragédia pessoal. Após o dilúvio, Deus ordenou às pessoas: "Sejam fecundos, multipliquem-se e encham a terra" ([Gn 9.1](#)). Mais tarde, Jeremias deu conselhos semelhantes ([Jr 29.6](#)). Uma esposa estéril em um casamento poligâmico (onde um homem tem

várias esposas) poderia ser ridicularizada ou sofrer de ciúmes extremos ([Gn 16.4](#); [Jr 30.1](#)). A pressão para ter filhos para seu marido era tão intensa que uma esposa estéril poderia oferecer ao marido uma mãe de aluguel (uma mulher que teria um bebê para o casal; [Gn 16.1-2](#); [30.3](#)). Se um marido morresse sem filhos, esperava-se que seu irmão tivesse filhos com sua esposa em seu nome ([Gn 38.8](#)).

A esterilidade poderia ser uma maldição ou um castigo divino ([Os 9.11.14](#); [Gn 20.17-18](#)). Poderia ser removida após orações fervorosas ([Gn 25.21](#); [1Sm 1.16.20](#)). Também poderia ser removida pelo profeta ou mensageiro de Deus ([2Rs 4.16](#); [Gn 18.14](#)).

Em uma história, uma esposa que havia parado de ter filhos trocou mandrágoras (uma planta que acreditavam ajudar na fertilidade) pela chance de dormir com seu marido e teve mais três filhos ([Gn 30.14-21](#)). Deus prometeu que, se Israel obedecesse às Suas leis, eles não experimentariam infertilidade (incapacidade de ter filhos; [Dt 7.14](#)). Inusitadamente, textos antigos também consideravam que a esterilidade poderia resultar da infertilidade masculina. Por fim, apesar de quão ruim era a esterilidade, Jesus disse às mulheres de Jerusalém que seria melhor do que o sofrimento que estavam prestes a enfrentar ([Lc 23.29](#)). Ele estava ensinando que problemas físicos não são tão importantes quanto os espirituais.

Estêvão

Estêvão foi um dos primeiros diáconos (líderes que cuidavam das necessidades práticas) na igreja primitiva. Ele foi a primeira pessoa a morrer por sua fé em Jesus.

O papel de Estêvão na igreja primitiva

Para Lucas, Estêvão demonstra como algumas pessoas na igreja primitiva de Jerusalém estavam se interessando mais pela cultura grega. Além disso, o discurso de Estêvão critica o judaísmo tradicional e sugere espalhar o evangelho além da Judeia ([At 7.1-53](#)).

Em [Atos 6](#), Lucas descreve a primeira divisão na igreja primitiva. A comunidade incluía dois grupos de crentes judeus: "hebreus" e "helenistas". Esses termos indicam uma diferença cultural e de idioma. Os hebreus vinham de sinagogas de língua aramaica, e os helenistas vinham de sinagogas de

língua grega. Estêvão foi um dos sete diáconos escolhidos para cuidar dos helenistas. Desde o início, sua importância se destaca. Ele é o único descrito como "cheio de fé e do Espírito Santo" ([At 6.5](#)). Após a escolha dos diáconos, Estêvão é mencionado novamente como "cheio de graça e poder". Ele realizou "grandes maravilhas e sinais entre o povo" ([At 6.8](#)).

O julgamento de Estêvão diante do Sinédrio

A pregação de Estêvão causou conflito com as sinagogas de língua grega em Jerusalém ([At 6.9](#)). Seu discurso perante o Sinédrio mostra que Estêvão queria se separar dos antigos costumes judaicos e práticas do templo. O relato de Lucas sobre a prisão e julgamento de Estêvão ([6.10-7.60](#)) espelha o julgamento de Jesus. Desde que a Judeia se tornou uma província, o governador romano controlava a maioria das punições. No entanto, o Sinédrio ainda podia processar ofensas ao templo. Estêvão foi, em última análise, apedrejado até a morte ([At 7.54-60](#)). Como o primeiro mártir da igreja, Estêvão imitou Jesus até na morte. Ele entregou seu espírito a Jesus (como Jesus fez ao Pai, [Lc 23.46](#)) e pediu perdão para seus assassinos ([At 7.59-60](#)).

Discurso e martírio de Estêvão

O discurso de Estêvão em [Atos 7](#) é sua defesa. Também serve ao objetivo de Lucas de espalhar o evangelho para outras terras ([At 1.8](#)). É o discurso mais longo em Atos e ocorre em um momento crucial na história da igreja primitiva. Estêvão revisa a história bíblica e argumenta que o núcleo do Judaísmo estava em risco. Ele observa que os judeus se orgulhavam do templo, mas que não era a ideia original de Deus. O templo de Salomão era diferente do tabernáculo no deserto. Estêvão também usa a Torá para destacar a repetida desobediência de Israel. As mesmas escrituras previram a vinda do "justo", que Israel crucificou.

O discurso de Estêvão tem significados importantes. Ele demonstra que as fronteiras nacionais e religiosas do Judaísmo não limitam Deus. A atitude exclusiva do Judaísmo é antinatural, e a obra de Deus está sempre em movimento. Se Estêvão estava certo, a igreja judaica deveria estar livre para levar o evangelho além da Judeia. O martírio de Estêvão resultou em perseguição em Jerusalém ([At 8.1-3](#)). Isso também levou à propagação do evangelho para os samaritanos e depois para os gregos.

Estoicismo, Estóicos

Uma filosofia grega amplamente difundida, bem representada na audiência em Atenas ouvindo Paulo ([At 17.16-34](#)). O apóstolo provavelmente estava familiarizado com ela, pois havia começado em Atenas por volta de 300 a.C., com o ensino de Zeno na “stoa” (pórticos) de edifícios públicos, e se espalhou por todo o mundo greco-romano. Era conhecida, por exemplo, em Tarso e na ilha de Chipre, de modo que Paulo sem dúvida teria encontrado estóicos anteriormente em suas viagens e possivelmente até mesmo em sua cidade natal. O alcance e o poder de sua influência são indicados pelo fato de que o Imperador Romano Marco Aurélio (180 d.C.) era ele próprio um estóico, e alguns dos escritos filosóficos dele sobreviveram.

Os primeiros estóicos estavam principalmente preocupados com a cosmologia, ou seja, o estudo da origem da natureza e suas leis. Eles eram materialistas, sustentando que todas as coisas vêm de um único elemento básico, o fogo, e eventualmente retornarão a esse elemento em uma vasta conflagração cósmica. Portanto, tinham uma visão cíclica da história cósmica, na qual um universo após outro surge e é destruído. Tanto a ordem das coisas como as conhecemos quanto esse padrão cíclico da história eram atribuídos ao poder organizador e sustentador de uma força penetrante conhecida como o logos, que às vezes é considerado divino. Suas leis eram as leis da natureza às quais todas as criaturas devem se conformar. Ele dá a todas as coisas sua natureza essencial e, assim, dá vida e razão aos homens. De fato, o Logos está no homem, tomando a forma da alma humana. Portanto, viver de acordo com a razão é viver de acordo com a ordem natural das coisas, e isso é bom. A obediência consciente à lei natural liberta o homem do medo e da preocupação com circunstâncias externas sobre as quais ele não tem controle, mas que ainda são regidas pelas leis da natureza. A boa vida, então, é aquela em que a razão, não a paixão, governa, e a paz de espírito e a harmonia com a natureza prevalecem consequentemente.

As ideias estoicas se mostraram atraentes para alguns cristãos devido às aparentes semelhanças entre o logos estoico e o Logos de [João 1.1-18](#), e entre a ideia de lei natural e a lei de Deus.

Veja também Epicuristas; Filosofia.

ESTORAQUE

Uma das especiarias aromáticas usadas por Moisés para fazer a oferta de incenso ([Êx 30.34](#)).

Veja Plantas (Bálsamo; Árvore de Estoraque).

Estoraque doce

Uma árvore pequena de galhos rígidos era usada para fazer incenso. O estoraque era extraído dela ([Êx 30.34](#)).

Veja Plantas (Árvore de Estoraque).

Estrada Real

A estrada que corre de norte a sul através do planalto transjordaniano. Ela aparece no AT apenas duas vezes em pedidos dos israelitas para usar essa estrada ao passar por Edom ([Nm 20.17](#)) e pelo reino amorita de Hesbom ([21.22](#)). A rota também pode ser chamada simplesmente de “a estrada” ([20.19](#)). O segmento norte é chamado de “o caminho de Basã” ([Nm 21.33](#); [Dt 3.1](#)).

Esta estrada conectava Damasco com a rota das caravanas que passavam pelo Hijaz até o sul da Arábia e as ricas fontes de especiarias, perfumes e outros produtos exóticos ([1Rs 10.2](#); [Ez 27.22](#)). O controle sobre ela era um fator chave na geopolítica de Israel e seus rivais.

A topografia local limita as possíveis linhas de marcha a duas rotas paralelas. Existe uma dupla divisória ao longo de todo o planalto transjordaniano. Uma é criada pelos riachos mais curtos que cortam as montanhas de leste a oeste; eles deixam uma divisória cerca de 21 a 26 quilômetros a leste do Vale do Jordão. Os riachos maiores, o Yarmuk, Jaboque, Arnôm e Zered, começam a cerca de 40 a 48 quilômetros a leste, geralmente correndo para o norte antes de curvar para oeste. A rota que os contorna a leste deve seguir as bordas do deserto árabe do norte. Embora esta última tenha um percurso mais fácil de seguir, passa por menos fontes boas de água e assentamentos onde suprimentos poderiam ser obtidos. A primeira, na divisória ocidental, tinha água abundante e era margeada por grandes cidades; no entanto, as caravanas tinham que negociar os desfiladeiros íngremes dos quatro grandes leitos secos.

O registro mais antigo de movimento ao longo desta rota está em [Gênesis 14](#). Os quatro reis partiram de Astarote, a capital de Basã, para Hã no norte de Gileade, depois para Savé-Quiriataim no planalto Moabita, e finalmente para o Monte Seir até El-Parã. Os patriarcas provavelmente sempre usaram este caminho ao viajar para Canaã; Jacó passou por Gileade ([Gn 31.21](#)) e estabeleceu uma base em Sucote antes de atravessar o Jordão para Canaã ([33.17](#)).

Estrada, do Rei

Veja Estrada real.

Estrado

Apoio baixo em formato de banquinho, usado para repouso dos pés.

Parte da grande quantidade de ouro do Rei Salomão foi usada para fazer um estrado para seu trono de marfim ([2Cr 9.18](#)). A palavra é frequentemente usada como um símbolo. Tanto a Arca da Aliança quanto o templo são referidos como "o estrado de Deus" ([1Cr 28.2](#); [Sl 99.5](#); [132.7](#); [Lm 2.1](#); compare [Is 60.13](#)). Estes eram lugares especiais onde a presença de Deus habitava e onde ele mostrava seu poder como rei. Assim como um rei pode descansar seus pés em um estrado enquanto está sentado em seu trono, esses lugares sagrados eram vistos como locais onde a glória de Deus estava presente.

A Bíblia diz que Deus faria os inimigos do Messias (o escolhido de Deus) se tornarem como um estrado debaixo de seus pés ([Sl 110.1](#)). Isso significa que Deus daria ao Messias poder completo sobre seus inimigos, assim como alguém tem controle sobre o que está debaixo de seus pés. Muitas passagens no Novo Testamento repetem essa ideia de que o Messias derrotaria seus inimigos ([Mt 22.44](#); [Mc 12.36](#); [Lc 20.43](#); [At 2.35](#); [Hb 1.13](#); [10.13](#)). Nesses versículos, "estrado" significa literalmente "algo debaixo do pé".

Estrangeiro

Uma pessoa que não é cidadã. Um estrangeiro pode ser um hóspede temporário, residente temporário ou desconhecido.

A palavra hebraica que significa "estrangeiro" é traduzida corretamente em todas as ocasiões em algumas versões bíblicas como a Versão Almeida e Corrigida. No entanto, a Versão NTLH a utiliza em seu sentido mais verdadeiro em apenas duas ocasiões ([Dt 15.3](#); [Ob 1.11](#)). Na maioria dos casos, a Versão Almeida e Corrigida traduz a palavra como "estrangeiro" ([Dt 14.21](#); [Jó 19.15](#); [Sl 69.8](#); [Lm 5.2](#)) ou "peregrino" ([Gn 15.13](#); [Êx 2.22](#); [Lv 25.35](#)). Outra palavra hebraica significa "peregrino" ou "estrangeiro" ([Lv 25.35](#); [1Cr 29.15](#); [Sl 39.12](#)). No entanto, é mais frequentemente traduzida como "estrangeiro".

Um hóspede temporário ou residente era geralmente alguém que queria estabelecer residência temporária ou havia se mudado de uma tribo para outra, tentando obter certas vantagens ou direitos pertencentes ao povo nativo que vivia ali. Uma tribo inteira poderia ser residente temporária em Israel. Este foi o caso dos gibeonitas ([Js 9](#)) e dos beerotitas ([2Sm 4.3](#); cp. [2Cr 2.17](#)). Os próprios israelitas foram residentes temporários na terra do Egito ([Gn 15.13](#); [23.4](#); [26.3](#); [47.4](#); [Êx 2.22](#); [23.9](#)) e em outras terras ([Rt 1.1](#)).

Estrangeiros ou residentes temporários tinham certos direitos enquanto estavam em Israel, mas também enfrentavam algumas limitações. Eles podiam oferecer sacrifícios ([Lv 17.8](#); [22.18](#)), mas não podiam entrar no santuário a menos que fossem circuncidados ([Ez 44.9](#)). Eles podiam participar dos três grandes festivais judaicos ([Dt 16.11,14](#)), mas não podiam comer a refeição da Páscoa a menos que fossem circuncidados ([Êx 12.43,48](#)). Os estrangeiros não eram obrigados a seguir a religião israelita, mas compartilhavam alguns de seus benefícios ([Dt 14.29](#)). Eles não deviam trabalhar no sábado ou no Dia da Expição ([Êx 20.10](#); [23.12](#); [Lv 16.29](#); [Dt 5.14](#)) e podiam ser apedrejados por insultar ou blasfemar o nome de Deus ([Lv 24.16](#); [Nm 15.30](#)). Os estrangeiros eram proibidos de comer sangue ([Lv 17.10-12](#)), mas podiam comer animais que morreram de morte natural ([Dt 14.21](#)). O código de moralidade sexual de Israel também se aplicava aos estrangeiros ([Lv 18.26](#)). Havia proibições contra israelitas se casarem com estrangeiros, mas isso era, no entanto, uma ocorrência comum ([Gn 34.14](#); [Êx 34.12,16](#); [Dt 7.3-4](#); [Js 23.12](#)).

Os direitos dos cidadãos foram concedidos aos estrangeiros pela lei de Moisés ([Êx 12.49](#); [Lv 24.22](#)). Eles estavam sujeitos aos mesmos processos legais e punições ([Lv 20.2](#); [24.16,22](#); [Dt 1.16](#)). Eles deviam ser tratados com cortesia ([Êx](#)

[22.21](#); [23.9](#)). Eles deviam ser amados como aqueles sob o amor de Deus ([Lv 19.34](#); [Dt 10.18-19](#)). E deviam ser tratados generosamente ([Lv 19.10](#); [23.22](#); [Dt 24.19-22](#)). Eles podiam receber asilo (proteção ou abrigo) em tempos de dificuldade ([Nm 35.15](#); [Js 20.9](#)). Servos estrangeiros deviam receber tratamento igual aos servos hebreus ([Dt 24.14](#)). Um estrangeiro não podia participar de deliberações tribais ou se tornar rei ([17.15](#)). O profeta Ezequiel aguardava o tempo futuro quando o Messias reinará. Então o estrangeiro compartilharia todas as bênçãos da terra com o próprio povo de Deus ([Ez 47.22-23](#)).

No Novo Testamento, "estrangeiro" é frequentemente usado simbolicamente. Por um lado, a obra de Cristo permitiu que todos os estrangeiros (por exemplo, aqueles separados de Cristo) se tornassem membros da família de Deus ([Ef 2.11-19](#)). Por outro lado, os cristãos devem se considerar estrangeiros neste mundo ([Hb 11.13](#); [1Pe 2.11](#)).

Veja também Bárbaro; Vizinho.

Estrangulamento

Estrangulamento é o ato de sufocar ou asfixiar uma pessoa ou animal apertando a garganta, interrompendo o fluxo de ar e sangue. Na Bíblia, o termo refere-se a animais que foram mortos sem que seu sangue fosse drenado, como por asfixia. Foi uma das quatro práticas que os primeiros cristãos gentios foram solicitados a evitar por respeito aos seus irmãos e irmãs cristãos judeus.

A lei judaica não permitia comer carne de animais cujo sangue não fosse totalmente drenado quando eram mortos. O Concílio de Jerusalém pediu à igreja primitiva que seguisse essa prática para manter a paz entre cristãos judeus e gentios ([At 15.20,29](#); [21.25](#)).

O estrangulamento também era uma das quatro maneiras pelas quais os tribunais da lei judaica aplicavam a pena de morte. Embora a Bíblia não mencione isso como um método de punição, o estrangulamento foi posteriormente utilizado pelo Judaísmo Rabínico como uma forma de execução.

Veja também Direito penal e penalidades.

Estrela da Manhã

Outro nome para o planeta Vênus. Este termo está intimamente ligado às ideias de "alvorada" ([16 38.12](#); [Lc 1.78](#)) e "estrela da alva" ([2Pe 1.19](#)). Jesus confirma que ele é a Estrela da Manhã quando diz: "Eu sou a raiz e a descendência de Davi, a brilhante Estrela da Manhã" ([Ap 22.16](#)).

Esta declaração é semelhante a Jesus dizendo: "Eu sou a luz do mundo" ([Jo 8.12](#); [9.5](#); [12.46](#)). A ideia principal por trás deste símbolo é Cristo como uma luz que brilha na escuridão ([Lc 2.32](#); [Jo 1.4](#), [7-9](#); [3.19](#); [12.35](#); [2Co 4.6](#); [Ef 5.14](#); [1Pe 2.9](#); [1Jo 2.8](#); [Ap 21.23](#)).

Quando o Messias (Jesus) nasceu, foi como a estrela da manhã surgindo. Este evento marcou o início da propagação da luz do evangelho ([Is 9.1-2](#); [Mt 4.15-16](#)). A frase "Estrela da Manhã" aponta para duas coisas sobre Cristo:

113.Sua glória é como a fonte de luz;

114.Sua graça ao compartilhar a vida com os outros.

Jesus não apenas se chamou de Estrela da Manhã, mas também disse que dá a estrela da manhã àqueles que vencem ([Ap 2.28](#)).

Estrela no leste

Estrela que guiou os magos até o menino Jesus ([Mt 2.2,7-10](#)). Os magos eram sábios de uma terra oriental (possivelmente Partia, Babilônia ou Arábia) que vieram a Herodes. Eles explicaram que tinham visto a estrela do Rei dos Judeus em sua terra natal. Herodes e os escribas judeus direcionaram os magos a Belém. A estrela então os guiou até onde Jesus nasceu.

Muitas teorias foram sugeridas para explicar esse fenômeno. No século XVII, Johannes Kepler propôs que uma supernova poderia produzir uma luz extraordinária. Muitas dessas explosões são registradas a cada ano, mas poucas são visíveis a olho nu. Nenhuma é conhecida do tempo de Cristo. Os antigos eram fascinados por cometas. O cometa de Halley foi visto pela primeira vez em 240 a.C. Se calculado em intervalos de 77 anos, ele teria aparecido na Judeia por volta de 12-11 a.C. No entanto, essa data é muito anterior ao nascimento de Jesus.

Os cometas eram geralmente associados a desastres no mundo antigo. Os antigos também

praticavam a astrologia, estudando as constelações e o movimento dos planetas. Eles observavam de perto alinhamentos planetários raros. Em 7 a.C., Júpiter e Saturno se alinharam em Peixes, um evento que ocorre a cada 257 anos. Essa teoria sustentava que Júpiter era o governante do mundo, enquanto Saturno estava ligado à Síria-Palestina, e Peixes estava associado aos tempos finais.

Leitores do primeiro século, sejam judeus ou gregos, não teriam ficado surpresos ao ler sobre uma nova estrela anunciando o nascimento de Jesus. Em [Mateus 2.2](#), a frase "no Oriente" pode significar "ao seu nascer". Isso poderia significar que os magos viram uma nova estrela e a interpretaram como marcando um evento importante. Na sociedade greco-romana, os céus frequentemente previam ou explicavam eventos, como a fundação de Roma e o nascimento de Augusto. O judaísmo também enfatizava a importância das estrelas. Josefo notou eventos estelares durante a queda de Jerusalém em d.C 70. Além disso, os rabinos eram fascinados pela imagem na história de Balaão em [Números 24.17](#) (veja especialmente [Nm 24.17](#) na Septuaginta) e simbolizavam suas expectativas messiânicas em uma estrela. Isso também era comum em Qumran (Documento de Damasco 7.19 e seguintes; 1QM 11.6; compare Testamento de Levi 18.3; [Ap 22.16](#)). Da mesma forma, moedas cunhadas após a revolta de Simão Bar-Kochba ("filho de uma estrela") apresentavam uma estrela.

Veja Astronomia.

Estupidez

Um termo mais antigo para a incapacidade de falar. Esta condição impede uma pessoa de usar a voz para se comunicar.

Veja Mudez.

Estupro

O ato de um homem forçar uma mulher a ter relações sexuais contra a vontade dela. Dois casos são registrados no AT: Siquém, filho de Hamor, um heveu, estuprou Diná (veja [Gn 34.2-7](#)), e Amnom estuprou sua irmã Tamar ([2Sm 13.14](#)). Em ambos os casos, seus irmãos vingaram o estupro de sua irmã.

Veja também Diná; Tamar (Pessoa) #2.

Etã

O primeiro acampamento dos hebreus após deixarem Sucote ([Êx 13.20](#)). Talvez estivesse na fronteira do deserto de Sur ([Êx 15.22](#); [Nm 33.6-8](#)). Alguns estudiosos sugeriram que fosse uma fortaleza egípcia, mas provavelmente não era.

Etã

1. Homem sábio comparável a Salomão ([1Rs 4.31](#)) e provavelmente o autor do [Salmo 89](#). Não há certeza se ele foi contemporâneo de Salomão.

2. Descendente de Judá e filho de Zerá ([1Cr 2.6](#)), possivelmente o mesmo que o #1 acima. No entanto, são atribuídos pais diferentes nas duas passagens.

3. Filho de Zima, um descendente de Gérson, o filho mais velho de Levi ([1Cr 6.42](#)).

4. Descendente de Levi através de seu filho Merari, e filho de Quisi ([1Cr 6.44](#)) ou Cuchaías ([15.17](#)). Ele foi um dos três músicos notáveis, junto com Hemã e Asafe, nomeados por Davi (vv. [16-19](#)). Provavelmente foi este Etã cujo nome é atribuído no título do [Salmo 39](#) (como "Jedutum," como ele é chamado em [1Cr 16.41](#); [25.1](#)) como "músico principal"; é provável que ele tenha composto a música para o salmo.

Eternidade

Tempo sem início nem fim.

Eternidade no Antigo Testamento

O Antigo Testamento não possui uma palavra única que signifique o mesmo que nossa palavra em português "eternidade". Em vez disso, essa ideia vem de expressões como "de geração em geração" e "de era em era". A ideia de que Deus criou e controla a história levou à crença de que a vida de Deus não tem fim. Portanto, Deus é descrito como "eterno" (veja [Gn 21.33](#); [Is 26.4](#); [40.28](#)). Os hebreus sabiam que Deus é eterno, ao contrário dos demais povos. O tempo deles na terra é limitado.

Eternidade no Novo Testamento

O Novo Testamento continua essas ideias do Judaísmo e do Antigo Testamento. No idioma

grego, uma palavra descreve ambos os períodos de tempo e a natureza eterna de Deus. Por exemplo, a palavra traduzida como "eterno" em [Romanos 16.26](#) vem da palavra grega traduzida como "eon", que significa "era" ou "um tempo muito longo".

Deus governa sobre todos os períodos de tempo, e Ele não tem começo nem fim. Ele dá propósito e ordem à vida humana, mesmo que os humanos vivam apenas por um tempo limitado. O Novo Testamento nos diz que o tempo eventualmente terminará. Isso complementa o que o Antigo Testamento ensina sobre Deus criar tudo. Juntos, esses ensinamentos nos ajudam a entender que Deus é eterno. Outra maneira de dizer isso é que Deus existia antes de tudo e continuará a existir depois de tudo.

O Novo Testamento fala sobre como Deus se revelou através de Jesus Cristo de maneiras semelhantes às aquelas que o Antigo Testamento descreve Deus se revelando a Israel. O Novo Testamento usa preposições com a palavra "eon" de maneiras diferentes ao falar sobre o tempo. Por exemplo:

- "Nunca antes" é literalmente "fora da era" em [João 9.32](#)
- "de eras passadas" é literalmente "da era" em [Lucas 1.70](#)
- "para sempre" é literalmente "para era" ([Judas 1.13](#))
- "para a eternidade" é literalmente "para as eras" ([João 4.14](#))

As duas primeiras frases referem-se a um tempo muito distante no passado. As duas últimas frases referem-se a um futuro indefinido, frequentemente traduzido como "para sempre".

Diferentes perspectivas de tempo e eternidade

A visão da Bíblia sobre a eternidade era diferente do que outras culturas acreditavam naquela época. Muitas culturas pensavam que o tempo se movia em círculos, com eventos acontecendo repetidamente. Isso era especialmente verdadeiro na cultura grega, onde as pessoas viam o tempo como um círculo que se repetia continuamente.

No pensamento grego, a salvação significava encontrar uma maneira de escapar deste ciclo interminável de tempo para alcançar um estado onde o tempo não existia. No entanto, a Bíblia vê o tempo de forma diferente. Ela descreve o tempo

como uma linha reta que tem um começo e um fim, ambos sob o controle de Deus.

Isso significa que a Bíblia também vê a salvação de forma diferente. Na Bíblia, a salvação não ocorre através da fuga do tempo. Em vez disso, ela acontece na vida de cada pessoa à medida que experimenta Deus e avança em direção à conclusão final que Ele planejou.

As visões grega e bíblica do tempo diferem. Isso levanta a questão: o que é a eternidade? É apenas tempo sem fim? Ou é algo diferente, como a atemporalidade? A Bíblia sugere que a eternidade não é a atemporalidade. Não é o oposto do tempo presente. O tempo presente e a eternidade compartilham algumas características básicas.

As duas eras do tempo

O Novo Testamento (seguindo o ensino judaico) divide o tempo em duas partes:

- "esta era atual" (o tempo em que vivemos agora)
- "a era vindoura" (o tempo futuro prometido por Deus)

A diferença entre essas eras não é apenas sobre tempo versus ausência de tempo. A 'era vindoura' será um tempo futuro real com suas próprias qualidades especiais. Quando a Bíblia descreve como essa nova era começará, ela nos apresenta muitos detalhes sobre o que acontecerá.

Esta nova era não simplesmente retornará as coisas ao estado inicial. Em vez disso, ela completará o plano de Deus para tudo, conforme descrito em [Apocalipse 1.4](#), onde Deus é chamado de "Aquele que é, que era e que há de vir". É por isso que a Bíblia a chama de "a nova criação".

As idades moderna e contemporânea juntas

O Novo Testamento ensina que a "era vindoura" já começou. Ela teve início com a vida e obra de Cristo, mesmo que ainda vivamos na era presente. Ambas as eras estão ocorrendo simultaneamente agora.

Podemos ver essa ideia em várias frases que a Bíblia utiliza. Por exemplo:

- "os primeiros frutos"
- "a promessa da nossa herança"
- "os últimos dias"

Por exemplo, [Hebreus 6.5](#) fala sobre pessoas que já "experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era vindoura". Isso significa que os seguidores de Jesus podem desfrutar de algumas das bênçãos da era futura agora, por causa do que Jesus fez para nos salvar.

Entendendo o tempo e a eternidade

A eternidade não é o oposto do tempo. Não é um estado onde o tempo não existe. Em vez disso, a eternidade é o tempo sem limites. Ela começou quando Jesus trouxe o reino de Deus e continua para sempre no futuro.

Deus governa tanto o nosso tempo presente (que [Gl 1.4](#) chama de "esta era presente e má") quanto a eternidade. Como Senhor de todo o tempo, Deus dá propósito e significado a ambos.

Veja também Idade; Deus, Ser e Atributos.

Etiópia

A Bíblia usa dois nomes diferentes para a terra ao sul do Egito. No Antigo Testamento, a Etiópia era chamada de "Cuxe" ([Gn 10.6](#); [1Cr 1.8](#); [Is 11.11](#)). "Cuxe" é a transliteração em português da palavra hebraica para esta terra. Quando a Bíblia foi posteriormente traduzida para o grego, os tradutores usaram o nome "Etiópia" em vez de "Cuxe".

No entanto, eles mantiveram o nome "Cuxe" ao listar diferentes grupos de pessoas em [Gênesis 10.6-8](#) e [1 Crônicas 1.8-10](#). Algumas traduções da Bíblia em português seguem esse padrão grego e usam "Etiópia" para o lugar e "Cuxe" quando é um nome pessoal. Outras traduções em português usam "Cuxe" tanto para o lugar quanto para o nome pessoal, assim como "cuxita" para pessoas que vivem na terra ([2Sm 18.21-23,31-32](#)).

A história da antiga Etiópia e seus nomes

O nome hebraico "Cuxe" originalmente veio da língua egípcia. Os egípcios usaram este nome pela primeira vez durante o período chamado Reino Médio. Naquela época, referia-se apenas a uma pequena área perto de duas partes rochosas do Rio Nilo. Mais tarde, durante o período chamado Novo

Reino (de cerca de 1570 a 1160 a.C.), o nome Cuxe passou a designar uma área muito maior que se estendia mais ao sul. Hoje, essa área maior inclui partes do que agora chamamos de Núbia e norte do Sudão.

É importante entender que a Etiópia mencionada na Bíblia não é a mesma que o país chamado Etiópia hoje. O país moderno da Etiópia costumava ser chamado de Abissínia. O nome "Etiópia" vem do idioma grego. Alguns estudiosos acreditam que significa "rosto queimado" (compare [At 8.27](#)). Este nome antigo influenciou o nome árabe "Beled es Sudan", que significa "terra dos negros". É daqui que vem o nome moderno "Sudão".

Os escritores do Antigo Testamento usaram o nome "Cuxe" da mesma forma que os egípcios. Eles o usaram para descrever a terra seca que se estendia ao sul até uma cidade chamada Assuã (que a Bíblia chama de Sinim em [Ez 29.10](#)). Ninguém, nem mesmo os egípcios, sabia exatamente onde terminavam as fronteiras dessa terra. Eles apenas sabiam que ia além de uma cidade chamada Meroé, no que hoje é o Sudão.

A maior parte da Etiópia era composta por terras desérticas a leste do Rio Nilo. As características acidentadas do terreno tornavam a viagem muito perigosa. O próprio rio também era perigoso. Grandes rochas emergiam da água, forçando o rio a seguir por caminhos estreitos. Isso criava águas turbulentas que podiam facilmente afundar barcos. Essas barreiras naturais ajudavam a proteger o Egito de ataques vindos do sul. No entanto, elas também tornavam a Etiópia um lugar muito difícil de se viver.

A terra na Núbia egípcia e no norte do Sudão era principalmente adequada para a agricultura, mas frequentemente era inundada. Devido a essas inundações, o povo núbio teve que se mudar para uma área entre duas cidades chamadas Aswan e Kom Ombo.

Como a Núbia é principalmente desértica, recebe muito pouca chuva. Apenas as áreas mais distantes rio acima recebem mais precipitação. A cidade de Meroé foi uma vez a capital desta região. Ela está situada em uma área especial entre dois rios, o Rio Nilo de um lado e o Rio Atbara do outro. As pessoas chamavam essa área de "ilha de Meroé". Nos tempos antigos, esta terra tinha solo bom para o cultivo de plantas e pode ter sido coberta por muitas árvores porque recebia chuva em certas épocas do ano.

A antiga Etiópia na Bíblia

O livro de Ester nos informa que a Etiópia (Cuxe) era a província mais ao sudoeste do Império Persa ([Et 1.1](#); [8.9](#)). Os "rios" da Etiópia eram provavelmente o Nilo e o Atbara (compare [Is 18.1](#); [Sf 3.10](#)). Muitas coisas valiosas vinham da Etiópia ([Jó 28.19](#); [Is 45.14](#)). Registros egípcios nos indicam que isso incluía pedras preciosas, animais e produtos agrícolas.

Alguns dos profetas de Deus escreveram sobre a Etiópia de diferentes maneiras. Alguns disseram que os judeus que foram forçados a viver na Etiópia voltariam para casa ([Sl 87.4](#); [Is 11.11](#)). Outros profetas alertaram que Deus julgaria a Etiópia ([Is 20.3](#); [Ez 30.4](#); [Sf 2.12](#)). Mas, como a Etiópia estava sob o controle de Deus, ela poderia receber tanto o castigo quanto a bênção de Deus. Alguns profetas escreveram que o povo etíope um dia acreditaria no Deus de Israel ([Sl 68.31](#); [Is 45.14](#); [Sf 3.10](#)).

A Etiópia mencionada em [Atos 8.27](#) era o reino de Candace. "Candace" era o título dado a todas as rainhas que governavam a Etiópia. A rainha governava a partir de uma cidade chamada Meroé. Por volta de 300 d.C., Meroé havia se tornado a nova capital da Etiópia.

Veja também Cuxe (local).

Etni

Nome alternativo para Jeaterai, filho de Zerá, em [1 Crônicas 6.41](#).
Veja Jeaterai.

Eúde

115. Juiz de Israel da tribo de Benjamim que libertou Israel de Eglom, rei dos moabitas ([Jz 3.12-30](#)). Ele era notável por ser canhoto (em hebraico "impedido na mão direita"). Antes de levar o tributo israelita a Eglom, ele fez uma adaga de ferro, com a qual assassinou o desavisado Eglom durante uma audiência privada. Em seguida, reuniu os israelitas a oeste do Jordão para cercar as tropas moabitas antes que pudessem retornar ao sul para Moabe. Quando o governo de 18 anos de Eglom sobre os israelitas terminou, começou um período de paz de 80 anos;

116. Filho de Bilã, um membro da tribo de Benjamim ([1Cr 7.10](#); [8.6](#)).

Eunice

A mãe do apóstolo Timóteo e filha de Lóide ([2Tm 1.5](#)). Ela era esposa de um homem grego pagão. Eunice era uma judia cristã ([At 16.1](#)). Ela ensinou a Timóteo as Escrituras do Antigo Testamento "desde a infância" ([2Tm 3.15](#)). Eunice se converteu ao cristianismo durante a primeira viagem do apóstolo Paulo à sua casa em Listra. Isso aconteceu algum tempo antes de sua visita mencionada em [At 16.1](#).

Veja também Timóteo (Pessoa).

Eunuco

Um oficial na corte ou na casa de um governante, muitas vezes designado para os aposentos das mulheres. Muitos desses homens eram castrados (tendo seus órgãos genitais masculinos removidos), embora nem sempre (compare [Gn 39.1](#)). Eunucos eram funcionários públicos em:

- Israel ([1Sm 8.15](#); [1Cr 28.1](#));
- Pérsia ([Es 2.3](#));
- Etiópia ([Jr 38.7](#); [At 8.27](#));
- Babilônia ([Dn 1.3](#)).

Os eunucos não faziam parte do culto público em Israel ([Dt 23.1](#)), mas o profeta Isaías referiu-se a eles no reino messiânico restaurado ([Is 56.3-5](#); veja [At 8](#)).

O eunuco etíope em [At 8.27-39](#) provavelmente estava encarregado da Tesouraria. Ele é creditado por espalhar o Cristianismo na Etiópia.

Jesus mencionou três tipos de eunucos ([Mt 19.12](#)), incluindo aqueles que se fizeram eunucos por causa do reino. Isso provavelmente se refere àqueles que decidem nunca se casar para servir ao reino (e.g., João Batista, Jesus e o apóstolo Paulo).

Euroaquilão

A transliteração da versão ARC da palavra grega para o poderoso vento nordeste mencionado durante a jornada de Paulo a Roma em [At 27.14](#). Este perigoso vento tempestuoso atingiu o navio repentinamente após eles terem zarpado do porto de Bons Portos na ilha de Creta. As traduções modernas da Bíblia chamam isso de "nordeste".

Veja Nordeste.

Euroaquilão

Um nome dado ao vento tempestuoso de [Atos 27.14](#). O nome Euroaquilão significa "o vento sudoeste que levanta ondas". Por causa disso, algumas versões em português usam o nome Euroaquilão em sua tradução. Outras Bíblias traduzem como "nordeste", seguindo uma definição que vem do inglês. Paulo se deparou com esta tempestade em sua jornada para Roma. Contra o conselho de Paulo, o navio deixou um porto perto de Laséia. Eles navegaram perto da costa de Creta enquanto uma brisa suave os empurrava. Provavelmente, quando estavam a menos de 14 quilômetros da costa, uma tempestade violenta e repentina ameaçou seu pequeno barco.

Na versão NTLH é chamado de "vento muito forte".

Êutico

Um jovem cujo nome era comum entre escravos. Êutico aparece apenas uma vez na Bíblia, em [Atos 20.9](#). O nome Êutico tem origens gregas e significa "afortunado" ou "boa sorte". Este significado cria um contraste interessante com sua história.

Êutico aparece em uma história sobre um acidente que ocorreu enquanto o apóstolo Paulo pregava na cidade de Trôade. Êutico estava sentado no parapeito de uma janela ouvindo o longo sermão de Paulo. À medida que a noite avançava, Êutico ficou com muito sono. Ele caiu em um sono profundo e depois caiu da janela, que estava no terceiro andar do prédio. As pessoas pensaram que ele havia morrido pela queda, mas o apóstolo Paulo desceu até ele e o trouxe de volta à vida (vv. [7-12](#)).

EVA

Primeira mulher, "a mãe de todos os viventes" ([Gn 3.20](#)). O livro de Gênesis relata que, após Deus ter terminado sua criação de Adão, ele viu que não era bom para Adão estar sozinho. Ele decidiu criar "uma ajudadora adequada para ele" ([2.18](#)). A mulher é chamada de Ezer (em hebraico lit. "ajuda"), uma palavra que aparece em outros lugares no AT em referência a Deus como a ajuda de Israel. Fazendo Adão cair em um sono profundo, Deus tomou uma de suas costelas e a usou para formar Eva (v. [21-25](#)).

Eva recebeu dois nomes de Adão. O primeiro foi "mulher", uma designação genérica com conotações teológicas que denotam sua relação com o homem ([Gn 2.23](#)). O segundo, Eva ("vida"), foi dado após a queda e refere-se ao seu papel na procriação da raça humana ([3.20](#)).

Adão e Eva são retratados vivendo no Éden, servindo a Deus e satisfazendo as necessidades um do outro. Então o mal entrou quando Eva foi tentada pela serpente a desobedecer ao mandamento de Deus, que proibia comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal ([Gn 2.17; 3.3](#)). Enganada pela persuasão sutil da serpente, Eva transgrediu a vontade de Deus ao comer o fruto. Adão fez o mesmo quando ela trouxe um pouco para ele, embora ele não tenha sido enganado como ela foi. Ambos então reconheceram sua nudez e fizeram vestes de folhas de figueira.

Quando Deus veio para comunhão com eles, eles se esconderam dele. Quando ele exigiu uma explicação, Adão culpou Eva, e Eva culpou a

serpente. Deus disse a Eva que, como resultado do pecado deles, o parto seria uma experiência dolorosa e seu marido a governaria ([Gn 3.16](#)). Eva mais tarde se tornou a mãe de Caim, Abel, Sete e outros filhos ([4.1-2.25](#); [5.4](#)).

Eva é mencionada duas vezes no NT. Em sua carta a Timóteo, o apóstolo Paulo referiu-se a ela ao discutir se as mulheres podiam ou não ensinar ([1Tm 2.13](#)). Ele disse que uma mulher não podia ensinar ou ter autoridade sobre um homem por causa da prioridade do homem na criação e da responsabilidade de Eva pela transgressão original (veja [2Co 11.3](#)).

Veja também Adão (Pessoa); Jardim do Éden.

Evangelho

Termo usado para várias maneiras de descrever as boas novas de que Deus oferece salvação através de Jesus Cristo.

Resumo

- A mensagem do Evangelho de Isaías
- O Evangelho no Novo Testamento
- As Boas Novas da vinda de Cristo
- O Evangelho de acordo com Jesus
- O Evangelho após a ressurreição de Jesus

A mensagem do Evangelho de Isaías

De todas as passagens citadas, as de Isaías fornecem o pano de fundo mais importante para o evangelho no Novo Testamento. De acordo com o evangelho de Isaías, é apenas Deus que salva. Não há explicação para sua ação salvadora, exceto em sua própria natureza. A libertação de Israel é imerecida. Israel não é mais digno do amor de Deus agora do que quando foi para o cativeiro. Em qualquer medida que Israel tenha pago o que era devido por seus pecados passados ([Isaías 40.2](#)), ele continua a ser um povo pecador ([42.25](#); [46.12-13](#); [48.1](#)). É apenas pela graça de Deus que Israel é salvo ([55.1-7](#)). Pelo projeto de Deus, a salvação de Israel depende não de sua própria justiça, mas da dele ([41.10](#); [45.24](#); [46.13](#); [51.5-6](#)). Não existindo justiça para recompensar, o Senhor age para *criar* justiça em Israel ([45.8](#); [61.3.10-11](#)).

No entanto, como essas referências indicam, a salvação não é realizada em detrimento da justiça. A penalidade pelos pecados de Israel deve ser paga de forma integral. A misericórdia de Deus não é posta em questão. Pelo contrário, é precisamente aqui que sua misericórdia é expressa de forma mais incisiva, pois a pena não é exigida de seu povo, mas do Servo nomeado para ficar em seu lugar ([Isaías 53.4-12](#)). Através da obra do Servo, muitos serão justificados ([53.11](#)). O Evangelista (o pregador das boas novas) virá, como previsto em [Isaías 61](#). Ele é chamado de Ungido (versículo [1](#)) que proclama o ano do favor do Senhor (versículo [2](#)). Deus será glorificado através de sua pregação (versículo [3](#)).

O Evangelho no Novo Testamento

Em apenas dois lugares ([Gálatas 3.8](#); [Hebreus 4.2.6](#)) o Novo Testamento fala da proclamação do evangelho antes da era cristã. Isso é bastante notável, dada (1) a presença inconfundível do evangelho no Antigo Testamento, (2) a extensão da terminologia do evangelho no Novo Testamento (no grego, o substantivo aparece 76 vezes, e o verbo, 54), e (3) o fato de que o Novo Testamento apresenta Cristo como o cumprimento do Antigo Testamento e se baseia profundamente no Antigo Testamento para interpretar sua pessoa e obra. Não apenas é notável, como é muito significativo. Indica que o uso do Novo Testamento depende não apenas do *caráter* da mensagem (verdade sobre salvação), mas também de *eventos históricos*. Quase sem exceção, o Novo Testamento restringe sua aplicação da terminologia do evangelho às proclamações feitas durante o tempo do cumprimento — a era em que a salvação prometida no Antigo Testamento é realmente cumprida. O Novo Testamento não está preocupado com promessas de salvação, mas com notícias de salvação. De acordo com [Marcos 1.1-4](#), o evangelho “começa” não no Antigo Testamento, mas com João Batista, na obra de quem a profecia do Antigo Testamento é cumprida. Em [Romanos 1.1-5](#), o evangelho é representado como uma bênção prometida no Antigo Testamento, mas não realmente dada até que Jesus venha (veja também [Atos 13.32-33](#)).

As Boas Novas da vinda de Cristo

O nascimento prometido de João Batista são boas novas ([Lucas 1.19](#)), não apenas para seus pais (versículos [7. 24-25](#)), mas para todas as pessoas: João é enviado para prepará-los para a vinda do Messias (versículos [14-17. 67-79](#)). A própria pregação de João são boas novas ([3.18](#)) pela mesma

razão. O Messias viria para exercer julgamento, um processo que envolve tanto condenação quanto salvação (versículos [3-17](#)). A mensagem de João são as boas novas para os pecadores, pois eles são advertidos da condenação iminente e instigados a se arrepender antes que seja tarde demais (versículos [7-9](#)). São boas novas para aqueles que se arrependem, pois a eles é prometido perdão (versículo [3](#)) e participação na comunidade do Messias (versículo [17](#)). O nascimento do próprio Salvador é anunciado como boas novas trazendo grande alegria ([2:10-11](#)).

O Evangelho de acordo com Jesus

A vinda do Reino de Deus

Jesus foi autorizado por Deus e ungido pelo Espírito Santo para proclamar o evangelho ([Marcos 1.14](#); [Lucas 4.18](#)). No centro de sua pregação está o anúncio “Chegou a hora... e o reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam no evangelho!” ([Marcos 1.15](#)). (Para obter mais referências sobre este evangelho, veja [Mateus 4.23](#); [9.35](#); [24.14](#); [26.13](#); [Marcos 8.35](#); [10.29](#); [13.10](#); [14.9](#); [Lucas 4.43](#); [8.1](#); [16.16](#)). A mensagem são boas novas por várias razões:

- 117.** O reino está chegando. O Deus que Jesus proclama é o governante final sobre tudo o que ele fez. No entanto, apesar deste fato, seu governo é incompleto: sua vontade não é feita na terra como é no céu. O que é errado, e não o que é certo, prevalece. Mas de acordo com Jesus, essas condições não são finais. Quando o reino vier, o governo de Deus será completo. O erro será julgado, a justiça estabelecida e seu povo abençoado.
- 118.** O reino está começando *agora*. “Chegou a hora”, declara Jesus ([Marcos 1.15a](#)). O tempo designado para a realização das promessas do Antigo Testamento chegou.
- 119.** A consumação do reino portanto, não é mais uma perspectiva distante. A realização completa do governo de Deus está “perto” ([Marcos 1:15b](#)).

120. Deus está estabelecendo seu governo para um propósito salvador. Isso está implícito no chamado de Jesus para o arrependimento ([Marcos 1:15c](#)). Isto fica especialmente claro nas passagens às quais agora nos voltamos.

A salvação dos pobres

Convidado para ler as Escrituras na sinagoga em Nazaré, Jesus se volta para [Isaías 61](#): “O Espírito do Senhor DEUS está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para curar os de coração partido, para proclamar liberdade aos cativos e liberdade aos prisioneiros, para proclamar o ano do favor do Senhor” ([Lucas 4.18-19](#)).

Tendo lido a profecia, Jesus anuncia seu cumprimento em seu próprio ministério (versículo [21](#)). Incluídos entre aqueles a quem Jesus veio libertar, estão os fisicamente enfermos, como os cegos (versículo [18](#)) e os leprosos (versículo [27](#)). (Compare as referências aos milagres de cura nos versículos [23.33-41](#); a conexão estreita entre evangelizar e curar em [Mateus 4.23](#); [9.35](#); [11.5](#); [Lucas 7.21-22](#); [9.6](#); e a descrição em [Mt 12.22-29](#); [Lucas 13.11-16](#), dos fisicamente aflitos como cativos de Satanás agora libertados por Jesus). Também estão incluídos os materialmente pobres — pessoas como a viúva ajudada por Elias durante a fome ([Lucas 4.25-26](#)). É o literalmente pobre e faminto quem Jesus chama de “felizes” em [Lucas 6.20-21](#).

No entanto, é principalmente a pobreza “espiritual” que está em vista. Ainda aplicando [Isaías 61](#), Jesus fala em [Mateus 5.3](#) dos “pobres em espírito”. Essas são pessoas quebrantadas e entristecidas pela miséria e pobreza, opressão e injustiça, sofrimento e morte, apostasia nacional e pecado pessoal — pessoas que em sua crise se voltam para Deus e esperam ansiosamente que ele traga justiça, conceda sua misericórdia e estabeleça seu reino. É para essas pessoas que Jesus traz boas novas ([Mateus 5.3-10](#)). Deus enviou Jesus para inaugurar o reino, para resgatar os perdidos, libertar os escravos, remediar os aflitos, cicatrizar os corações que estão partidos e perdoar os pecadores ([Marcos 2.5,10,17](#); [10.45](#); [Lucas 4.18-21](#); [7.48-49](#); [15.1-32](#); [19.10](#)).

O presente da graça

A chegada do reino não é o efeito ou recompensa do esforço humano, mas a resposta de Deus ao dilema humano — o presente de seu favor ([Lucas 12.32](#)). Correspondentemente, a explicação para a salvação dos pobres não está em lugar algum, mas no próprio caráter de Deus. Como o próprio pródigo [da parábola do filho pródigo] reconheceu, ele dificilmente merecia ser o servo de seu pai, muito menos seu filho. Nada do que ele fez, nem mesmo seu arrependimento, explicava o amor do pai ([15.11–32](#)).

Na parábola de [Mateus 20.1–16](#), é devido inteiramente à bondade do empregador que os últimos trabalhadores a serem contratados recebam o salário de um dia inteiro. O primeiro devedor na história de [Mateus 18.23–35](#) não merecia nada a mais do que o direito de ser vendido como escravo. Em vez disso, o rei cancelou sua enorme dívida. O cobrador de impostos, que não tinha nada para oferecer a Deus além de uma confissão de pecado e um pedido de misericórdia, foi para casa justificado ([Lucas 18.13–14](#)). O mesmo vale para os mais virtuosos entre os pobres, como as pessoas descritas em [Mateus 5.7–10](#). Sua virtude é real, não imaginada. No entanto, ao guardar os mandamentos de Deus, eles não o colocam em sua dívida. Eles estão simplesmente fazendo seu dever ([Lucas 17.7–10](#)).

Além disso, até os mais misericordiosos precisam de misericórdia divina ([Mateus 5.7](#)). Pois até mesmo aqueles que mais desejam obedecer à lei de Deus são incapazes de satisfazer todos os seus requisitos (compare [11.28–30](#)). O primeiro servo em [Mateus 18.23–35](#) deve muito mais dinheiro do que alguém em tal situação poderia pagar. Isso serve para magnificar a generosidade do rei. A graça depende de seu exercício da incapacidade de seus objetos ([Lucas 14.12–14](#)).

O chamado para a salvação

Os israelitas são, sem exceção, um povo pecador, todos eles necessitam da salvação que Jesus traz ([Mateus 1.21](#); [Lucas 1.77](#)). Em demonstração da graça de Deus, Jesus proclamou seu evangelho para toda a nação ([Mateus 4.23](#); [9.35](#); [15.24](#); [Lucas 4.43](#); [9.6](#); [20.1](#)). Do mais respeitável ao menor, todos são convocados para se submeter ao governo de Deus, todos são convidados a vir e participar livremente do banquete que ele serviu ([Lucas 14.16–24](#)). Mas o presente da salvação deve ser recebido para que seja experimentado ([Marcos 10.15](#)). E embora seja de fato um presente que custa nada, também é um

tesouro inestimável, pelo qual uma pessoa sábia sacrificará livremente todo o resto ([Mateus 13.44–46](#)). É um sacrifício excedido apenas pelo preço de rejeitar o evangelho ([Mateus 11.20–24](#); [Marcos 8.34–39](#); [Lucas 14.24,33](#)).

“Arrependam-se e creiam no evangelho”, Jesus ordena ([Marcos 1:15](#)). Os hipócritas e os autossuficientes devem ser surpreendidos por seu falso senso de segurança e humildemente reconhecer sua necessidade de Deus ([Lucas 6.24–26](#)). Só então a mensagem de Jesus para os pobres será vista como evangelho. Um anúncio de libertação ([4.18–19](#)) são boas novas apenas para as pessoas que são escravizadas e sabem disso. O chamado se aplica também aos desprovidos e aos aflitos. Aqueles entre eles que lamentam sua sorte devem se arrepender de seus pecados.

Mas algo mais é necessário para que a resposta seja completa: uma pessoa não pode acreditar no evangelho de Jesus sem um compromisso com a Pessoa de Cristo ([João 3.16](#)). Mesmo aqueles que já são “pobres em espírito”, no sentido definido anteriormente, não são realmente “felizes” até que reconheçam a verdade das alegações de Jesus ([Mateus 11.6](#)) e se comprometam com uma vida de obediência em seus termos ([7.21–27](#)). Isso nos prepara para o próximo ponto.

Em resumo

Em todo o ministério terreno de Jesus, o tema de seu evangelho permanece a chegada progressiva do reino de Deus ([Mateus 4.23](#); [24.14](#); [Lucas 4.43](#); [16.16](#)), uma mensagem que é pregada quase exclusivamente aos judeus ([Mateus 10.5–6](#); [15.24](#)). No entanto, Jesus também fornece vislumbres do que o evangelho deveria se tornar uma vez que sua obra na terra fosse realizada:

121. Em [Marcos 8.35](#) e [10.29](#) Jesus fala de indivíduos que precisavam fazer grandes sacrifícios “por Minha causa e pelo evangelho”. Embora distintos, a pessoa de Jesus e o evangelho estão aqui associados da maneira mais próxima possível. O tempo estava se aproximando em que o Proclamador do evangelho se tornaria o Proclamado.

122. Em [Marcos 13.10](#) e [Mateus 24.14](#) (e a textualmente duvidosa passagem de [Marcos 16.15](#)) Jesus prevê que o evangelho do reino será pregado às nações gentias.
123. Em [Marcos 14](#), tendo interpretado a ação de uma mulher (versículo 3) como uma unção de seu corpo de antemão para o sepultamento (versículo 8), Jesus declara: “E em verdade vos digo que, onde quer que o evangelho seja pregado em todo o mundo, o que ela fez também será contado em memória dela” (versículo 9; compare [Mateus 26.13](#)). Esta declaração implica fortemente que tanto a pessoa de Jesus quanto o evento de sua morte figurarão de forma proeminente na mensagem que deve ser proclamada. Caso contrário, é estranho que o evangelho e este ato específico estejam tão solenemente ligados. Neste texto, já há uma indicação de como a morte de Jesus é crucial para a salvação, como anunciada em seu evangelho (compare [Marcos 14.22–24](#)), e para o início da missão de compartilhar o evangelho com os gentios ([Mateus 20.28](#) é vital para explicar a mudança de [Mateus 15.24](#) para [28.18–20](#)).

O Evangelho após a ressurreição de Jesus

Após a ressurreição de Jesus, o evangelho foi proclamado por suas testemunhas. O conteúdo deste evangelho é registrado no livro de Atos e nas cartas de Paulo. O termo grego *euangelizomai* pode ser traduzido como “evangelizar”, “proclamar” ou “trazer boas novas”. Das 43 ocorrências de *euangelizomai* além dos evangelhos do Novo Testamento, 15 ocorrem em Atos e 21 nos escritos de Paulo. Das 64 ocorrências do termo grego *euangelion*, que pode ser traduzido como “evangelho” ou “boas novas”, duas ocorrem em Atos e nada menos que 60 em Paulo.

O Evangelho de Cristo

Tendo ressuscitado dos mortos, Jesus Cristo evangeliza novamente ([Efésios 2.16–17](#)), fazendo isso agora através de seus representantes

nomeados ([Romanos 15.16–18](#); [1 Coríntios 1.17](#); [9.12–18](#); [Gálatas 4.13–14](#); [Efésios 4.11](#); [2 Timóteo 1.9–11](#)). Mais do que isso, Cristo se tornou o tema central do evangelho. O Proclamador é agora o Proclamado. Isso é repetidamente afirmado em Atos ([5.42](#); [8.4–5.35](#); [11.20](#); [17.18](#)) e nos escritos de Paulo ([Romanos 1.1–4](#); [10.8–17](#); [15.19–20](#); [2 Coríntios 4.4–6](#); [11.4](#); [Gálatas 1.16](#); [Efésios 3.8](#); [Filipenses 1.15–18](#); [2 Timóteo 2.8](#)). O Novo Testamento sempre fala do *evangelho* — nunca dos evangelhos — de Cristo. Um segundo evangelho é tão inconcebível e tão desnecessário quanto um segundo Cristo. Este é o evangelho que Deus autoriza (por exemplo, [Romanos 1.1–17](#)) e proclama (por exemplo, [2 Tessalonicenses 2.13–14](#)).

[Gálatas 2.7–9](#) fala não de dois evangelhos, mas de dois campos missionários. Paulo (o apóstolo dos gentios) e Pedro (o apóstolo dos judeus) são ambos encarregados “do evangelho de Cristo” ([Gálatas 1.7](#); compare [1 Coríntios 15.1–11](#)), a mensagem que Deus ordenou para a salvação de judeus e gentios ([Romanos 1.16](#)). O “evangelho diferente” que Paulo denuncia em [Gálatas 1.6–9](#) e [2 Coríntios 11.4](#) não é outro evangelho sobre Jesus, mas uma mensagem sobre “outro Jesus” — não o verdadeiro, mas aquele que existe apenas nas mentes e nas mensagens daqueles que o proclamam. Pregar o verdadeiro Cristo é pregar o verdadeiro evangelho, por mais questionáveis que sejam os motivos ([Filipenses 1.15–18,27](#)), e responder corretamente ao evangelho é se voltar para Cristo ([Atos 11.20–21](#); [Romanos 10.8–17](#); [Gálatas 2.14–16](#)).

O Evangelho como uma testemunha de eventos salvadores

O evangelho testifica em todos os aspectos da obra salvadora de Cristo, desde seu nascimento ([Romanos 1.3](#); [2 Timóteo 2.8](#)) e ministério público ([Marcos 1.1](#); [Atos 10.36–38](#)) até sua segunda vinda ([Colossenses 1.5](#); [23](#); compare [3.1–4](#); [1 Tessalonicenses 1.5–10](#)) e o julgamento final ([Romanos 2.16](#)). Mas a morte e a ressurreição de Cristo são os fatores mais cruciais para a realização da salvação, e que, portanto, são mais proeminentes no testemunho do evangelho. Esses são os eventos pelos quais a proclamação de Marcos apresenta seu clímax (capítulos [15–16](#)), e para os quais todo o restante se prepara ([8.31](#); [9.31](#); [10.33–34](#); [12.6–8](#)). Uma ênfase especial é colocada sobre a morte de Jesus como o meio de salvação do pecado ([10.45](#); [14.3–9](#); [22–24](#)).

No evangelho de Paulo, também, a morte e ressurreição de Jesus são centrais ([Romanos 4.25](#); [1 Coríntios 15.1-4](#)), com a cruz no centro ([1 Coríntios 1.17-2.5](#)). Se Cristo não tivesse ressuscitado dos mortos, Paulo argumenta, pregar sobre a cruz seria uma perda de tempo ([1 Coríntios 15.14,17](#); compare [Romanos 6.3-11](#)). No entanto, agora que Cristo ressuscitou, sua morte merece ênfase especial como o lugar onde Deus fornece expiação pelos pecados ([Romanos 3.21-26](#); [5.6-11](#); [2 Coríntios 5.14-21](#); [Efésios 1.7](#)). [Expiação é o ato pelo qual Deus e a humanidade são reunidos em um relacionamento pessoal]. O evangelho de acordo com Atos proclama a morte de Jesus ([Atos 8.25](#); [20.24,28](#); compare [10.36-43](#)) e especialmente sua ressurreição, o evento pelo qual ele conquistou a morte e foi exaltado como Senhor e Juiz vindouro ([10.36-43](#); [13.32-33](#); [17.18,31](#)). De acordo com 1 Pedro, os portadores do evangelho ([1 Pedro 1.12](#)) se concentraram, como os profetas do Antigo Testamento, nos “sofrimentos de Cristo e nas glórias que virão” ([1.11](#); compare [1.18-19](#); [2.21-24](#); [3.18-22](#)).

O Evangelho como um poder para salvação

O evangelho é muito mais do que um relatório de eventos passados e uma exposição de doutrina. Paulo declara em [1 Coríntios 1.17-18](#) e novamente em [Romanos 1.16](#) que o evangelho é “o poder de Deus”. O evangelho não é meramente uma testemunha de seu poder, mas uma *expressão* de seu poder. Assim, não pode ser contido ([2 Timóteo 2.8-9](#)). “Nosso evangelho veio a vocês não apenas em palavra, mas também em poder”, escreve Paulo em [1 Tessalonicenses 1.5](#). Seu ponto não é que o evangelho foi acompanhado de obras poderosas (embora isso tenha acontecido; compare [Romanos 15.18-19](#)), mas que o próprio evangelho é uma obra poderosa. Deus o faz através de seu Espírito Santo ([Romanos 15.18-19](#); [1 Coríntios 2.1-5](#); [1 Tessalonicenses 1.6](#)).

Além disso, o propósito singular de Deus em exercer seu poder é mudar a vida das pessoas, libertá-las do pecado e da morte, e reconciliá-las com ele mesmo — resumindo, salvá-las. O evangelho tem poder para efetuar a salvação que anuncia e para transmitir a vida que promete (por exemplo, [Romanos 1.16](#); [10.8-17](#); [1 Coríntios 1.17-18](#); [15.1-2](#); [Efésios 1.13](#); [2 Tessalonicenses 2.13-14](#); [2 Timóteo 1.8-11](#); [1 Pedro 1.23-25](#)). Se as pessoas quiserem experimentar a salvação, elas devem ouvir e crer no evangelho. É precisamente nesta e através desta mensagem que o poder salvador manifestado na pessoa e na obra de Cristo

(especialmente em sua morte e ressurreição) é transmitido aos homens e mulheres, e tornado eficaz em suas vidas. Da mesma forma, é em associação com o evangelho, ou como um resultado direto da recepção do evangelho, que o Espírito Santo é transmitido aos crentes ([Atos 10.36-44](#); [15.7-8](#); [2 Coríntios 11.4](#); [Gálatas 3.1-2](#)). Em suma, o evangelho é o lugar decisivo de encontro entre o pecador e Deus, o Salvador.

O Evangelho da graça

De acordo com o testemunho de Pedro no Conselho de Jerusalém ([Atos 15.7-11](#)), uma parte essencial do evangelho — para gentios e judeus — é a salvação “através da graça do Senhor Jesus”. Perto do fim de sua carreira missionária, Paulo afirma que seu interesse básico tem sido “anunciar as boas novas da graça de Deus” ([Atos 20.24](#)). Esta declaração pode ser entendida apenas em relação ao conceito de Paulo da justiça de Deus, como especialmente estabelecido em Romanos. Paulo está aqui não apenas expondo um atributo divino. Em vez disso, ele está dramatizando uma atividade divina — a manifestação da justiça de Deus agora, “no tempo presente” ([Romanos 3.26](#)), na nova era iniciada com a chegada de Jesus. A manifestação é dupla. Ver os dois aspectos juntos, e fazê-lo no contexto do evangelho declarado por Isaías e por Jesus (ambos influenciaram fortemente Paulo), respectivamente, nos ajudará a entender por que Paulo fala do “evangelho da graça de Deus”.

Primeiro, o evangelho é um *testemunho* da graça de Deus. Ao oferecer seu Filho como um sacrifício pelos pecados ([Romanos 3.25a](#)), Deus demonstra sua justiça (versículos [25b-26](#)). Ou seja, na morte de Jesus, pecados anteriormente “passados” (versículo [25c](#)) se tornam o objeto da ira (compare [1.18](#)) e do julgamento de Deus. No entanto, no mesmo lugar onde Deus lida de forma justa e decisiva com pecados, ele mostra sua graça aos pecadores. Pois o julgamento contra o pecado está focado não nos próprios pecadores, mas naquele que foi nomeado para agir em seu nome e tomar seu lugar ([Romanos 4.25](#); [5.6,11](#); compare [2 Coríntios 5.21](#); [Gálatas 3.13](#)). Nesta base, os pecadores são livremente perdoados ([Romanos 3.24](#)). “A graça do Senhor Jesus” ([Atos 15.11](#)) para com os pecadores também fica em evidência, pois ele suporta de bom grado sua maldade e sofre as consequências de seus atos errados ([Gálatas 2.20](#); compare [2 Coríntios 8.9](#); [Filipenses 2.6-8](#)).

Segundo, o evangelho é um *meio* da graça de Deus. “O evangelho revela a justiça de Deus”, diz Paulo

([Romanos 1.17](#)). Com isso, ele quer dizer, não que o evangelho fala sobre a justiça de Deus (embora fale), mas que a justiça de Deus está ativamente em ação no evangelho. Esta atividade, por sua vez, explica como o evangelho se torna “o poder de Deus para salvação” (versículo [16](#)). E como Deus demonstra sua justiça neste cenário? Em suma, ao concedê-lo como um presente gratuito a seres humanos pecadores. Permanece a justiça de Deus, mas pela graça de Deus, é uma justiça na qual os seres humanos podem compartilhar. Além disso, participar da justiça de Deus depende de ser pessoalmente unido com Jesus Cristo. Na visão de Paulo, a pessoa salva é alguém que foi absolvido, justificado e “declarado justo” por Deus, o juiz. A base para o veredicto não é que eu em mim mesmo sou justo (Deus justifica os ímpios, [Romanos 4.5](#)). Deus também não me trata como se eu fosse justo. De acordo com Paulo, sou declarado justo porque realmente *sou* justo — não por mim mesmo, mas em Cristo ([1 Coríntios 1.30](#); [2 Coríntios 5.21](#); [Filipenses 3.9](#)). Esta união é estabelecida através da revelação — e a oferta gratuita — da justiça de Deus no evangelho ([Romanos 1.16-17](#)).

Respondendo ao Evangelho

O evangelho pede por uma resposta tríplice:

124. Crença. O evangelho, diz Paulo, é “o poder de Deus para salvação a todos os que crêem” ([Romanos 1.16](#)). Para Paulo, a fé é o abandono de toda a confiança nas “obras da lei” para a justificação ([3.28](#)) e total dependência da graça de Deus como demonstrado na obra de Cristo, especialmente sua morte (versículo [25](#)). Assim, o “evangelho diferente” de [Gálatas 1.6](#) e [2 Coríntios 11.4](#) é enganoso, pois prega a salvação por mérito pessoal em vez de (ou junto com) a obra de Cristo (compare [Gálatas 2.16](#)). Em última análise, a fé está em Deus ([Romanos 4.24](#); [1 Tessalonicenses 1.8-9](#)) e em Cristo ([Romanos 3.22,26](#); [Gálatas 2.16,20](#)). No entanto, é imperativo que se creia no evangelho também ([Atos 8.12](#); [11.20-21](#); [15.7](#); [Romanos 1.16](#); [10.8-17](#); [1 Coríntios 1.17-24](#); [Filipenses 1.27](#); [Hebreus 4.2](#)), pois é apenas por este meio que a salvação de Deus é dada a conhecer e mediada. Além disso, crer no evangelho implica arrependimento ([Atos 14.15](#); [20.21,24](#); [1 Tessalonicenses 1.5-10](#)) e obediência ([Romanos 1.5](#); [15.16-18](#); [Hebreus 4.6](#)). Aqueles que se negam a obedecer ao evangelho estão colocando suas vidas em perigo ([2 Tessalonicenses 1.5-10](#); [1 Pedro 4.17](#)).

125. Crescimento. O evangelho é mais do que uma mensagem a ser recebida. Também é um lugar onde se manter ([1 Coríntios 15.1-2](#)). É o sustentador da vida, bem como doador da vida. Deve-se crescer como cristão, não se voltando do evangelho para outras coisas (se afastar do evangelho é abandonar Deus e Cristo, [Gálatas 1.6](#)), mas mergulhando cada vez mais profundamente no evangelho. Em [Romanos 1.15](#), Paulo expressa sua sede em proclamar o evangelho aos cristãos em Roma. Nos capítulos seguintes, antecipando sua visita, ele oferece uma de suas exposições mais profundas do evangelho — uma que nunca foi sondada e seu poder nunca foi esgotado.

126. Esperança. “A esperança do evangelho” ([Colossenses 1.23](#)) inclui não apenas o retorno de Cristo e a glória do céu ([Colossenses 1.5](#); [3.1-4](#); [2 Tessalonicenses 2.14-16](#)), mas também o julgamento final. Para aqueles que abraçam o evangelho, o julgamento final não contém terrores, porque o Juiz [Cristo] é o mesmo que os resgata da ira que está por vir ([1 Tessalonicenses 1.10](#)). Aqueles que estão unidos a ele não precisam temer a condenação agora ou no final ([Romanos 8.1](#)). Em vez disso, o julgamento final marcará sua vindicação final ([1 Coríntios 4.5](#); [Gálatas 5.5](#)). Assim, este tema não é apenas uma consequência, mas uma parte integral das boas novas ([Romanos 2.16](#)). Aqueles que morreram desde que acreditaram no evangelho ([1 Pedro 4.6](#)) podem parecer ter sofrido um destino comum a todas as pessoas, ou até mesmo a condenação reservada para os sem lei. Na verdade, sua resposta ao evangelho os assegura de aprovação do Senhor que vem ([4.5-6](#); [5.4](#)) e de participação na herança imperecível do céu ([1.4](#)).

Evangelhos Sinóticos*

Termo (significa literalmente “mesma visão”) aplicado a Mateus, Marcos e Lucas porque veem o ministério de Jesus geralmente do mesmo ponto de vista, o que é bastante diferente do Evangelho de João.

As semelhanças entre esses três Evangelhos incluem seu uso de um esboço comum: introdução; ministério de João Batista e o batismo e tentação de Jesus; o amplo ministério de Jesus na Galileia; sua jornada e ministério através de Samaria, Pereia e Judeia rural; e a semana da Páscoa, morte e ressurreição de Jesus em Jerusalém. Os livros também registram a mesma ênfase no ensino de Jesus — a presença, natureza e implantação do reino de Deus. Além disso, esses três Evangelhos relatam grande parte do mesmo material, geralmente na mesma ordem, e muitas vezes com palavras semelhantes ou idênticas.

Além das semelhanças, também há diferenças marcantes entre Mateus, Marcos e Lucas. Esses caem nas mesmas categorias gerais que as semelhanças — esboço, material, organização e redação. Mateus e Lucas também têm material comum considerável não encontrado em Marcos, que, exceto pela cura do escravo do centurião, é composto exclusivamente das palavras e ensinamentos de Jesus. Cada Evangelho também contém relatos e ensinamentos que são únicos. O resultado é uma rica diversidade dentro da unidade sinótica, cada um dos quais fornece retratos de Jesus de uma variedade de pontos de vista. Mateus enfatiza o judaísmo de Jesus e a continuidade de sua pessoa e obra com a mensagem do AT. O rápido relato de Marcos apresenta Jesus como um homem de ação, o Filho do Homem que era um servo entre os homens. Lucas, no estilo literário grego requintado, parece se dirigir aos gentios cultos e mostra Jesus como um amigo de grupos desfavorecidos.

As tentativas de explicar tanto as semelhanças quanto as diferenças dentro desses Evangelhos consistem no “problema sinótico”. As soluções foram buscadas de muitas maneiras. Já no segundo século, Tatiano combinou os quatro relatos em um; “harmonias” adicionais dos relatos dos Evangelhos tem sido continuamente produzidas. Desde o século 17, os estudiosos tentaram explicar as semelhanças e diferenças examinando os estágios pelos quais se presume que o material do Evangelho tenha passado antes de chegar à sua

forma atual. A crítica da forma tenta identificar as influências do período de transmissão oral; a crítica da fonte ou literária considera os supostos documentos escritos dos quais os evangelistas extraíram informações; a crítica da redação (ou editorial) busca determinar a natureza ou propósitos e personalidades dos editores-autores finais sobre os relatos das atividades e ensinamentos de Jesus. Outras sugestões chamaram a atenção para a adaptação do material para um público específico, as semelhanças entre os relatos sinópticos dos ensinamentos de Jesus e os relatos paralelos dos rabinos judeus no Talmude, e mais. Nenhuma solução completamente satisfatória para o problema sinótico está disponível. O fato é que as Escrituras apresentam Jesus em várias perspectivas; o leitor consciente deve buscar o propósito divino das semelhanças e das diferenças dessas proclamações das “boas novas de Jesus Cristo, o Filho de Deus” ([Mc 1.1](#)). *Veja* Evangelho; Lucas, Evangelho de; Marcos, Evangelho de; Mateus, Evangelho de.

Evangelista

Um evangelista é uma pessoa que anuncia e compartilha as boas-novas sobre Jesus Cristo. Este termo aparece três vezes no Novo Testamento.

O apóstolo Paulo exortou a igreja de Éfeso a “que vivam de uma maneira que esteja de acordo com o que Deus quis quando chamou vocês” ([Ef 4.1-12](#)). Sua exortação enfatizou os dons dados a cada pessoa “para conservar... a união que o Espírito dá” (v. [3](#)). Paulo explicou que depois que Jesus subiu ao céu, ele “escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da Igreja” (v. [11](#)). Isso significa que Jesus escolhe pessoas para esses diferentes papéis e as concede à igreja como presentes.

O evangelista é um dos dons que Jesus concede à igreja. O significado do termo indica que a tarefa do evangelista é contar às pessoas fora da igreja sobre Jesus. Seu papel é semelhante ao de um apóstolo, mas com uma diferença fundamental. Um apóstolo precisava conhecer Jesus pessoalmente durante seu tempo na terra ([At 1.21-22](#)). O evangelista é diferente do pastor ou mestre. Enquanto os evangelistas apresentam Jesus às pessoas pela primeira vez, pastores e mestres ajudam os crentes a crescer em sua fé posteriormente. A referência a “Filipe, o evangelista” ([21.8](#)) apoia a ideia de

evangelista como um título. É um ministério dotado ao qual Jesus chama alguns na igreja.

Uma pessoa pode ter mais de um papel na igreja. Por exemplo, Paulo disse a Timóteo, que era pastor e mestre, para “fazer a obra de um evangelista” ([2Tm 4.5](#)). Isso mostra que “evangelista” pode significar tanto um papel principal que alguém é chamado a desempenhar quanto uma tarefa que outros líderes da igreja podem realizar como parte de seu trabalho.

Veja também Dons Espirituais.

Evi

Evi foi um dos cinco reis de Midiã que foram mortos em uma batalha contra Israel sob a liderança de Moisés ([Nm 31.8](#)). Deus aparentemente disse a Moisés para lutar contra Midiã porque os midianitas haviam levado os israelitas a praticar religiões pagãs. [Josué 13.21](#) chama Evi de príncipe de Seom, o rei midianita.

Exaltação de Cristo

A glória e a autoridade que Jesus recebeu após concluir sua obra na Terra, que terminou em sofrimento e morte. Esta exaltação é tanto a conclusão de seu sacrifício pela humanidade quanto a recompensa por sua completa obediência a Deus Pai. A exaltação inclui três eventos principais:

- 127.**A ressurreição de Jesus (retorno à vida após a morte);
- 128.**A ascensão de Jesus (subida ao céu);
- 129.**A entronização de Jesus no céu (assumindo seu lugar como governante no Reino de Deus).

Durante seu ministério terreno, Jesus previu que sofreria, morreria e seria sepultado ([Mt 20.28](#); [Jo 3.14](#); [6.51](#); [10.11](#)). Ele também previu que Deus Pai o elevaria a uma posição de poder e glória no céu ([Lc 24.26](#); [Jo 17.5](#)). Jesus demonstrou esse padrão de sofrimento seguido de glória quando encontrou alguns gregos que queriam vê-lo ([Jo 12.20-36](#)). Jesus afirmou que, através de seu sofrimento e ressurreição, até mesmo os gentios (pessoas não-judaicas) poderiam conhecer Deus. Quando Jesus disse: “Chegou a hora de ser revelada a natureza divina do Filho do Homem” ([Jo 12.23](#)),

ele quis dizer que seria honrado e glorificado no céu após seu sofrimento. Este ensinamento tornou-se a base para o entendimento da exaltação de Jesus pela igreja primitiva.

A ressurreição: Jesus retornou à vida após a morte.

A ressurreição de Jesus é o primeiro evento em sua exaltação. É um ensinamento central do Novo Testamento ([At 2.24,32](#); [3.15](#); [4.10](#); [Rm 1.4](#); [1Co 15.4](#)). Desde o início, os cristãos acreditavam que em um tempo e lugar específicos, Jesus ressuscitou dos mortos e entrou na vida eterna. O evento único da ressurreição de Jesus distingue o Cristianismo de outras religiões. O Novo Testamento mostra que Jesus previu sua ressurreição. Quando os judeus questionaram sua autoridade, Jesus disse: "Derrubem este Templo, e eu o construirei de novo em três dias" ([Jo 2.19](#)). Após Pedro confessar que Jesus era o Filho de Deus, Jesus disse aos seus discípulos que seria morto e então ressuscitado no terceiro dia ([Mt 16.21](#)). Ele repetiu isso aos seus discípulos na Galileia, dizendo que seria morto e ressuscitado no terceiro dia: "O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e eles vão matá-lo; mas três dias depois ele será ressuscitado" ([Mt 17.22-23](#)). O Novo Testamento enfatiza a certeza da ressurreição de Jesus três dias após sua morte.

O Novo Testamento também explica o significado da ressurreição de Jesus:

- 130.** Isso prova o poder de Cristo sobre a morte ([At 2.24](#); [1Co 15.54-56](#));
- 131.** Confirma os ensinamentos de Cristo, particularmente sua afirmação de ser o Filho de Deus ([At 2.36](#); [Rm 1.4](#));
- 132.** Isso mostra que Deus aprovou o sofrimento de Jesus ([Fp 2.8-9](#));
- 133.** Permite que os crentes sejam reconciliados com Deus ([Rm 4.25](#)) e experimentem o renascimento espiritual ([1Pe 1.3](#));
- 134.** Garante que os cristãos também serão ressuscitados ([Rm 6.5](#); [1Co 15.22-24](#)).

O Novo Testamento ensina que Deus ressuscitou Jesus dos mortos ([Sl 16.10](#); [At 2.32](#); [Ef 1.19-20](#)), mas também diz que Jesus tinha o poder de ressuscitar a si mesmo ([Jo 2.19](#); [10.17-18](#)).

A ascensão: Jesus subiu ao céu.

A ascensão representa a segunda fase da exaltação de Cristo. De acordo com o Novo Testamento ([Lc 24.50-51](#); [At 1.9-11](#)), Jesus ascendeu ao céu 40 dias após sua ressurreição. No Evangelho de João, Jesus frequentemente menciona sua ascensão ([Jo 3.13](#); [6.62](#); [14.12](#); [20.17](#)), mostrando que ele acreditava que iria para o céu, um lugar real e verdadeiro ([Jo 14.2](#)). O apóstolo Paulo conectou a ascensão com a vitória de Cristo sobre seus inimigos e a concessão de dons espirituais à igreja ([Ef 4.8](#)). Jesus, tendo conquistado a vitória, retornou ao trono de seu Pai para abençoar seus seguidores. Paulo descreve este evento como o "mistério" da fé cristã: Cristo, que "apareceu em carne", foi "elevado à glória" ([1Tm 3.16](#)).

A Epístola aos Hebreus relaciona a ascensão de Jesus ao seu papel como Sumo Sacerdote no templo celestial. Jesus, que resistiu a todas as tentações terrenas, "passou pelos céus". Ele agora compreende plenamente seus seguidores e lhes oferece graça em tempos de necessidade ([Hb 4.14-16](#)). Hebreus afirma que Jesus ascendeu ao templo celestial ([Hb 6.19](#)). Ele trouxe seu sangue ([Hb 9.12](#)) como o sacrifício supremo para aparecer diante de Deus pela humanidade ([Hb 9.24](#)).

O Novo Testamento dá grande importância a esta parte da exaltação de Jesus. Através de sua ascensão ao Pai, Jesus:

- 135.** Demonstrou sua vitória sobre todos os inimigos terrenos ([Ef 4.8](#));
- 136.** Enviou o prometido Espírito Santo ([Jo 16.7](#); [At 2.33](#)), o que só poderia acontecer após sua glorificação ([Jo 7.39](#));
- 137.** Começou seu trabalho como o Sumo Sacerdote no céu ([Hb 6.20](#)).

A entronização: Jesus assumiu seu lugar como governante no reino de Deus.

A etapa final da exaltação de Jesus é sua entronização à direita de Deus Pai. Após seu sofrimento, morte, ressurreição e ascensão, a Bíblia descreve Jesus como estando sentado à direita de Deus. A frase "ao lado direito de Deus" ([At 7.55-56](#)) é uma maneira figurativa de dizer que Jesus agora tem poder e autoridade universais na presença de Deus. Esta parte da exaltação de Jesus cumpre sua oração registrada em [João 17.5](#): "E agora, Pai, dá-

me na tua presença a mesma grandeza divina que eu tinha contigo antes de o mundo existir”.

No Antigo Testamento, Deus é frequentemente descrito como estando sentado no trono do universo. Isso demonstra:

- Soberania ([1Rs 22.19](#); [Sl 99.1](#));
- Majestade ([Is 6.1-4](#));
- Santidade ([Sl 47.8](#)).

Nas culturas orientais, ser convidado a sentar-se à direita de um governante era um sinal de grande honra e autoridade ([1Rs 2.19](#)). O Antigo Testamento previu que o Cristo exaltado receberia esta honra especial (veja [Sl 8.5](#), que é citado em [Hb 2.8](#); também veja [Sl 110.1](#)).

A Epístola aos Hebreus destaca a exaltação de Cristo. Ela vê sua entronização celestial como o resultado de seu sacrifício completo. Também marca o início de seu papel como Sumo Sacerdote no santuário celestial. [Hb 8.1-2](#) apresenta Cristo como estando à direita do trono de Deus no céu, servindo como ministro no templo celestial. Esta entronização confirma o término do trabalho de Jesus na terra e seu novo papel como mediador de uma aliança superior. [Hb 10.11-18](#) contrasta os sacrifícios repetidos e ineficazes dos sacerdotes do Antigo Testamento com o sacrifício único e eficaz de Cristo. Ele agora está à direita de Deus, intercedendo pelos crentes.

Exércitos, Senhor dos

Nome do Antigo Testamento para Deus encontrado principalmente nos profetas. Os exércitos são os poderes celestiais e anjos que agem sob o comando do Senhor. *Veja* Deus, Nomes de; Exército, Exército do céu.

Exilado

Tradução em português de dois termos hebraicos relacionados cujos significados principais são afastar, banir ou expulsar. Em cinco de sete passagens, o termo refere-se a exilados de Israel que devem ser reunidos pelo Senhor ([Sl 147.2](#); [Is 11.12](#); [27.13](#); [56.8](#); [Jr 30.17](#)). Em outras duas passagens, refere-se a fugitivos de Moabe ([Is 16.3-4](#)) e de Elão ([Jr 49.36](#)).

Êxodo, o

A saída de Israel do Egito, liderada por Moisés, foi um dos eventos mais significativos na história dos hebreus. O Êxodo demonstrou de forma única o poder de Deus em favor de seu povo, que trabalhava sob condições de trabalho forçado para os egípcios. As circunstâncias dramáticas em que o Êxodo ocorreu foram frequentemente mencionadas em períodos subsequentes do AT. Quando os hebreus eram oprimidos, eles recordavam esse grande evento histórico e confiavam em Deus para uma futura libertação.

A historicidade do Êxodo do Egito é, sem dúvida, um dos pontos históricos e religiosos fundamentais da tradição judaica. No entanto, atribuir uma data precisa ao evento é uma questão completamente diferente, em parte porque certas referências escriturais podem ser interpretadas de várias maneiras, e em parte porque existem poucas evidências arqueológicas do Egito que abordem a questão. Como os egípcios regularmente ignoravam defeitos em seus registros e desfiguravam inscrições pertencentes a compatriotas impopulares, é improvável que algo semelhante a um registro literário egípcio do Êxodo seja obtido. Grande parte das informações sobre a data do Êxodo é, portanto, de caráter inferencial, o que apresenta aos historiadores bíblicos um dos problemas mais complexos de cronologia.

Data do Êxodo

Determinar a data do Êxodo tem sido um desafio para os estudiosos bíblicos há muito tempo. No início do século 20, muitos estudiosos, tanto liberais quanto conservadores, situaram a data para o final do século 13 a.C. No entanto, nem todos concordavam que o Êxodo foi um único evento. Alguns acreditavam que os hebreus entraram na Palestina duas vezes, em momentos bastante distintos. Mas essa visão desconsidera o relato bíblico.

De acordo com [Êxodo 12.40](#), o tempo que os descendentes de Jacó residiram na terra do Egito foi de 430 anos. Deus já havia predito esse intervalo de tempo a Abrão ([Gn 15.13](#)). A profecia de Gênesis, no entanto, não indicava quando essa ocupação começaria.

A Septuaginta (a primeira tradução grega do AT), em sua versão de [Êxodo 12.40](#), reduziu o período de ocupação no Egito para 215 anos. Isso pode indicar que existiam duas tradições da história do

Êxodo. Uma permanência de quatro séculos pode ter sido calculada a partir do período em que um povo asiático conhecido como os hicsos invadiu o Egito (c. 1720 a.C.) e o governou por cerca de um século e meio. O período de 215 anos preservado na Septuaginta pode ser o intervalo de tempo entre a expulsão dos hicsos e o próprio Êxodo.

Informações mais específicas sobre o início da monarquia de Israel, no entanto, são relevantes para a época em que os hebreus escaparam do Egito. [1Rs 6.1](#) indica que Salomão construiu o templo em Jerusalém 480 anos depois que os israelitas foram conduzidos para fora do Egito por Moisés. Levando esse número ao pé da letra e considerando uma data de 961 a.C. para a referência a Salomão, o Êxodo teria ocorrido por volta de 1441 a.C. Com base em tais dados bíblicos, alguns estudiosos argumentam por uma data do século XV a.C. para o Êxodo, conectando-o com o reinado do Faraó Amenófis II (c. 1450–1425 a.C.) como o tempo da opressão de Israel. Outros estudiosos estão igualmente convencidos de que o Êxodo ocorreu no século XIII a.C.

Rota do Êxodo

Os dados bíblicos sobre a rota do Êxodo indicam que a fuga começou em Ramessés ([Ex 12.37](#)). Este local foi identificado como Tânis por pesquisadores antigos, mas estudos mais recentes sugerem Qantir, cerca de 27,4 quilômetros a sudoeste de Tânis, como o local preferido. Agora parece certo que os monumentos em Tânis, aparentemente erguidos por Ramsés, foram mal interpretados. Nenhum desses monumentos parece ter se originado em Tânis, mas foram levados para lá por reis posteriores que os reutilizaram. Assim, a principal evidência para identificar Tânis com Ramsés provou ser enganosa. As escavações em Qantir, por outro lado, revelaram indícios de palácios, templos e casas, todos de origem local. Tais evidências sugerem que Qantir, e não Tânis, foi o Ramessés de onde o Êxodo começou. Além disso, Ramessés, ao contrário de Tânis, estava localizado ao lado de um corpo de água (as “Águas de Re” mencionadas em fontes egípcias), o que novamente está em conformidade com o relato bíblico.

De Ramessés, os israelitas se moveram para Sucote ([Nm 33.5](#)), geralmente identificada com Tell el-Maskhuta, uma fortificação na área oriental do Wadi Tumeilat, a oeste dos Lagos Amargos. De Sucote, eles viajaram para Etã ([Ex 13.20](#)), que estava na fronteira do deserto de Sur. Os hebreus foram então instruídos a retornar para noroeste

para que o cenário pudesse ser preparado para os eventos do Êxodo propriamente dito. Assim, eles acamparam entre Migdol e o “mar”, perto de dois locais chamados Pi-Hairote e Baal-Zefom. Pi-Hairote pode ter sido um lago, as “águas Hi”, mencionadas em documentos egípcios. Baal-Zefom foi identificado com a posterior Tafnes (Tell Defenneh) perto de Qantara. Ambas as identificações carecem de certeza, mas esses locais provavelmente estavam localizados na parte nordeste da área do delta do Rio Nilo, perto do Lago Menzaleh. O “mar” era um lago de juncos de papiro, descrito em [Êxodo 15.22](#) como o “mar de juncos”, o equivalente em português de uma frase egípcia que significa “pântanos de papiro”. Na maioria das traduções em português, o hebraico para “mar de juncos” foi traduzido como “Mar Vermelho”.

Fontes do século XIII a.C. mencionam a existência de um grande pântano de papiro na área de Ramessés, que poderia ser aquele referido nas Escrituras. Outras sugestões equiparam o “mar de juncos” à extensão sudeste do Lago Menzaleh ou a algum corpo de água logo ao sul, talvez o Lago Ballah, todos razoavelmente próximos uns dos outros. A topografia nunca pode ser determinada com precisão completa, uma vez que a construção do Canal de Suez drenou uma série de lagos e pântanos, dos quais o “mar de juncos” possivelmente fazia parte.

No acampamento em Migdol, os hebreus foram alcançados pelos egípcios que os perseguiram e pareciam estar irremediavelmente encurralados. Então o Senhor realizou um dos maiores milagres da história. Ele primeiro impediu que os egípcios encontrassem os hebreus naquela noite por meio de uma coluna de nuvem ([Êx 14.19–20](#)). Moisés levantou sua vara sobre o mar de juncos, e um forte vento do leste soprou sobre a água durante toda a noite. Pela manhã, uma faixa do fundo do mar foi exposta e secou, permitindo que os israelitas fugissem por ela. Quando os egípcios perseguiram seus antigos escravos, Moisés novamente levantou sua vara, o vento cessou, e as águas voltaram aos níveis normais, prendendo os carros e soldados egípcios e causando grandes perdas. Um cântico de vitória ([Êx 15.1–21](#)), típico dos costumes do antigo Oriente Próximo em guerras, foi a resposta imediata dos cativos libertados a Deus.

A separação das águas é um fenômeno que tem sido observado periodicamente em várias partes do mundo. Sempre ocorre da mesma maneira e envolve um vento forte deslocando um corpo de água. Lagos rasos, rios ou pântanos são facilmente

separados nessas condições. A referência nas escrituras ao vento leste indica que Deus utilizou milagrosamente esse fenômeno natural para resgatar seu povo.

Após escaparem com sucesso dos egípcios, os hebreus viajaram para o deserto de Sur, a três dias de viagem das águas amargas de Mara ([Êx 15.22-25](#)). Em [Números 33.8](#), o deserto de Sur é identificado com Etã, que os israelitas já haviam deixado. Assim, parece que eles se moveram para o norte de Migdol, após o que se moveram novamente para o sul em direção ao deserto na área de Etã. Os israelitas não puderam entrar na Península do Sinai pelas rotas normais, que eram guardadas por fortalezas egípcias. Além disso, eles foram instruídos a não viajar pela estrada ao norte que levava ao “caminho da terra dos filisteus” ([Êx 13.17](#)) em direção a Canaã. Consequentemente, a melhor maneira de satisfazer ambas as condições era mover-se para sudeste em direção ao Sinai o mais discretamente possível, tomando cuidado para evitar as rotas de acesso a Serabit el-Khadem na região central da península, onde os egípcios mineravam turquesa e cobre. As narrativas de [Números 33.9-15](#) mostram que os acampamentos israelitas estavam localizados em uma área ao sul do “mar de juncos”, provando que os refugiados não haviam tomado a rota ao norte, ou a rota “filisteia”.

O tema do Êxodo nas Escrituras

Antigo Testamento

O motivo da libertação do cativeiro no Egito ficou gravado de forma indelével na mente hebraica, especialmente porque era reforçado a cada ano pela celebração da refeição da Páscoa ([Ex 12.12-14](#)). Em cada celebração posterior, os hebreus eram conscientizados de que já haviam sido cativos, mas pela provisão e poder de Deus, agora eram pessoas livres — uma nação eleita e sacerdócio santo ([Dt 26.19](#)).

Em períodos posteriores, salmos foram escritos recontando a história de Israel à luz do grande evento libertador do Êxodo ([Sl 105](#); [106](#); [114](#); [136](#)). Essas composições ressoam com triunfo e gratidão. Relatos hebraicos da escravidão no Egito retratam a vida rigorosa, a opressão e o trabalho árduo. Agora se sabe que havia vários grupos estrangeiros no Egito na época, e que a punição corporal sofrida pelos hebreus era uma característica normal da vida cotidiana egípcia. Em resumo, não havia discriminação contra os hebreus como grupo; em

vez disso, eles tinham a duvidosa distinção de serem tratados como trabalhadores egípcios comuns. Sempre que eram oprimidos, os hebreus podiam olhar para trás, para o grande milagre do Êxodo, e acreditar que o que Deus havia feito uma vez, ele poderia fazer novamente. Isso era de grande consolo para os fiéis exilados chorando às margens das águas da Babilônia ([Sl 137.1](#)) enquanto aguardavam outro Êxodo, quando Deus os conduziria em triunfo de uma Babilônia destruída (v. [8](#)) de volta à Palestina.

Novo Testamento

A poderosa obra de Deus na época do Êxodo foi lembrada em algumas ocasiões pelos escritores do NT, mesmo que Cristo já tivesse sido sacrificado como “nosso Cordeiro da Páscoa” ([1Co 5.7](#), NTLH) naquela época. Em seu discurso perante o Conselho de Jerusalém, Estevão fez uma recitação tradicional da história do AT, mencionando o evento do Mar Vermelho ([At 7.36](#)) como parte de uma demonstração do poder de Deus para mudar os assuntos humanos. O apóstolo Paulo usou a experiência do Êxodo para lembrar seus ouvintes de que muitos que foram libertados da opressão naquela época nunca chegaram à Terra Prometida ([1Co 10.1-5](#)). Em vez de se comprometerem totalmente com Deus em confiança e obediência, os israelitas caíram vítimas de tentações de vários tipos no deserto. Assim, Paulo enfatizou que, como é possível que os cristãos se tornem náufragos ([9.27](#)), eles devem se apegar a Cristo, a Rocha, e levar suas responsabilidades espirituais a sério. Em [Hebreus 11.27-29](#), outra recitação histórica lista os heróis da fé, mencionando especialmente Moisés e seu papel no Êxodo.

Veja também Êxodo, Livro de.

Exorcismo, Exorcista

Um exorcismo é a prática de expulsar demônios e espíritos malignos. Um exorcista é a pessoa que realiza um exorcismo.

Muitas pessoas no antigo Oriente Próximo afirmavam que podiam expulsar ou controlar demônios. Alguns dos milagres de Jesus registrados nos Evangelhos são exorcismos. Mas [Atos 19.13](#) é a única outra referência bíblica ao exorcismo entre os judeus. No entanto, em [1 Samuel 16.14-23](#), Davi agiu como um exorcista quando tocou sua harpa para afastar um espírito maligno do Rei Saul.

Veja também Demônio; Possessão demoníaca.

Exortação

Exortação significa encorajar fortemente alguém a fazer o que é certo. A palavra vem de uma palavra grega que significa "um chamado de alguém ao lado para ajudar". No Novo Testamento, geralmente significa instar alguém a fazer a coisa certa. Às vezes, a mesma palavra também pode significar confortar e apoiar alguém. O significado correto depende de como a palavra é usada naquela parte da Bíblia.

Exemplos de exortação

[Lucas 3.7-18](#) apresenta um excelente exemplo de exortação como incentivo para que as pessoas ajam. Nesta passagem, João Batista exortou fortemente o povo judeu a realizar várias ações:

- Mostrem, através de suas ações, que estão realmente arrependidos de seus pecados
- Pare de pensar que ser descendente de Abraão os protegerá do castigo de Deus
- Compartilhar suas roupas e alimentos com pessoas que precisam deles

Ele também orientou grupos específicos sobre o que deveriam fazer:

- Ele instruiu os coletores de impostos a recolherem apenas a quantia de dinheiro que era devida
- Ele disse aos soldados para:
 - Não roube dinheiro das pessoas
 - Não faça acusações falsas contra as pessoas
 - Esteja satisfeito com o pagamento deles

Exortação como um dom espiritual

Deus concede a algumas pessoas na igreja a habilidade especial de encorajar e guiar os outros. Este dom de exortação beneficia toda a igreja ([Rm 12.8](#)). Quando alguém usa corretamente o dom de

profecia, um dos resultados é que pode encorajar os outros a fazer o que é certo ([1Co 14.3,31](#)). Também era um dever que Paulo ordenou a Timóteo: "Persiste em ler, exortar e ensinar" ([1Tm 4.13](#)). O livro de Hebreus também fala sobre encorajamento, dizendo aos leitores para não desconsiderarem a correção de Deus ou desistirem quando Deus os corrige ([Hb 12.5](#)).

Exortação como conforto e encorajamento

Em [2 Coríntios 1.3-7](#), a palavra grega para exortação significa conforto e encorajamento. Nesta passagem, Paulo escreve sobre pessoas que estavam sofrendo por seguirem Cristo. Ele explica que Deus nos conforta durante tempos difíceis para que possamos confortar outros que estão passando por lutas semelhantes.

Outro exemplo está em [Atos 15.31](#). A igreja em Antioquia recebeu notícias encorajadoras dos líderes em Jerusalém. As pessoas estavam preocupadas porque alguns mestres estavam dizendo que todos os cristãos deviam seguir costumes judaicos, como a circuncisão, para serem salvos. Quando ouviram que isso não era verdade, sentiram-se confortados e aliviados.

Paulo também usa esta palavra para significar "conforto" em [1 Tessalonicenses 4.18](#). Aqui, ele diz aos crentes que as pessoas que morrem como seguidores de Cristo não perderão as bênçãos que Jesus trará quando Ele retornar. Ele lhes diz para confortarem uns aos outros com esta verdade.

Veja Dons Espirituais.

Expição

No pensamento cristão, "expição" refere-se ao processo pelo qual Deus e a humanidade são reconectados e trazidos para um relacionamento pessoal. O termo implica a remoção da separação ou alienação entre Deus e os humanos. A palavra vem de termos anglo-saxões que significam "fazer um só" ou "união". Está intimamente associada à reconexão e ao perdão.

Traduções modernas corretamente usam "reconciliação". Apesar da mudança nas palavras, o conceito de expiação é central para o Novo Testamento e para a teologia cristã como um todo. Ele enfatiza que Deus toma a iniciativa na salvação humana, oferecendo graça perdoadora através da expiação. Para os humanos, que não podem se conectar a Deus por si mesmos, a expiação fornece

um "caminho novo e vivo" para se conectar com Deus.

A necessidade de expiação se deve à pecaminosidade humana, como retratado ao longo das Escrituras:

- O profeta Isaías disse: "Todos nós éramos como ovelhas que se haviam perdido" ([Is 53.6](#)).
- Jeremias disse: "Quem pode entender o coração humano? Não há nada que engane tanto como ele; está doente demais para ser curado" ([Jr 17.9](#)).
- Davi, o salmista, clamou: "Não há mais ninguém que faça o bem, não há nem mesmo uma só pessoa" ([Sl 14.3](#)).

Paulo descreveu a pecaminosidade do homem causada por sua desobediência e idolatria ([Rm 1.18-32](#)). Ele resumiu: "Todos pecaram e estão afastados da presença gloriosa de Deus" ([Rm 3.23](#)).

Em outro lugar, Paulo descreveu os seres humanos como:

- inimigos de Deus ([Rm 5.10](#));
- "inimizade contra Deus" ([Rm 8.7](#));
- "longe de Deus... inimigos dele por causa das coisas más que vocês faziam e pensavam" ([Cl 1.21](#));
- assim como Adão: "Como resultado, a morte se espalhou por toda a raça humana porque todos pecaram" ([Rm 5.12](#)).

O problema do pecado humano é agravado pela santidade de Deus. Deus não pode tolerar o pecado. Isaías viu o Deus santo no templo e sentiu medo por causa de seus próprios pecados ([Is 6.1-5](#)). As pessoas são muito pecadoras, e Deus é completamente santo. Por causa disso, as pessoas têm medo de Deus e não podem mudar essa situação por conta própria. Elas estão perdidas e desamparadas, enfrentando o julgamento de Deus. Elas não podem se reconciliar com Deus ou merecer o cuidado de Deus.

Somente Deus pode possibilitar que as pessoas se reconciliem com Ele. A forma como Deus realiza isso na Bíblia nos revela tanto sobre a natureza divina quanto sobre a natureza humana.

No idioma hebraico do Antigo Testamento, a palavra frequentemente traduzida como "expiar" significa "apagar", "eliminar", "cobrir" ou, de forma mais geral, "remover." Esta palavra é traduzida de diferentes maneiras, como:

- "fazer expiação";
- "perdoar";
- "apaziguar";
- "pacificar";
- "indulto";
- "purificar";
- "protelar";
- "reconciliar";

No Antigo Testamento, a maneira mais comum de fazer expiação era através do sacrifício de animais. A parte mais importante de um sacrifício era o derramamento de sangue. A Bíblia diz que a vida está no sangue ([Lv 17.11](#)). Quando o sangue era derramado, significava que a vida era entregue e a morte ocorria. Nos sacrifícios, o sangue representava a morte, não a vida. Algumas pessoas pensam que o derramamento do sangue tornava a vida disponível para as pessoas. Mas era a vida da carne que estava no sangue, e a carne era sacrificada. No Novo Testamento, é porque Jesus ressuscitou dos mortos que sua vida está disponível para os crentes.

Nem toda menção de expiação no Antigo Testamento envolvia derramamento de sangue. No Dia da Expiação, dois bodes eram utilizados:

- Uma cabra foi sacrificada.
- O outro bode foi "apresentado vivo perante o Senhor para fazer expiação" ([Lv 16.10](#)).

Este segundo bode, chamado de "bode expiatório", era enviado ao deserto carregando os pecados do povo. Enviar o bode embora substituíu o derramamento de sangue. O bode sofria no lugar do povo. Era um substituto para eles.

Havia também outras maneiras de realizar a expiação:

- Os israelitas deram dinheiro para o templo ([Êx 30.16](#)).
- Arão e Moisés usaram incenso para impedir que uma doença se espalhasse: "Ele ofereceu o incenso e fez expiação pelo povo" ([Nm 16.47](#)).

Esses poucos casos especiais não alteram a ideia principal do Antigo Testamento sobre a expiação através do sacrifício animal. O Novo Testamento resume isso dizendo: "sem derramamento de sangue não há perdão" ([Hb 9.22](#)).

No Antigo Testamento, a ideia de expiação pelo pecado levou a palavras como:

- "expiação" (remoção de culpa);
- "perdão".

A ideia de expiação para a ira ou julgamento de Deus resultou em palavras como:

- "Propiciação" (transferir a ira de Deus para outro lugar);
- "Reconciliação" (restaurar uma relação amigável).

Traduções modernas da Bíblia em inglês utilizam palavras diferentes para explicar a ideia de expiação que Deus oferece.

O Novo Testamento mostra claramente que a obra de Cristo, especialmente sua morte na cruz, proporciona expiação. O Novo Testamento ainda usa a linguagem do Antigo Testamento, especialmente a palavra "sangue". Por exemplo, o Novo Testamento fala sobre:

- o "sangue do novo testamento" ([Mt 26.28](#));
- o "novo testamento no meu sangue" ([Lc 22.20](#));
- o "sangue de Cristo" ([Ef 2.13](#));
- o "sangue da sua cruz" ([Cl 1.20](#)).

O Novo Testamento também menciona frequentemente "a cruz" e "a morte de Cristo", que significam quase a mesma coisa que "sangue" nesses casos. O Novo Testamento é chamado de "nova aliança" de Jesus Cristo, oficializada por seu sangue.

Veja também Propiciação; Expiação; Ofertas e Sacrifícios; Dia da Expiação; Redentor, Redenção; Resgate.

Expiação

Expiação, purificação ou remoção do pecado ou de sua culpa. O termo aparece em algumas traduções em português (e.g. ARC) como "expiação" ([Hb 2.17](#)) ou "propiciação" ([Rm 3.25](#); [1Jo 2.2](#); [4.10](#)). "Expiação" também aparece em algumas traduções em português de certas passagens do AT ([Nm 35.33](#); [Dt 32.43](#); [1Sm 3.14](#); [Is 27.9](#)). A palavra não aparece em traduções modernas da Bíblia.

A família de palavras hebraicas traduzidas como "expiação" refere-se fundamentalmente a uma solução para o pecado, e a associação mais comum é com a ideia de expiação. Expiação está relacionada à remoção da mancha do pecado e, portanto, o termo está associado a palavras como "perdoar", "purificar", "limpar" ou "expiar".

Todas as referências no NT à expiação estão relacionadas ao sacrifício de Cristo pelo pecado humano. Na Bíblia, tanto a expiação quanto a propiciação fazem parte da obra de expiação de Deus. O sacrifício de Cristo tanto propicia (afasta) a ira de Deus quanto expia (cobre) o pecado humano. A obra redentora de Deus é tanto pessoal, ou relacional, quanto objetiva. Quando um contexto bíblico se concentra na ira de Deus, a propiciação está envolvida; quando o pecado humano é o foco, então a redenção proporciona expiação.

Veja também Expiação; Ofertas e sacrifícios; Propiciação.

Ezel

Palavra hebraica que designa uma pedra onde Jônatas e Davi se encontraram antes da partida de Davi da corte de Saul ([1Sm 20.19](#)).

Ezequias

138. Rei de Judá de 715 a 686 a.C. O relato do reinado de Ezequias está em [2 Reis 18.1-20.21](#), [2 Crônicas 29.1-32.33](#) e [Isaías 36.1-39.8](#).

Cronologia

Ezequias assumiu o trono de Judá aos 25 anos e governou por 29 anos ([2Rs 18.2](#); [2Cr 29.1](#)). Sua mãe era Abi ([2Rs 18.2](#); [2Cr 29.1](#); “Abias,” uma forma mais longa), filha de Zacarias. A cronologia do reinado de Ezequias é difícil de estabelecer com certeza. A Bíblia diz que o cerco assírio de Samaria, capital do reino do norte de Israel, começou no quarto ano de seu reinado e que Samaria caiu no sexto ano ([2Rs 18.9-10](#)), o que faria seu reinado começar por volta de 728 a.C. e terminar por volta de 699 a.C. O rei assírio Senaqueribe sitiou as cidades fortificadas de Judá durante o 14º ano de Ezequias ([2Rs 18.13](#)), o que teria sido 714 a.C. Registros assírios, no entanto, indicam que Senaqueribe subiu ao trono assírio em 705 a.C. e que sua campanha judaica ocorreu em 701 a.C. A solução mais geralmente aceita para a discrepância é que Ezequias subiu ao trono em 715 a.C., provavelmente após uma co-regência com seu pai, Acáz, que começou em 728 a.C. Essa solução harmoniza-se com a afirmação de que o cerco de Senaqueribe ocorreu no 14º ano do reinado de Ezequias, ou 701 a.C.

Reformas religiosas de Ezequias

Ezequias subiu ao trono em um momento crítico na história de Judá. Sargão II havia tomado Samaria em 722 a.C., e Judá estava militarmente enfraquecido por guerras e incursões de nações vizinhas durante o reinado de Acáz. Talvez motivado pelos avisos ao reino do norte entregues pelos profetas Amós e Oseias de que o castigo viria se Israel não voltasse para Deus, Ezequias iniciou suas reformas religiosas logo após assumir o trono.

No primeiro mês de seu reinado, Ezequias abriu as portas do templo e as reparou. Ele reuniu os levitas e ordenou que se santificassem, assim como o templo, e restabelecessem as cerimônias religiosas que há muito tempo estavam negligenciadas. Ezequias trouxe sacrifícios, e o serviço sacerdotal do templo foi restaurado ([2Cr 29](#)).

Ezequias então enviou convites por todo Judá e Israel para a celebração da Páscoa em Jerusalém (realizada um mês após o tempo prescrito porque os sacerdotes e o povo não puderam estar prontos antes). Esperava-se que a unificação religiosa fosse um prelúdio para a reunificação política do reino do norte de Israel e do reino do sul de Judá. No entanto, a maioria das tribos do norte zombou dos mensageiros judeus que trouxeram os convites, e apenas algumas pessoas das tribos de Aser,

Manassés e Zebulom foram a Jerusalém para a celebração ([2Cr 30](#)).

Após a observância da Páscoa, os adoradores começaram a destruir os altos e altares. Eles quebraram as colunas e cortaram os postes-ídolos por todo Judá e Benjamim, e também foram a Efraim e Manassés ([2Cr 31.1](#)). Ezequias até quebrou a serpente de bronze que Moisés havia feito ([Nm 21.6-9](#)), pois ela havia se tornado um objeto de adoração e foi identificada com uma divindade serpente, Neustã ([2Rs 18.4](#)). Por causa de suas reformas abrangentes, gerações posteriores disseram de Ezequias: “nunca teve um rei como ele, nem antes nem depois daquela época” ([2Rs 18.5](#), NTLH).

A ameaça Assíria

Ezequias sabia que o crescente domínio internacional da Assíria era uma ameaça séria para seu reino, mas, seguindo a política de submissão de seu pai, inicialmente não tentou nenhuma resistência.

As inscrições do rei assírio Sargão II registram sua campanha vitoriosa em 711 a.C. contra uma revolta de Aziru, rei de Asdode, que pediu ajuda ao Egito e Judá. Talvez uma profecia recebida por Isaías tenha alertado Ezequias para não interferir no cerco de Asdode ([Is 20](#)), e assim nenhuma ação punitiva foi tomada contra Judá pela Assíria. Sargão morreu em 705, e seu filho Senaqueribe subiu ao trono. Isso desencadeou uma rebelião generalizada em todas as províncias assírias. Ezequias reteve o tributo ao novo governante assírio e, aproveitando a situação confusa, fez incursões contra os filisteus ([2Rs 18.8](#)). Após subjugar elementos rebeldes no Leste, Senaqueribe iniciou sua campanha contra a “terra de Hatti” (o nome assírio para os países ocidentais) em 701 a.C. Em preparação, Ezequias reparou a muralha da cidade de Jerusalém, ergueu torres sobre ela, construiu outra muralha do lado de fora e fortaleceu o Milo na Cidade de Davi. Ele também armazenou grandes quantidades de armas e escudos ([2Cr 32.5](#)). Sabendo da necessidade de um abastecimento adequado de água para uma cidade sob cerco, Ezequias mandou escavar um túnel de 542 metros (1.777 pés) através de rocha sólida, desde a fonte de Gion até o Poço de Siloé, para trazer água para dentro da cidade e impedir que os assírios tivessem acesso à água da fonte fora da cidade ([2Rs 20.20](#); [2Cr 32.3-4](#)). A inscrição de Siloé, esculpida dentro do próprio túnel, registra a conclusão desse notável canal e é um dos exemplos mais antigos preservados da língua hebraica.

Senaqueribe invadiu a Palestina e, após uma campanha extensa, reprimiu a rebelião local. Essa campanha está bem documentada nos registros assírios, incluindo uma descrição de seu cerco a Jerusalém em 701, e essa documentação é complementada pelo relato bíblico ([2Rs 18.13-19.37](#); [2Cr 32.1-22](#); [Is 36-37](#)). Sidom, as cidades da Fenícia e os vizinhos imediatos de Judá (incluindo Biblos, Arnom, Moabe, Edom e Asdode) submeteram-se aos assírios. Cidades filisteias resistentes também foram tomadas. Senaqueribe sitiou Ecrom, cujo rei, Padi (um súdito leal de Senaqueribe), havia sido preso por seus próprios súditos e entregue em correntes a Ezequias. Um grande exército egípcio e etíope falhou em socorrer os ekronitas, que foram derrotados pelos assírios nas proximidades de Elteque. Ecrom foi capturada, e Padi foi reconduzido ao trono por Senaqueribe.

Senaqueribe então voltou sua atenção para as cidades fortificadas de Judá e as conquistou uma por uma ([2Rs 18.13](#)). Registros assírios afirmam que ele capturou 46 cidades muradas e inúmeras aldeias, incluindo Laquis e Debir (sudoeste de Jerusalém), 200.150 pessoas, casas, gado e rebanhos sem número. Enquanto Laquis ainda estava sob cerco, Ezequias percebeu que era inútil resistir e enviou uma mensagem a Senaqueribe oferecendo-se para se render e pagar qualquer tributo que ele impusesse. O governante assírio exigiu um tributo enorme de 300 talentos de prata (800 talentos de acordo com os registros assírios, ou uma cifra exagerada ou calculada por um padrão diferente) e 30 talentos de ouro. Para pagar esse tributo, Ezequias pegou toda a prata no templo e nos tesouros reais, e retirou o ouro das portas e batentes do templo ([2Rs 18.14-16](#)). Esse tesouro foi enviado a Senaqueribe junto com outros presentes que, de acordo com o relato assírio, incluíam algumas das próprias filhas de Ezequias como concubinas.

O relato em [2 Reis 18.17-19.37](#) levanta a questão de saber se houve outra invasão de Judá em uma data posterior, ou se esta passagem fornece detalhes adicionais sobre a invasão de 701. Embora Ezequias já tivesse se submetido e pago tributo, esses versículos descrevem novas exigências assírias. Aqueles que acreditam que foi uma única invasão sugerem que este é um relato da delegação assíria enviada por Senaqueribe para exigir a rendição de Jerusalém enquanto Laquis ainda estava sob cerco. A delegação incluía o Tartã, Rabsaris e Rabsaqué (títulos de oficiais da corte em vez de nomes pessoais). Eles alertaram os cidadãos de que seu Deus não era mais capaz de salvá-los do

que os deuses de outras cidades derrotadas pelos assírios. Em aflição, Ezequias enviou uma mensagem ao profeta Isaías, que assegurou ao rei que Senaqueribe ouviria um boato e retornaria à sua própria terra e lá morreria pela espada ([2Rs 19.1-7](#)). Pouco depois, Senaqueribe recebeu notícias da revolta da Babilônia em suas províncias orientais, então partiu imediatamente sem tomar Jerusalém. Os registros assírios não afirmam que Jerusalém foi tomada, mas apenas dizem que Ezequias foi “encerrado em Jerusalém como um pássaro em uma gaiola.” Os vizinhos ao redor de Judá celebraram sua libertação e trouxeram presentes de gratidão a Ezequias ([2Cr 32.23](#)).

Mais tarde, o rei assírio soube que Tiraca, rei da Etiópia, estava avançando contra ele, então enviou outra mensagem ameaçadora a Ezequias, provavelmente para alertá-lo contra fazer uma aliança com Tiraca. Ezequias levou o assunto diante do Senhor e recebeu a palavra de Isaías de que o rei assírio retornaria pelo mesmo caminho que veio e que Jerusalém permaneceria intocada. Logo depois, em uma intervenção milagrosa de Deus, 185.000 tropas assírias foram mortas, e o monarca assírio abandonou seus planos de conquistar Ezequias. Essa calamidade embaraçosa, compreensivelmente, não é mencionada pelos registros assírios. Em 681 a.C., Senaqueribe foi morto por dois de seus filhos, como Isaías havia predito ([2Rs 19.7.37](#)).

Algun tempo antes de 701, Ezequias ficou gravemente doente, e Isaías lhe disse para se preparar para a morte. O rei orou fervorosamente por uma extensão de vida, e Deus prometeu-lhe mais 15 anos, bem como a libertação dos assírios. Ezequias pediu a Isaías um sinal de que seria curado, e uma sombra projetada pelo sol recuou 10 degraus, ao contrário de sua direção normal ([2Rs 20.1-11](#)).

Algun tempo após sua recuperação, Ezequias recebeu uma delegação com presentes de Merodaque-Baladã da Babilônia, ostensivamente para parabenizá-lo por seu retorno à saúde. O verdadeiro objetivo da visita era provavelmente alistar Ezequias como aliado em uma conspiração que estava sendo formada contra a Assíria. O rei mostrou aos enviados babilônicos todo o ouro, prata e outros valores que possuía. Este ato trouxe um aviso de Isaías de que chegaria o dia em que todos esses tesouros seriam levados para Babilônia ([2Rs 20.12-19](#)).

Ezequias viveu o restante de sua vida em paz e prosperidade. Pode ter sido durante esse tempo

que ele incentivou os esforços literários em Judá, que incluíram a cópia de alguns dos provérbios de Salomão ([Pv 25-29](#)). Após sua morte em 686, ele foi sucedido por seu filho Manassés, que provavelmente se tornou co-regente 10 anos antes.

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); História de Israel; Rei.

- 139.** Chefe de uma família de exilados (os filhos de Ater), 98 de cujos descendentes retornaram do exílio babilônico com Zorobabel ([Ed 2.16](#); [Ne 7.21](#); [10.17](#)).
- 140.** Antepassado do profeta Sofonias, possivelmente o próprio Rei Ezequias ([Sf 1.1](#)).
- 141.** Filho de Nearias e descendente de Davi através da linhagem de Roboão ([1Cr 3.23](#)).

Ezequiel, Livro de

Livro profético do Antigo Testamento, originado na época do exílio babilônico.

Resumo

- Autor
- Data e contexto
- Conteúdo

Autor

Ezequiel era filho de Buzi ([1.3](#)), membro de uma família sacerdotal. Não está claro se ele realmente serviu no templo como sacerdote, mas essa era sua formação. Seus escritos mostram que ele conhecia as regulamentações para os sacrifícios, os rituais e as expectativas do povo em relação a um sacerdote. No exílio, Ezequiel, o sacerdote, transmitiu a palavra de Deus sobre o futuro do templo para seus companheiros exilados. Estabelecidos em Tel-Abibe, no canal de Quebar, os milhares de deportados levavam uma existência precária. Eles esperavam por um rápido retorno a Judá e uma melhora na situação internacional. Sua esperança era alimentada pela pregação entusiasmada de falsos profetas, comparados a chacais entre as ruínas ([13.4](#)). Eles piedosamente diziam: “O Senhor declara...,” mas na verdade eram auto-comissionados (v. [6](#)). Eles enganavam o povo com uma mensagem de paz em um momento em que o

juízo de Deus estava prestes a ser derramado sobre seu povo (v. [10](#)). Eles levaram o povo a desconfiar da profecia a tal ponto que um provérbio circulava entre o povo dizendo que “os dias se prolongam, e toda visão vem a nada” ([12.22](#)). Muito tempo havia passado desde que visões do juízo de Deus foram dadas ao povo, e nada podia ser interpretado como um cumprimento dessas visões. Ezequiel foi chamado a servir sua comunidade por meio de atos simbólicos, visões e mensagens verbais para convencer o povo de que o juízo de Deus era iminente (v. [23](#)).

Data e contexto

O ministério do profeta Ezequiel pode ser melhor compreendido no contexto de seu tempo. Se, como acreditava o pai da igreja Orígenes, a vaga referência “no trigésimo ano” ([1.1](#)) marca a idade do profeta na época de sua primeira visão, Ezequiel nasceu durante o reinado do Rei Josias de Judá (c. 640–609 a.C.). Josias era neto do Rei Manassés, cujos atos sacrílegos trouxeram o juízo de Deus sobre o reino de Judá ([2Rs 21.10-15](#)).

Embora a situação política de Judá fosse perigosa, Josias liderou a nação em uma reforma radical que começou com a descoberta do “Livro da Lei” ([2Rs 22](#)) no ano em que Ezequiel nasceu (c. 621 a.C.). A idolatria foi eliminada e o povo voltou-se para Deus, mas o juízo de Deus sobre Judá era imutável ([23.26-27](#)). Josias errou ao tentar fazer de Judá um reino com o qual outros estados tinham que se preocupar. Ele foi ameaçado quando o Faraó egípcio Neco passou por Judá a caminho de ajudar o enfraquecido reino assírio. Josias marchou para enfrentar as forças egípcias, mas suas tropas não conseguiram resistir aos egípcios, e ele morreu em batalha (v. [29](#)). O Egito tomou o controle de Judá, e o Faraó Neco colocou Jeoaquim no poder sobre Jerusalém. No entanto, o controle egípcio não durou muito, pois em 605 a.C. Egito e Assíria foram derrotados pelo rei da Babilônia Nabucodonosor em Carquemis. Os babilônios então avançaram para o sul em direção a Jerusalém, e a primeira deportação de líderes judeus (entre eles o profeta Daniel) ocorreu.

Jeoquim foi permitido continuar governando Judá como um rei vassalo de Nabucodonosor. No entanto, seus negócios com o Egito provocaram a ira do Imperador sobre ele. Antes que os babilônios pudessem lidar com a situação em Judá, Jeoaquim morreu e seu filho Joaquim foi coroado. Quando as forças babilônicas chegaram aos portões de

Jerusalém, Joaquim e milhares da aristocracia foram levados para Babilônia ([2 Reis 24.10-17](#)). Entre esses deportados estava Ezequiel, então com cerca de 25 anos de idade.

Embora o livro diga o contrário, muitos estudiosos acreditam que Ezequiel viveu e ensinou em Judá durante o cerco e a queda de Jerusalém (586 a.C.). Eles concluem isso a partir da familiaridade de Ezequiel com a idolatria no templo e suas descrições vívidas dos últimos dias de Jerusalém ([Ez 8.11](#)). Outros acreditam que Ezequiel ministrou tanto à comunidade exilada quanto aos judeus que viviam em Judá. Nenhuma interpretação faz plena justiça às afirmações do próprio livro. Ezequiel foi exilado em 597 a.C. Ele foi chamado para levar a palavra de Deus aos deportados em Tel-Abibe; ele teve uma visão das práticas horríveis no pátio do templo; e ele estava familiarizado com Jerusalém e Judá por ter vivido lá e por relatos sobre os acontecimentos em Jerusalém que chegavam aos exilados através de mensageiros. Jeremias, contemporâneo de Ezequiel, estava profetizando em Jerusalém, mas não há evidências de que Jeremias e Ezequiel conhecessem o ministério um do outro. Se Ezequiel tivesse levado a palavra de Deus a Jerusalém durante o cerco, alguma referência a Jeremias poderia aparecer em seus escritos. Se Jeremias fosse apoiado pelo ministério de Ezequiel em Jerusalém, ele provavelmente teria incluído uma palavra positiva para seu colega em seu livro. O livro de Ezequiel diz claramente que Ezequiel viveu e pregou no exílio (veja [1.1-3; 11.24-25](#)).

Conteúdo

A profecia de Ezequiel é facilmente delineada por assunto e cronologia. A cronologia do período permite uma divisão antes e depois de 586 a.C. (a queda de Jerusalém). Os capítulos [1-24](#) cobrem o ministério de Ezequiel antes de 586, enquanto os capítulos [33-48](#) representam seu ministério após 586. Os capítulos [25-32](#) (oráculos contra as nações estrangeiras) funcionam como uma transição entre as duas principais divisões do livro.

O esboço do livro, de acordo com o assunto, se divide em quatro partes: o chamado de Ezequiel ([1.1-3.21](#)); profecias de julgamento contra Israel ([3.22-24.27](#)); oráculos contra as nações ([25.1-32.32](#)); e proclamação de esperança ([33.1-48.35](#)).

O chamado de Ezequiel ([1.1-3.21](#))

O chamado do profeta, de certa forma, foi semelhante ao de Isaías e Jeremias. Isaías recebeu

sua missão em uma visão da glória de Deus no templo ([Is 6](#)). Jeremias foi chamado inesperadamente em sua juventude e recebeu sinais que expuseram solenemente a natureza de sua missão ([Jr 1.11-15](#)). O chamado de Ezequiel combinou esses dois elementos. A revelação da glória de Deus ao profeta, ao mesmo tempo, revelou a natureza da missão do profeta. O chamado de Ezequiel continha uma descrição completa da glória de Deus. Isaías afirmou brevemente que viu o Senhor entronizado no templo e concentrou-se nos serafins que representavam e magnificavam a glória de Deus. Ezequiel elaborou sobre a revelação da glória do Senhor, bem como sobre os anjos ministradores que precediam o Senhor como parte de sua comitiva real. A visão da glória de Deus, embora difícil de entender, é a chave para o livro de Ezequiel.

Ezequiel, como sacerdote, estava preocupado com o futuro do templo. Aquele lugar sagrado havia sido ordenado por Deus como sua morada entre seu povo. A glória, presença e santidade de Deus eram simbolizadas no templo (veja [1Rs 8.10-11](#)). No exílio, Ezequiel não podia servir seu povo como sacerdote, pois eles estavam longe de Jerusalém, a cidade que Deus havia escolhido. Contra todas as expectativas, o Senhor se revelou a Ezequiel na terra da Babilônia. Ao chamar Ezequiel para um ministério profético, Deus assegurou a seu servo que ele não havia abandonado seu povo, mesmo que eles tivessem sido banidos da Terra Prometida.

A visão do profeta começou com uma tempestade. Quando uma grande nuvem se aproximou do norte, Ezequiel viu um brilho ao redor da nuvem, quatro criaturas e quatro rodas. A combinação de criaturas e rodas sugere que o Senhor apareceu em uma carruagem. A carruagem de Deus é uma representação familiar no Antigo Testamento de sua vinda em julgamento (veja [Is 66.15-16](#)). As rodas dentro de rodas e a posição das quatro criaturas vivas podem significar o controle total de Deus sobre toda a terra, permitindo que Ele mova sua "carruagem de julgamento" em qualquer direção. É também possível que as criaturas vivas com suas quatro faces, e as rodas cheias de olhos, sejam símbolos separados mostrando que Deus vê tudo o que acontece e, assim, conhece a situação dos exilados. Na visão, a atenção do profeta foi atraída para um trono acima das cabeças das criaturas. No trono estava "a aparência da semelhança da glória do Senhor" ([1.28](#)). Em sua visão da vinda de Deus em julgamento, Ezequiel recebeu seu chamado para o ministério profético:

"Homem mortal, eu o estou mandando ao povo de Israel, que se revoltou e se virou contra mim" (2.3, NTLH). Durante uma hora sombria da história de Israel, Ezequiel teve que profetizar, repreender seus companheiros exilados (3.11) e ser responsável como vigia sobre a casa de Israel (3.17; cf. 33.1-9). Simbólico de sua missão era um rolo cheio de lamentações e desgraça (2.9-10), que ao ser comido se tornou doce como mel (3.1-3). Por mais difícil que fosse a missão, a presença de Deus e o cumprimento certo das profecias adoçaram a tarefa de Ezequiel. Tal encorajamento tinha a intenção de afastar qualquer medo dos israelitas rebeldes (2.6-7). Em vez de se sentir exaltado com sua missão, no entanto, Ezequiel ficou desanimado.

Uma semana depois, a palavra do Senhor veio a Ezequiel para lembrá-lo de seu papel importante como vigia (3.16-17). Ezequiel tornou-se responsável por Israel como nação, não apenas por indivíduos. Seu testemunho a Israel tinha o objetivo expresso de promover o arrependimento nacional (vv. 18-19).

Ezequiel foi confinado em sua casa por Deus (3.24-25). O ministério em casa deveria ser realizado apenas com aqueles israelitas que buscavam a vontade de Deus, pois o Senhor havia abandonado aqueles que continuavam em sua apostasia. A palavra profética não ajudaria os apóstatas (v. 26). O princípio do ministério de Ezequiel é encontrado em 3.27: "Depois, quando eu falar de novo com você e lhe devolver a fala, você dirá a esse povo o que eu, o SENHOR Deus, disser. Alguns deles vão ouvir, mas outros não, porque são um povo rebelde" (NTLH; cf. Mt 11.15; 13.43).

Profecias de julgamento contra Israel (3.22-24.27)

O simbolismo ocupa um lugar de destaque nos escritos de Ezequiel. Seu histórico e preparação sacerdotal provavelmente o prepararam para receber e comunicar a palavra de Deus por meio de atos e discursos simbólicos. Os capítulos 4 e 5 contêm quatro atos simbólicos: (1) o cerco de Jerusalém é retratado em um tijolo (Ez 4.1-3); (2) a iniquidade de Israel é representada pelo fato de Ezequiel deitar-se de lado (vv. 4-8); (3) a tristeza e o horror de Jerusalém nos últimos dias do cerco são representados pela comida e bebida de Ezequiel (vv. 9-17); (4) o destino de Jerusalém é representado pelo cabelo do profeta sendo cortado (5.1-4).

As instruções de Ezequiel foram ainda mais esclarecidas pela explicação de Deus sobre a

apostasia de Israel (5.6-7) e seu julgamento sobre Israel (vv. 8-12). O julgamento durará até que os israelitas admitam que, em aliança e fidelidade, seu Senhor infligiu um julgamento justo sobre eles (v. 13).

Deus direcionaria seu julgamento primeiro contra o povo e a cidade de Jerusalém. Em seguida, estavam as montanhas de Israel (cap. 6) e a terra (cap. 7). A ira de Deus incluía as cidades e os locais de culto na região montanhosa de Judá, não deixando proteção para o povo (6.3-6). As abominações que eram praticadas por toda a terra fizeram com que o julgamento de Deus caísse sobre a terra, assim como sobre o povo (7.2-3, 10-11, 23). Mas, porque Deus é justo, ele julgou o povo de acordo com seus modos de vida, desejando que eles mais uma vez o reconhecessem como seu Deus (7.27).

O profeta então (caps. 8-11) focou nas abominações praticadas em Jerusalém, especialmente a idolatria nos pátios do templo, que resultou no julgamento anunciado nos capítulos 1-7. Um ídolo havia sido erguido no pátio interno (8.3-5). Perto do muro do pátio, os anciãos da cidade estavam prestando homenagem aos ídolos que cercavam o pátio (vv. 11-12). Mais próximo do templo, mulheres estavam chorando pelo deus Tamuz (v. 14), e homens estavam adorando o sol (v. 16). Em preparação para o julgamento final sobre a terra, o profeta colocou uma marca nas testas dos poucos israelitas fiéis para que eles sobrevivessem (9.4-6). Então (cap. 10), a glória de Deus, que havia preenchido o templo desde o tempo de Salomão, gradualmente partiu: "Aí a glória do SENHOR se afastou da cidade e foi parar sobre o monte que está a leste dela" (11.23, NTLH). O povo, agora sem proteção divina, estava sendo entregue aos babilônios (v. 9).

A mensagem de destruição para Jerusalém contém quatro elementos de esperança: restauração do povo (11.17), restauração da terra (v. 17), purificação do povo (v. 18) e renovação da comunhão entre Deus e seu povo (vv. 19-20). O profeta desenvolve esses quatro temas nos capítulos 33-48.

As visões dos capítulos 10 e 11 deixaram claro que, quando Deus retirou sua presença de Jerusalém, o exílio estava se aproximando. Aqueles que já estavam na Babilônia não estavam dispostos a acreditar que uma devastação tão extensa de Jerusalém ocorreria ou que o povo seria todo exilado e a terra se tornaria desolada.

Ezequiel encenou a certeza da palavra de julgamento de Deus ao fazer as malas e mostrá-las aos seus companheiros exilados. Primeiro, ele colocou as malas no pátio fora de sua modesta casa. Em seguida, ele saiu fazendo um buraco na parede. Finalmente, o profeta caminhou pelo assentamento com suas malas à vista de todos. Observadores céticos não entenderam Ezequiel e provavelmente pensaram que ele estava louco. Os crentes que o viram entenderam. Suas ações estranhas dramatizaram como os assessores do rei fariam de tudo para ajudar o Rei Zedequias a escapar pouco antes da queda de Jerusalém. [Segundo Reis 25](#) relata como o rei e seus soldados deixaram Jerusalém em direção ao deserto, para serem alcançados pelos babilônios em Jericó e levados perante Nabucodonosor em Ribla. Como cativo, Zedequias testemunhou o assassinato de seus filhos; então seus olhos foram furados, e ele foi enviado ao exílio com os outros judeus (cf. [Ez 12.13](#)). A explicação do profeta concluiu com uma palavra de conforto. Por causa de sua aliança com Abraão, Deus prometeu não destruir completamente o povo. Um remanescente que superou a espada, a fome e a peste viveria para contar a história do julgamento de Deus (vv. [15-16](#)).

Ezequiel ilustrou ainda mais a aflição da nação comendo como se estivesse tomado pelo medo, retratando o grande trauma que todos os habitantes de Judá em breve sofreriam.

Ambos os atos simbólicos, empacotar seus pertences e comer, enfatizavam a veracidade da palavra de Deus. O povo precisava enfrentar a natureza de seu Deus: Ele é magnífico, e quando fala, suas palavras são poderosas e se cumprem. Assim, a devastação da terra e o exílio do povo foram um cumprimento da palavra de Deus através dos profetas. O julgamento visava produzir um reconhecimento do Senhor, arrependimento e um retorno a Deus. Alguns em Judá duvidavam da eficácia das profecias de Deus, dizendo: “O tempo passa, tornando mentiroso todo profeta” ([12.22](#)). Outros pensavam que a palavra de Deus se realizaria em um futuro distante (v. [27](#)). A atitude predominante de desconfiança na palavra de Deus havia sido estimulada pela pregação popular de falsos profetas (cap. [13](#)). Nunca comissionados pelo Senhor, eles enganavam o povo de Deus mentindo e os desviando com mensagens de paz (vv. [8-10](#)). Maldade, mentira e engano eram encorajados entre o povo por tais falsos profetas (v. [22](#)). A magnitude de seu pecado e sua grande responsabilidade pela queda de Judá seriam

correspondidas pelo pesado julgamento do Senhor. No entanto, Deus salvaria seu povo de tal maldade e prepararia uma nação justa com quem manteria sua aliança (v. [23](#)).

A certeza do julgamento estava ligada à veracidade da palavra de Deus. A difícil tarefa de Ezequiel em afirmar a destruição de Jerusalém para ouvintes teimosos foi intensificada pela idolatria do povo. Todo o seu modo de vida negava a existência de Deus. Eles praticavam idolatria em sua adoração e tinham erguido ídolos em seus corações ([14.3](#)). Antes que a aliança com Deus pudesse ser restaurada, eles precisavam ser purificados de sua idolatria. Mesmo assim, o arrependimento não garantiria imunidade ao julgamento. Espada, fome, feras selvagens e pragas devastariam a população (v. [21](#)). Após a execução de seu julgamento, Deus acolheria de volta aqueles sobreviventes que se voltaram para Ele em busca de misericórdia. Deus certamente realizaria tudo o que pretendia para o bem de seu povo (v. [23](#)).

Nos capítulos [15-17](#), Ezequiel utiliza três parábolas para expor a apostasia, a atual inutilidade e o julgamento de Israel. Jerusalém e Judá são comparadas a um pedaço de madeira queimada, uma mulher adúltera e uma videira.

O capítulo [15](#) revisa o caso de Jerusalém. Jerusalém é comparada a um pedaço de madeira, cujas extremidades foram queimadas pelo fogo, de modo que a madeira não tem valor. Assim como todo o pedaço de madeira é queimado em vez de ser salvo, Jerusalém passaria por uma devastação completa ([15.7-8](#)).

O capítulo [16](#) apresenta o caso de Deus contra Jerusalém de uma perspectiva diferente, destacando seu cuidado por Jerusalém no passado. Os começos de sua história são comparados ao nascimento de uma criança do sexo feminino, deixada abandonada por sua mãe ([16.3-5](#)). Deus adotou a criança, lavou-a e vestiu-a (vv. [6-7](#)). Ele fez uma aliança com ela (v. [8](#)), tornando-a sua própria posse. Ele generosamente deu a ela todas as coisas boas da vida (vv. [9-13](#)). No auge de seu desenvolvimento, a fama de Jerusalém se espalhou entre as nações (v. [14](#)). Sua autoconfiança a tornou uma prostituta espiritual ao adotar as práticas religiosas e o modo de vida das nações (vv. [15-34](#)). As cidades de Sodoma ([Gn 19](#)) e Samaria ([2Rs 17.6](#)), conhecidas por sua imoralidade, são chamadas de irmãs de Jerusalém ([Ez 16.46](#)). Elas foram julgadas por Deus, mas a corrupção dessas cidades era pequena comparada à lascívia de Jerusalém (vv. [48-51](#)). Assim, Jerusalém também

certamente cairia e se tornaria desolada. No entanto, Ezequiel antecipa o resultado final do julgamento; Jerusalém será restaurada à bênção da aliança (vv. [62-63](#)) após seu arrependimento.

A terceira parábola (cap. [17](#)) foca na soberania de Deus sobre os desenvolvimentos políticos. A Assíria já não era uma potência a ser considerada. Babilônia e Egito ambos exerciam domínio, embora o equilíbrio de poder estivesse se inclinando a favor de Babilônia. Sua extensão de poder é comparada a uma águia. Nabucodonosor, retratado como “uma grande águia com asas largas cheias de penas multicoloridas”, assumiu o controle sobre os assuntos de Judá removendo Joaquim, “o ramo mais alto de um cedro”, do cargo e exilando-o com jovens líderes do estado judeu ([17.3-4](#)). Ezequiel estava entre eles. Nabucodonosor permitiu que os judeus controlassem seus próprios assuntos sob Zedequias, mas esperava que eles fossem sujeitos a Babilônia e não a qualquer outro poder. Mas Judá (comparado a uma videira) tentou se aliar ao Faraó Hofra do Egito, “outra grande águia com asas largas e plumagem cheia” (v. [7](#)), contra Nabucodonosor. A tolice de Zedequias em voltar-se para o Egito faria Nabucodonosor arrancar a videira pelas raízes e fazê-la murchar (vv. [9-10](#)). Ao explicar a parábola, Deus disse aos exilados que a queda de Judá foi resultado de sua infidelidade ao Rei Nabucodonosor, a quem Judá devia lealdade por aliança (vv. [13-18](#)). A infidelidade de Judá assim se estendeu a todos os seus relacionamentos: religiosos, culturais e políticos. Após o exílio, Deus prometeu que restauraria seu povo à sua terra sob um Messias, “um broto tenro” (v. [22](#)). O governo messiânico é simbolizado pelo jovem ramo, que quando plantado na terra se tornará um magnífico cedro, dando sombra e proteção aos pássaros. O capítulo [17](#) é uma afirmação inspiradora da soberania de Deus nos assuntos humanos (“Todas as árvores dos campos ficarão sabendo que eu sou o SENHOR. Eu derrubo as árvores altas e faço as árvores pequenas crescerem. Eu seco as árvores verdes e faço com que as árvores secas fiquem verdes de novo” — [17.24](#), NTLH).

Os capítulos [18-22](#) contêm os oráculos de Ezequiel para Judá, seus líderes e os exilados. Primeiro, ele expõe o padrão de justiça de Deus: “A pessoa que pecar é que morrerá” ([18.4](#), NTLH). O povo está acusando Deus de injustiça, pois acreditam estar sob o julgamento de Deus pelos pecados de seus antepassados (vv. [25-29](#)). Embora os Dez Mandamentos digam que Deus pode punir “aqueles que me odeiam, até os seus bisnetos e trinetos” ([Ex 20.5](#), NTLH), o profeta defende a justiça de Deus,

dizendo ao povo que eles não estão sendo punidos apenas pelo pecado de seus antepassados. Cada pessoa deve ser diretamente responsável perante Deus; o pecador morrerá na maldade, e o justo viverá pela justiça. Uma vida de fidelidade à lei moral e civil de Deus será recompensada ([Ez 18.5-9](#)). Mesmo que o pai de alguém tenha sido um pecador, o pecado do pai não é transferível (vv. [14-18](#)). Deus está pronto para perdoar qualquer pecador que se arrependa (v. [27](#)). A defesa da justiça de Deus pelo profeta torna-se um chamado ao arrependimento. Os pecadores em Judá e no exílio foram assim advertidos das consequências de seu mal, e foram exortados a retornar ao seu Deus e ao seu padrão de certo e errado (vv. [31-32](#)).

O capítulo [19](#) contém duas parábolas na forma de uma lamentação. A primeira retrata uma leoa e seus dois filhotes. A leoa é Hamutal, a esposa do Rei Josias ([2Rs 23.31](#)), que teve dois filhos: Jeoás e Zedequias. Jeoás é referido em [Ezequiel 19.3-4](#) como um filhote que cresceu e foi levado para o Egito (pelo Faraó Neco em 608 a.C.; veja [2Rs 23.31-34](#)). Zedequias sucedeu ao trono dez anos depois. Na lamentação, o profeta representa imaginativamente Zedequias como um jovem filhote que é finalmente levado para a Babilônia como um governante rebelde ([Ez 19.7-9](#)). A segunda parábola muda a imagem para uma videira, representando Israel (v. [10](#)). Nos seus primeiros dias, Deus abençoou Israel com governantes fortes, mas agora a videira estava murchando enquanto Zedequias liderava Judá irresponsavelmente em seus últimos dias. A lamentação de Ezequiel enfatiza a falta de um bom candidato para o trono e a falta de vida na videira (vv. [13-14](#)).

No capítulo [20](#), o profeta conclui o argumento de Deus contra seu povo. Ele revisa a história passada de Israel, começando com a auto-revelação de Deus no Egito ([20.5-6](#)). Ele escolheu para si uma nação teimosa, ligada à idolatria (v. [8](#)) e propensa à apostasia (vv. [13,21](#)). Israel queria ser uma das grandes nações (v. [32](#)) em vez de um povo santificado (v. [12](#)). Como resultado de sua dureza espiritual, Israel é disperso para viver entre as nações (v. [35](#)). No entanto, Deus tinha uma aliança solene com Israel, feita por juramento aos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Com base nessa aliança, Deus estenderá compaixão àqueles que se arrependem de seus caminhos pecaminosos (vv. [37-44](#)). No julgamento e restauração de Israel, as nações verão a santidade de Deus, que não tolera a infidelidade em Israel (v. [41](#)).

As profecias de Ezequiel alternam entre o julgamento de Deus sobre o pecado de Israel e a restauração de Israel, conectando o passado e o futuro de Israel. Diante das dúvidas do povo sobre o julgamento iminente de Jerusalém, ele enfatiza a necessidade do julgamento e do arrependimento. Ainda assim, a futura restauração de um remanescente é mencionada ocasionalmente como o contraponto de sua mensagem de julgamento. Após anunciar a queda de Jerusalém, o profeta muda de uma mensagem de julgamento para uma de esperança.

O profeta retorna à proclamação de julgamento em quatro oráculos (20.45-21.32). Ele fala contra a área do deserto do Neguebe (20.45-49), Jerusalém e a terra de Israel (21.2-17,20-27), e contra os amonitas (vv. 28-32). Deus permitiu que a espada de Nabucodonosor fosse seu instrumento de julgamento sobre os judeus (v. 19). Ele cuidaria do julgamento sobre os amonitas. Os judeus recuperariam sua glória anterior, mas a memória dos amonitas pereceria (vv. 27.32). O oráculo contra os amonitas antecipa um tratado maior sobre os outros vizinhos de Israel: Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito (caps. 25-29).

Os capítulos 22-24 contêm uma série renovada de acusações contra Jerusalém. A liderança religiosa e civil de Jerusalém (os profetas, sacerdotes e príncipes) é corrupta, e o povo seguiu seu exemplo (22.25-30). A parábola das duas irmãs, Oolá e Oolibá, é uma variação da parábola da Jerusalém adúltera (cap. 23; cf. cap. 16). Ela difere no fato de que a comparação feita entre Jerusalém, prestes a ser exilada, e Samaria, já em exílio, é mais explícita na parábola de Oolá e Oolibá. No capítulo 16, Jerusalém foi acusada de pecados maiores que Sodoma e Samaria, mas foi prometida restauração. Apenas a natureza adúltera das duas irmãs e o julgamento de Deus sobre elas é enfatizado no capítulo 23, sem nenhuma palavra de restauração. Esta parábola é uma introdução adequada à do pote fervente (cap. 24), na qual Jerusalém é comparada a um pote enferrujado fervendo com água. Os habitantes de Jerusalém, comparados a pedaços de carne no pote fervente, morrerão na cidade. A parábola foi pronunciada no dia inicial do cerco de Nabucodonosor a Jerusalém. Assim, os exilados foram divinamente advertidos da intenção de Deus de destruir o templo (24.21) e foram preparados para mensageiros trazendo as más notícias da queda de Jerusalém.

Aqueles oráculos e parábolas concluem a primeira parte do livro. Ezequiel apresentou o caso de Deus

contra a casa rebelde de Judá de várias maneiras. Suas metáforas compararam Judá a um pedaço de madeira queimada, a uma videira desenraizada, a um bebê que cresceu e se tornou uma adúltera, e a Oolibá, a mulher adúltera. Ele refutou argumentos contra o cumprimento da palavra de Deus e contra a justiça de Deus. Ele assegurou aos exilados que Deus não abandonará os justos e que o futuro de Israel começa com um remanescente justo. A escrita de Ezequiel oscilou do julgamento para a restauração, enquanto o tempo aproximava Judá da hora de sua queda.

Oráculos contra as nações (25.1-32.32)

Amom, Moabe e Edom eram vizinhos de Israel ao leste. Como eram etnicamente relacionados a Israel, não foram atacados pelos israelitas em sua marcha para a Terra Prometida. Amom e Moabe eram descendentes de Ló, sobrinho de Abraão, e os edomitas descendiam de Esaú, irmão de Jacó. Embora Deus tenha proibido a guerra com eles, as relações entre Israel e seus vizinhos orientais sempre foram tensas. Israel foi invadido pelos amonitas por um tempo, e Israel nunca teve sucesso em controlar as relações comerciais competitivas dos edomitas. Essas nações vizinhas se juntaram ao ataque babilônico contra Jerusalém e se alegraram quando Jerusalém caiu e o templo foi devastado (Ez 25.3-12). Eles estavam prontos para tomar e saquear as cidades de Judá e instigar problemas em um momento em que Jerusalém estava angustiada. Portanto, diz Ezequiel, o julgamento de Deus também se estenderá a Amom, Moabe e Edom (vv. 4-14).

Os filisteus foram inimigos de Israel ao sudoeste. Durante o período dos juízes e da monarquia unida, os filisteus controlaram grande parte do território de Israel. O rei Davi limitou com sucesso a ameaça filisteia, confinando-os ao seu próprio território. Mas nos dias de Ezequiel, eles ainda eram considerados o inimigo "eterno" de Israel (25.15), possivelmente intensificado pelo apoio filisteu à invasão babilônica de Judá.

A cidade de Tiro havia recebido relatos da queda de Jerusalém e estava pronta para explorar a oportunidade em seu próprio benefício (26.2). A posição comercial de Tiro era incomparável; seus navios cruzavam os mares para trocar mercadorias com muitas terras distantes (Ez 27). Mas Tiro logo seria destruída pelos babilônios, sua riqueza secaria com a destruição da frota e o assassinato de seus marinheiros (27.26).

O príncipe de Tiro é destacado no capítulo [28](#), mas o versículo [12](#) refere-se ao “rei” de Tiro. Os intérpretes discordam se eles são uma ou duas pessoas. Aqueles que distinguem entre os dois entendem que o príncipe de Tiro é o governante daquela cidade, mas consideram que o “rei” de Tiro representa Satanás ([28.13-15](#)). O Jardim do Éden, com todo o seu esplendor, é um cenário apropriado para a glória original de um Satanás angelical antes de sua queda. Mas não há razão dentro do contexto para distinguir entre o príncipe e o rei de Tiro. Ambos são descritos como tendo se exaltado, tomaram autoridade sobre os homens como se fossem deuses e desfrutaram de todo o esplendor e realce que pertencem a Deus. Tanto o príncipe quanto o rei caem de sua alta posição. A passagem é um magnífico exemplo da habilidade literária de Ezequiel. Ele desenha uma imagem gloriosa do Jardim do Éden, retrabalhando o mesmo tema ao descrever a glória e a queda do rei de Tiro. Ezequiel o apresenta como um Querubim, de acordo com a crença local de que o rei era divino. Ele vestia as melhores roupas, com nove tipos de pedras preciosas (v. [13](#)). Embora Deus o tenha elevado ao trono real (vv. [13-14](#)), o coração do rei voltou-se para o materialismo e para a corrupção religiosa e judicial (vv. [16-18](#)). Em certo sentido, o rei (príncipe) representa o povo de Tiro. Todos eram culpados de corrupção, injustiça e violência. Se Deus julgou seu povo da aliança por sua perversão da justiça e por seus pecados, seu julgamento certamente viria também sobre a cidade de Tiro (vv. [18-19](#)). Quando os babilônios marcharam sobre Tiro, eles laboriosamente construíram um cais do continente até a cidade. Ao mesmo tempo, navios de Tiro carregados de bens e tesouros navegavam pelo Mediterrâneo, de modo que quando as tropas de Nabucodonosor finalmente romperam as muralhas, pouco saque pôde ser levado ([29.18](#)).

A cidade de Sidom também celebrou a destruição de Jerusalém. Sidom era uma cidade portuária na Fenícia, ao norte de Tiro. Por meio de pestilência e guerra, os habitantes de Sidom aprenderiam sobre a justiça do Deus de Israel.

Seis nações (Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro e Sidom) desprezaram Israel na queda de Jerusalém. Como Deus havia investido sua santidade no templo de Jerusalém e em seu povo, a destruição do templo e o exílio do povo significavam para as nações que o Deus de Israel era impotente. Elas não perceberam que a razão para o destino de Israel era a intolerância de Deus ao pecado de seu povo. A santidade de Deus exigia a punição do pecado e

também a vindicação de seu nome ([28.22-23](#)). Deus ainda estava preocupado com seu povo, para que Israel soubesse que ele havia removido o desprezo de seus vizinhos (v. [24](#)). Na restauração de Israel, o Senhor manifestaria ainda mais sua santidade diante das nações. Israel receberia de volta a terra, vinhedos e casas, e desfrutaria da abundância do Senhor em paz (vv. [25-26](#)).

O Egito havia convencido o povo de Israel e Judá de que, com sua ajuda, os assírios e os babilônios não conseguiriam se manter na Palestina. Em 722 a.C., as tropas assírias tomaram a capital do norte, Samaria, e em 586 os babilônios conquistaram Jerusalém, enquanto o Egito permanecia passivo. Os egípcios desejavam o controle sobre a Palestina por razões econômicas, mas não à custa de seu próprio bem-estar. O Egito também perderia sua liderança sob o julgamento de Deus ([29.9-16](#)). Reduzido à dependência de potências estrangeiras, o Egito não seria mais um obstáculo para Israel. Primeiro, a Babilônia foi autorizada a quebrar o poder do Egito ([23.1-32.21](#)); mais tarde, os persas, gregos e romanos incorporariam o Egito como uma província. A queda do Egito coincidiu com a queda de vários reinos grandes e pequenos: Assíria ([32.22-23](#)), Elão (vv. [24-25](#)), Meseque e Tubal (vv. [26-28](#)), Edom (v. [29](#)), e Sidom (v. [30](#)).

Proclamação de esperança ([33.1-48.35](#))

Após as visões do julgamento de Deus sobre as nações vizinhas, Ezequiel retorna à esperança futura de Israel. Na primeira seção principal de seu livro, ele tratou das razões para o exílio de Judá e a destruição do templo, aludindo frequentemente ao futuro de Israel. No entanto, a organização do material pelo profeta incluiu, entre as profecias do julgamento e restauração de Israel, os oráculos do julgamento de Deus sobre os vizinhos de Israel que haviam encorajado e se alegrado com sua queda. Ao longo de sua história, Israel permitiu que nações estrangeiras influenciassem sua religião, cultura e forma de governo. A redução de seus poderes significava que Israel, restaurado à Terra Prometida, estaria mais livre para a fidelidade a Deus. Antes de retomar o tema da restauração, Ezequiel revisa as ênfases dos capítulos [1-24](#): (1) Ele foi chamado para ser um vigia sobre Israel ([33.1-9](#); cf. [1.1-3.21](#)). (2) Israel havia pecado contra o Senhor e precisava receber um julgamento justo ([33.10](#)). (3) Jerusalém seria tomada pelos babilônios (v. [21](#)). (4) O arrependimento de Israel é necessário para a restauração (vv. [11-16](#)).

Até então, seu ministério não tinha sido bem-sucedido. Os exilados que ouviram suas mensagens apreciavam muito as habilidades retóricas e literárias de Ezequiel (33.32). Eles prontamente aceitaram Ezequiel como um vigia que alertava o povo sobre a catástrofe iminente em Jerusalém e podem ter admitido que seu pecado era a razão para o julgamento de Deus sobre Israel e Jerusalém. No entanto, eram lentos em aplicar a palavra profética em suas próprias vidas. Deus estava pronto para perdoar seus pecados se eles se arrependessem, o reconhecessem e demonstrassem seu espírito renovado praticando a lei de Deus (v. 32). Agora que as notícias de Jerusalém haviam sido relatadas aos exilados (v. 21), a necessidade de o povo agir responsabilmente era ainda mais urgente. O Senhor havia demonstrado que Ezequiel era um verdadeiro profeta (v. 33).

O sucesso do ministério de Ezequiel não foi medido em números. Ele declarou fielmente a palavra de Deus através de palavras, sinais e parábolas. Os exilados haviam seguido as falsas esperanças proclamadas por falsos “pastores” que se enriqueceram às custas do rebanho (34.2-3). Eles não cuidaram dos necessitados (v. 4) e permitiram que o rebanho se dispersasse (vv. 5-6). Deus prometeu ao seu povo que Ele seria o pastor fiel, reuniria as ovelhas, as alimentaria e cuidaria delas (34.11-15; cf. Sl 23). Deus também distinguiria entre as ovelhas e os bodes, para identificar de quem os corações estavam corretos com Ele, para que as verdadeiras ovelhas pudessem ser restauradas ao rebanho de Deus (Ez 34.20-22). A promessa de Deus incluía a restauração da terra e a restauração da dinastia davídica divinamente designada (v. 24). A renovada comunhão entre o Senhor e Israel sob o governante messiânico seria selada com uma nova aliança, a “aliança de paz”. Essa aliança assegurava ao povo a bênção de Deus sobre seu trabalho, trazendo-lhes colheitas abundantes (vv. 26-27). O povo não seria forçado a lutar contra a natureza em seus empreendimentos (vv. 25-28). Eles não teriam que lutar contra outros povos que pudessem tentar compartilhar de suas bênçãos à força (vv. 27-29). A visão profética antecipava os eventos da restauração de Israel após o exílio, a vinda de Jesus, o Messias (cf. Jo 10), e a plena restauração do mundo amaldiçoado pelo pecado.

O capítulo 34 é fundamental para as mensagens de restauração. As ênfases incluem a execução do versículo frequentemente repetido “Eles serão verdadeiramente o meu povo, e eu serei o seu

Deus” (11.20; cf. 34.30; 36.28). Os aspectos mais significativos do tema da restauração incluem: (1) a graciosa restauração de Deus do seu povo para a bênção da aliança (36.20-36; 37.23-26; 39.25); (2) a restauração de Deus da nação de Israel à terra (36.1-15,24; 37.14-23; 39.27); (3) o novo pacto de Deus, dando seu Espírito ao seu povo (36.25-27; 37.14; 39.29), e sua bênção sobre seu povo (36.8-12,29-38; 39.9-10,26), assegurando-lhes vitória sobre seus inimigos (35.1-15; 36.36; 37.28; 38.1-39.24); (4) a nomeação de Deus de um rei davídico, o Messias, sobre seu povo (37.24-25); e (5) o templo de Deus restaurado entre seu povo (37.26-27).

O povo de Deus

A rejeição dos exilados não durou para sempre. Com base na aliança abraâmica, o Senhor prometeu abençoar o remanescente fiel e fazer deles um novo povo. A imagem de um vale de ossos secos é particularmente apropriada. Os ossos secos representam o povo de Deus sem esperança (37.11). Ezequiel proclama a eles as boas-novas de que Deus os renovará e restaurará (v. 12). O propósito do Senhor para seu povo é que todas as nações honrem seu santo nome através de seu povo (39.7.25-27).

A terra

A promessa também se estende à terra, originalmente dada a Abraão e seus descendentes. A aliança abraâmica incluía um elemento messiânico, pois através da família de Abraão vivendo na Terra Prometida, todas as nações receberiam a bênção de Deus (Gn 12.3). Em uma visão, Ezequiel viu os limites e descreveu a divisão da terra (Ez 47-48). A cidade real de Jerusalém é o símbolo central da presença de Deus entre seu povo; seu nome será “O Senhor está lá” (48.8-35).

A nova aliança

O pacto abraâmico é renovado, uma aliança graciosa que expressa o relacionamento restaurado. “Aliança de paz” descreve adequadamente sua natureza e benefícios. Ao povo inquieto de Deus é prometido descanso de sua busca, de seus inimigos e de seu trabalho. A mudança no relacionamento é ainda mais enfatizada pelo envio do Espírito de Deus, que adicionará uma nova dimensão ao estilo de vida de seu povo. A obediência a Deus não será mais restringida, pois o Espírito de Deus ajuda seu povo a fazer sua vontade. Um novo coração, controlado pelo Espírito de Deus, é dado ao povo do Senhor (36.26-27). A presença do Espírito também

significa uma nova vida para o povo ([37.14](#); veja [Jo 3.8.16](#); [At 2.38](#); [Rm 8.2-4.15](#)).

O Messias

A esperança do Antigo Testamento de um rei messiânico é cristalizada na mensagem de Ezequiel. Seu governo será eterno ([Ez 37.25](#)), sobre todo o povo de Deus que tem novos corações (vv. [15-25](#)).

O templo

Como sacerdote, Ezequiel estava profundamente interessado no templo, no sacerdócio, nas regulamentações sacrificiais e nos festivais. Uma grande seção da última parte da profecia descreve a adoração renovada no templo ([40.1-46.24](#)). Sua visão da glória de Deus, tão importante nas mensagens do julgamento de Deus sobre Jerusalém (caps. [1, 10-11](#)), agora assegura ao remanescente que Deus não abandonou seu povo ([43.2-5](#)). Ele habitará entre eles, pois o templo é um símbolo da presença de Deus ([37.27](#)). Alguns intérpretes acreditam que o templo, com seu ritual descrito em [Ezequiel 40-46](#), será restaurado na era messiânica antes do último julgamento. Outros acreditam que as promessas sobre o templo fornecem uma resposta simbólica positiva à maior preocupação de Ezequiel: se Deus retornará para estar com seu povo ([48.35](#); veja [Jo 2.21](#); [Ap 21.22](#)).

Existem várias interpretações dos capítulos [34-48](#). Como vigia de Israel, Ezequiel tinha uma mensagem para a comunidade judaica exilada. Assim, o cumprimento da profecia deve ter começado com o decreto de Ciro I (538 a.C.) permitindo que os judeus retornassem à sua terra ([Ed 1.1-3](#)). Existem duas escolas rivais de interpretação sobre como a profecia é cumprida além da restauração de Israel à terra. Aqueles que interpretam Israel como simplesmente a nação veem o retorno moderno do povo judeu à terra de Israel como uma continuação da promessa profética de Deus. Eles acreditam que o plano de Deus para Israel está sendo cumprido juntamente com, e além de, seu plano para a igreja cristã. O cumprimento dessas profecias será inaugurado pela vinda do rei messiânico, que trará paz terrena ao povo judeu. O culto no templo ([Ez 40-48](#)) será restaurado de alguma forma durante o período do reino messiânico. A igreja desfrutará de uma pequena participação em todos os eventos centrados nos judeus. As promessas da visão de Ezequiel são, portanto, limitadas à nação de Israel e devem ser cumpridas antes da vinda de um novo céu e terra.

Outros intérpretes acreditam que Ezequiel escreveu para o benefício dos descendentes espirituais de Abraão que acreditam, como Abraão, nas promessas de Deus ([Gn 15.6](#); cf. [Rm 4.11-13](#); [Gl 3.6-9.29](#)). Todos que têm fé como Abraão, sejam judeus ou gentios, são considerados descendentes de Abraão ([Gl 3.28-29](#)). A mensagem de Ezequiel, portanto, incluiria toda a obra graciosa de Deus entre os gentios cristãos, que se tornaram os destinatários das promessas e benefícios de Deus. É possível, com base em [1 Pedro 1.10-11](#), interpretar a linguagem de Ezequiel como uma expressão profética de como a graça de Deus viria a todos aqueles que se reconciliam com Deus através da fé no evangelho.

Veja também Diáspora dos judeus; Ezequiel (Pessoa); Profecia.

Ézer

1. Líder de uma tribo horita ([Gn 36.21](#); [1Cr 1.38](#));
2. Descendente e provavelmente filho de Efraim. Ele foi morto enquanto fazia uma incursão ao gado dos filisteus ([1Cr 7.21](#));
3. Homem de Judá, descendente de Hur ([1Cr 4.4](#));
4. Gaditas que se juntaram a Davi em Ziclague ([1Cr 12.9](#));
5. O filho de Jesua, que governou Mispa e reparou o muro de Jerusalém ([Ne 3.19](#));
6. Sacerdote que participou da cerimônia de dedicação do muro de Jerusalém ([Ne 12.42](#)).

Eziom-Geber

Importante porto próximo a algumas ruínas significativas na cabeceira do Golfo de Ácaba. Eziom-Geber foi uma das estações onde os israelitas acamparam enquanto estavam a caminho das Campinas de Moabe ([Nm 33.35-36](#); [Dt 2.8](#)). A cidade não é mencionada novamente até o tempo de Salomão. A partir deste porto, Salomão e Hirão, rei de Tiro, realizaram uma empreitada comercial lucrativa. Os produtos de Salomão incluíam cobre (extraído na Arabá em Timna, a 24 quilômetros ao norte de Eziom-Geber), azeite de oliva e possivelmente produtos comprados do Egito, como linho e carros de guerra ([1Rs 10.28-29](#)). Os “navios de Társis”, junto com os navios de Hirão, faziam uma viagem de ida e volta de três anos de Eziom-

Geber para muitos portos ao longo das costas da África e Arábia e possivelmente até a Índia ([1Rs 10.22](#)). Em troca, a frota trazia de volta ouro de Ofir, juntamente com pedras preciosas, madeira de almugue (vv. [11-12](#), ARC), prata, marfim, macacos e pavões (v. [22](#)). A aliança de Salomão com os fenícios de Tiro deu-lhe um porto no Mediterrâneo (que ele próprio não possuía). A aliança também deu a Hirão e aos fenícios uma saída em Ezriom-Geber para o comércio no Oceano Índico.

Com a divisão do reino após Salomão, o porto ficou sob o controle de Judá. Foi queimado e destruído por Sisaque do Egito em sua invasão de Judá no quinto ano de Roboão (925 a.C.). Uma segunda cidade foi construída sobre as ruínas, mas não há menção de uma marinha. Josafá conseguiu restaurar a frota para navegar novamente, mas alguma tempestade ou outro desastre naufragou os navios ([1Rs 22.48](#)). Na história subsequente de Judá, o reino conseguiu usar o porto quando estava forte, mas em seus momentos de fraqueza, outras nações o fizeram (e.g., Edom, [2Rs 8.20-22](#); [16.6](#)).

Veja Êxodo, O; Peregrinações no deserto.

Eznita, Esnita

O nome para o maior líder dos valentes do Rei Davi ([2 Samuel 23.8](#)) em algumas versões da Bíblia. A maioria dos estudiosos considera "Adino o eznita" como resultado de uma corrupção textual ou erro de escriba no texto hebraico. A maioria dos estudiosos prefere a leitura "Jasobeão o hacmonita".

Ezra

Pai de quatro filhos da tribo de Judá ([1Cr 4.17](#)).

Ezraíta

Palavra que ocorre apenas três vezes no AT. Duas vezes é usada como título para Etã ([1Rs 4.31](#); [título do Sl 89](#)) e uma vez como nome dado a Hemã ([título do Sl 88](#)). Atualmente, não se entende mais que seja um nome de família, e sim a designação de um membro de uma família pré-israelita.

Ezri

Filho de Quelube e um dos homens que supervisionavam o cultivo das terras de Davi ([1Cr 27.26](#)).